



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

LORENA RÚBIA PEREIRA CAMINHAS

**WEBCAMMING ERÓTICO COMERCIAL NO CONTEXTO BRASILEIRO:
*organização, estruturação e dinâmicas internas***

CAMPINAS

2020

LORENA RÚBIA PEREIRA CAMINHAS

WEBCAMMING ERÓTICO COMERCIAL NO CONTEXTO BRASILEIRO:
organização, estruturação e dinâmicas internas

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais.

Orientador: PROF. DR. MARKO SYNESIO ALVES MONTEIRO

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA LORENA RÚBIA PEREIRA CAMINHAS E ORIENTADA PELO PROF. DR. MARKO SYNESIO ALVES MONTEIRO.

CAMPINAS
2020

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

C147w Caminhas, Lorena Rúbia Pereira, 1989-
Webcamming erótico comercial no contexto brasileiro : organização,
estruturação e dinâmicas internas / Lorena Rúbia Pereira Caminhas. –
Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Marko Synesio Alves Monteiro.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas.

1. Erotismo. 2. Internet. 3. Realidade virtual. 4. Tecnologia da informação
e da comunicação. 5. Prostituição. I. Monteiro, Marko Synesio Alves, 1975-. II.
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Commercial erotic webcamming in the Brazilian context :
organization, structuring and internal dynamics

Palavras-chave em inglês:

Erotism

Internet

Virtual reality

Information and communication technology

Prostitution

Área de concentração: Ciências Sociais

Titulação: Doutora em Ciências Sociais

Banca examinadora:

Marko Synesio Alves Monteiro [Orientador]

Adriana Garcia Piscitelli

Júlio Assis Simões

Heloísa Buarque de Almeida

Natália Corazza Padovani

Data de defesa: 19-03-2020

Programa de Pós-Graduação: Ciências Sociais

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-1009-3880>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/1024356329698433>



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora do trabalho de Defesa de Tese de Doutorado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 19 de março de 2020, considerou a candidata Lorena Rúbia Pereira Caminhas aprovada.

Prof. Dr. Marko Synesio Alves Monteiro
Profa. Dra. Adriana Garcia Piscitelli
Profa. Dra. Natália Corazza Padovani
Prof. Dr. Júlio Assis Simões
Profa. Dra. Heloísa Buarque de Almeida

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

À Cássia Caminhas, Márcio Pereira e Thales Lelo,
minhas inspirações.

AGRADECIMENTOS

Finalizar um trabalho monográfico do porte de uma tese é certamente uma tarefa desafiadora e laboriosa. Principalmente para quem migra de área do conhecimento em busca de novas oportunidades de pesquisa e aprendizado. É bem verdade que os caminhos que me levaram do Campo da Comunicação aos Estudos de Gênero me proporcionaram a sensibilidade para pensar a interseção entre tecnologias e processos midiáticos e normas e convenções que regem o gênero e as expressões de sexualidade. Igualmente, minha formação alicerçada na crítica social abriu meus olhos para processos políticos e intersubjetivos que se voltam tanto para o ajuste às normas quanto para sua contestação e subversão. O presente trabalho é fruto dessas duas heranças de minha trajetória acadêmica, construída e concretizada na Universidade Pública Brasileira. Na atual conjuntura de combate às Universidades, de perseguição ao pensamento crítico e de cortes sistemático de recursos à academia, inicio meus agradecimentos pelas Instituições Públicas de Ensino que me acolheram, permitindo traçar um caminho até o Doutorado: minha mais sincera gratidão à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e à Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Sem esses espaços de conhecimento minha carreira acadêmica não seria possível. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Agradeço à CAPES, agência que vem me subsidiando desde o mestrado, por ter permitido que eu me dedicasse integralmente à pesquisa.

O trabalho de pesquisa, na minha compreensão, é um empreendimento coletivo, possibilitado apenas em contexto de partilha e cooperação. Embora eu identifique e afirme meu esforço e empenho individual, reconheço igualmente a contribuição direta e indireta de várias pessoas para o desenvolvimento deste estudo. Agradeço aos meus pais, Márcio de Paula Pereira e Cássia Ferreira Caminhas, que seguraram a minha mão e me apoiaram em cada passo. Com vocês aprendi a ter consciência social e empatia com as outras pessoas, sensibilidades essenciais para meu desenvolvimento pessoal e como pesquisadora. Graças a vocês segui no caminho do conhecimento, concretizando o sonho de minha mãe de “viver de estudar”. Por vocês tenho profunda admiração e estima. Sou igualmente grata ao meu companheiro, Thales Vilela Lelo, que vem enfrentando comigo a vida cotidiana e acadêmica, dividindo metas, projetos e aspirações. É uma honra acordar todos os dias ao seu lado e compartilhá-las os

desafios mais árduos e as conquistas mais importantes. Seu amor, afeição e companheirismo me dão forças para seguir sempre em frente. Agradeço aos meus amigos mais antigos e próximos, que se mantêm ao meu lado por muitos anos e dividem comigo os processos de mudança e as experiências de transição. Obrigada pela presença e apoio constantes. Sou agradecida às Divas, que proporcionaram tardes aconchegantes, amistosas e cheias de afetos dentro e fora da Unicamp. É um privilégio estar próxima a vocês, mulheres fortes e gentis e pesquisadoras talentosíssimas.

Das pessoas que participaram mais diretamente da execução desta tese, agradeço em primeiro lugar meu orientador, Prof. Dr. Marko Synésio Alves Monteiro, que com paciência e dedicação orientou minha pesquisa. Agradeço a constante presença e atenção ao meu trabalho, e ao olhar afiado e criterioso com o qual analisou todos os meus textos. Sou grata também por sua acolhida generosa nesse processo de transição aos Estudos de Gênero, fundamental para minha formação como pesquisadora. Aos meus colegas do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Ciência e Tecnologia (GEICT), agradeço a convivência dentro e fora das reuniões, e os momentos de trocas e compartilhamento. A escrita da tese foi menos solitária na companhia de vocês. Agradeço imensamente às interlocutoras do meu estudo, que me concederam parte de seu valioso tempo e contaram suas histórias pessoais e profissionais. Espero honestamente que cada uma de vocês se sinta contemplada nesta investigação e que meu esforço possa contribuir para ampliar a compreensão sobre o desenvolvimento do *webcamming* no Brasil. Por fim, estendo meus agradecimentos às professoras e aos professores que compuseram minha banca de qualificação e defesa - Prof. Dr. Júlio Simões, Profa. Dra. Maria Filomena Gregori, Profa. Dra. Adriana Piscitelli, Profa. Dra. Heloísa Buarque de Almeida e Profa. Dra. Natália Corazza Padovani - pelos valiosos comentários e sugestões, fundamentais para refinar e aprimorar as reflexões desta tese.

RESUMO

A presente pesquisa analisa o universo do *webcamming* erótico comercial (WEC), fenômeno recente em contexto brasileiro que começou a se desenvolver a partir de 2002, mas que somente em 2010 se ampliou e se popularizou nacionalmente. Trata-se de uma atividade realizada predominantemente por mulheres (conhecidas como *camgirls*) que encenam atos sexuais e eróticos na webcam em tempo real e em troca de dinheiro (recebidos na forma de créditos). Este trabalho parte da dimensão contextual e histórica do *camming*, pensando nas práticas que o antecederam e o condicionaram, avançando para compreender seus contornos materiais e simbólicos contemporâneos. A análise se subdivide em três distintas abordagens: a) a primeira é um esforço por reconstruir detalhadamente as principais características do WEC, considerando o conjunto de atores e plataformas online que o estruturam e o organizam; b) a segunda é uma reflexão sobre a disputa central travada no interior do WEC, acionada principalmente pelas *camgirls*, que busca definir e posicionar essa atividade em face de outros serviços eróticos e sexuais, tentando afastá-la principalmente da prostituição e seus estigmas; c) a terceira é um exame das motivações e aspirações que fomentam a manutenção dessa controvérsia, pensando em como elas se entrelaçam a demandas por reconhecimento. A estratégia metodológica adotada é a etnografia, realizada primordialmente em ambiente online, sobretudo nos espaços dos sites especializados em exibicionismo e redes sociais (centralmente o Twitter e o Instagram). Entrevistas semiestruturadas também foram efetuadas com 15 *camgirls*, centradas em suas trajetórias de vida e suas carreiras no WEC.

Palavras-chave: Erotismo; Internet; Realidade Virtual; Tecnologia da informação e da comunicação; Prostituição; *Webcamming* erótico comercial; *Camgirls*.

ABSTRACT

This research analyses the Commercial Erotic Webcamming (WEC), a recent phenomenon in Brazil that began to emerge in 2002, but which only expanded and became popular in 2010. The WEC is performed predominantly by women (known as camgirls) who perform sexual and erotic acts in real-time and in exchange for money (received in form of credits). The present investigation starts from the contextual and historical dimensions of webcamming, thinking about the social practices that preceded and conditioned it. Subsequently, this study reflects on the contemporary symbolic and material contours of the WEC. The analysis is divided into three different approaches. The first one is an effort to present in detail the main characteristics of the WEC, considering the set of actors and online platforms that structure and organize it. The second one is a reflection about the central controversy within the WEC, triggered mainly by the camgirls. This controversy is about the singularities and peculiarities of WEC in face of other erotic and sexual services, trying to distance this activity from prostitution and its stigmas. The third one is an examination of the motivations and aspirations to maintain the controversy, considering how they are intertwined with demands for recognition. The methodology of this research is the ethnography, performed primarily in the online environment of websites for WEC and social media (Twitter and Instagram). Additionally, semi-structured interviews were carried out with 15 camgirls, focused on their life trajectories and their careers at WEC.

Keywords: Eroticism; Internet; Virtual reality; Information and communication technology; Prostitution; Erotic commercial webcamming; Camgirls.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1: Evolução dos serviços erótico-sexuais mediados 21

Quadro 1: perfil das quinze camgirls entrevistadas..... 58

Sumário

1. Introdução	12
1.1. O WEC e seu contexto	15
2. Metodologia	28
2.1. Entrevista semiestruturada	46
3. Em busca de um perfil do <i>webcamming</i> brasileiro	61
3.1. Homecamming e os primórdios do exibicionismo online	66
3.2. Organização e estruturação do camming no Brasil	76
3.2.1. Plataformas para webcamming	78
3.2.2. Modelos virtuais	92
3.2.3. Público espectador	101
3.2.4. Shows de exibicionismo	106
3.2.5 Aspectos positivos e negativos do trabalho de camgirl	112
3.2.6. Atuação das redes sociais	116
4. <i>Camgirls</i> em face dos mercados do sexo	120
4.1. A disputa em perspectiva	122
4.1.1. O léxico do camming	129
4.1.2. Sexo versus erotismo virtual	136
4.1.3. As virtudes do webcamming	157
4.1.4. Hierarquias em torno de gênero e sexualidade	171
5. Gestão dos estigmas e busca por reconhecimento	180
6. Considerações finais	209
7. Referências bibliográficas	217
8. Anexos	225
8.1. Anexo I: Primeiras versões dos questionários	225
8.1.1. Questionário 1 – Camgirls	225
8.1.2. Questionário 2 – Ex-camgirls	226
8.1.3. Questionário 3 – Camgirls em outros ramos dos mercados eróticos	226
8.1.4. Questionário 4 – Sites	228
8.2. Anexo II: Versões finais dos questionários	228
8.2.1. Questionário 1 – Camgirls	228
8.2.2. Questionário – Sites	229
8.3. Anexo III: Carta-convite para entrevista	229
8.3.1. Convite para participação em pesquisa sobre o camming brasileiro enviado às camgirls	229
8.3.2. Convite para participação em pesquisa sobre o camming brasileiro enviado aos sites especializados	229
8.4. Anexo IV: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	230

1. Introdução

A presente pesquisa reflete sobre o *webcamming* erótico comercial¹ (WEC) em contexto brasileiro, investigando sua estruturação, organização e dinâmicas interacionais e morais internas. Prática recente em cenário nacional, iniciada por volta de 2002, mas amplamente desenvolvida apenas a partir de 2010, o WEC se fundamenta em encenações e performances de práticas sexuais diversas, predominantemente realizadas por mulheres cisgênero (com um diminuto contingente de homens cisgênero e transgênero e uma crescente presença de mulheres transexuais) que exibem vagina, ânus, glúteos e seios ininterruptamente na webcam.

Minha incursão nesse universo começa, efetivamente, em junho de 2016, momento em que me deparava com uma realidade completamente nova e inusitada para mim, que tinha como locação central sites especializados para exibição por webcam e se espalhava por muitas outras redes sociais e comunicadores instantâneos na web. Cheguei pela primeira vez ao WEC por meio de motores digitais de pesquisa quando buscava pelos diversos serviços sexuais e eróticos oferecidos através da internet, me deparando com uma miríade de mulheres, a maioria jovens, que recebiam “créditos” (uma forma de dinheiro virtual) para se despirem e utilizarem brinquedos sexuais, transmitindo suas performances em tempo real. Inicialmente, fui tomada por um estranhamento e desconforto, sentimentos fundamentais para construir o conjunto de questões e problematizações que sustentam esta tese: me questionei em que consistia essa atividade ou ramo² dos mercados eróticos-sexuais, se ela envolvia sexo ou apenas sua encenação e representação, qual sua aproximação ou distanciamento de outros serviços que envolvem sexo e erotismo, e quais suas vantagens e seus estímulos para angariar um número crescente de *camgirls*³.

¹ Optei por utilizar neste texto os vocábulos *webcamming* e *camming* para nomear a atividade em foco no estudo, além de empregar a sigla WEC. Considero que ambas as palavras conseguem sintetizar o aspecto central das práticas sexuais e eróticas desenvolvidas através de webcam. Eventualmente também mencionarei a ideia de “exibicionismo online”, expressão comumente utilizada no contexto Brasileiro por minhas interlocutoras de pesquisa para designar a atividade que exercem.

² Ao longo da tese vou me referir ao *webcamming* como uma atividade, uma prática, um serviço e um ramo erótico-sexual. Isso porque sua configuração abriga esses quatro elementos: pensando em termos das pessoas que atuam nesse universo, trata-se de uma atividade que elas exercem e de uma prática de exibição; considerando o *camming* em face dos mercados do sexo, ele é ao mesmo tempo um serviço específico e um ramo comercial.

³ As mulheres que trabalham no WEC são conhecidas predominantemente como *camgirls* (a denominação *camboys* se dirige aos homens, que não compuseram o escopo desta pesquisa). No entanto, outras terminologias também são empregadas: modelo virtual, *webcam model*, exibicionista, stripper virtual, etc. Incorporei todas essas nomenclaturas utilizadas cotidianamente no *webcamming* brasileiro à minha narrativa. No quarto capítulo desta tese retomo esses nomes e explico sua importância para esse universo.

O incômodo e a inquietação inicial se transformaram em familiarização à medida em que eu me inseria no campo e desenvolvia uma relação cada vez mais próxima às *camgirls*, convivendo com o WEC cotidianamente em ambiente online, trocando mensagens com minhas interlocutoras e curtindo suas postagens em redes sociais. Nesse processo, parte das minhas problematizações iniciais passaram a ser questionadas por mim mesma, em um ímpeto de tentar conformar a pesquisa às expectativas das mulheres com quem interagia (por quem tive empatia quase que instantaneamente). Perguntei-me se não seria mais proveitoso produzir uma descrição e um relato despido de minha visada crítica inicial: será que se eu optar por criticar e inquirir o universo do *camming* acabaria corroborando com uma imagem distorcida e prejudicial da prática, ampliando as tensões já existentes? Qual seria a recepção de minhas entrevistadas sobre determinadas temáticas sensíveis e melindrosas que insistiam em se impor durante minha pesquisa? Como desenvolver uma interpretação que seja ao mesmo tempo questionadora e ética, evitando reforçar alguns estereótipos e preconceitos atrelados ao *webcamming*?

Meu percurso de pesquisa, como estou tentando demonstrar nestas linhas iniciais, não foi linear e contínuo, mas completamente tortuoso e intrincado: pensei e repensei as perguntas que lançava ao campo e também na direção e orientação dos argumentos que vinham sendo desenhados em meu diário de investigação e durante as entrevistas. Um misto de euforia e frustração me acompanharam nessa jornada (e continuam me acompanhando), sempre me alertando para a necessidade de cuidado e zelo com as pessoas que se disponibilizaram a colaborar com meu estudo e com a retratação da atividade que elas exercem. Nesta tese, assumo a escolha por manter a crítica sem me esquecer da responsabilidade que tenho com as sujeitas interlocutoras. Mantenho um olhar arguidor e perscrutador sobre aquilo que presenciei e ouvi durante minha permanência no universo do WEC, contrapondo e confrontando determinados discursos e sentidos compartilhados pelas *camgirls* e pelos sites especializados, revelando suas contradições e jogos de poder e interesse. Por outro lado, conservo a cautela em compreender a direção e as motivações dos enunciados e suas racionalizações, atreladas às experiências e trajetórias das pessoas envolvidas no *camming*.

Na sequência dessas considerações iniciais sobre meu processo de pesquisa, apresento alguns aspectos gerais do WEC que servem de contexto e enquadramento para as discussões realizadas nesta tese, evidenciando também o conjunto de

questionamentos e perguntas que me guiaram durante o estudo e a análise; na continuação, discuto (de modo preambular) a conjuntura tecnológica e sociocultural que possibilitou e condicionou a existência e permanência do *camming*. No Capítulo 2, exponho a metodologia e as escolhas pragmáticas e epistemológicas que compõem a investigação. Alicerçada na etnografia, compreendida como uma imersão sensível e extensiva no mundo da vida dos sujeitos (STRATHERN, 2014), a estratégia metodológica se estruturou em observações contínuas e constantes do campo e em diálogo com as interlocutoras, transitando entre os diversos espaços online em que o *webcamming* se faz presente (e, quando possível, também nos ambientes off-line). Procedimentos e ferramentas específicas de etnografia para a internet são acionados, apoiados primordialmente nas perspectivas de Christine Hine (2000, 2015), Daniel Miller e Don Slater (2000) e Miller e Heather Horst (2012).

Subsequentemente, apresento três capítulos analíticos e arremato a reflexão com as considerações finais. No Capítulo 3, destrincho as principais características do *camming* brasileiro, baseando-me tanto em minhas observações de campo quanto nos relatos de minhas entrevistadas. Trata-se de uma seção mais descritiva cujo cerne é elaborar um perfil do WEC, pensando em suas similaridades e diferenças com o cenário internacional dessa atividade. Esse esforço inicial em delimitar e qualificar o universo analisado é fundamental para estabelecer o posicionamento do *webcamming* em face a outros comércios de sexo e erotismo e entender sua novidade e originalidade⁴. No Capítulo 4, reflito sobre a compreensão das *camgirls* sobre seu trabalho, examinando a principal controvérsia que marca o exibicionismo online nacional: seu caráter híbrido e heterogêneo, que o associa diretamente à prostituição e também o aproxima da pornografia e do strip-tease. Analiso como o peso moral do estigma atrelado ao trabalho sexual reverbera em uma série de estratégias cotidianas e práticas para tentar estabelecer fronteiras entre os diversos serviços eróticos-sexuais e o WEC, tentando posicioná-lo como uma atividade moralmente aceitável e estimável. Nesse momento, a conjunção entre normas de gênero e políticas da sexualidade se tornam patentes, demonstrando as complexas relações entre moralidades, normatividades e atribuição de legitimidade social.

⁴ Adianto que na literatura nacional sobre *camming* não encontrei nenhum esforço para precisar e especificar a atividade, considerando seus principais elementos e características. Em geral, os autores se limitaram a apresentar o WEC como um desdobramento de outros serviços eróticos-sexuais, tais como a pornografia, a prostituição e o strip-tease. No Capítulo 3, essa discussão é apresentada de modo aprofundado.

No Capítulo 5, procuro compreender quais expectativas e anseios sustentam o amplo esforço das *camgirls* em acionar estratégias para diferenciar o WEC da prostituição (e em menor medida da pornografia), dissociando-o dos preconceitos que acompanham o trabalho sexual. Discuto como o desejo por reconhecimento social que está na base da principal controvérsia do *camming* se entrelaça às normas de gênero e sexualidade, em uma tentativa por apresentar essa atividade como moralmente valorizável, uma vez que ela possibilita e permite uma autovalorização das modelos virtuais e um aumento de sua autoestima em termos de sua feminilidade e sexualidade. Nesse processo, encontramos um empenho em edificar uma autoimagem pessoal positiva e uma representação sociocultural do trabalho de *webcamming* como uma ocupação admissível e estimável. Nas considerações finais, retomo os caminhos analíticos desta tese, retendo as principais questões elencadas e quais suas consequências para a compreensão do WEC nacional enquanto uma novidade dentro do comércio de sexo e erotismo. Ademais, apresento uma breve atualização do desenvolvimento do WEC brasileiro, apontando suas principais transformações após o encerramento de minha pesquisa de campo e entrevistas.

1.1. O WEC e seu contexto

Definir o *camming* é uma tarefa deveras complexa, sobretudo porque na literatura nacional e internacional sobre o tema há diversos caminhos para a delimitação da atividade, caminhos esses sempre parciais na medida em que enfatizam determinadas características e escamoteiam tantas outras. Seguindo pela trilha dos raríssimos autores que buscaram escrever sobre o tema, vemos em Amy Dobson (2004) a compreensão de que os sites de *camgirls* são páginas pessoais e amadoras, através das quais são transmitidos conteúdos ao vivo por meio de uma webcam, atingindo um público diversificado. Apesar de extremamente genérica, a demarcação fornecida pela autora já sinaliza do que se tratava os primórdios dessa prática que, como veremos em capítulo posterior, não possuía nenhuma relação com o sexual e erótico. Em tentativa de definição mais recente, Paul Bleakley (2014) nos informa que o *webcamming* consiste na exposição de si de modo sexual ou erótico diante de uma câmera para uma vasta audiência. As garotas envolvidas nesse ramo são as *camgirls*, “mulheres jovens que operam suas próprias webcams para se comunicarem com um público online amplo,

frequentemente se envolvendo em comportamento sexual explícito em tempo real em troca de compensação financeira”⁵ (BLEAKLEY, 2014, p. 893).

Afim à concepção de Bleakley (2014) estão os escritos de Angela Jones (2015), para quem o *camming* é a atividade das *webcam models*, mulheres que comercializam uma série de fantasias eróticas online para um público de voyeurs. Tal atividade pode envolver apenas o diálogo, cenas de strip-tease ou mesmo atos sexuais explícitos. Seguindo em uma direção sutilmente diferente, Kavita Nayar (2017) trabalha com a ideia de que o *webcamming* é realizado por uma *performer* amadora, que utiliza sites especializados em webcam para transmitir seus “shows de sexo interativo” ao vivo para uma audiência disposta a pagar para vê-la e interagir com ela. Passando por essas definições construídas em função do cenário internacional, percebemos que a atividade possui, atualmente, um caráter erótico e sexual, sendo realizada predominantemente por mulheres que recebem dinheiro para se exibirem na internet. Olhar para as sutilezas dessas tentativas de delimitação é essencial para percebermos que ora estamos falando de “fantasias sexuais”, ora de “strip-tease” e ora de “atos sexuais”.

Em contexto nacional as tentativas de definição que apareceram nos raros textos sobre o tema também titubearam, buscando posicionar o *camming* em meio aos diferentes tipos de práticas realizadas em diversos ramos dos mercados do sexo. Maycon Lopes (2013) afirma que a prática é uma “pornografia amadora em tempo real”, construída sem roteiro e edição. Na esteira, Thaís Miranda (2014) designa a atividade como “pornografia online amadora” ou “pornografia protagonizada por pessoas comuns”, aproximando o *camming* do pornô alternativo feito a partir de recursos específicos da internet. Uma tentativa de delimitação diferente é fornecida por Maria Silva e Allyson Silva, que consideram o *webcamming* como “práticas sexuais virtuais através do uso de webcams” ou “shows de exibicionismo online” (2016, p. 155). Seguindo essa mesma direção, A. Silva define a atividade como um misto de exibicionismo e voyeurismo, em que a “webcam é usada para fins sexuais” (2017, p. 44). Ainda podemos nos atentar para a designação de “strip-tease virtual” empregada em Weslei Silva (2014), autor que mais detidamente se debruçou sobre a realidade das *camgirls* no Brasil. Por fim, Rafael Saldanha (2017) argumenta que estamos diante de “ciberprostituição”, sendo que as/os *camgirls/camboys* seriam prostitutas/michês virtuais e os websites especializados seus cafetões.

⁵ Todas as traduções apresentadas ao longo da tese foram feitas pela autora.

A dificuldade em estipular do que se trata o *camming* também aparece no cotidiano das mulheres⁶ envolvidas na atividade, sendo uma das principais disputas nesse universo. Comecei a notar que o WEC possuía uma série de nomeações distintas quando iniciei a busca pelos sites brasileiros especializados em exibição online, em maio de 2016. As primeiras palavras-chave que lancei no Google demonstram perfeitamente a amplitude de expressões relacionadas a essa prática: sexo por webcam, cibersexo pago, *web stripper*, *cam model*, *web performer*, sexo ao vivo na internet, sexo virtual, sexo online. Todos esses vocábulos apresentavam como resultado os websites para *webcamming*, sejam eles nacionais ou internacionais. Nesse momento inicial, a principal questão era compreender se as *camgirls* estavam fazendo sexo em ambiente virtual ou performando um strip-tease – sendo que ao adotar uma das duas interpretações eu também estaria escolhendo uma determinada definição do WEC. Prontamente percebi que as páginas para webcam apostavam na ideia de sexo, tentando angariar mais clientela, tornando as práticas desenvolvidas em seus domínios mais atrativas para o público consumidor (que presumivelmente seriam homens). Já as modelos preferiam se aproximar do strip-tease ou mesmo da encenação pornográfica, considerando que essas modalidades de trabalho sexual indireto (sem contato físico) (SANDERS et al., 2018) seriam menos estigmatizadas e desvalorizadas – corroborando, assim, as ideias desenvolvidas por W. Silva (2014)⁷.

Ainda que nos meses iniciais da pesquisa de campo (maio e junho de 2016) eu tinha conseguido perceber a principal controvérsia que perpassa o universo em análise, ainda não havia apreendido seu cerne e direcionamento. Somente após o primeiro ano acompanhando constantemente o WEC e depois de iniciar as entrevistas (julho de 2017), comecei a entender a centralidade das disputas por definição do *camming*, e sua importância para desenvolver uma pesquisa sobre essa atividade. Compreendi que o esforço investigativo não deveria estar focado em delimitar o *webcamming* como

⁶ Ao longo deste trabalho vou sempre me referir aos sujeitos que atuam no *camming* no feminino, apresentando três justificativas para fazê-lo: a) a maior parte das pessoas que estão na atividade são mulheres (discutirei esse dado com mais precisão em próximos capítulos); b) meu estudo se enfocou nas *camgirls*; e c) desde o início da transmissão ao vivo via webcams (quando ela ainda não tinha apelo sexual e erótico) as garotas (adolescentes e jovens) dominaram essa prática online (entrarei nesse tema mais adiante no texto). Nesse ramo também há homens e pessoas transexuais, mas ainda em pequeno número se comparado às mulheres.

⁷ No período de desenvolvimento da tese de W. Silva, entre os anos de 2010 e 2014, o autor percebeu que a maioria das mulheres que trabalhavam como *camgirls* afirmavam que faziam strip-tease através da webcam. O autor optou por tratar a atividade a partir desse ponto de vista, fazendo coro às palavras de suas entrevistadas. Ainda assim, W. Silva questiona em seu texto se esse seria o estatuto mais adequado à atividade, afirmando que ele mesmo a compreendia como sexo.

sexo, strip-tease, pornografia, mas perceber que as diferentes formas de nomeação da prática a posicionam em relação aos demais ramos de comércio de sexo e erotismo, aproximando-a de alguns e distanciando-a de outros. Destarte, as formas de denominação consistem em estratégias⁸ desenvolvidas diariamente pelas pessoas envolvidas no WEC, com finalidades específicas (sobretudo para afastar certos estigmas).

A minha posição em relação ao estudo se transformou quando me atentei para a miríade de nuances que existem na escolha dos vocábulos acionados e nos modos de argumentar e justificar determinada demarcação do *camming*. Tomei como ponto de partida uma concepção bastante genérica do WEC, interpretando-o como um serviço em que práticas eróticas e sexuais são realizadas através da webcam em tempo real e em troca de dinheiro ou outros bens materiais, evitando, assim, embutir uma série de pressupostos sobre a realidade estudada. Me propus a investigar os sentidos atribuídos pelas *webcam models* ao *webcamming*, estando atenta para seus argumentos, justificativas e racionalizações que situam essa atividade em face de outros ramos sexuais e eróticos, destrinchando as táticas e estratégias que contribuem para a construção cotidiana desse universo. Os principais questionamentos que lancei ao campo foram: por que as *camgirls* buscam incessantemente definir a atividade que exercem? Quais são os meios utilizados para promover e assegurar determinada compreensão do WEC? Como elas mantêm em seu cotidiano e em meio às suas práticas uma continuidade entre os argumentos e as ações? Será que existe mesmo uma coerência entre o que elas relatam e os acontecimentos diários? Quais são as tensões decorrentes dessas tentativas de demarcação do *webcamming*? E quais as consequências dessa disputa pelo posicionamento da atividade para as *camgirls*?

Antes de desenvolver as questões supracitadas é de extrema importância retomar o contexto tecnológico e sociocultural que possibilitou o aparecimento do *camming* como um ramo dos mercados eróticos e sexuais. O primeiro aspecto que precisamos ter em mente é que o *webcamming* é uma atividade cuja existência é condicionada por determinados dispositivos tecnológicos-comunicativos⁹ (e suas apropriações e

⁸ Já adianto que não se trata de ações deliberadas e calculadas, mas de práticas cotidianas que servem para determinados propósitos – propósitos esses sempre tácitos e naturalizados no cotidiano das mulheres que fazem *camming*. Volto nesse tema mais adiante.

⁹ Vou insistir, ao longo de todo o texto, que o *webcamming* (e os demais serviços sexuais e eróticos que estão relacionados às tecnologias) não é apenas um fenômeno proporcionado por desenvolvimentos tecnológicos, mas pelas práticas comunicativas e interacionais que vêm atreladas ao uso de determinados

adaptações). Quatro desenvolvimentos técnicos foram essenciais para seu surgimento: primeiramente aponto o aparecimento de computadores domésticos (lançados em 1981 e popularizados na década de 1990¹⁰) em concomitância à chegada da internet (inicialmente uma conexão discada e posteriormente banda larga¹¹); em segunda instância, indico a implementação e o aperfeiçoamento da tecnologia de *streaming*¹², que possibilitou a distribuição de conteúdo multimídia em tempo real; e, por fim, o aparecimento de webcams¹³ e as subsequentes melhorias realizadas na produção e distribuição de imagens em movimento¹⁴.

Além dos aspectos técnicos, podemos destacar os de caráter sociocultural, que correspondem à inserção e ao aumento do uso da internet no cotidiano para finalidades diversas¹⁵, dentre elas o consumo de pornografia e sexo virtual: em pesquisa realizada em 2017 pelo site *Pornhub*, maior distribuidor de vídeos pornográficos do mundo, estima-se que o acesso à pornografia passou de 1 milhão de visitas em 2007 para 75 milhões em 2017; a quantidade de vídeos e imagens distribuídas online apresentou crescimento vertiginoso, saindo da marca de 100 mil para 10 milhões nesse mesmo período¹⁶. No final de 2017 se estimou que 12% dos sites disponíveis na rede possuem conteúdo pornográfico ou facilitam o sexo virtual, 25% das pesquisas realizadas em

dispositivos. Por isso, sempre faço questão de usar as expressões tecnologias de comunicação ou dispositivos tecnológicos-comunicativos.

¹⁰ Esse período se refere tanto ao contexto internacional quanto ao brasileiro. Para mais detalhes sobre a proliferação de computadores pessoais, ver <http://tecnologia.ig.com.br/2014-08-12/computador-pessoal-faz-33-anos-conheca-a-historia-do-ibm-pc.html> e <http://www.ufpa.br/dicas/net1/int-hbr.htm>.

¹¹ No Brasil, a internet se tornou uma realidade em setembro de 1988 e somente em 1994 ela passa a ser comercializada em larga escala para a população. Foi nos anos 2000 que a banda larga surgiu, possibilitando maior velocidade de conexão e o desenvolvimento do *streaming* (transmissão em tempo real de imagem e som). Mais informações em <https://www.tecmundo.com.br/banda-larga/2543-a-historia-da-conexao.htm> e <http://eletronet.com/surgimento-e-evolucao-da-internet-no-brasil/>.

¹² Implementado em 1996. Para a história do *streaming* ver <http://www.interrogacaodigital.com/central/o-que-e-streaming/>.

¹³ Lançadas em 1991 e comercializadas a partir de 1994. Informações acessadas em <http://www.historiadetudo.com/historia-da-webcam>.

¹⁴ Se nos detivermos nas datas das principais inovações tecnológicas e seu espraiamento no seio social, concluiremos que o *camming* é uma atividade relativamente recente, uma vez que sua existência só foi possível a partir da década de 1990 internacionalmente e nos anos de 2000 no Brasil. Em capítulo subsequente retomo a história do *webcamming* de modo mais detalhado.

¹⁵ O processo de inclusão digital iniciado a partir de 2004 ampliou a possibilidade de obtenção da rede nas residências de brasileiros, permitindo que nesse primeiro ano 28 milhões de cidadãos com idade igual ou superior a 16 anos possuísem acesso à internet. Segundo o IBGE, em 2016 já eram 116 milhões de usuários e, atualmente, 69,8% dos brasileiros têm acesso à internet (o que corresponde a 2/3 da população). Dados acessados em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-12/numero-de-usuarios-de-internet-cresce-10-milhoes-em-um-ano-no-brasil>.

¹⁶ Para acompanhar os demais dados apresentados pela pesquisa, acessar o link <https://www.pornhub.com/insights/10-years>.

ferramentas de busca envolvem sexo e pornografia e 35% dos downloads são de conteúdos pornográficos¹⁷.

Outro aspecto extremamente importante a se considerar é que o *camming*, em decorrência da imbricação entre tecnologias de comunicação e mercados sexuais/eróticos, está situado no rol dos demais ramos dos mercados do sexo mediados¹⁸ por dispositivos técnicos-comunicacionais - dentre os quais os mais populares são o disque-sexo e a pornografia¹⁹. Isso significa afirmar que sua aparição e consolidação está em diálogo estreito com esses serviços, sendo que muitas de suas características (sejam elas estéticas ou interacionais) e disputas internas estão entrelaçadas a esse conjunto de atividades. A imagem apresentada abaixo (Figura 1) demonstra, de modo canhestro, o argumento que procuro desenvolver a partir dessa constatação: nela vemos o progresso daquilo que seus autores chamam de “conteúdo adulto”, situando na mesma linha evolutiva a pornografia e o *camming*. Na minha opinião e de W. Silva (2014), as linhas de tele-sexo também fazem parte dessa história, compondo a conjuntura dos mercados do sexo mediatizados.

¹⁷ Estatística completa em <https://vip.abril.com.br/sexo/12-estatisticas-sobre-pornografia-na-internet-que-vao-te-surpreender/>.

¹⁸ Daqui em diante vou reservar o uso do termo mediado para me referir às interações e aos serviços realizados através das ou proporcionados por tecnologias de comunicação. As demais formas de mediação serão nomeadas com termos específicos na medida em que aparecerem na tese.

¹⁹ Reconheço a proliferação de ramos sexuais e eróticos na internet que muito se aproximam das atividades realizadas no interior dos mercados do sexo – tais como o próprio aplicativo Tinder (podemos ver mais de dessa relação na série *Hot Girls Wanted – Turned On* de 2017, exibida no Netflix) ou mesmo sites como Meu Patrocínio, no qual *sugar babies* interagem com *sugar daddies* em troca de bens materiais, viagens ou dinheiro. Imagino que outras tantas modalidades de envolvimento sensual e sexual estão em pleno desenvolvimento através dos mais diversos meios de comunicação. Nesta tese, ao invés de buscar por todas essas possibilidades, optei por centralizar os dois serviços mediados mais conhecidos (e também abordados pela literatura) - a pornografia e o disque sexo.

Figura 1: Evolução dos serviços erótico-sexuais mediados



Fonte: <https://canaltech.com.br/noticia/curiosidades/a-importancia-do-streaming-na-evolucao-do-conteudo-erotico-46949/>.

Para reconstituir o contexto que possibilitou o aparecimento e a consolidação do *camming*, retomo o diagnóstico de Elizabeth Bernstein, segundo o qual o comércio de sexo e erotismo “se tornou cada vez mais especializado, diversificando-se através de linhas tecnológicas, espaciais e sociais” (2007a, p. 115). A chave para compreender a conjuntura que passo a destrinchar na sequência é a expansão e a multiplicação dos serviços oferecidos nos mercados do sexo em consequência da apropriação de inovações tecnológicas que passaram, ao longo das décadas, a condicionar a existência de determinados ramos (que foram, portanto, midiaticizados). Para compreender o sentido de condicionamento que emprego basta pensar que sem a criação e disseminação do aparelho de telefone e das linhas telefônicas, o disque-sexo dificilmente seria uma

atividade possível²⁰; o mesmo podemos dizer em relação à pornografia, que se popularizou e se tornou massiva, segundo Walter Kendrick (1995), a partir do momento em que a imprensa passou a existir²¹.

Os impactos da tecnologia nos mercados do sexo são reconhecidos por diversos autores, dentre os quais Bernstein (2007a) se destaca. Ainda que não seja seu objetivo principal, a autora demonstra (de modo parcial) esse fenômeno, informando-nos que a pornografia se beneficiou (e contribuiu) com inúmeras inovações tecnológicas, tais como os videocassetes, CD-ROM e a própria internet, expandindo seu espaço de atuação e colaborando para a popularização desses equipamentos. Atualmente são os dispositivos móveis (celulares e tablets) que estão sendo povoados pelo pornô, ampliando a oferta de produtos e seu público. Corroborando as constatações que vemos em Bernstein, Dennis Altman (2001) afirma que os canais de televisão a cabo e as vídeolocadoras, além de aumentarem exponencialmente a comercialização de material pornográfico, iniciaram um processo de legitimação do pornô, tornando-o mais aceito no cotidiano²² – processo esse que se aprofunda com a chegada da internet. Em concomitância à possibilidade de ubiquidade das produções pornográficas, essas tecnologias teriam reduzido os custos de produção e permitido um consumo mais individualizado e diversificado. Ambos os autores apresentados concordam com Marjorie Kibby e Brigid Costello que alegam que “enquanto a tecnologia estava conformando o desenvolvimento da representação do sexo, o entretenimento sexual influenciou diretamente as formas através das quais a tecnologia era utilizada” (2001, p. 358) – tratando-se de uma relação de mútua afetação.

Bernstein (2007) também reconhece a influência das tecnologias (sobretudo da internet) nos demais ramos dos mercados do sexo, afirmando que alguns traços do comércio sexual foram alterados devido a elas: houve uma diminuição da necessidade de intermediários (cafetões e cafetinas ou agências) para as práticas realizadas *indoor*; viabilizou-se a condução das atividades com menor intervenção do sistema penal;

²⁰ Obviamente mudanças socioculturais e interacionais que acompanharam a chegada dos telefones são essenciais para entender o surgimento de um serviço do tipo tele-sexo, e não apenas a criação e distribuição de determinada tecnologia.

²¹ Com relação à pornografia tal como a conhecemos hoje, ainda o maior e mais lucrativo ramo dos mercados midiáticos, teríamos que comentar sobre a importância da fotografia e sua distribuição por meio de cópias impressas, do cinema e da televisão, principalmente os canais pagos.

²² Essa é uma constatação que podemos encontrar tanto em Bernstein (2007) quanto em Altman (2001). Entretanto, em ambos os autores, não fica claro qual o sentido de legitimação, muito menos quais processos geraram uma aceitação da pornografia. É McNair (2002) quem começa a delinear, de modo claro, os acontecimentos que proporcionaram a semilegitimação do pornô.

proporcionou aumento nos lucros por conta de uma clientela mais especializada e elitizada angariada através da web²³. Incluo nesse conjunto de alterações apresentado pela autora a ampliação e diversificação dos serviços oferecidos, a partir da adição de uma ampla variedade de relações sexuais e eróticas comerciais realizadas exclusivamente no ambiente online – tais como o cibersexo, as webcams, os chats eróticos, os fóruns compartilhados por e-mail e os jogos virtuais (LYNN, 2007). Nesse sentido, percebemos que “as interações entre as tecnologias digitais e o trabalho sexual estão produzindo novos ramos e variações nos processos que envolvem o sexo comercial, alguns dos quais são versões adaptadas do trabalho sexual pré-internet, outros são inteiramente novos, como o webcamming” (SANDERS et al., 2018, p. 153).

Além dos aspectos supracitados, presenciamos também a migração dos estabelecimentos comerciais de vendas de sexo para o ambiente online, sendo que bordéis e casas de strip-tease estão adotando a transmissão ao vivo de seu interior, ampliando significativamente a quantidade de pessoas que têm acesso aos serviços oferecidos (BERNSTEIN, 2007a). A influência da internet também é comentada por Laura Agustín (2007, 2010a), que afirma que os serviços de sexo virtual, de acompanhantes e prostitutas²⁴, bem como catálogos, filmes e demais materiais que exibem sexo, passaram a circular de modo amplo e irrestrito em ambiente online. Por um lado, vemos que muitas das atividades desenvolvidas nos mercados do sexo passaram a fazer uso das possibilidades interacionais da web, estabelecendo as relações entre clientes e trabalhadoras/es através de câmeras, chats, comunicadores instantâneos ou telefones; de outro lado, percebemos a ampliação das possibilidades de publicidade dos diversos ramos de comércio de sexo, permitindo maior autonomia das mulheres e dos homens que atuam nessas áreas (AGUSTÍN, 2010b).

Na esteira das constatações apresentadas acima, Audacia Ray (2007) destrincha as novas oportunidades de divulgação propiciadas pela internet, afirmando que, em ambiente online, os anúncios são mais eficientes na medida em que atingem um público

²³ Não se trata de apontar um processo linear de expansão de oportunidades, principalmente porque a internet (e também as demais mídias) não permitem acesso irrestrito a todas as pessoas. Nos mercados do sexo isso não seria diferente: além das restrições impostas pelas próprias tecnologias, ainda existem as hierarquias internas desses comércios, facilitando o acesso para um conjunto de pessoas ao mesmo tempo em que impede a entrada de tantas outras.

²⁴ Cunningham e Kendall (2011) se aprofundam no tema da transição da prostituição para o ambiente online e cunham a expressão “prostituição 2.0” para tratar do fenômeno. Segundo os autores “a internet aumentou exponencialmente a capacidade das profissionais do sexo de: a) atingir um grande número de potenciais clientes com publicidade; b) construir sua reputação para serviços de alta qualidade; e c) empregar métodos de triagem para reduzir o risco de serem descobertas e evitar clientes indesejáveis” (2011, p. 275).

ao mesmo tempo mais amplo e mais específico: fotos e vídeos acompanham a publicidade, facilitando que os/as clientes encontrem o perfil de mulher/homem desejado; outro fator é a possibilidade de alocação da divulgação nos segmentos específicos de atuação das/dos profissionais (muitos sites especializados em determinadas práticas e fetiches já existem), angariando um tipo de público em particular. A internet reduziu os custos com publicidade, já que em vários sites não são cobradas taxas de anúncio para as pessoas que trabalham nos mercados sexuais e eróticos (quem paga é o contratante dos serviços e, geralmente, trata-se de uma pequena taxa para um amplo acesso). Além disso, houve, na visão de Bernstein (2007b) e Ray (2007), um aumento exponencial de indivíduos de classe média nos ramos do sexo mediados pela internet, que comercializam seus serviços também para homens/mulheres de classe média. Outras modalidades de trocas que envolvem dinheiro/bens materiais e sexo/erotismo se ampliaram no ambiente online (se misturando aos ramos dos mercados do sexo), tornando-se mais organizadas através de sites e grupos. Diante desse quadro, Ray considera que

Não é um exagero dizer que a internet transformou a indústria do sexo: os modos através dos quais as empresas são gerenciadas, os estigmas associados aos sujeitos que participam das transações, a visibilidade da indústria e as informações disponíveis sobre as profissionais do sexo que comercializam seus serviços (2007, p. 46).

O conjunto de aspectos apresentados pelos diversos autores sobre os efeitos das tecnologias de comunicação nos mercados do sexo se voltou, especialmente, para as alterações provocadas pela internet e suas possibilidades de interação. Concordo com o argumento de Teela Sanders et al. (2018) de que as tecnologias digitais têm amplos impactos nas formas contemporâneas de sexo comercial, mas não são somente elas: uma variedade de dispositivos comunicativos influenciou e condicionou diretamente esses comércios, propiciando novas modalidades de serviços sexuais e eróticos, reordenando os modelos de negócio e atravessando as relações estabelecidas entre trabalhadores/as e clientes. Kibby e Costello (2001) nos ajudam a perceber a amplitude da participação dos dispositivos comunicativos quando comentam (brevemente) as principais inovações tecnológicas que afetaram os mercados sexuais: o aparecimento da imprensa que proporcionou, em primeira instância, a distribuição de imagens e textos pornográficos e, em um momento posterior, possibilitou anúncio de serviços eróticos e sexuais; o telefone que facilitou o contato entre os/as trabalhadores/as e seus clientes, além do início das linhas de tele-sexo; o cinema e o posterior desenvolvimento dos

equipamentos de VHS, além dos CDs e DVDs, que alteraram a paisagem da pornografia. Podemos ver essas mesmas constatações em Agustín (2007), que acentua o papel das revistas e jornais para a divulgação dos diversos tipos de trabalho sexual e em Ray (2007), que explora o potencial das fotos e números telefônicos²⁵ nos anúncios realizados por meio da imprensa como forma de impulsionar os ramos eróticos/sexuais, além de revelar a importância do telefone para a interação trabalhador/a sexual e cliente²⁶.

A posição a qual me filio nesta tese é a de Brian McNair (2002), que percebe em cada inovação tecnológica – seja ela mecânica, eletrônica ou digital – diferentes impactos no consumo e na venda de materiais ou serviços sexuais e eróticos²⁷. O autor é o primeiro a considerar (e enfatizar) as novidades nos dispositivos comunicacionais e as consequentes transformações nos mercados sexuais e eróticos, assinalando um processo amplo de mútua afetação entre mídias diversas e comércio de sexo e erotismo. Baseada na leitura de McNair, Feona Attwood destrincha as constatações do autor, informando-nos que “desenvolvimentos nas tecnologias de comunicação permitiram que textos sexuais se proliferassem, além de tornar possível novas formas de encontro sexual; sexo por telefone, romances por e-mail e cibersexo se tornaram parte do repertório de práticas sexuais na modernidade tardia” (2006, p.4). A autora prossegue nos explicando que os sentidos do sexo e erotismo “dependem dos ‘desenvolvimentos das mídias de massa’ e são realizadas em uma ampla variedade de formas midiáticas e comunicativas” (ATTWOOD, 2006, p. 4).

Avançando para o argumento que pretendo construir, faço coro à constatação de Sander De Ridder (2017) de que não se trata apenas de perceber as mudanças e os impactos mútuos entre os mercados do sexo e as tecnologias de comunicação, enumerando um conjunto de variáveis em uma linha evolutiva; mas perceber como determinadas práticas passaram a ser desenvolvidas a partir dos recursos midiáticos, sendo direcionadas e condicionadas por eles. Nessa concepção, os dispositivos comunicativos atuam como infraestruturas por meio das quais determinados conjuntos de práticas e universos simbólicos se edificam e se mantêm – e como consequência a

²⁵ Interessante pensar que o sistema de anúncios através do jornal sofreu uma ampla transformação já no começo da popularização da internet, desde a criação dos *Bulletin Board Systems* (BBSes) que permitiram publicidades mais elaboradas que passaram a conter conteúdo multimídia.

²⁶ Complementar às constatações apresentadas nesse parágrafo, James Quinn e Craig Forsyth (2005) demonstram a importância do Pager e dos telefones para o desenvolvimento dos mercados sexuais.

²⁷ Como não é o objetivo da tese detalhar as tecnologias e suas amplas implicações para os mercados do sexo, deixo a referência de McNair (2002, 2013) como fonte de consulta mais detalhada sobre o tema.

condição de existência de determinados serviços eróticos mediatizados está em íntima relação com seus antecessores e sucessores - e as utilizações das tecnologias que eles implementaram.

O contexto para o qual tenho tentado chamar atenção ao longo dessa introdução, e que afeta diretamente o universo com o qual vou trabalhar analiticamente, refere-se ao processo de incorporação dos meios de comunicação (e seus consequentes impactos) nos mercados do sexo, que fundamentou e consolidou uma série de práticas sexuais e eróticas mediadas tecnologicamente, largamente procuradas e realizadas no cotidiano. É exatamente na passagem do uso estratégico das mídias em função de determinados serviços eróticos/sexuais realizados presencialmente para o momento em que tais mídias passam a direcionar e formatar as interações comerciais erotizadas e sexualizadas que se encontra o fenômeno que denomino de mediatização dos mercados do sexo²⁸.

Por que situar esse processo é importante para o trabalho que desenvolvo nas próximas seções? Em primeiro lugar, toda a análise empreendida dependeu de conhecer e de ler sobre os demais ramos mediatizados para compreender a disputa por definição que aparece no universo do *camming*: desde as formas de nomeação até as estratégias empregadas são similares ao que acontece no disque-sexo e na pornografia. Em segunda instância, percebi, desde o início, que os ramos mediatizados dos mercados do sexo não aparecem apenas em decorrência de inovações tecnológicas, permanecendo isolados uns dos outros; ao contrário, estão em constante diálogo e apresentam traços similares, sendo essencial criar um senso de continuidade entre eles. Em terceiro lugar, aponto a importância de pensar na inter-relação entre as tecnologias entre si e com o comércio sexual e erótico: apontei criticamente no texto uma recente centralização da internet como técnica por excelência, sendo que o online tem sido focalizado quando se trata de pensar nos impactos dos dispositivos comunicativos em relação aos serviços sexuais; ao meu ver uma ampla diversidade de mídias colaborou para o vasto espectro de ramos que presenciamos hoje e todas elas contribuíram em alguma medida para os formatos desses serviços (reforçando a noção de encadeamento). Assentar a mediatização dos mercados

²⁸ Uma tentativa mais sistemática de aproximar do processo de mediatização dos mercados do sexo pode ser encontrada em Lorena Caminhas (2018). Apenas para que fique mais claro o argumento, apresento uma sintética definição de mediatização: trata-se de um meta-processo em foco nas pesquisas mais recentes no campo da Comunicação, cujo cerne se encontra no rearranjo das interações comunicativas que ocorrem no âmbito de dispositivos tecnológicos. Trata-se, conforme vemos em José Luiz Braga (2007), de uma mudança para um estágio no qual a lógica das mídias se converte em referência para a edificação da estrutura “sócio-técnica-discursiva”, afetando vários níveis de organização do social. O conjunto de investigações realizadas nessa seara se concentram, sobretudo, nos campos da religião e da política, sendo que recentemente há tentativas de perceber a mediatização da intimidade.

do sexo é efetivamente útil para que possamos compreender, de modo integral, como o *camming* surgiu, qual o trajeto percorrido até que ele se reunisse ao sexo/erotismo comercial, com quais atividades dialoga, como ele se desenvolve e se organiza. Nas páginas subsequentes espero deixar ainda mais claro (a partir de evidências empíricas) as conexões entre o contexto apresentado aqui e o universo em foco.

2. Metodologia

As estratégias metodológicas desta tese começaram a ser desenvolvidas depois de uma aproximação inicial do campo, após conhecer melhor os contornos do universo em estudo e suas dinâmicas interacionais básicas. Meu primeiro contato com o *webcamming* foi por meio de um importante site brasileiro especializado em salas virtuais para exibição por webcam, que à época do início da pesquisa (primeira metade de 2016) tinha ampla projeção nacional e um grande contingente de *camgirls* (nesse momento eram poucos os *camboys* e mulheres transexuais; homens transexuais apareceram somente mais recentemente, durante 2018). A princípio, vasculhei as principais seções desse website, acompanhando os elementos que compunham sua tela inicial; me atentei para a imensa quantidade de perfis de modelos virtuais e reparei em suas fotos de capa; procurei pelos Termos de Serviço e principais valores pagos, tanto pelas mulheres quanto pelos usuários.

No Brasil são poucos os sites especializados em *webcamming*, sendo somente dois principais e outros quatro secundários (páginas que têm poucas modelos, com precária estrutura de navegação e design, e com baixa procura em cenário nacional). Decidi me concentrar apenas nos dois websites centrais. Ademais, desde o início havia percebido que seria fundamental me focar nas mulheres cisgênero, não somente porque elas são a maioria absoluta nesse ramo, mas porque o próprio *webcamming* é conhecido cotidianamente na comunidade que consome esse serviço como uma atividade desenvolvida por *camgirls*. Após delimitar minha empiria, comecei a acessar os perfis de várias modelos virtuais, selecionando inicialmente aquelas que apareciam no topo da homepage (as mulheres que estavam online e disponíveis para chat)²⁹. Esses primeiros contatos com as *camgirls* foi fundamental para eu compreender como e onde eu conseguiria estabelecer um diálogo com elas e acompanhar suas rotinas.

Os perfis são elementos internos aos sites especializados, muito bem organizados, compostos por uma série de informações. No website mais conhecido, esses espaços são divididos em: na extremidade esquerda está a foto da *camgirl* acompanhada de seu status (online, off-line ou em chat), seu nome (geralmente pseudônimo), idade, local, e uma pequena biografia que apresenta suas preferências em

²⁹ Reconheço a importância da visualização de vários elementos que serão descritos nesta tese, mas opto por não apresentar imagens e prints dos sites e dos perfis das modelos. Essa postura se justifica tendo em vista manter o anonimato das pessoas e das empresas envolvidas nesse ramo. Como são poucos os websites especializados, qualquer foto de suas páginas facilmente os identificaria. Igualmente ocorreria com as *camgirls*: para pessoas que conhecem e frequentam o universo do *webcamming*, seria bem simples identificar as mulheres apenas pelos prints de seus perfis (mesmo sem apresentar seus rostos).

shows³⁰, quais práticas realiza em chats simples, privados e exclusivos, além de um conjunto de fotos de partes do corpo desnudas (algumas gratuitas e outras somente acessíveis após pagamento); ao centro, encontramos postagens das modelos virtuais anunciando dias e horários em que estarão online e os comentários e as avaliações das pessoas que assistiram às suas apresentações; no lado direito vemos o número de seguidores, quantidade de avaliações e de álbuns e vídeos vendidos. Na segunda página mais acessada no Brasil, os perfis são abas laterais que contêm exatamente os mesmos dados mencionados acima; a única diferença é que eles não ocupam a tela inteira, mas ficam situados lateralmente, deixando a imagem da *camgirl* ao centro (caso ela esteja online e disponível para chat, sua imagem em tempo real fica sendo transmitida).

Após visitar vários perfis das modelos virtuais, notei que a maioria das mulheres optam por se identificar através de pseudônimos, geralmente utilizando prenomes bastante populares no Brasil junto a palavras e expressões comumente usadas para aludir ao sexo e erotismo. Nomes como “Luísa Lésbica”, “Fe Gostosa”, “Marcelinha Hot”, ou mesmo “Noiva de Corno”, “Loira Fatal”, “Amante Perfeita”, são correntemente empregados, dificultando encontrar essas *camgirls* fora do ambiente dos sites especializados. Obviamente se trata de um mecanismo de anonimato e proteção, que impede que os usuários dos websites as encontrem fora do espaço de trabalho. Além disso, vale ressaltar que as páginas que oferecem salas para *webcamming* proíbem a troca de informações pessoais entre quaisquer pessoas, sendo sujeito à banimento permanente. Foi exatamente nesse momento em que enfrentei o primeiro empecilho do estudo, que exigiu a tomada de decisão sobre a metodologia e sobre os procedimentos práticos. Como eu iria ter acesso às *webcam models* se seus nomes são genéricos e é impossível trocar informações nos chats? Quais deveriam ser minhas estratégias para acessar o universo do WEC brasileiro? Em que ambientes eu deveria estar presente?

A primeira decisão foi pelo alicerce metodológico: a etnografia. De modo geral, compreendo a etnografia como uma estratégia de pesquisa que permite acompanhar ativamente o cotidiano das pessoas que povoam o universo investigado, possibilitando uma compreensão aprofundada tanto de suas ações quanto de suas percepções e visões de mundo. Partindo das teorizações de Strathern (2014), podemos compreendê-la como momentos ou períodos de imersão ao mesmo tempo total e parcial em campo, que

³⁰ As apresentações eróticas e sexuais das modelos virtuais são conhecidas pela comunidade do *webcamming* como “shows”, “apresentações” ou “exibições”. Optei por manter a mesma nomenclatura que encontrei em campo na minha própria narrativa. No Capítulo 3 volto ao tema dos vocábulos, explicando sua importância nesse universo.

proporciona instantes de “conhecimento e discernimento” no qual as observações e percepção do pesquisador se encontram com a dimensão analítica da investigação, fundamentando uma determinada representação do mundo sociocultural. Composta pelos acasos e imprevistos próprios aos fenômenos sociais, a etnografia coloca a difícil tarefa, segundo a autora, de apreender os efeitos de determinadas práticas na vida dos sujeitos e reconstruir esses mesmo efeitos na escrita etnográfica. Em suas palavras, “a escrita só funciona se ela for uma recriação imaginativa de alguns dos efeitos da própria pesquisa de campo” (STRATHERN, 2014, p. 346).

Tendo em vista as especificidades de meu campo, uma atividade comercial sexual e erótica desenvolvida em ambiente online (e também proporcionada e condicionada por esse mesmo ambiente), uma visada etnográfica para a internet foi centralizada, fornecendo as principais ferramentas utilizadas durante o estudo. Como pude constatar desde minhas primeiras incursões no *webcamming*, seria muito mais plausível e factível acompanhar esse universo permanecendo e convivendo nos diversos espaços da web em que as *camgirls* e seu público circulavam. Esta investigação se baseou na linha metodológica proposta por Hine (2000, 2015), para quem a etnografia é uma abordagem analítica abrangente e adequada a vários fenômenos sociais. Tendo em vista essa afirmação, a autora considera desnecessário a diferenciação amplamente empregada entre etnografia tradicional e a virtual (que também aparece em seus primeiros trabalhos), e aponta para a necessidade de conceber os desafios de realizar pesquisa de campo nas diferentes ambiências que compõem a vida cotidiana (considerando o espaço online como mais um dentre tantos outros). Como demonstra claramente Marko Monteiro (2013), as tecnologias não reconfiguram propriamente o trabalho etnográfico, mas deslocam e redesenham as realidades sobre as quais nos debruçamos.

Hine (2000) nos explica que a etnografia proporciona o envolvimento do pesquisador com os fenômenos estudados e com os sujeitos que povoam os diversos espaços sociais, possibilitando o desenvolvimento de uma compreensão aprofundada das práticas, dos discursos e das experiências correntes em determinado universo. A expectativa é que, durante o percurso, o etnógrafo consiga formular uma interpretação da realidade em escrutínio e desenvolver uma descrição densa dos principais acontecimentos presenciados. Partindo de uma perspectiva multifacetada, tal metodologia enfoca-se em como as pessoas vivem as suas vidas, como as tecnologias

são adotadas no dia-a-dia e como as estruturas sociais afetam as vivências – em suma, apreendendo a formatação de determinados estratos da realidade contemporânea.

A etnografia em ambiente online parte dos mesmos fundamentos basilares do estudo etnográfico, rejeitando argumentos correntes que, segundo Hine (2015), afirmam que as mediações tecnológicas são espaços insuficientes para a pesquisa de campo. Como diagnosticam Arturo Escobar (1994) e Kevin Robins (1995), os meios de comunicação foram tradicionalmente interpretados como ambientes sociais menos propícios para o desenvolvimento de estudo etnográfico, principalmente devido a uma suposta dissociação do universo midiático das realidades cotidianas experimentadas face-a-face. Esse argumento já se embasava em uma contraposição entre real e virtual que predominou nos esforços iniciais em estabelecer uma etnografia na internet. Acompanhando o desenvolvimento desse campo metodológico, T.L. Taylor (1999) nos informa que a web colocou uma série de desafios a essas perspectivas iniciais, figurando como um espaço em que as interações se estabeleciam e se desenvolviam aos moldes dos encontros presenciais. Ainda assim, uma pressuposição de diferença entre uma realidade de primeira ordem (cotidianidade) e outra de segunda ordem (o virtual) dominou nas empreitadas etnográficas, começando a ser desfeita após os desenvolvimentos mais recentes da web e suas renovadas formas de uso e apropriação no dia-a-dia.

Já no início da década de 2000, Miller e Slater (2000) publicam um estudo pioneiro sobre os usos da internet em Trinidad, desafiando as concepções etnográficas baseadas em uma divisão entre online e off-line, real e virtual. Segundo eles, a web não é um espaço monolítico, nem mesmo um ciberespaço carente de materialidade; ademais, é inverossímil pensar em termos de entrar e sair da rede como um processo de transição concreta entre ambientes sociais. Sua pesquisa revelou que, no cotidiano, as experiências circulam entre online e off-line, sendo ambos percebidos como domínios contíguos da mesma realidade sociocultural. A proposta mais recente de Hine segue na mesma direção de Miller e Slater, advogando uma etnografia *para* a internet, cujo cerne consiste em vislumbrar a contiguidade entre as interações face-a-face e aquelas travadas através das tecnologias de comunicação, considerando necessária a movimentação do etnógrafo entre essas duas ambiências sociais para construir uma interpretação dos fenômenos mediados. Nessa abordagem metodológica um importante elemento a se considerar é o papel mediador dos dispositivos técnico-comunicativos, que trazem novas possibilidades e impõem determinados limites à investigação. Destarte, não é

somente o estatuto da comunidade estudada que está em questão, mas também a compreensão acerca dos processos tecnológicos e comunicativos e seus impactos na realidade vivenciada pelas pessoas envolvidas na pesquisa.

Algumas consequências emergem, pois, na adoção da proposição metodológica da etnografia para a internet, quais sejam: a) ela exige uma concepção de campo de pesquisa abrangente, que não esteja assentada nem em uma certeza ontológica sobre a realidade em escrutínio, muito menos em um único espaço físico específico; b) como efeito, impõe uma formulação ética que esteja em consonância com o campo em construção; c) requer uma compreensão alargada sobre a interação estabelecida entre as diferentes ambiências sociais em jogo no estudo (o online e o off-line); d) demanda uma interpretação sobre as tecnologias e suas possibilidades interativas, apontando para os elementos técnicos e interacionais que entram em jogo na realidade analisada.

O campo da pesquisa, segundo a concepção de Hine (2015), é um fenômeno em constante construção, fundamentado a partir do engajamento criativo do etnógrafo com as pessoas que povoam a realidade em análise. Assim sendo, ele é mais corretamente definido como um “estado da mente” (HINE, 2015), em oposição à categoria ontológica – isto é, fundamenta-se mediante as relações entre os múltiplos sujeitos e acontecimentos, apreendidos de forma sensível e reflexiva pelo etnógrafo. Em Strathern (2014) podemos identificar uma percepção correlata, pensando o campo como um compósito de perspectivas, edificadas simultaneamente por elementos percebidos na realidade observada e um conjunto de dispositivos de interpretação. Nesse sentido, a materialidade social percebida e experimentada pelo etnógrafo só se transforma no *locus* analítico após passar por uma série de operações de interpretação e tradução, em que as noções nativas se encontram com os conceitos teóricos.

Seguindo os caminhos traçados por Hine (2000, 2015) e Strathern (2014), considero meu campo como a rede de relações estabelecidas no universo brasileiro do *camming*, que agrega vários atores sociais (as *camgirls* e os *camboys*, os sites especializados, os perfis de divulgação da atividade, os usuários, os/as blogueiros/as que se dedicam a promover postagens sobre o tema, os canais do Youtube que divulgam a prática) e diversos espaços online e off-line nos quais transitei (mais uma vez aponto as páginas para realização da atividade, as redes sociais (Twitter e Instagram), os blogs de simpatizantes ou das próprias *camgirls*, as feiras e eventos que abrigam o *webcamming*, outros ramos dos mercados do sexo (em especial a pornografia), os comunicadores instantâneos por onde os shows acontecem, os dispositivos móveis (na maior parte das

vezes os celulares)). Outrossim, ele também foi se edificando em meio aos encontros e interações que estabeleci com as pessoas e com determinados lugares (dentro e fora da internet), ocasiões em que minhas percepções (pessoais e analíticas) se encontram com as concepções e racionalizações de outrem.

Se minha entrada no campo foi condicionada pelo acesso aos sites de *camming*, o desenvolvimento da pesquisa só foi possível por causa de outros tantos espaços online no qual a atividade é desenvolvida, com destaque para as redes sociais (principalmente o Twitter e o Instagram). Permaneci convivendo diariamente nesses ambientes todo o ano de 2017. Mesmo em momento anterior, a partir de maio de 2016, já os visitava esporadicamente e acompanhava suas dinâmicas internas. Em verdade, o contato com o universo do *webcamming* não foi finalizado completamente; continuo presenciando seus desenvolvimentos em frequência quase diária por meio do Instagram e do Twitter. Comecei a investigação a partir de uma busca por palavras-chave no Google, a fim de determinar quais eram as principais páginas da internet que se dedicavam ao WEC: procurei inicialmente por sexo por webcam, cibersexo pago, *web stripper*, *camgirl*, *cam model*, sexo ao vivo, sexo online e strip-tease online, usando os filtros de país (Brasil) e idiomas (somente páginas em português). Os três primeiros resultados apontavam para os websites de *webcamming* mais acessados no contexto brasileiro em 2016, sendo que os dois primeiros eram os mais populares e possuíam maior número de *camgirls* (nesse momento, apenas em um deles havia espaço para homens e pessoas transexuais, mas somente em abas suplementares). Decidi focar minha atenção nos dois sites mais importantes e por algumas semanas transitei em seus espaços a fim de conhecer sua dinâmica interna e a circulação das meninas (observando os horários em que elas ficavam online, como seus perfis ficavam dispostos na entrada, como elas se apresentavam naquele espaço). Aproveitei para ver os contratos disponíveis na internet para as mulheres que decidissem se apresentar na câmera³¹, os quais discriminavam os valores cobrados (no Site 1 a taxa é de 50% dos lucros, enquanto no Site 2 é de 40%), as regras impostas (não passar contato durante os shows; não realizar fetiches que envolvessem urina, fezes ou pedofilia; não são permitidos atos de violência; não expor terceiros ou animais diante da câmera; não ser menor de idade; não fazer uso de bebidas alcóolicas e drogas durante a permanência online; é proibida a divulgação de conteúdo racista ou preconceituoso; é vetada a apologia ao crime e às drogas) e os documentos

³¹ Optei por não disponibilizar versões dos contratos na seção de anexos a fim de manter o sigilo das empresas.

exigidos (carteira de identidade para comprovação de maioridade e CPF). Realizei também meu cadastro para ter acesso ao chat simples (no qual era possível ver as *camgirls* e permanecer por apenas 2 minutos sem créditos) e usei como pseudônimo “Pesquisa Unicamp” (nome que ficaria visível quando eu acessasse a sala das garotas) para demarcar bem as minhas intenções ao transitar por aquele ambiente.

Prontamente passei a manter meu foco no perfil das *camgirls* nos sites. Entretanto, como nesses espaços não é possível dialogar com elas, comecei a buscar outros ambientes nos quais elas transitassem e se expressassem, que também permitiam um contato mais direto. Resolvi selecionar, inicialmente, algumas modelos virtuais, utilizando como critérios a localização na Região Sudeste (especialmente em São Paulo), a revelação da face nas fotos publicadas online e a utilização de nomes marcantes ou mesmo exóticos, evitando aquelas que empregavam nomenclaturas genéricas como “Gatinha SP”, “Ninfeta 18”, “Gata Sexy”, etc. Esses parâmetros de triagem foram fundamentais para que eu conseguisse procurar informações sobre as exibicionistas por meio de busca no Google. À medida em que eu rastreava as mulheres, o fator de localização geográfica foi sendo paulatinamente abandonado em prol de ampliar os escopos da pesquisa e angariar uma visão mais plural de pessoas espalhadas pelo país. Ao final de meu rastreamento inicial, elegi aleatoriamente 16 *camgirls* para acompanhar diariamente, a fim de conhecer mais profundamente meu campo. Criei uma pequena descrição de cada uma, elencando sua idade, autodescrição do perfil, práticas realizadas em chats simples, privados e exclusivos.

Passada a fase inicial, passei a identificar as modelos virtuais mais conhecidas no *camming* brasileiro, que eram também as mais participativas nas redes sociais. Comecei a segui-las e acompanhá-las diariamente. Muitas delas possuíam páginas personalizadas, nas quais é possível obter seu contato de trabalho e muitas informações sobre suas apresentações e suas preferências de práticas eróticas. Por meio das redes de relações estabelecidas por essas mulheres mais conhecidas, que foram identificadas a partir das postagens e dos compartilhamentos de posts, ampliei o escopo de *camgirls* que conseguia identificar fora dos sites especializados. No Facebook, minha busca pelo universo de *webcamming* não obteve muito sucesso. Entretanto, no Twitter encontrei um amplo conjunto de pessoas envolvidas no WEC: havia uma grande quantidade de *camgirls* e websites; os usuários desse serviço estavam presentes, acompanhando suas garotas favoritas; tinham ainda os “divulgadores”, perfis responsáveis por ampliar a visibilidade da atividade e de suas trabalhadoras. O Twitter ainda possibilitava enviar

mensagens diretas e estabelecer uma interação mais próxima das interlocutoras da pesquisa.

Com todas as possibilidades interacionais que o Twitter fornecia, centralizei-o como *locus* investigativo principal, e comecei a me organizar para estabelecer minhas primeiras interlocuções online. Necessitava formular um perfil para me apresentar nessa rede social, tomando a decisão de como divulgar a minha própria imagem durante a pesquisa de campo. Se nos sites especializados eu optei por criar uma identificação estritamente de pesquisa, sem me preocupar com os impactos que essa identidade impessoal e distanciada iria causar em minhas colaboradoras, no Twitter essa mesma estratégia seria um fiasco. Nele eu teria que colocar uma fotografia, utilizar meu próprio nome e produzir uma descrição pessoal adequada.

Em minha leitura de Hine (2015) e Miller e Horst (2012) já tinha notado a importância das escolhas do/a etnógrafo/a para se apresentar em campo, assinalando a importância de desenvolver uma presença apropriada e condizente com a realidade em estudo. A autoimagem do/a pesquisador/a influencia diretamente nas suas possibilidades de estabelecer relações, fazendo com que ele/ela possa ser aceito/a ou rejeitado/a a depender do perfil e da conduta que apresente. Outro aspecto essencial comentado por ambos os autores é o processo de definição da identidade que será apresentada aos interlocutores: para eles, quem realiza a investigação precisa compreender os processos por meio dos quais as pessoas pesquisadas aprendem a se comportar em determinado universo social e a mobilizar arranjos simbólicos específicos. Nesse sentido, é essencial que, além de assumir uma postura ética revelando sua posição como observador/a, o/a investigador/a possa reconstruir os caminhos que permitem que um completo estranho se torne membro de determinado grupo, adequando-se a alguns princípios tácitos das interações.

Levando em consideração as preocupações dos autores supracitados, optei por usar o meu Twitter pessoal, no qual já havia postado algumas vezes e possuía um número significativo de conexões. Reformulei meu perfil, inalterado desde 2011. Acrescentei uma foto mais recente, que focalizava bem meu rosto, e escrevi a seguinte descrição: “pesquisadora na área de gênero e sexualidade, com foco nos mercados do sexo”. Decidi que iria participar do Twitter em meu modo habitual: eu tenho uma presença muito restrita em todas as redes sociais; coloco pouquíssimas fotos e faço raríssimas postagens. Independentemente de essa ser a melhor escolha para conseguir entrada no universo do *camming*, ela seria a mais honesta. Optei por proceder dessa

forma, utilizando minha página particular, por dois motivos principais: primeiro porque considerei que as *camgirls* estariam mais dispostas em responder às minhas mensagens e ficariam mais confortáveis em dialogar com um perfil individual (ao invés de um somente de pesquisa); segundo porque pretendia demonstrar meu conforto e desprendimento em relação ao WEC, sem manifestar qualquer indisposição e constrangimento em participar publicamente desse universo.

Essa decisão também está baseada em minha experiência no campo: notei que muitos usuários criam perfis com pseudônimos com o objetivo de circular pelo universo do *webcamming* no Twitter sem terem seus nomes ou rostos identificados. Apesar de essa estratégia também ser empregada pelas *camgirls*, ela gera muita desconfiança no momento das interações, uma vez que as mulheres acabam conversando com pessoas impossíveis de serem identificadas e com intenções diversas. Essas tentativas do público do *camming* em não ser reconhecido reforça para as modelos a complexa relação entre a busca pelo prazer sexual online e os estigmas associados ao trabalho que elas exercem. Para me dissociar dessa busca por escamotear a identidade e afirmar meu interesse efetivo em interagir com as mulheres, optei por revelar minhas informações pessoais, apostando que assim elas teriam mais interesse e confiança em falar comigo.

Do início da pesquisa de campo até a reformulação do meu perfil no Twitter havia transcorrido pouco mais de um mês da etnografia. Resolvi acompanhar a movimentação das *camgirls* nos sites especializados e no Twitter de modo simultâneo: nos websites eu observava as fotos e os vídeos recém inseridos, os horários que elas costumavam estar online, entrava em chats grátis para acompanhar como elas se portavam diante da câmera e observava os comentários dos usuários; na rede social eu ficava atenta às postagens, às diversas enquetes, às rifas (cujo prêmio poderia ser um pacote de fotos ou um vídeo) e às listas de desejos (que são pedidos de presente para o público dos shows). Passei a conhecer as apresentações de cada modelo buscando vídeos gratuitos de suas exibições no Google, sendo que vários deles tinham sido compartilhados pelas próprias mulheres no Pornhub. Por meio deles, pude compreender o funcionamento geral das performances e a principal sequência de práticas realizadas. Essa foi uma excelente estratégia para conhecer o cerne do *webcamming* sem ter de dispendido uma imensa quantidade de dinheiro (como veremos adiante, o minuto é bastante custoso). Vale notar que essa tática da pesquisa também é empregada por *webcam models* ingressantes para aprender as regras básicas dos shows.

Nos meses iniciais da pesquisa de campo eu já estava participando de todos os espaços online que considerava essenciais para a constituição do universo do *camming* brasileiro, mas ainda não tinha desenvolvido um método eficiente de acompanhar cada um deles de modo aprofundado e eficiente. Acessava os sites especializados e o Twitter pelo menos uma vez ao dia, acompanhando as atualizações. Entretanto, não tinha adicionado nenhuma *camgirl* ao meu perfil pessoal no Twitter, nem tinha seguido nenhuma delas nos websites. Inicialmente, eu possuía um arquivo com o link de todas as páginas das modelos e acessava seus perfis individualmente por meio desses endereços eletrônicos. Mas todo esse processo estava complicado demais e, principalmente, ineficiente. Não é dessa forma que funciona a utilização da internet no cotidiano; ao contrário, o online é acessado de forma constante, estabelecendo conexões e vinculações com as pessoas que se pretende conviver e conhecer os hábitos. Como coloca Miller (2012), as redes sociais e outros espaços de sociabilidade conectados são ambientes em que os indivíduos vivem e circulam, exprimindo sua personalidade e preferências e expondo suas opiniões, criando um certo grau de intimidade e proximidade de outros que os adicionam e veem suas páginas particulares regularmente. Por conseguinte, no Twitter (e em outras mídias sociais) existe a construção de um *self* público que passa a estabelecer um conjunto de relações, relações essas que não correspondem necessariamente às interlocuções mantidas face-a-face, mas que se sustentam pela visualização e acompanhamento diário das postagens.

Comecei a seguir no Twitter todas as *camgirls* que constavam em meu registro inicial (eram 20 no total), sites especializados (os dois principais), divulgadores, algumas páginas de fãs clubes das mulheres, outras de dicas sobre o *camming*. Instalei o aplicativo dessa rede social nos meus dispositivos móveis para que eu pudesse acessá-la mais de uma vez ao longo do dia. Optei por silenciar a maior parte de minhas conexões pessoais e privilegiei acompanhar as modelos virtuais, observando todas as imagens e os textos que elas compartilhavam. À medida que me familiarizava com as dinâmicas do *webcamming* no Twitter, fui abandonando os critérios de seleção iniciais das mulheres, tais como localização, nome marcante e exposição da face. Adicionei um imenso número de *webcam models*, privilegiando aquelas que eu percebia que tinham uma participação mais efetiva nesse espaço (e com isso comecei a entender como elas ficavam conhecidas, quais tinham mais influência, como as relações eram estabelecidas entre elas e entre elas e os sites e usuários). Nesse momento, centralizei minha atenção nas interlocuções gestadas no Twitter, percebendo os arranjos sensíveis que

fundamentavam as trocas, os posicionamentos dos atores sociais e os sentidos que circulavam no WEC.

Posso afirmar que estabeleci e firmei minha presença em campo após seguir os passos supracitados, que permitiram aprofundar meu conhecimento do *camming* e transitar por esse universo constantemente. Acompanhar o Twitter passou a fazer parte de minha rotina diária. Nesse processo, descobri a importância do Instagram, que também abrigava um grande número de *camgirls*. Segui a mesma estratégia do Twitter: adicionei as mulheres ao meu perfil pessoal, mas não me desconectei de meus amigos (o Instagram ficou sendo um espaço híbrido, composto pela pesquisa e pelos contatos pessoais). Tendo em vista o volume imenso de informações que eu tinha acesso diariamente, decidi criar uma pasta com *print screen* das postagens consideradas por mim como essenciais para compreender o *webcamming* e sua dinâmica, e também para conhecer melhor as modelos³².

Ao passo que criava um arquivo com os *prints* do Twitter, me questionava qual seria a forma mais adequada de trabalhar com esse material (realmente essencial para meu estudo). Adriana Amaral et al. (2011) conseguem apreender bem a situação na qual eu me encontrava ao asseverar que as questões de distribuição de informação pública nas redes sociais não podem ser pensadas apenas a partir dos termos firmados por essas plataformas, mas precisam ser percebidos por meio dos modos de compartilhamento acionados pelos usuários, compreendendo os hábitos adotados pelas pessoas para disponibilizarem suas imagens e textos – em suma, conhecer as dinâmicas dos grupos estudados para decidir de que modo lançar mão de suas publicações online na pesquisa. De acordo com Amaral (2010), é muito comum que os internautas não estejam cientes das cláusulas e do nível de privacidade proposto por determinadas páginas na internet, acionando condutas específicas para assinalarem quais postagens são de domínio público e quais são de foro privado.

Apesar de supostamente as páginas das *camgirls* nas redes sociais serem voltadas ao seu trabalho e se comportarem como espaços de circulação ampla e pública, decidi trabalhar com as informações distribuídas nesses espaços (coletadas em forma de

³² Nesse período de descoberta da importância das redes sociais para o *camming*, eu passava o dia inteiro em contato com meu campo de estudo, sem que em nenhum momento eu me distraísse dele. No meio do percurso, precisei estipular um horário limite para permanecer conectada e em contato com as *camgirls* (até às 20h30), porque o processo passou a ser excessivamente exaustivo. Após a etapa de entrevistas (que vou comentar mais à frente) fui diminuindo a frequência de acesso ao Twitter, até o ponto de acompanhá-lo apenas algumas vezes durante a semana (procedimento que ainda sigo para não me desligar da pesquisa). Com relação ao Instagram, mantenho contato com as modelos todos os dias.

prints) de modo generalizado e não individualizado, isto é, como questões gerais que circulam no universo brasileiro do *camming* que não pertencem a nenhuma pessoa em específico (suprimi a autoria – nome e imagem - e qualquer outro traço que permitisse reconhecer quem estava por trás de determinados posicionamentos). Mantive identificados apenas os dados essenciais para construir um perfil das modelos que participaram do estudo, a saber: número de seguidores, tempo de permanência nas redes sociais e quantidade de postagens. Também optei por não reproduzir nenhuma das imagens capturadas por receio de que elas pudessem revelar suas autoras e prejudicar a manutenção do sigilo dessas pessoas.

Em concomitância à estratégia principal da pesquisa – permanecer conectada ao *camming* por meio das redes sociais –, passei a acompanhar dois programas exibidos no Youtube, ambos produzidos pelo *Canal Provocando* (vinculado a um dos sites especializados brasileiros): o primeiro é denominado “Vida de camgirl” e o segundo “Pergunte a uma camgirl”. Essa foi a forma que encontrei para conhecer as *camgirls* antes mesmo de realizar as entrevistas e apreender como a realidade dessas mulheres era retratada por um canal cuja intenção era divulgar a atividade e fomentar o acesso a uma determinada página de *webcamming*. Os modos de representação acionados nesses vídeos demonstram muito bem os sentidos que se pretende construir sobre esse universo e como recursos imagéticos e retóricos são utilizados para cumprir essa finalidade. Eu não estabeleci como meta ver todas as produções do *Canal Provocando*, nem mesmo estipulei uma ordem ou quantidade de material para assistir e compor o *corpus* da tese. As minhas andanças pelo Youtube serviram para que eu obtivesse informações complementares e me familiarizasse ainda mais com meu campo de pesquisa.

O estudo desenvolvido na tese, como fica claro nesta primeira parte da metodologia, foi realizado predominantemente em ambiente online (como discutirei mais adiante, inclusive as entrevistas foram feitas pela internet). Ainda assim eu me encontrei presencialmente com algumas das *camgirls* que entrevistei e que acompanhei pelo Twitter e Instagram na ocasião da feira *Erotika Exxxperience* (antiga *Erotika Fair*), realizada em junho de 2017 em São Paulo. Minha expectativa em ir a esse evento era me familiarizar com mais um dos espaços que configuram o *camming* brasileiro e me apresentar para as modelos que estivessem no local (tanto as que eu já conhecia nas redes sociais quanto aquelas que eu ainda não sabia quem eram). Eu não consegui obter muitas informações prévias de quais garotas estariam no primeiro dia da feira (09 de

junho de 2017), ocasião em que decidi comparecer; também não sabia muito bem como seriam organizadas as principais atrações.

Cheguei cedo ao Anhembi Morumbi (local onde foi realizada a feira) para poder entrar assim que as atrações comesçassem. O primeiro passo da etnografia realizada no evento foi reconhecer o espaço e sua ordenação: existiam alguns estandes posicionados em pontos diferentes do centro de eventos, mas, no geral, não havia muita organização e mal parecia que ali ocorreria a *Erotika Exxxperience* (talvez porque aquele seria apenas o primeiro dia). Após a etapa de reconhecimento, me posicionei próxima à área destinada às *camgirls* (disponibilizada por um dos maiores sites de *camming* brasileiro), que estava ordenada da seguinte forma: na frente ficavam quatro salas de vidro (dentre as quais três delas tinham uma cadeira e uma mesa com um computador conectado à internet) e na última estavam localizados puffs destinados às sessões de fotos; a parte central foi reservada à circulação e ao descanso das modelos (havia, inicialmente, apenas uma mesa com cinco cadeiras); ao fundo estavam posicionados um pequeno camarim e um conjunto de mesas com computadores conectados à internet que serviriam para os visitantes da *Erotika* interagirem com as meninas nas salas de vidro.

Acompanhei toda a movimentação do estande das *camgirls*, sondando, inicialmente, quais eram as modelos que eu já tinha conversado em algum momento e quais eram aquelas que eu apenas acompanhava no Twitter. Esperei uma de minhas entrevistadas chegar para começar a interagir com as outras *webcam models*, principalmente porque ela facilitaria meu trânsito por aquele espaço. Após a minha familiarização com o evento, me dediquei a três atividades principais: conhecer as meninas que estavam esperando para se apresentar na sala de vidro, estabelecer um diálogo com elas (convidando também para a etapa de entrevistas da pesquisa) e assistir aos shows ao vivo, acompanhando-os sem a mediação do computador. Ao final do primeiro dia da feira (o único no qual compareci) havia conseguido me comunicar com algumas *camgirls* que tinham interesse em serem entrevistadas (duas delas demonstraram disposição em participar da pesquisa) e compreender o funcionamento dos shows tanto do ponto de vista das garotas (todos os procedimentos necessários para que eles pudessem ocorrer) quanto dos usuários (que circulavam pela *Erotika* e emitiam constantemente sua opinião).

Nesse ponto da reflexão metodológica que estou construindo é preciso abrir um adendo para comentar a minha posição acerca de um tema recorrente nas pesquisas que trabalham com a etnografia para a internet: a distinção entre os espaços online e off-

line, sempre acompanhada por uma posterior tentativa de assinalar seus pontos em comum. A minha impressão em relação a essa discussão - que sempre é acionada para justificar os trânsitos entre um ambiente e outro, ou mesmo para assentar a especificidade do virtual em face do factual - é de que ela funciona como uma espécie de fórmula autoexplicativa (principalmente porque excessivamente aludida) que dispensa esclarecimentos sobre a forma como as pessoas vivenciam e transitam entre os *loci* sociais³³. A minha postura nessa tese é reconhecer que cada uma dessas ambiências possui características específicas (que serão apresentadas e discernidas sempre que necessário), mas também frisar que ambas são experimentadas em um continuum (portanto, não existe uma ruptura drástica entre aquilo que se vivencia em cada uma dessas instâncias)³⁴.

Indubitavelmente minha ressalva inicial acerca da diferenciação entre online e off-line dialoga com um conjunto de autores, os quais se dedicaram a pensar os usos diários dos dispositivos tecnológicos digitais. Hine (2015) aparece nesse quadro, reformulando sua posição inicial apresentada no livro *Virtual Ethnography* dos anos 2000: em sua concepção atual, a internet precisa ser considerada como um fenômeno incorporado e encarnado no dia-a-dia, em íntima consonância com as experiências vividas em outros ambientes. Na letra da autora, “nós não pensamos necessariamente em ‘estar online’ como uma forma discreta de experiência, mas, em vez disso, muitas vezes experimentamos o online como uma extensão de outras formas incorporadas de ser e de agir no mundo” (HINE, 2015, p. 41). Ao invés de repor o fosso que separava realidade online e off-line (sempre acionado quando se tentava produzir as distinções), a autora propõe compreender como contiguidades e rupturas são percebidas durante as ações e em relação às práticas. Sendo assim, somente a partir do reconhecimento dessa indissociabilidade dos mundos habitados cotidianamente, poderemos compreender que as experimentações online não possuem um caráter transcendente.

A seminal obra de Miller e Slater (2000) compõe esse quadro crítico, evidenciando empiricamente como a internet é incorporada e agenciada no cotidiano de Trinidad, atuando no processo de edificação da identidade da população local juntamente a outras instâncias socioculturais. A pesquisa dos autores demonstrou que a

³³ Não estou me referindo aqui às características físicas de cada um desses espaços (nesse sentido obviamente existem diferenças evidentes), mas das experiências e interlocuções estabelecidas cotidianamente, que atravessam um conjunto muito amplo de ambientes e formas de mediação.

³⁴ Para compreender essa afirmação basta pensarmos em como usamos, atualmente, as redes sociais e os aplicativos de mensagens instantâneas (o que demonstra que não precisamos ir além do senso comum para compreender as continuidades entre online e off-line).

web não é vivenciada como um espaço monolítico ou desmaterializado, apartado do cotidiano desconectado; ao contrário, ela é experimentada como uma continuidade e um desdobramento das relações estabelecidas face-a-face. Para Miller e Slater, a pesquisa etnográfica precisa se contrapor às interpretações das novas mídias como “um espaço à parte do restante da vida social, no qual novas formas de socialidade teriam emergido, bem como novas formas de produção da identidade” (2000, p. 4). Se existirem dissemelhanças e contrastes entre as experiências online e off-line, elas devem ser apontadas e analisadas contextualmente, tendo a vista a participação e a incorporação dessas duas ambiências aos fenômenos estudados.

Mais recentemente Miller e Horst (2012) discutiram como a necessidade de distinguir internet e vida cotidiana estaria assentada na dissociação entre realidades pré-digitais e digitais, que na maior parte das vezes confere maior grau de autenticidade às primeiras e menor às segundas. Para os autores, “a interação face-a-face é tão culturalmente influenciada quanto a comunicação mediada” e “potencialmente, a maior contribuição da antropologia digital seria finalmente solapar a ilusão sobre o mundo não mediado, não cultural, pré-digital” (MILLER; HORST, 2012, p. 12). Em minha perspectiva, a proposição dos autores também vale para a materialidade atribuída a um e outro ambiente social, sendo impossível discernir a concretude e tangibilidade seja do online, seja do off-line.

Percebo que a insistência em separar online e off-line (e, posteriormente, encontrar alguns poucos pontos de encontro) está menos associada à mediação que perpassa as interações em foco (os aspectos técnicos do computador conectado à internet, por exemplo), mas da percepção e dos sentidos atrelados a um ou outro espaço social (e dos trânsitos que acreditamos haver entre eles). A questão, para mim, é perceber por que as realidades consideradas mediadas são sempre pensadas como sutilmente à parte das experiências diárias que, por sua vez, são tratadas como não mediadas (uma ilusão que pode estar associada ao advento dos diversos meios de comunicação) – tal como discutiu Tom Boellstorff (2012).

A minha trajetória investigativa no universo das *camgirls* reforçou ainda mais a perspectiva que sustento neste texto sobre a simultaneidade das experiências nos ambientes online e off-line. Em primeira instância quero assinalar meu próprio percurso, marcado constantemente por uma sensação de convivência estreita e íntima com as modelos, especialmente após adicioná-las às minhas redes sociais pessoais e acompanhá-las da mesma forma que faço com minhas conexões pessoais. Em momento

anterior deste relato metodológico comentei que quanto mais tempo eu passava conectada às mulheres, menos conseguia fazer distinção entre o espaço da pesquisa e da minha vida hodierna (na medida em que a minha rotina incluía a ambos na mesma proporção). Em nenhuma ocasião considerei haver uma ruptura entre a minha permanência na internet e os meus demais afazeres diários fora dela: pelo contrário, eu sempre me mantive presente, de modo simultâneo, nessas duas esferas de minha existência³⁵. Um outro sentimento recorrente foi o de habitar (ou coabitar) o mesmo espaço que as pessoas no *camming*, transitando junto a elas pelas trilhas dessa atividade. A minha compreensão é que as experiências não nos parecem descontínuas devido à transição entre espaços físicos (que muitas vezes ocorrem de modo tácito), mas pelas mudanças de códigos de conduta e ordenação sensível das posições dos sujeitos, que podem nos colocar mediante arranjos os quais temos pouco conhecimento (processo que pode gerar uma sensação de ruptura na percepção da realidade). Por fim, ainda quero apontar os limites que se impuseram entre mim e minhas interlocutoras: sempre reconheci as dificuldades que iria enfrentar realizando uma pesquisa centrada na internet, e dentre elas a mais gritante é o modo de estabelecer e manter o contato com as *camgirls*. Apesar disso, nunca tive dúvidas de que os limites para a interação também se manifestariam se eu estivesse diante delas e estabelecesse uma relação face-a-face (algo que pude comprovar durante a *Erotika Exxxperience*).

Agora passo para a forma como as modelos se posicionam em relação à sua presença online, que não difere muito daquela exposta no meu próprio relato. Durante as entrevistas pude perceber que elas habitam os espaços online (sobretudo as redes sociais e sites especializados) como se eles fossem uma extensão de seu cotidiano factual, ocorrendo rupturas apenas na passagem entre a esfera do trabalho (o *camming*) e sua vida pessoal (que acontece online e off-line). Estou afirmando que o dia-a-dia das modelos é, assim como o meu, um misto de atividades realizadas nos espaços presenciais e virtuais, permanecendo sincronicamente em cada um deles. A diferença é que quando elas mudam de posição e passam a se assumirem como *camgirls*, existe uma ruptura entre aquilo que experimentam e como se posicionam (porque, como veremos, elas buscam dissociar o particular do laboral). Discordo de W. Silva (2014)

³⁵ Poderíamos nos questionar quem, dentre aqueles que têm acesso à internet e possuem os conhecimentos necessários para transitar por ela, comporta-se de modo oposto ao meu. Não raro presenciamos cenas de pessoas que conversam por meio de mensagens em seus celulares e mantêm contato com indivíduos que estão no seu mesmo espaço físico – exemplo que podemos replicar para outras atividades diárias.

quando ele menciona um processo de incorporação, que se consolidaria no momento em que as modelos “deixam de ser elas mesmas” e passariam a assumir (incorporar) uma personagem. Durante minha pesquisa, presenciei exatamente o oposto: claro que as mulheres adotam pseudônimos utilizados somente para atuarem diante da câmera, mas isso não significa que elas abdicuem totalmente de sua personalidade (nas entrevistas elas revelaram, inclusive, que a *camgirl* possui muitos traços similares aos delas, ou caso contrário seria demasiado falsa) e passem a existir na web apenas como um espectro do que elas seriam na “vida real”. Como adendo, acrescento que mesmo na *Erotika*, momento no qual tive oportunidade de vê-las pessoalmente, nem sua personalidade (supostamente uma encenação para a câmera), nem a nossa relação mudou – reforço que isso aconteceu porque não se trata da locação, mas como elas se identificam na esfera do trabalho.

Para finalizar essa primeira parte da metodologia comento a minha percepção sobre a natureza da internet e do ambiente online atrelado a ela. Inicio afirmando que, do meu ponto de vista, ela não é apenas uma infraestrutura física, mas também um espaço moral. Isto significa afirmar que essa mediação tecnológica, para além de suas possibilidades/impossibilidades técnicas, fundamenta determinados arranjos sensíveis, influenciando o posicionamento das pessoas, as condutas (algumas sancionadas, outras coibidas) e as interações³⁶. Esse aspecto, como será possível conferir mais adiante no texto, é sobressalente na organização e estruturação do *camming*: toda a disputa que passo a relatar no segundo tópico da análise está marcada por um conjunto de significados atribuídos à própria tecnologia e às interlocuções eróticas/sexuais que ocorrem por meio dela³⁷ - o que explica também as reflexões subsequentes sobre o porquê de estabelecer certas formas de relação com os usuários, o motivo pelo qual determinados discursos e estratégias são acionados, e por qual razão o reconhecimento é importante nesse universo.

Acredito ser essencial destrinchar algumas das questões principais que implicam a afirmação da internet como espaço moral. De partida vou me vincular à proposta de Miller e Horst (2012), desenvolvida também em Hine (2015), que aponta para três

³⁶ Nesse sentido, existem inúmeras possibilidades de atuação e de interlocução na internet ensejadas pelos seus aspectos técnicos, mas que não são realizadas devido a sanções/arranjos morais.

³⁷ Sem adiantar demais minhas interpretações do campo, destaco de antemão que os significados que estou apontando aqui são essenciais para gestarem possibilidades de reconhecimento das mulheres envolvidas na atividade de *webcamming*, na medida em que elas mobilizam os sentidos e os organizam de determinado modo que elas consideram possibilitar sua inserção em um ramo erótico, mas parcialmente apartadas dos estigmas mais cruéis que recaem sobre ele.

principais elementos que compõem a materialidade do ambiente online enquanto uma mediação tecnológica-comunicativa: a) o aspecto de infraestrutura técnica, que configura e direciona determinados processos, de modo a permitir ou impedir a realização de certas práticas (por exemplo, o surgimento do *streaming*, responsável pela distribuição de conteúdo audiovisual ao vivo); b) o conteúdo, que diz respeito tanto às informações e mensagens trocadas na web, quanto às interações estabelecidas; e c) o contexto, que se impõe como um conjunto de regras e ordenação da conduta, organizando moralmente essa ambiência. Isso significa que não estou abandonado de nenhum modo as particularidades técnicas, mas estou pontuando, para fins do meu estudo, um outro aspecto que considero sobressalente: a ordenação moral.

É em Roger Silverstone (2003) que encontramos uma visada mais sistematizada acerca das possibilidades e entraves da internet em fomentar uma vida moral, considerando que, em primeiro lugar, precisamos pensar os modos por meio dos quais estabelecemos relações com as alteridades mediadas. Apesar do suposto fomento à interatividade apresentado pela web (que está completamente relacionado à capacidade de comunicação síncrona por meio desse dispositivo), é preciso ter em mente que os arranjos de sentidos e de condutas firmados nesse espaço podem promover ou barrar processos comunicativos e formas de reciprocidade. Nas palavras do autor, “isso significa que nós podemos interrogar tais argumentos, mais recentemente utilizados para a análise da internet, que confundem a conexão com proximidade, a proximidade com comprometimento, e que confundem reciprocidade com responsabilidade” (SILVERSTONE, 2003, p. 478).

Silverstone (2003) e Shani Orgad (2007) apontam que tratar a internet como um espaço moral implica refletir sobre as possibilidades e impossibilidades de reconhecimento mútuo nesse ambiente, sempre tendo em mente que diversas formas de desrespeito, afirmação de hierarquias e sofrimentos perpassam as trocas estabelecidas na web. Por conseguinte, o status dos interagentes importa, uma vez que ele influencia os modos de percepção e ação diante da alteridade, responsáveis pela administração das distâncias social e moral que podem se impor durante a interlocução. Em consonância, pontuo que encarar a web por esse viés é fundamental para análises de fenômenos que dialogam com as normatividades de gênero e sexualidade, que também são construídas no terreno das moralidades. Como aponta Heloísa Almeida (2019), o online tem se configurando atualmente no Brasil como um espaço de disputas e demandas por

reconhecimento voltadas às dimensões de gênero e sexualidade, aguçando ainda mais seu estatuto como um ambiente de ordenamentos socioculturais.

Por que isso importa? O *camming* é uma atividade que se vale dos processos interativos possibilitados pela internet e é fundamentado nas práticas de trocas (comunicativas e eróticas) entre as *camgirls* e os usuários, ambos dependentes dos arranjos morais que recaem sobre esse universo. Boa parte das questões que vou discutir adiante estão ancoradas nesses dois polos que constituem o *webcamming* (e nas ordenações sensíveis que os envolvem): a relação que as modelos acreditam estabelecer com seu público (que, como veremos, é dúbia e implica reafirmar constantemente a dissociação do exibicionismo da prostituição), suas tentativas de se afastarem dos ramos mais estigmatizados dos mercados do sexo (o que proporciona a elas a possibilidade de assumirem uma posição considerada mais confortável) e, por fim, a afirmação da autonomia online e da promoção de autoestima, que precisam estar embasadas em uma concepção particular de liberdade e desprendimento trazidos pela web, sem a qual os preconceitos sobre o exibicionismo online tendem a expandir.

2.1. Entrevista semiestruturada

Após me familiarizar com o universo do *camming* brasileiro por meio da etnografia, decidi preparar e realizar uma série de entrevistas semiestruturadas com as *camgirls* que já acompanhava no Twitter e Instagram. Essa abordagem metodológica me pareceu pertinente tendo em vista minha proposta investigativa, qual seja, compreender as práticas e os sentidos imiscuídos no *webcamming* brasileiro, partindo do ponto de vista das mulheres que se exibem online. Para construir essa etapa da pesquisa, parti da perspectiva de George Gaskell (2003), que considera essa metodologia útil para compreender as concepções e pontos de vista das pessoas que compõem determinado estudo. Segundo o autor, a entrevista em profundidade tem a finalidade de “mapear o mundo da vida do respondente” (GASKELL, 2003, p. 65), detectando as tramas que perpassam a relação entre os atores e a composição das situações cotidianas, apreendendo os modos por meio dos quais o mundo social é construído ativamente pelas pessoas e pelos sentidos que elas compartilham. Do meu ponto de vista, a conversa com as modelos seria fundamental para ampliar meu campo de visão, me ajudando a organizar as observações e interpretações que havia realizado ao acompanhar ativamente o campo.

Meu primeiro passo foi refletir sobre o conjunto de perguntas que deveria constar no questionário (que serviria apenas como um guia temático), elencando aquelas que conseguiriam apreender o âmago das problemáticas da pesquisa. O processo de elaboração das questões foi muito longo e começou já no quarto dia da pesquisa de campo. De início não se tratava de uma compilação sistemática e organizada: à medida que acompanhava os acontecimentos e anotava minhas principais observações, surgiam questionamentos sobre a realidade do WEC, os quais eu ia assinalando ao final do texto principal do diário. A minha primeira ideia era dividir as entrevistas em três seções distintas: uma primeira focada na compreensão das *camgirls* sobre a atividade que exercem; uma segunda centrada no relacionamento com os usuários e também debruçada nas práticas eróticas/sexuais realizadas online; e, por fim, uma terceira pautada em apreender o *webcamming* em face dos demais ramos dos mercados do sexo. Rapidamente eu abandonei essa proposta e constatei que o melhor caminho seria me concentrar nas narrativas a respeito das experiências cotidianas das modelos, percorrendo suas trajetórias de vida até o momento em que a exibição online aparece e permanece como uma atividade rentável tanto no aspecto financeiro quanto pessoal – o que inclui as vantagens que elas percebem com relação às suas rotinas laborais e às comodidades que obtêm, sobretudo no que diz respeito à liberdade e ao prazer proporcionados.

No período que compreende os meses de março a maio de 2017, anotei uma série de perguntas relacionadas tanto à organização e estruturação do *camming* no Brasil, quanto à rotina e às experiências das *camgirls* na atividade. Eu me encontrava em uma situação deveras peculiar, porque quanto mais eu conhecia o *webcamming* a partir da pesquisa de campo, mais dúvidas eu tinha sobre ele – a impressão que eu nutria era que mesmo os aspectos mais básicos dessa prática escapavam à minha compreensão. Em meio a esse processo caótico de formulação do roteiro de entrevistas, surgiu a ideia de entrar em contato também com os sites especializados, com a finalidade de obter algumas informações gerais que eram impossíveis de serem encontradas na internet. Se já estava confusa em como construir o diálogo que pretendia ter com as modelos, essa decisão de envolver as páginas especializadas complexificou ainda mais essa etapa da pesquisa.

Aos moldes do que já estava fazendo com o questionário das *camgirls*, passei a anotar no meu diário de campo, de modo disperso, tudo aquilo que eu gostaria de perguntar aos sites – nesse momento já estávamos em meados de abril de 2017. Não

bastasse toda a falta de ordenação e estruturação das perguntas, resolvi que seria útil construir quatro roteiros de entrevistas diferentes: um para as modelos que estão atuando ativamente; outro para aquelas que se apresentam esporadicamente (que possuem como fonte de renda outra atividade); o terceiro para as que estão em outros ramos dos mercados do sexo (são acompanhantes ou atrizes pornô); e o último para as duas páginas especializadas em *camming* selecionadas para comporem o estudo. Me mantive concentrada nessa ideia até o final de maio, período em que estava finalizando a confecção desse material.

Acabei produzindo quatro versões do guia para entrevistas: o das *camgirls* possuía cinco tópicos, dentre os quais o primeiro versava sobre o início no *camming* e continha 11 perguntas; o segundo era sobre consolidação nesse ramo e possuía nove questões; o terceiro era sobre a dinâmica nos sites, composto por oito indagações; o quarto dizia respeito à relação das modelos com os usuários, com seis interrogações; e o último era um item genérico acerca da compreensão da prática de *webcamming*, abrangendo nove questionamentos. O questionário para as modelos que não permaneciam assíduas na prática envolvia três subdivisões: duas eram exatamente iguais ao das modelos atuantes (início e consolidação no *webcamming*), e um deles era denominado transição, relativo ao processo de afastamento da exibição online. O material para as mulheres que estavam também em outros ramos dos mercados do sexo tinha um sexto ponto muito curto (com 4 perguntas), relativo a esse outro serviço (mais comumente a prostituição e a pornografia). Por último, o arquivo das páginas especializadas englobava 16 questões gerais que buscavam apreender o surgimento dos websites e seu estabelecimento, bem como dados técnicos, como número total de *camgirls*, de usuários e de acesso³⁸.

Já na primeira revisão de todo esse material abandonei completamente a ideia de utilizar quatro questionários no total, e reduzi para apenas dois: um para as *camgirls* e outro para os sites. Diminui o número de tópicos no primeiro, que passou a conter apenas três distintas seções, sendo que a primeira ficou com seis questões, a segunda e a terceira com oito. Mantive apenas seis perguntas para as páginas especializadas. Na sequência criei um arquivo com um texto de convite para ser enviado a todos aqueles que eu gostaria que participassem da pesquisa: com a finalidade de me aproximar mais das mulheres e aumentar a chance de sua participação, coloquei ao final do texto os

³⁸ Todo o material das entrevistas citados na metodologia se encontra na seção de anexos.

links para minhas redes sociais pessoais e também para meu currículo na plataforma lattes³⁹. Apesar de já possuir o material completo, ainda não havia desenvolvido uma estratégia para me aproximar das modelos, muito menos tinha pensado em como me comunicar com os dois websites principais, já que eles não mantêm seus contatos disponíveis.

Privilegiei desenvolver um mecanismo para convidar primeiro as *camgirls* para participarem das entrevistas e optei por utilizar primordialmente o *Direct Message* (DM) do Twitter. Apesar de essa estratégia ter sido efetiva na maioria dos casos, ela apresentou uma série de entraves: como inicialmente somente eu seguia as modelos, muitas das abas de mensagens não estavam disponíveis para mim; além disso, a depender da quantidade de DM que eu enviava, o Twitter impedia que eu continuasse a me comunicar por meio de sua plataforma, redirecionando o texto de convocação para a caixa de spam. As primeiras tentativas de contato com as modelos ocorreram ao final de maio de 2017: eu enviava cerca de cinco convites diariamente, sempre avaliando as restrições impostas pelo Twitter. Não raro aparecia uma advertência de que eu havia encaminhando mais mensagens do que o permitido por dia.

Tendo em vista os obstáculos impostos pelo Twitter, busquei outras vias para contatar as modelos a fim de aumentar as minhas possibilidades de conversar com elas. Algumas *camgirls* divulgam emails de trabalho e seus blogs pessoais em suas redes sociais, e muitas vezes é possível encontrar alguns contatos realizando uma busca no Google. Utilizei esses outros meios sempre que eles estiveram disponíveis. Além disso, descobri o sistema de DM no Instagram⁴⁰ e também passei a enviar os convites por lá. Continuei encaminhando cerca de cinco mensagens por dia, devido à dificuldade que eu tinha em localizar algumas mulheres.

Em concomitância, criei um arquivo com o nome de todas as *camgirls* que eu pretendia convidar para a entrevista e o subdividi em quatro partes: na primeira constavam as modelos que eu já havia enviado o convite; na segunda ficavam aquelas que eu ainda não tinha conseguido contatar; na terceira estavam as mulheres para as quais eu iria enviar mensagens na sequência; e na última ficavam elencados os contatos

³⁹ Naquele momento minha intenção era demonstrar para as *camgirls* que eu realmente exista (não se tratava de um perfil *fake*) e que a pesquisa estava efetivamente sendo desenvolvida. Acreditei que ao expor abertamente quem estava por trás da mensagem, as modelos teriam mais interesse em retornar o contato.

⁴⁰ O *Direct Message* do Instagram não é muito eficiente porque ele permite enviar apenas textos pequenos. Quando esse era o único recurso, eu diminuía o tamanho do convite e o enviava em duas partes.

estabelecidos (todas aquelas que me responderam). No fim desse documento eu listava todos os dias nos quais eu havia encaminhado a carta-convite. Todo o processo durou um mês e meio e, ao final, eu estava seguindo 60 *webcam models* no Twitter⁴¹: mandei para 28 delas o convite e consegui retorno de 20, mas somente 15 garotas participaram da entrevista⁴².

Inicialmente imaginava que seria possível realizar algumas entrevistas pessoalmente (principalmente com as modelos que residiam em São Paulo e região metropolitana), enquanto outras teriam que ser feitas através de comunicadores instantâneos - centralmente o Skype - ou mesmo por telefone (devido à distância geográfica). Na realidade todas as *camgirls* que demonstraram interesse em colaborar com essa etapa da pesquisa estavam dispostas apenas a conversar online (muitas inclusive me advertiram que não ligariam a câmera, estabelecendo o diálogo apenas por voz). O primeiro retorno que obtive para a série de mensagens que enviei revelou o conjunto de dificuldades que eu enfrentaria durante o percurso da investigação: senti que a modelo estava muito desconfiada quanto à finalidade da conversa e sobre a pertinência de sua participação. Na mensagem que ela me encaminhou via Twitter dizia: “sou uma das garotas mais preteridas no site” e por isso “não sei se sou indicada para a pesquisa”. Além dessa ressalva, ela me escreveu que se apresentar online “vai bem além de tirar a roupa” e que o *camming* “é um universo vasto mesmo, minha formação é nutrição, mas já pensei até em fazer psicologia depois que me tornei camgirl de tanto ter que lidar com comportamento humano hahahah já trombei desde religioso querendo me ‘salvar’ até pedófilos”.

A despeito da série de mensagens que troquei com a primeira *camgirl* que me retornou, ela se recusou a participar da entrevista. O mesmo aconteceu com mais dois contatos subsequentes, que inicialmente demonstraram interesse em colaborar, mas quando encaminhei o material (Termo de Consentimento e Questionário) desistiram prontamente. Desde o momento em que comecei a preparar a etapa de conversa com as modelos, sempre tive em mente desenvolver um processo honesto e transparente, repassando para as minhas interlocutoras todas as informações e os detalhes necessários.

⁴¹ Mesmo depois que eu consegui 15 modelos para participarem da entrevista, não deixei de seguir nenhuma das 60 garotas. Mas como o universo do *camming* é rotativo, muitas delas desapareceram das redes sociais (algumas tiveram o perfil excluído pela administração do Twitter e Instagram, outras saíram do ramo, algumas mudaram seus nomes).

⁴² Todas as entrevistas foram transcritas literalmente. Apenas algumas passagens foram suprimidas, tais como nomes dos sites nos quais as meninas se apresentam e informações pessoais. Após a transcrição criei um arquivo suplementar com um pequeno perfil de cada *camgirl* e com uma pré-análise do material. A partir desse primeiro exame, montei toda a estrutura da tese.

Depois da terceira negativa percebi que não se tratava de fornecer uma série de documentos que continham todos os dados e passos do diálogo que estabeleceríamos online, mas de construir uma relação de reciprocidade na qual elas pudessem confiar⁴³.

Estabelecer os contatos iniciais e conseguir a primeira entrevistada foi bem difícil: a maioria das mulheres não respondia às mensagens e as que retornavam apresentavam dúvidas quanto à finalidade da conversa. Eu aventava a possibilidade de ter que construir outras estratégias para me aproximar das modelos. Na ocasião do envio dos convites, comecei a seguir no Twitter alguns perfis que fazem a divulgação das *camgirls* (e também de outros ramos dos mercados do sexo) e que possuem ampla capacidade de publicidade (já que a maior parte das pessoas envolvidas no *camming* acompanha essas páginas). Caso não conseguisse garotas dispostas a participarem da entrevista, tentaria contatar os divulgadores e combinar com eles uma forma de disseminar a pesquisa nas redes sociais. Felizmente não precisei lançar mão desse recurso: consegui minha primeira interlocutora em 04 de junho de 2017 e durante todo esse mês conversei com 14 *camgirls*; em agosto do mesmo ano realizei o décimo quinto diálogo.

Inicialmente eu mantive o questionário e sempre o enviava alguns dias antes da entrevista. Com relação ao Termo de Consentimento, permiti que as entrevistadas o assinassem com seus pseudônimos, eliminando a necessidade de revelar o nome de nascença e documentos pessoais. Notei prontamente que se eu exigisse informações privadas, relativas à vida fora do trabalho, seria impossível dialogar com as *camgirls*, inviabilizando a pesquisa. Tendo em vista que o Termo, ao ser preenchido dessa forma, não possui nenhuma validade legal, sempre começava as conversas informando todos os itens discriminados nesse arquivo, indagava se elas tinham alguma dúvida e se estavam de acordo. Em caso de resposta positiva, questionava se elas gostariam de ser identificadas por pseudônimos na investigação.

Antes de explicar como decidi identificar as minhas interlocutoras ao longo da pesquisa, quero destrinchar mais alguns elementos que marcaram minha interação com as *camgirls*. Após realizar quatro entrevistas, percebi que os temas especificados no questionário surgiam espontaneamente e eram recorrentes em todas as conversas - muitas vezes eu nem precisava mencionar determinados assuntos. Diante dessa situação,

⁴³ Em todos os momentos da pesquisa sempre me preocupei em ser sincera com as modelos, motivo pelo qual privilegiei o uso de minhas redes sociais pessoais. Entretanto, na fase de entrevistas, confundi ser franca com expor detalhadamente toda a burocracia que envolve uma investigação com entrevistas.

refiz o arquivo com as perguntas (condensado algumas delas) e passei a utilizá-lo apenas como um guia para mim. Na conversa com as modelos, deixava que elas expressassem livremente as questões que as concerniam, sempre começando nosso diálogo perguntando pelo memento em que elas tinham conhecido o *webcamming* e decido entrar para essa atividade. Continuei apresentando o Termo de Consentimento por escrito e mantive sempre informando oralmente todos os detalhes desse documento, e somente realizava as entrevistas quando todas as dúvidas estivessem sanadas e elas concordassem com todas as cláusulas. Além disso, ao final de cada diálogo sempre perguntava se havia mais algum aspecto do *camming* que elas gostariam de comentar ou se tinha alguma recomendação para a pesquisa, abrindo espaço para que as modelos falassem abertamente sobre os temas que considerassem importantes.

Mesmo com uma boa taxa de retorno, ocorriam problemas recorrentes, tais como: desmarcação das entrevistas em cima da hora - entrevistas estas que muitas vezes nem eram reagendadas; modelos que demonstravam inicialmente interesse em participar, mas posteriormente desapareciam e paravam de responder; *camgirls* que concordavam em serem entrevistadas, mas esperavam um retorno imediato da nossa conversa (em forma de publicação que pudesse ampliar a visibilidade de seu trabalho). Em meio a essa conjuntura, dois acontecimentos simultâneos foram fundamentais para desgatilhar minha participação no universo do *camming* e ampliar a quantidade de garotas interessadas em falar comigo. O primeiro deles foi a quinta entrevista que realizei, com uma garota ingressante no *webcamming*, mas com uma boa rede de contatos no Twitter. Nosso diálogo foi bem fluido e, na minha impressão, ela considerou as questões e os temas abordados pertinentes, abrangendo diversos aspectos da atividade. Quando íamos nos despedir, perguntei se ela poderia me passar alguns contatos de outras *webcam models* para que eu pudesse ampliar meu rol de interlocuções. E, para a minha surpresa, ela divulgou a pesquisa em seu perfil no Twitter e me marcou na postagem⁴⁴. Desse dia em diante eu fui adicionada por várias *camgirls*, o estudo foi *retweetado* por inúmeros usuários e, por consequência, eu consegui ter muito mais sucesso na procura por pessoas dispostas a compartilhar comigo sua visão sobre a exibição online.

O segundo acontecimento primordial foi o meu comparecimento na *Erotika Exxxperience*, momento no qual pude conversar pessoalmente com as *camgirls*. Quando

⁴⁴ Decidi não disponibilizar esse print na tese para garantir a privacidade de minha interlocutora.

decidi ir à feira, considerei proveitoso avisar a todas as minhas entrevistadas o dia no qual estaria presente para propor um encontro face-a-face no intuito de nos conhecermos. Durante o único dia do evento no qual compareci, consegui fazer dois novos contatos e conhecer algumas modelos que eu já tinha conversado, e ainda pude me familiarizar com a dinâmica dos shows, levando em consideração a perspectiva de minhas interlocutoras e daqueles que as assistem.

Eu também enviei cartas-convite⁴⁵ aos dois principais sites especializados em *camming* no Brasil, nas quais eu explicava os objetivos da pesquisa e o tipo de participação das empresas (por meio de entrevistas via Skype ou por escrito). Fiz duas tentativas de contato com cada uma das páginas, sendo que na primeira delas mandei mensagens aos suportes (único e-mail localizado a princípio) e na segunda encaminhei o texto diretamente para o setor de marketing e para a administração. O Site 2 demonstrou um interesse inicial, mas logo que recebeu as questões desistiu de colaborar. Mesmo transformando todo o roteiro e deixando apenas perguntas gerais (como número de acesso e número de inscritos), eles não quiseram associar sua marca à pesquisa (mesmo com a garantia de sigilo). O Site 1 não retornou ao primeiro e-mail que enviei. Somente depois de conhecer uma de suas funcionárias na *Erotika Exxxperience* obtive uma resposta que, no fim das contas, negava a cooperação com a investigação. Recebi a seguinte mensagem:

Infelizmente não vamos poder colaborar com a sua pesquisa. A administração optou por não participar, pois implicaria em divulgar informações confidenciais do negócio, assim como estratégias comerciais sigilosas. Por fazermos parte do mercado adulto, existe também muito preconceito e abordagens negativas a respeito da profissão de *camgirl*, nos preocupamos muito com o tipo de imagem que será atrelada às modelos. Já tivemos experiências negativas com compartilhamento de informações desse gênero. Por isso a administração optou por não fazer mais esse tipo de colaboração.

Não obstante a minha completa discordância em relação à postura do Site 1, que se recusou a colaborar por medo de corroborar com uma suposta “visão negativa” sobre o *camming* que a pesquisa poderia disseminar, sua resposta ecoou a desconfiança da maior parte de minhas interlocutoras: como a atividade seria retratada na tese foi uma questão recorrente e, mesmo sem ter certeza do que eu efetivamente faria, sempre tive o cuidado de advertir que a visão das *camgirls* guiaria a minha escrita – já que me concentrava em sua experiência e trajetória para compreender essa prática. À medida

⁴⁵ Esse material também se encontra na seção de anexo.

que eu realizava mais entrevistas, o tipo de discussão e representação do *webcamming* que pretendia fazer ia se alterando, tendo sempre em vista manter uma postura ao mesmo tempo crítica e cuidadosa. Somado a isso, uma de minhas entrevistadas me perguntou se eu ia “falar mal ou bem das *camgirls*”, ao que eu respondi que preservaria a opinião de todas as interlocutoras na medida do possível.

Desde quando formulei a pesquisa, sempre soube que me debruçaria sobre um universo permeado por tensões e marcado por diversos estigmas; no entanto nunca imaginei que enfrentaria tantos dilemas éticos, que geraram consequências nas formas de retratação da atividade e dos sujeitos nela envolvidos, nas opções de identificação das entrevistadas e na minha própria postura como pesquisadora. As decisões que tomei para desenvolver esta investigação e escrever sobre o *camming*, que apresento na sequência, estão ancoradas tanto no compromisso que assumi com as *camgirls* de centralizar suas narrativas sempre que possível, quanto em uma postura investigativa crítica que sempre prezei, para a qual não basta o mero relato dos fenômenos em escrutínio.

A primeira questão que quero tratar é a respeito da representação das *camgirls* no estudo. Meu ponto de partida para pensar esse primeiro dilema ético é a reflexão de Agustín (2010a), que me mostrou os problemas de adotarmos concepções pré-definidas de quem são os sujeitos que trabalham nos mercados do sexo. Em completa oposição à postura de W. Silva (2014), que iniciou sua investigação considerando o *camming* como uma modalidade de prostituição virtual (e posteriormente adotou, de modo irrefletido, a alcunha de *stripper virtual*), eu me mantenho na linha de Agustín, para quem é preciso estar atento à narrativa das próprias trabalhadoras e suas visões sobre a atividade que exercem. Nesse ponto, eu apresento a minha primeira ressalva: em toda a extensão deste texto eu considere a visão das *camgirls* sobre seu papel e sua atuação online, entretanto não aderi totalmente ao seu discurso, reconhecendo que ele tem finalidades estratégicas que transbordam sua superfície. Dito isso, levar em consideração o relato de minhas interlocutoras e manter uma atitude respeitosa com relação a ele não significa coadunar com a interpretação que elas construíram no transcorrer do nosso diálogo.

Outra postura que evitei foi considerar que as modelos com quem conversei possuem uma consciência apenas parcial ou mesmo não têm a menor lucidez de sua participação no *camming* e da posição que ocupam dentro e fora dos mercados do sexo. Ao contrário, me ancorei na concepção de que as pessoas possuem um conhecimento prático e tácito sobre a realidade que as circundam (BERGER E LUCKMANN, 2004).

Isso significa afirmar que as *camgirls* estão cientes de sua existência imediata, o que colabora para os modos através dos quais elas vão se posicionar no universo do exibicionismo online (maneja uma série de estratégias); não obstante, elas não refletem analiticamente e detidamente sobre essa mesma realidade (tal como o esforço que estou fazendo ao longo dessas linhas). Ecoando as preocupações de Agustín (2002), reconheci desde o princípio deste trabalho a urgência de centralizar as trajetórias, as motivações e os desejos das mulheres envolvidas no *webcamming* - fatores fundamentais para compreender a formação desse universo⁴⁶.

Adjacente à problemática da retratação das pessoas e da realidade em estudo se encontra a questão ética da negociação das interpretações realizadas tanto pela pesquisadora quanto pelas entrevistadas. Se é possível concordar prontamente com a afirmação de Gaskell de que “a entrevista é uma tarefa comum, uma partilha e uma negociação da realidade” (2003, p. 74), me indago se o mesmo é válido para o momento de compilação e apresentação dos sentidos compartilhados no diálogo. É fundamental levar em consideração aquilo que Cláudia Fonseca (2010) denomina de assimetria política que perpassa a relação entre quem descreve e quem é descrito. Essa dissimetria é própria do processo de pesquisa, como aponta Natália Padovani (2017), situando a produção de saber na arena da política e das desigualdades de poder. Uma consequência direta dessa dissimetria é o modo a partir do qual a investigadora maneja as falas e os discursos de suas interlocutoras, posicionando-os e arranjando-os de formas que nem sempre correspondem àquilo que as entrevistadas gostariam de afirmar (ou mesmo estariam dispostas a assumir). Uma postura contrária a essa, mas que também é consequência da desigualdade apresentada por Fonseca (2010), seria apresentar no texto final apenas aquilo que as participantes do estudo almejassem que fosse escrito, aderindo, assim, integralmente à sua percepção da realidade.

A minha experiência de pesquisa junto às *camgirls* foi perpassada por todos os dilemas éticos acima descritos e posso afirmar que eles ficaram nítidos para mim quando várias modelos me questionaram se eu iria “falar mal ou bem” da atividade que elas exercem. Uma delas inclusive foi assertiva ao afirmar que o *camming* “é muito especulado né, por mais que não pareça, que seja algo novo, é muito especulado”, fato que torna difícil o acesso aos sujeitos envolvidos nesse universo e aumenta a

⁴⁶ Nos dois próximos capítulos de análise essa afirmação se torna ainda mais clara, haja vista que, para construir um perfil do *camming* brasileiro e compreender seu posicionamento diante de outros ramos dos mercados do sexo, eu me baseei nos relatos das modelos obtidos através das entrevistas.

desconfiança com qualquer um que apareça querendo escrever sobre ele. Esse clima de suspeita fez com que eu sempre me sentisse impelida a compactuar com a perspectiva das modelos sobre o exibicionismo online, na minha compreensão uma visão “positiva” desse ramo.

Por outro lado, como adverte Agustín, nem sempre conseguimos identificar se os entrevistados estão sendo honestos, “uma vez que não existe nenhuma ética universal, não é uma crítica afirmar que os sujeitos da pesquisa podem não dizer (toda) a verdade aos pesquisadores” (2004, p.1). Muitas falas podem ser (e são) proferidas tendo em vista as expectativas que os interlocutores atribuem à pesquisa, ou mesmo correspondem ao que eles gostariam de ver publicado. Está claro para mim que em meu campo esses dois elementos apareceram em conjunto, condicionando e direcionando os discursos das *camgirls*. Posso afirmar também que por um tempo razoavelmente longo silenciei meu senso crítico e me esqueci de que ambos os lados da interlocução possuem objetivos específicos ao estabelecerem o diálogo – principalmente porque, nesse caso, não se trata de trocas espontâneas e voluntárias, mas de um contexto de pesquisa acadêmica.

Após essa reflexão ética acerca da condução e apresentação dos resultados da pesquisa, tomei a decisão de não me fiar integralmente à percepção de minhas entrevistas, muito menos posicionar suas falas mantendo a sequência em que apareceram na nossa interlocução. Acredito que não é tarefa da investigação acadêmica reportar apenas aquilo que os interlocutores de determinado estudo disseram ou gostariam que constasse no material final. Mantendo sempre o respeito pelas entrevistadas e por sua disposição em conversar comigo, conduzi a escrita dos próximos capítulos baseada em suas interpretações sobre o *camming*, mas também ancorada em um viés crítico, desvendando nesse universo complexo e multifacetado as inconsistências entre discursos e práticas e seus usos estratégicos, que possuem intenso impacto na configuração do exibicionismo online no Brasil. Destarte, a tese é resultado de duas visões distintas (a minha e a das modelos), que se encontram em alguns pontos e se afastam em tanto outros, perpassada por uma postura que privilegia a crítica, mas sem perder a singularidade dos sujeitos.

Encaminhando para o desfecho desta seção, apresento um último dilema ético atrelado à garantia de privacidade das entrevistadas, qual seja: o uso de pseudônimos. Em sua reflexão sobre o tema, Fonseca (2010) reconhece que o anonimato nem sempre é sinônimo de respeito aos interlocutores e pode ser associado aos rostos borrados e às

tarjas pretas que vemos cobrindo o rosto daqueles que têm algo a esconder. A autora declara também que o uso de nomes fictícios nem sempre garante que as interlocutoras não serão identificadas por outrem, principalmente porque determinadas falas ou traços da personalidade podem ser automaticamente associados a uma pessoa⁴⁷. Ainda que o anonimato não proteja plenamente os indivíduos que participaram de determinado estudo, na proposta de Fonseca ele seria “a maneira do antropólogo assumir sua responsabilidade autoral *vis a vis* das pessoas que colaboram na pesquisa” (2010, p. 49).

A princípio considerei importante e necessário consultar minhas interlocutoras sobre como elas gostariam de serem identificadas no estudo. Ao meu ver, nesse caso em específico, a opção das *camgirls* deveria ser respeitada e adotada, até porque elas são as pessoas mais cientes das possíveis consequências da divulgação de suas identidades. Se elas gostariam que seus nomes de trabalho contassem na pesquisa facilitando que elas localizassem suas contribuições, qual motivo eu poderia ter para fazer exatamente o contrário? Até porque o pseudônimo que usam como modelos virtuais é público e acessível para um amplo contingente de indivíduos. Do total de quinze entrevistas que realizei, apenas em duas delas as modelos afirmaram preferir uma nomenclatura diferente daquela usada nos sites especializados. O amplo consenso foi em não divulgar, em nenhum momento, seus nomes de nascença, os quais também não são revelados no universo do *camming*.

Se, por um lado, manter o uso dos pseudônimos de trabalho das *camgirls* facilitaria o reconhecimento de suas falas na pesquisa e poderia gerar algum tipo de publicidade para elas (algo sempre almejado pelas modelos), por outro prisma minhas interlocutoras poderiam ser expostas em outros ambientes nos quais elas não têm interesse em serem identificadas – a circulação de uma tese, embora restrita, é sempre indeterminada e não sabemos de antemão em quais espaços ela irá efetivamente se difundir. Antes de tomar uma decisão, questionei-me qual seria o principal objetivo em assumir o anonimato, me contrapondo ao desejo de minhas entrevistadas: quem o anonimato iria proteger? A mim ou a elas? Qual poder de afetação é possível atribuir a um trabalho acadêmico, que só chega quase que exclusivamente aos seus pares? Qual a importância que as próprias modelos conferem à sua participação na pesquisa? Em que medida aquilo que elas falaram, caso fosse relacionado à sua imagem, iria prejudicar

⁴⁷ Um excelente exemplo dessa situação ocorreu durante a minha leitura de trabalhos brasileiros debruçados sobre *camming* ou temas afins, nos quais eu pude identificar vários dos entrevistados ainda que seus nomes não constassem nos textos.

seu trabalho e sua vida pessoal? Será que elas mesmas não pensaram sobre os danos que poderiam causar sua associação na pesquisa? Quais os impactos de elas mesmas não conseguirem se reconhecer na pesquisa? E como seria possível pensar um processo de *feedback* nesse contexto?

Minha decisão foi por manter o anonimato na tese, atribuindo às minhas interlocutoras nomenclaturas escolhidos arbitrariamente por mim⁴⁸. Vou utilizar nomes pessoais, retirados de uma lista geral de prenomes populares no Brasil e selecionados de modo randômico. Meu objetivo é salvaguardar a identidade das *camgirls* com quem conversei, mas sem perder sua singularidade e individualidade – o que poderia ocorrer caso eu optasse por pseudônimos genéricos ou mesmo utilizar numeração (como modelo 1, modelo 2, etc.). Sendo esse um trabalho em conjunto (pelo menos é assim que eu o vejo), esse critério esteve sujeito à avaliação e concordância das mulheres com quem conversei, mantendo meu combinado inicial de que eu devolveria os resultados para cada uma delas – e consideraria (mas não acataria prontamente) sua opinião na redação final. Antes de encerrar meu relato metodológico quero apresentar aos meus leitores as quinze garotas que dialogaram comigo por meio de um quadro demonstrativo (Quadro 1) exposto abaixo.

Quadro 1: perfil das quinze *camgirls* entrevistadas

<i>Camgirl</i>	Idade	Localidade	Tempo de <i>camming</i> ⁴⁹	Meios de trabalho	Twitter (entrada e número seguidores ⁵⁰)	Mês da entrevista
Denise	24 anos	Rio de Janeiro	Iniciou em outubro de 2016 (11 meses)	Sites brasileiros e estrangeiros; Skype	Outubro de 2016. 1.745 seguidores	Agosto de 2017
Angélica	23	São Paulo	Iniciou em	Site	Janeiro de 2016.	Junho de

⁴⁸ Esta decisão, dissonante de todo meu questionamento anterior, foi tomada tendo em vista os trâmites que envolvem o Comitê de Ética e a própria avaliação da tese pelos pares (em diversos momentos foi recomendado que eu mantivesse pseudônimos escolhidos por mim).

⁴⁹ O tempo é contado até a data da entrevista. Muitas das modelos saem do ramo, ou mesmo mudam seu nome, tornando muito difícil a tarefa de acompanhá-las e saber efetivamente o tempo que permanecem na atividade.

⁵⁰ O número de seguidores corresponde ao período de compilação do material das entrevistas, aproximadamente setembro e outubro de 2017.

	anos		outubro de 2015 (20 meses)	brasileiro (exclusiva ⁵¹)	6.189 seguidores	2017
Anelise	24 anos	São Paulo	Iniciou no segundo semestre de 2015 (cerca de 24 meses)	Site brasileiro (exclusiva); Suicide Girl ⁵²	Outubro de 2016. 3.857 seguidores	Junho de 2017
Beatriz	19 anos	Nordeste (estado não identificado)	Setembro de 2016 (11 meses)	Site brasileiro	Maior de 2017. 13,5 mil seguidores	Junho de 2017
Carolina	33 anos	Rio de Janeiro	Iniciou em 2012 (cerca de 60 meses)	Sites brasileiros e estrangeiros; Skype	Novembro de 2012. 12,9 mil seguidores	Junho de 2017
Cibele	21 anos	São Paulo	Outubro de 2015 (20 meses)	Site brasileiro (exclusiva)	Maior de 2016. 5.065 seguidores	Junho de 2017
Dandara	24 anos	Florianópolis	Novembro de 2016 (6 meses)	Site brasileiro (exclusiva); Skype; Suicide Girl; Xgirl ⁵³	Junho de 2017. 17,1 mil seguidores.	Junho de 2017
Eliane	32 anos	Florianópolis	Segundo semestre 2015 (cerca de 18 meses)	Site brasileiro (exclusiva); Skype	Fevereiro de 2016. 12,6 mil seguidores	Junho de 2017
Gisele	19 anos	São Paulo	Janeiro de 2017 (6 meses) ⁵⁴	Site brasileiro (exclusiva); Suicide girl; Xgirl	Dezembro de 2016. 20,9 mil seguidores	Junho de 2017
Fernanda	26 anos	São Paulo	Junho de 2016 (11 meses)	Site brasileiro (exclusiva); Skype	Março de 2017. 952 seguidores.	Junho de 2017
Jeniffer	27 anos	São Paulo	Junho de 2015 (24 meses)	Site brasileiro (exclusiva)	Março de 2013. 11,5 mil seguidores	Junho de 2017
Lúcia	20	São Paulo	Fevereiro de	Site	Fevereiro de	Junho de

⁵¹ Existe um sistema de exclusividade das modelos em um dos sites especializados brasileiros. Elas só podem atuar por meio dessa plataforma e possuem algumas vantagens em relação à *camgirls* não-exclusivas. No próximo tópico vou destrinchar melhor esse aspecto.

⁵² Trata-se de um site especializado em fotografias pornográficas de mulheres supostamente fora dos padrões de beleza: gordas ou muito magras, com modificações corporais e piercings, tatuagens, cabelos coloridos, etc. É muito comum no *camming* as mulheres transitarem no ramo da pornografia, seja em fotos ou vídeos.

⁵³ São garotas que atuam no site brasileiro de pornografia alternativa em vídeo denominado Xplastic.

⁵⁴ Essa modelo começou a atuar em 2015 de forma esporádica e somente em 2017 passou a se apresentar assiduamente através do site.

	anos		2017 (4 meses)	brasileiro (exclusiva); Suicide girl; Skype	2017. 568 seguidores	2017
Manuela	47 anos	São Paulo	Abril de 2016 (14 meses)	Site brasileiro (exclusiva); garota de programa; Skype	Setembro de 2016. 4.298 seguidores	Junho de 2017
Milena	25 anos	São Paulo	Dezembro de 2013 ou Janeiro de 2014 (42 meses)	Site brasileiro (exclusiva); Suicide girl; Skype	Junho de 2014. 1.215 seguidores	Junho de 2017
Nicole	20 anos	São Paulo	Dezembro de 2015 (18 meses)	Site brasileiro (exclusiva); Suicide girl; Xgirl; Skype	Janeiro de 2010. 10,9 mil seguidores	Junho de 2017

Fonte: autoria própria.

3. Em busca de um perfil do *webcamming* brasileiro

Desde que iniciei a pesquisa no universo brasileiro do WEC, sempre me indaguei sobre sua organização e estruturação, elementos fundamentais tanto para conhecer de modo aprofundado a realidade sobre a qual me debruçava, quanto para compreender as dinâmicas que compunham a disputa por sua definição (tema central desta tese). A princípio, busquei por uma literatura nacional sobre o *camming*, esperando encontrar nela as principais características da atividade. Deparei-me com pouquíssimas publicações, que em sua maioria estavam tateando esse campo e não conseguiam fornecer informações mais detalhadas sobre o WEC.

No Brasil, somente a partir de 2010 começaram a ser desenvolvidos esparsos trabalhos que buscaram compreender o fenômeno emergente e crescente de sites que ofereciam “salas para exibição” ou “sexo por webcam”, povoados, principalmente, por mulheres que criavam voluntária e individualmente um perfil nesses espaços e passavam a comercializar uma diversidade ampla de práticas eróticas-sexuais por meio de webcam. Considerando a novidade dessa prática em solo brasileiro, esperava encontrar nos autores nacionais um esforço em compreender como o *webcamming* se constitui e como ele dialoga com trabalhos sexuais afins, buscando elaborar uma compreensão holística desse fenômeno. Contudo, os/as investigadores/as que se dedicaram ao tema optaram por reduzir o WEC a outros ramos do comércio de sexo e erotismo mais populares, quase sem se esforçar por compreender as dinâmicas internas desse universo. Duas tendências se impuseram: a primeira tratou o *camming* como uma forma de prostituição, considerando-o como um “programa virtual”, enquanto a segunda compreendeu-o como um braço da pornografia, agora qualificada como “interativa”.

O trabalho mais extensivo sobre o *webcamming* brasileiro é a tese de W. Silva (2014), que interpretou essa atividade como um “strip-tease virtual”. Iniciando seu estudo em 2010, o autor aponta a novidade do *camming* no Brasil, demonstrando a dificuldade em definir e delinear suas principais características. Em seu trabalho, W. Silva (2014) opta por nomear as mulheres que trabalham nesse ramo como “strippers virtuais”, utilizando a categoria que encontrou durante a pesquisa de campo. Entretanto, em sua opinião o WEC é uma modalidade de “prostituição virtual”, haja vista o tipo de interação que as mulheres estabelecem com seu público. Em artigo posterior, W. Silva e Jayme (2015a) questionam a natureza das práticas desenvolvidas através de webcam: elas estariam situadas no terreno da encenação ou seriam propriamente sexo? Nas produções subsequentes, como em W. Silva (2015, 2016) e W. Silva e Jayme (2015b),

encontramos essa mesma tensão no momento de delinear os “shows por webcam”, que ora são tratados como performances de strip-tease, ora como um “programa virtual”. Em minha compreensão, ainda que os autores tenham interpretado esse universo a partir de um tencionamento das falas das entrevistadas, eles optam por manter uma desconfiança sobre o caráter performático e de encenação da exibição online. Por isso mesmo a ideia de “incorporação” e de “personagem” é a que rege a leitura desse universo. Vale notar que ao final de sua tese, W. Silva (2014) escolhe reforçar sua posição pessoal do *camming* como um “programa virtual”.

Acompanhando essa linha argumentativa, Saldanha (2017) e A. Silva (2017) corroboram a percepção de que o WEC é a prostituição em ambiente virtual. A única diferença entre esses dois autores é que o primeiro é mais convicto de sua posição que o segundo. No trabalho de A. Silva (2017), a ideia de prostituição se mistura a de “pornografia interativa e amadora”. Segundo o autor, o *camming* é um “ambiente dicotômico de exibicionismo/voyeurismo” (SILVA, 2017, p. 43), que promove “consumo e produção de imagens de exibicionismo sexual online” (*idem*, p. 44) – aproximando-o do pornô. Ao mesmo tempo, segundo A. Silva, ele é uma modalidade de “uso da webcam para fins sexuais” (2017, p. 44) e uma “simulação de um sexo” ou mesmo “sexo virtual” (2017, p. 57) – agora tratando-o como prostituição. Saldanha (2017), por sua vez, se dedicou a analisar o *Cam4*, se concentrando nos homens exibicionistas mais conhecidos como *camboys*. Para ele, os sites especializados são “proxenetas virtuais” e os *camboys* “michês online”, definindo as apresentações pela webcam como uma prostituição de rua 2.0. Mesmo tendo contado com os vocabulários utilizados pelas pessoas em campo e suas formas de definir a atividade que exercem, Saldanha (2017) preferiu dizer que essas concepções não passam de mecanismos para se afastar dos estigmas do trabalho sexual. Com relação aos websites, o pesquisador ainda pontua que sua definição como “distribuidores de conteúdo” seria uma proteção legal, uma vez que no Brasil a legislação considera cafetinagem como crime. Saldanha (2017) utiliza palavras como “cibersexo pago”, “ciberprostituição” e “práticas cibersexuais” para se referir à atuação dos *camboys*. Segundo ele, podemos considerar o WEC como “pornografia para quem apenas vê e cibersexo para quem interage” (SALDANHA, 2017, p. 185).

Ao contrário da pesquisa de W. Silva (2014), as investigações de A. Silva (2017) e Saldanha (2017) se centraram apenas nas observações de sites especializados, depreendendo de sua própria experiência no campo suas compreensões sobre o

camming. Nenhum dos dois autores realizou entrevistas ou conheceu os outros ambientes online em que *camgirls* e *camboys* circulam. Acredito que essa formatação dos estudos tenha colaborado para uma interpretação parcial e fragmentada do fenômeno, pouco atenta às sensibilibidades da empiria e perpassada pelos julgamentos dos pesquisadores. Ambos notam apenas timidamente a controvérsia que perpassa o *webcamming* sobre sua definição, optando por se contrapor às disputas por sentido que definem esse fenômeno. Até o momento, desconheço outros empreendimentos de fôlego que tenham buscado compreender a cosmovisão dos atores sociais envolvidos no WEC, sendo a tese de W. Silva (2014) e meu próprio trabalho os principais investimentos analíticos nesse sentido⁵⁵.

Além dos autores supracitados, Ribeiro e Miranda (2012), Lopes (2013), Miranda (2014) e M. Silva e A. Silva (2016) publicaram artigos sobre o *camming*, todos eles considerando-o como pornografia amadora e interativa. Todas essas publicações também se baseiam apenas na análise dos websites, sem acompanhar os *camboys* e as *camgirls* em outros ambientes e sem realizar entrevistas. A dicotomia entre encenação e prática de sexo aparece de forma recorrente nesses trabalhos, sempre conjugado às tentativas de definir o WEC como pornografia produzida ao vivo, que permite ao público interagir com as atrizes e os atores. O *webcamming* é compreendido como um desdobramento do filme pornô, que teria seu sistema de produção alterado devido ao advento das novas tecnologias de comunicação digitais. A novidade, nesse caso, fica à cargo das propriedades e possibilidades tecnológicas, mas não da própria atividade e seu desenvolvimento sociocultural. Seguindo a mesma linha de pesquisas sobre *alt porn*, esses autores repuseram uma distinção atualmente muito contestada entre “*netporn*” e “*porn on the net*” (Paasonen, 2018).

Acredito ser fundamental tentar compreender o porquê de as pesquisas sobre o *webcamming* terem seguido os caminhos apresentados acima. Por um lado, devemos considerar a novidade da própria prática em contexto nacional e as dificuldades em se aproximar e interpretar um fenômeno emergente, com contornos ainda indefinidos. Por outro lado, há uma certa facilidade em lidar com o novo a partir das lentes de outras atividades afins, mais conhecidas cotidianamente pelos pesquisadores. Ao meu ver, trata-se de uma dinâmica entre estranhamento e familiaridade que perpassa todos os

⁵⁵ Claro que essa percepção pode ser uma limitação de minha própria busca por teses e dissertações sobre o exibicionismo online, que não conseguiu encontrar outros trabalhos com entrevistas com *camgirls* e *camboys*.

trabalhos mencionados. Vejamos: todas as pesquisas citadas tomam a juventude e peculiaridade do *camming* como motores de interesse e importância da análise acadêmica; assim, é seu caráter exótico que justifica os empreendimentos reflexivos (em um primeiro olhar, ele é surpreendente e incomum). Entretanto, quando os estudos avançam para compreender seus contornos e suas características, percebemos o esforço em tentar enquadrá-lo como pornografia ou prostituição, ramos dos mercados erótico-sexuais dos quais se aproxima e que são mais conhecidos dos estudiosos. Nesse momento, o WEC abandona sua qualidade de empiria exótica e passa a figurar como uma realidade já conhecida, apenas realizada em outro ambiente sociocultural (as tecnologias digitais). Ao fim dessa operação, o exótico torna-se familiar. Em outras palavras, o exotismo é aquilo que impele atenção ao objeto, tornando-o relevante academicamente, mas é propriamente seu enquadramento em esquemas interpretativos já assentados que marca sua análise. Ao meu ver, isso ocorre devido ao abandono do contexto mais amplo de desenvolvimento do WEC (pensando-o em meio ao contexto de mediatização do comércio de sexo e erotismo) e das cosmovisões dos sujeitos (que na maioria das investigações não foram entrevistados).

A crítica que apresento nestas linhas iniciais é subsidiada pela importante ponderação de Strathern (2014) sobre os esquemas interpretativos que direcionam e condicionam a pesquisa etnográfica, sobretudo quando lidamos com fenômenos pouco explorados academicamente. Seguindo o raciocínio da autora em relação ao acionamento de categorias ocidentais para refletir acerca de outros contextos socioculturais (em seu caso, a cultura melanésia em geral e as mulheres de Papua Nova Guiné em particular), podemos compreender os perigos analíticos em confundir os esquemas simbólicos e argumentativos próprios do campo com as racionalizações do pesquisador e da pesquisadora. Partindo da crítica de Strathern (2014), conseguimos perceber que as pesquisas brasileiras sobre o *webcamming*, à exceção de W. Silva (2014), partiram das interpretações dos estudiosos e das estudiosas em direção às práticas sociais, centralizando a cosmovisão daqueles que produzem a pesquisa em detrimento da percepção dos pesquisados.

Seguindo com Strathern (2014), veremos que o ímpeto da pesquisa etnográfica (e de investigações que se dedicam a universos pouco explorados) é se defrontar com um conjunto de sentidos e significados compartilhados pelos sujeitos, organizados a partir de arranjos sensíveis que só podem ser apreendidos olhando atentamente para o mundo da vida dos investigados e das investigadas. O desafio consiste, portanto, em

apreender os sistemas de distribuição e estratificação das coisas e pessoas nos termos próprios ao universo analisado, (re)criando interpretativa e criticamente o campo conceitual e prático das experiências. Na letra da autora, trata-se de “como trazer certas cenas à vida, e como trazer vida às ideias” (STRATHERN, 2014, p. 175). Retomando o caso do *webcamming*, eu diria que é impossível compreendê-lo sem passar pela principal controvérsia que o fundamenta e o singulariza, que toma corpo em meio às narrativas e vivências das *camgirls* (e dos *camboys*). Faço minhas as palavras de Strathern, para quem “talvez devêssemos *buscar uma apreensão holística da maneira pela qual nossos sujeitos de pesquisa desagregam seus próprios construtos*” (2014, p. 241) ao invés de nos fiarmos em compreensões a priori dos fenômenos.

Passando para o cenário internacional, encontramos uma bibliografia mais aprofundada, composta por esforços em sumariar as principais características do *camming*, levando em consideração suas especificidades enquanto um novo ramo dos mercados eróticos. Mais adiante nesse capítulo vou detalhar as contribuições estrangeiras, que são meu ponto de partida para reconstruir a história do exibicionismo e me ajudaram a perceber uma série de especificidades dessa atividade no contexto brasileiro. Por ora quero salientar os trabalhos de Dobson (2004), Bleakley (2014), Danyelle Hamilton (2015), Jones (2015, 2016) e Paul Mathews (2017), cujas reflexões apontam para os modos de estruturação do *webcamming* nos Estados Unidos e nas Filipinas, revelando as dinâmicas de trabalho nos sites especializados, os regimes de contratação, os valores cobrados (tanto em termos de manutenção das salas das *camgirls* quanto dos usuários), o sistema de repasse do dinheiro para as modelos e os diversos agenciadores responsáveis por angariar mulheres para o trabalho. Apesar da importância das produções supracitadas (e das várias outras as quais irei recorrer ao longo desse capítulo), nelas também não encontrei nenhuma tentativa de esboçar um perfil da prática, especificando de modo sistemático todos os detalhes que a formatam.

Diante da escassez de material bibliográfico, somada à carência de investidas de definição do *camming*, o primeiro esforço investigativo da presente tese é esmiuçar e detalhar os elementos constitutivos do exibicionismo online brasileiro (elementos esses que possuem diversas similaridades com o contexto internacional), construindo desse modo um perfil detalhado e acurado dessa atividade. De partida já afirmo que me inspirei na obra de Theresa Senft (2008), um dos trabalhos mais extensivos e minuciosos a respeito do início da prática de exibição via webcam – momento no qual ela ainda não compunha os mercados do sexo. É importante salientar também que os

contornos do *webcamming* apresentados a seguir estão baseados no conjunto de 15 entrevistas que realizei com *camgirls*, minhas observações em campo e na literatura sobre o tema.

3.1. *Homecamming e os primórdios do exibicionismo online*

O fenômeno do exibicionismo online se inicia de modo experimental, com um amplo contingente de mulheres conectando as recém-criadas webcams ao ambiente doméstico, partilhando na internet suas experiências pessoais cotidianas. O conjunto de pessoas que faziam a transmissão nesses moldes foram denominadas *camgirls* (predominantemente garotas adolescentes na faixa dos 13 aos 25 anos), que buscavam conseguir, segundo Senft (2008), um status de celebridade ao compartilharem para um público amplo suas vidas privadas. Desde os primórdios do *homecamming*⁵⁶ presenciamos uma busca por reconhecimento (bastante distinta da que será discutida nesta tese), voltada para a valorização e exaltação da vida ordinária das *camgirls* – conferindo às suas existências um valor distintivo (o mesmo atribuído às pessoas famosas). Se inicialmente essa era uma atividade individual, rapidamente passou a ser gestada em grandes comunidades que estabeleciam contato por meio de redes sociais, blogs e espaços na web de distribuição de vídeos – que, conseqüentemente, ampliaram a visibilidade das pessoas envolvidas nessa prática.

Um dos aspectos mais salientes do *homecamming* é sua ampla divisão por gênero, sobretudo no que diz respeito ao polo da exibição⁵⁷. Segundo Dobson (2004), a predominância de mulheres se mostrando via webcam acrescida dos cortes geracionais e culturais que marcam esse universo fundamentaram uma prática encenada no espaço privado e com tonalidades confessionais muito similares aos diários das adolescentes. Ademais, esse fenômeno está embasado em um abundante desejo por ser conhecido, cujos dois pilares principais são a constante vigilância (tanto com relação às condutas quanto ao tempo de permanência transmitindo e interagindo na internet) e a exposição voluntária da vida pessoal, tornando-a de domínio público (revelando pormenores das rotinas, tais como momentos ociosos, assistir televisão, realizar tarefas diárias, etc.).

⁵⁶ A expressão *homecamming* é utilizada por Senft (2008) para designar a atividade de distribuição de imagens da vida privada em tempo real pela internet que se iniciou na década de 1990 (período de seu auge) e se estendeu até a primeira metade dos anos 2000 (sem a mesma expressividade que tinha anteriormente). Opto por manter a distinção entre o *homecamming* e o *camming* ou *webcamming*, a fim de demarcar a transição da atividade para os mercados do sexo.

⁵⁷ Dobson (2004) e Senft (2008) reconhecem que o público de *camgirls* é diversificado em termos de gênero, mas composto, inicialmente, por uma ampla maioria de mulheres. Já com relação às pessoas que se exibiam, só haviam homens na modalidade “gay male cams” - que era pouco expressiva.

Na introdução já havia apresentado um esforço inicial de demarcar quais as principais inovações tecnológicas (e suas apropriações sociais) essenciais para o desenvolvimento dessa prática. Sem me reprisar em demasia, aponto a colocação de Senft (2008), autora que sinaliza a criação das webcams como um elemento primordial, não apenas pela capacidade de gravação e transmissão de conteúdo, mas porque elas eram capazes de fornecer uma “autenticidade teatral” às performances das *camgirls*, permitindo a criação de uma verdadeira comunidade em torno do *homecamming*. Dobson (2004) nos explica que não são centralmente os dispositivos técnicos que permitiram o aparecimento do fenômeno, mas suas possibilidades interativas juntamente com os protocolos de encenação da vida comum criados pelas comunidades de *camgirls* e os novos formatos de transmissão online - elementos que tornam esse universo extremamente volátil, alterando constantemente a paisagem daquilo que consideramos exibição online.

Um importante fator que contribuiu para o desenvolvimento do *homecamming*, comentado tanto por Dobson (2004) quanto por Senft (2008) e Brooke Knight (2014), foi a criação e a popularização dos reality shows televisivos (o primeiro deles – *An American Family* - estreou na década de 1970, mas somente em 1989 esse gênero se tornou popular com a série *COPS*). Filiando-se à mesma linha de retratação proposta por esses programas (baseada na exibição da vida cotidiana ao vivo e sem cortes, com apelo à confissão) e a uma estética similar (próxima ao documentário, que promove um testemunho do ordinário), a exibição na webcam funciona como um diário da vida privada de pessoas comuns, mas sem a utilização de manipulação e edição de imagens e sons (ampliando a sensação de exposição minuciosa do privado). É interessante notar também que o culto à fama desenvolvido pelas *camgirls* está em consonância com essas produções televisivas, as quais são povoadas por pessoas em busca de um espaço de visibilidade e reconhecimento⁵⁸.

O *homecamming* dos anos de 1990 e 2000 possuía um funcionamento parcialmente distinto do *camming* realizado atualmente: no começo, as câmeras ficavam posicionadas predominantemente no quarto das *camgirls* e o conteúdo transmitido não era propriamente em tempo real, mas a partir de um processo de atualização constante

⁵⁸ No contexto brasileiro é ainda mais interessante refletir sobre a relação entre reality shows e o *camming*: uma das *camgirls* mais famosas no cenário nacional participou de uma das edições do mais importante programa de realidade exibido atualmente. Inclusive, as notícias sobre essa prática – e também a ideia de que ela seria uma nova pornografia – proliferaram na época de exibição dessa produção televisiva.

da imagem e do som (processo esse denominado de “taxa de atualização”) que ocorria de 30 em 30 segundos. Mesmo sem a difusão simultânea era possível acompanhar a história construída cotidianamente pelas garotas, possibilitando uma experiência denominada por Senft (2008) de “imersão sensorial”, isto é, um sentimento de partilha de um mundo comum entre espectadores e *camgirls*.

Nesse período, a prática de *homecamming* era onerosa devido aos valores elevados de computadores pessoais, das recém lançadas webcams e das redes de conexão à internet. Ademais, havia a cobrança pelo uso do *streaming* baseada no consumo das taxas de transmissão mínimas e máximas, calculadas a partir da capacidade da web contratada. Em vista desse contexto podemos concluir que essa atividade era marcada por classe⁵⁹: garotas dos segmentos populares não seriam capazes de adquirir todos os itens necessários à difusão online, muito menos dispor de todos os meios técnicos para comporem uma imagem limpa e nítida do seu cotidiano (já que para isso seria primordial o uso de determinada iluminação e bons equipamentos de captação). Senft (2008) aponta para alguns elementos centrais que compõem o perfil das *camgirls*, mesmo considerando que elas conformem um grupo deveras heterogêneo: em sua maioria as meninas eram brancas, possuíam nível elevado de educação formal (muitas já cursavam ou estavam terminando a faculdade), de classe média e abaixo dos 40 anos. Elas compreendiam o *homecamming* como um empreendimento de média duração, que apareceu em uma fase criativa e confessional de suas vidas, e provavelmente passaria após a juventude.

A fim de contornar os altos custos, muitas *camgirls* segmentavam suas páginas pessoais, criando espaços para membros pagos que possuíam acesso aos conteúdos exclusivos. Além disso, os vídeos disponibilizados na seção de pagantes eram cobrados por minuto. Estratégias complementares surgiram, sendo que uma das mais importantes era a lista de desejos nas quais as garotas adicionavam bens de consumo para ganharem de presente do público. Diante de todas essas formas de cobrança, desde os primórdios do *homecamming* existiu um mito sobre os ganhos exorbitantes das *camgirls*, caracterizando-o como demasiadamente lucrativo – algo que se mantém no *camming* atual.

⁵⁹ Mesmo sem dados concretos (frutos de entrevista ou levantamentos estatísticos) eu ousou a afirmar que a realidade do *camming* que investiguei também é perpassada por uma divisão de classe, talvez menos profunda do que o contexto dos anos 2000, haja vista a redução dos preços tanto dos equipamentos quanto da conexão. Ainda assim, como veremos adiante, muitos itens são necessários para a mulher que decide hoje se exibir online, requerendo um investimento inicial que não é irrisório – e não está disponível para o extrato mais pobre da população brasileira.

Em se tratando dos valores simbólicos, um dos mais importantes no *homecamming* (demonstrado por Dobson (2004)) é a constante necessidade de circulação da imagem das *camgirls*, seja durante as transmissões ao vivo, seja nos sites de webcam ou blogs pessoais. O valor atribuído às garotas está diretamente atrelado ao impacto que sua figura tem no ambiente online, sendo esse o meio mais comum de validação da relevância da pessoa por trás da câmera. Contudo, não basta apenas se manter visível para um amplo público; é essencial apresentar um “*self* autêntico” e situações cotidianas verossímeis, sem revelar para a audiência qualquer traço de manipulação seja da personalidade, seja da imagem e dos acontecimentos. Na letra da autora, “na cultura das *camgirls* honestidade, autenticidade e desprendimento possuem um alto valor. Muitas das *camgirls* sentem necessidade de discutir a autenticidade de suas páginas pessoais e afirmar que elas são verdadeiramente honestas quando fazem uma apresentação de si” (DOBSON, 2004, p. 130).

Nesse universo, a interação com o público era de extrema importância, porque ela permitia aumentar a visibilidade e a popularidade, além de ampliar o número de fãs e seguidores. Senft (2008) exemplifica essa constatação apresentando *camgirls* que ficaram muitíssimo famosas, como Ana Voog e JenniCam, que recebiam inclusive cobertura midiática (de jornais diários e revistas de vasto alcance) sobre suas transmissões online. No espaço da internet, na visão de Senft (2008), para se conseguir um status de celebridade é essencial manter contato diário quase ininterrupto com sua audiência, porque o que confere glamour à vida das *camgirls* é a possibilidade de participar delas integralmente – em oposição aos regimes estabelecidos na televisão, em que a fama depende da ampla exposição pública, mas sem necessariamente revelar pormenores íntimos (os fãs somente fabulam sobre a vida de seus ídolos sem necessariamente ter acesso integral a ela). Dobson (2004) nos lembra ainda de que as ações da garota que realiza o *homecamming* correspondem, em grande medida, às expectativas de seus seguidores, que sempre participam de suas apresentações por meio de mensagens nas páginas pessoais.

Nos escritos de Dobson (2004) e Senft (2008), o *homecamming* se divide em quatro grupos distintos, a saber: a) as *camgirls* ou “the real-life cam” que transmitem seu cotidiano através de webcam (seguindo a mesma proposta de reality shows televisivos); b) as “cam artists” ou “the art cam” que divulgam suas ideias criativas (seja em produtos como fotos, pinturas, músicas ou concepções gerais sobre o cotidiano), se portando como pessoas alternativas e vanguardistas; c) “cam whores” ou “the porn

cam” que revelam traços de erotismo em algumas de suas imagens, restritas às seções pagas⁶⁰; e d) “the group house cam” ou “the community cam” que difundiam suas imagens por meio de sites que ofereciam uma plataforma de grupo pré-pronta para as pessoas que não possuíam muitas habilidades ou condições financeiras de manter uma página pessoal. Os quatro formatos supracitados eram povoados predominantemente pelas mulheres; somente as “gay male cams” compunham um estilo realizado por homens⁶¹.

Em função tanto das características da interação no *homecamming* (cuja estrutura define um polo de exibicionismo e outro de voyeurismo) quanto do surgimento das modalidades de “cam whores” ou “the porn cam”, essa prática passou a ser largamente associada ao universo da pornografia e as *camgirls* comparadas às atrizes pornô. Na visão de Dobson (2004), esse vínculo extravasou o âmbito do pornográfico e se estendeu para diversos outros ramos dos comércios de sexo e erotismo, principalmente após meados dos anos de 1990 e início da década de 2000. Dois acontecimentos marcaram essa fase da atividade, quais sejam: a primeira transmissão ao vivo por webcam de conteúdo erótico e sexual ocorrida em 1995, protagonizada por uma antiga dançarina de boate chamada Danni Ashe – que posteriormente criou o site *Danni’s Hard Drive*; e a primeira difusão de sexo ao vivo distribuída no ano seguinte, quando Jennifer Ringley (do famoso perfil JenniCam) filmou uma relação sexual com seu namorado – o que ampliou ainda mais a sua visibilidade. Como podemos notar, apenas no estágio inicial do *homecamming* não apareceram performances de caráter sexual e erótico, mas na medida de seu desenvolvimento elas povoaram as imagens de webcams online no mundo. Ainda assim, tais exhibições não correspondem ao serviço que atualmente compõe os mercados do sexo. Para compreendermos a transição do *homecamming* para o *camming* precisamos levar em consideração os motivos que enfraqueceram o primeiro e abriram espaço para o segundo. Na visão de Senft,

Há pelo menos três razões para o desvanecimento do fenômeno das *camgirls* como existia no final do século XX. O primeiro foi a saturação da cultura das webcams provocada por seus primeiros usuários. O segundo tem relação com a rápida e ampla penetração da banda larga em todo o mundo. O terceiro foi o surgimento das redes sociais que abrigam facilmente mensagens em texto, imagens estáticas, áudios e vídeos (2008, p. 11).

⁶⁰ Ainda nessa modalidade não se trata do mesmo *camming* que estou analisando nesta tese. As “cam whores” eram meninas que usavam o erotismo e a sensualidade em suas exhibições online, mas nunca realizavam práticas sexuais ou mostravam o corpo nu. Mesmo assim, os sites que as abrigavam eram diferentes daqueles que hospedavam as outras três modalidades de *homecamming*.

⁶¹ Essa forma de transmissão era pouco popular e só circulava entre um público específico.

Enquanto Senft (2008) aponta para os principais fatores que causaram a dissolução do *homecamming*, quero acrescentar ao diagnóstico que estou construindo nessa seção a transição da indústria pornográfica para a internet, responsável pela apropriação de diversos usos dessa tecnologia. Se o estilo confessional que marcou a transmissão por webcam em seus primórdios deixou de ser atrativo devido ao espraiamento das redes sociais que exerciam função similar (e com maior capacidade de proporcionar a “imersão sensorial” apontada por Senft (2008)), com relação ao pornô, essa era uma novidade instigante, haja vista que a produção de filmes anterior à internet e ao *streaming* não permitiam uma interação com o consumidor final. Durante essa transição dos anos 2000, a pornografia amadora mais recente surgiu (conhecida popularmente como *alt porn*), trazendo consigo os gêneros gonzo e pornô realidade (PAASONEN, 2010).

Essas produções amadoras prezavam (e ainda prezam) por dois dos aspectos mais salientes do *homecamming*: a aparência de autenticidade e o estilo confessional de filmagem direta (sem edições ou cortes). Inclusive podemos perceber que essas escolhas estéticas do *alt porn* estão intimamente relacionadas ao seu processo de produção e distribuição, que supostamente elimina a rigidez que separa as esferas da criação e do consumo. Conforme vemos em Susanna Paasonen, “trocas um-para-um, carregamentos pessoais e várias modificações conectam os usuários, eliminando assim o dualismo entre produtores e consumidores, artistas e membros da audiência, remetentes e receptores, como acontecia no contexto da teledifusão e da mídia impressa” (2010, p. 1302).

Certamente a pornografia, conforme vemos em Katherine Kinnick (2007) e Paasonen (2010), foi o setor do comércio sexual e erótico que utilizou de forma ampla as possibilidades trazidas pela internet. E arrisco a afirmar que ela é o ramo que mais se beneficiou das possibilidades de transmissão ao vivo ensejadas pela webcam e pelo *streaming* – aproximando-a, assim, do *camming*. Entretanto, como evidenciado na introdução, outros serviços também se apropriaram dessa tecnologia de comunicação, povoando o online e expandido as possibilidades de produtos e serviços comercializados. Na minha compreensão, é a confluência entre a transição de boa parcela dos mercados do sexo para a web (cuja finalidade era se favorecer dos recursos interativos atrelados a essa ambiência) e a popularização da prática de *homecamming*, que privilegiava a transmissão do cotidiano (deixando espaço para propostas como

Danni's Hard Drive), os responsáveis por criar um ambiente propício para o aparecimento do exibicionismo erótico e sexual via webcam⁶².

Estou afirmando desde a introdução que o *camming* como conhecemos atualmente é um dos ramos dos mercados do sexo⁶³. Todavia, ainda não detalhei essa asserção, nem mesmo expliquei a importância de situar essa atividade no universo do comércio sexual e erótico. Em primeira instância, precisamos considerar que a exibição de nudez e de atos sexuais sempre foram muito comuns na internet, principalmente em chats coletivos, comunicadores instantâneos e grupos de discussão por e-mail (CUNNINGHAM e KENDALL, 2011; KIBBY e COSTELLO, 2001). Diante dessa circunstância não é estranho que esse tipo de prática tenha migrado para a webcam, aproveitando-se de sua capacidade de transmissão simultânea de imagem em movimento e áudio – o que concedeu mais vivacidade a essas performances. Porém, existe uma diferença abissal em se mostrar diante de uma câmera com finalidades recreativas e satisfação pessoal e se apresentar para um vasto público cobrando valores determinados por tempo em cena. Além disso, precisamos considerar o momento no qual aparecem grandes empresas de mídia que passam a gestar esse negócio – provocando uma mudança que parte de um momento marcado pela iniciativa individual de mulheres que realizavam o *webcamming* em direção ao seu desdobramento posterior, no qual as organizações centralizam as possibilidades de exibicionismo na web.

A fim de destrinchar todo o processo descrito acima vou começar definindo o amplo espectro de sexo e erotismo comercial. Agustín (2010b) reconhece como indústrias do sexo “todos os bens comerciais e serviços de natureza erótica e sexual” (2010b, p. 618), inseridos em complexos contextos socioculturais nos quais os sentidos de compra e venda são heterogêneos. Elas correspondem, na concepção da autora, aos bordéis, hotéis, determinados clubes e bares, cabarés, linhas telefônicas eróticas, sexo virtual, sex shops, casas de massagem, saunas, agências matrimoniais, jornais e revistas pornográficos, cinemas e produção de vídeos, serviços de acompanhantes e dominação/submissão, prostituição de rua – em suma, uma miríade de formas de contratar e ofertar experiências sexuais ou sensuais. Eu incluiria nessa seleção os

⁶² Certamente o contexto que aponto na introdução, denominado midiatização dos mercados do sexo, circunscreve os fatores que estou apresentando nesse parágrafo. Minha intenção aqui é revelar os aspectos mais pontuais que viabilizaram o arrefecimento do *homecamming* e o surgimento do *camming* de caráter erótico e sexual. Por esse ângulo, trata-se de fazer a passagem do processo mais geral (que corresponde à midiatização) para o mais específico (transição dos mercados do sexo para a internet).

⁶³ Essa assertiva parte também do relato das minhas quinze entrevistadas, que percebem sua atividade como um dos ramos do “mercado adulto”.

dispositivos móveis e os aplicativos desenvolvidos atualmente que promovem esse tipo de comércio, bem como sites especializados (tais como os de *camming* ou mesmo os de *sugar daddies* e *sugar babies*).

Na concepção de Ronald Weitzer (2010) e Christine Harcourt e Basil Donovan (2005), esse vasto cenário comercial envolve atividades que promovem tanto o toque físico quanto o contato indireto e a encenação de sexo e erotismo – segmentação definida a partir do local de trabalho, dos modos de angariar clientela e dos tipos de práticas executadas. Considerando as modalidades diretas, temos a prostituição de rua e em bordéis, acompanhantes e atendimentos privados. Em se tratando das indiretas, elas são compostas pelas dançarinas em boates, sexo virtual, disque sexo, casas de massagem e *lap dance*. Apesar de eu considerar essa divisão deveras estática, sendo contrária à fluidez desses mercados, ela colabora com a percepção de diversas formas de estabelecimento de fronteiras e hierarquias entre os ramos⁶⁴ – essencial para o tema que será desenvolvido no próximo capítulo.

Diante da multiplicidade de bens e serviços intercambiados, também os atores envolvidos são diversos e não correspondem apenas àqueles que vendem e compram, mas aos empresários, investidores e demais empregados que exercem funções não relacionadas ao sexo. Agustín (2000) comenta, ainda, os diferentes tipos de relação estabelecidas em cada ramo, que envolvem graus variados de controle e de contato físico, uma imensidão de práticas sexuais e eróticas realizadas, distintas jornadas de trabalho e diferentes graus de flexibilidade e ganhos financeiros. Somado à essa massa heterogênea de atores e práticas está a grande circulação entre os diferentes ramos, o que impossibilita o estabelecimento rígido de fronteiras entre eles. Nesse sentido, é fundamental compreender as especificidades de cada um dos segmentos, bem como estar atento para suas interconexões e continuidades.

Os elementos que situam o *camming* contemporâneo no rol do comércio sexual e erótico são a espécie de troca proposta (que envolve necessariamente dinheiro⁶⁵) e os bens e serviços envolvidos na transação (um misto de exibição do corpo nu, uso de *sex*

⁶⁴ Sem a intenção de antecipar meus próximos argumentos, é muito interessante notar que Harcourt e Donovan (2005) demonstram como as pessoas envolvidas nas atividades indiretas procuram se afastar da prostituição, principalmente aquela realizada na rua, considerando sua atuação qualitativamente diferente pelo fato de não envolver contato físico direto. Ademais, várias das entrevistadas dos autores afirmaram que suas ocupações implicam menos riscos e possibilitam maior grau de controle da interação com os clientes.

⁶⁵ Na sequência, veremos que há outros bens envolvidos na transação comercial do *camming*, mas eles não substituem o pagamento em dinheiro.

toys e masturbação⁶⁶). É curioso, no entanto, que essa prática seja composta por dois modelos distintos de gestão: existe tanto um componente de iniciativa individual, que dominou os primeiros anos de desenvolvimento do *webcamming*, quanto uma vertente de empreendimento empresarial, que colonizou essa atividade em período mais recente. Essa composição abarca tanto elementos atrelados aos modos industriais de organização e comercialização, quanto formas artesanais de gestão.

Desde que comecei a estudar o *camming*, sempre me questioneei se seria mais pertinente posicionar a atividade no interior das indústrias do sexo, associada aos modos de produção e comercialização empresarial e em larga escala, ou se deveria adotar a concepção de mercados do sexo por ela permitir refletir sobre a condição de trabalhadoras autônomas e formas de trocas informais. Na minha busca por compreender essas designações me deparei com a concepção de Agustín de que “o termo *indústria do sexo* tenta transmitir a ampla escala dos mercados do sexo em geral, sua capacidade de gerar renda, suas inter-relações com outras grandes indústrias e infraestruturas, bem como a diversidade de negócios envolvidos” (2007, p. 65). Essa definição, ao meu ver, consegue abarcar dimensões muito importantes do *webcamming*, haja vista sua inserção em empresas de mídia e suas conexões com outros negócios. Mas li em Adriana Piscitelli (2016) uma interpretação de mercados muito útil, que abriga as práticas desenvolvidas de modo artesanal e intercâmbios sociais e econômicos que extravasam os padrões organizacionais, instituindo formatos alternativos de compra e venda. No fim das contas, ambas as interpretações explicavam a realidade do exibicionismo online no Brasil.

E não foi somente no *camming* que eu percebi essa dubiedade, mas também no *alt porn* produzido com recursos da internet. Sites como *Suicide Girls*, *Clean Sheets*, *That Strange Girls* e *Fatal Beauty*, mantêm, segundo Florian Cramer e Stewart Home (2007), um modelo híbrido de negócio cuja gestão oscila entre o formato empresarial (no aspecto de distribuição de materiais e recursos) e o modelo artesanal (principalmente na produção de conteúdo). É intrigante o fato de que nessa modalidade de pornô as atrizes se filiam aos sites com os quais elas se identificam e produzem individualmente suas fotos e vídeos (muitas vezes manufaturadas no espaço doméstico de modo amador). No contexto brasileiro da pornografia *indie*, tal como descrito por Carolina Silva (2015), presenciamos uma realidade similar: a principal dessas

⁶⁶ Também existe a venda de itens pessoais das *camgirls*, realizada sempre fora do ambiente dos sites especializados.

iniciativas começou como uma espécie de laboratório gestado por um conjunto de amigos cujos projetos eram distribuídos por meios considerados alternativos (eram, inicialmente, fanzines eróticos escritos e ilustrados à mão e, posteriormente, vídeos sem muita qualidade de imagem e edição rudimentar). Mesmo após sua ascensão, o *indie porn* brasileiro manteve o formato de elaboração e realização colaborativa, inserindo as modelos/atrizes no processo de concepção do produto final (elas mesmas se filiaram por identificação ao trabalho⁶⁷).

Compartilho a percepção de Nayar (2017) e de Hamilton (2015) de que essa confluência de modelos de gestão que podemos vislumbrar tanto no *camming* quanto no *alt porn* é uma das marcas deixadas pela internet no campo do sexo e erotismo comercial⁶⁸. Vemos em autores como Sanders et al. (2018), Tammy Castle e Jenifer Lee (2008) e Scott Cunningham e Todd Kendall (2011) que a flexibilidade oferecida pela web juntamente às possibilidades de divulgação de serviços sexuais/sensuais e as oportunidades de comunicação mais direta com a clientela fomentam um padrão comercial que não precisa estar necessariamente atrelado às grandes empresas e aos intermediários diversos que movimentam esses setores, permitindo a ampliação de um modelo híbrido no qual modalidades artesanais e industriais coexistam dentro de um mesmo ramo. Por fim, em minha visão, ao invés de diminuir o número de atravessadores do trabalho sexual, houve um aumento de sua participação por meio da função de “divulgadores”. Se pensarmos nos sites que publicam anúncios para acompanhantes e prostitutas, bem como nos perfis do Twitter responsáveis por propagar a imagem dessas mesmas mulheres e também de *camgirls*, veremos que a relação mercantil estabelecida entre eles é flexível e não envolve necessariamente dependência e trocas financeiras⁶⁹ - encaixando-se perfeitamente nesse tipo de comércio híbrido.

⁶⁷ Algumas das *camgirls* que eu entrevistei participam também desse filão na pornografia e apontaram como uma vantagem desse setor a liberdade de participação e a possibilidade do uso da criatividade – em oposição à sua percepção da pornografia *mainstream* produzida no Brasil. Outro elemento interessante a ser constatado é que enquanto eu escrevo esta tese acaba de ser lançado um filme dirigido e protagonizado pelas atrizes, em um processo colaborativo com um site de *alt porn*.

⁶⁸ É impossível incluir, no escopo da presente tese, todos os aspectos do trabalho sexual na internet e como eles influenciam nos modelos de gestão das atividades. Assinalo como referência primordial para compreendermos de modo mais aprofundado esse tema o livro recente de Sanders et al. (2018).

⁶⁹ O modelo de divulgadores mais utilizado hoje na internet é extremamente complexo porque as transações estabelecidas não possuem nem tempo de duração, nem obrigações contratuais, muito menos obrigatoriedade de trocas financeiras. Trata-se de um esquema baseado em “uma mão lava a outra”, sendo que cada parte da relação se beneficia da outra em alguma medida.

3.2. Organização e estruturação do camming no Brasil

Raciocinando sobre todas as variáveis necessárias para o aparecimento do *camming* no Brasil, estimo que essa atividade surgiu apenas a partir de 2002. Vou retomar alguns importantes marcos: primeiro temos que considerar os aspectos técnicos (já comentados na introdução), como a popularização dos computadores pessoais, da internet (sobretudo a banda larga, que permite mais velocidade de conexão) e dos equipamentos de webcam, além do nascimento do *streaming*. Partindo somente dessas variáveis, os anos 2000 poderiam ser o primeiro marco. Entretanto, precisamos ponderar sobre a amplitude da distribuição dessas tecnologias no cenário brasileiro, que ainda era limitada antes de 2004⁷⁰. E, além disso, sem os sites especializados seria imprescindível a utilização de comunicadores instantâneos: o primeiro deles, conhecido como ICQ, apareceu em 1996, mas ainda não permitia o compartilhamento de imagens estáticas, somente texto; o segundo mais popular foi o MSN Messenger, criado em 1999, apresentando uma versão bem básica com poucos recursos⁷¹; o terceiro, e mais utilizado atualmente, é o Skype, que surgiu em 2003 e desde sua criação permitiu a interação por meio de voz e vídeo.

Para além desses marcos estabelecidos pelo advento de determinadas inovações tecnológicas, baseei-me no tempo em que minhas entrevistadas e as de W. Silva (2014) permaneceram atuando como *camgirls*, e também no surgimento dos primeiros sites brasileiros. Está claro que minha retomada histórica do *camming* no Brasil não é precisa; ao contrário, para construir essa retrospectiva investi muito tempo acompanhando as modelos e revirando as demais produções brasileiras sobre o tema a fim de encontrar apenas algumas pistas. É espantoso que nem mesmo informações como a data de criação das páginas mais populares de *webcamming* hoje estejam disponíveis para o público. Seguindo pela tortuosa trilha de vestígios, encontrei uma antiga postagem no Twitter de uma *webcam model* muito conhecida no ramo, na qual ela afirmava: “Sou *camgirls* desde 2005” e “quando cheguei no Twitter só tinha mato” – confirmando que nesse período quase não havia pessoas envolvidas no exibicionismo online. Dias depois essa garota fez mais um comentário sobre o tema: “Eu e a (informação suprimida) kkk as mais antigas, começamos em estúdio...somos

⁷⁰ Não estou retomando aqui os pormenores dos marcos históricos porque eles já foram destrinchados na introdução.

⁷¹ Nos anos 2000 uma terceira versão desse programa permitia a conversa por voz utilizando uma conexão por VoIP. É somente em 2001 que o diálogo por vídeo é estabelecido, mas ainda com baixa qualidade. Em 2004 o recurso de videoconferência se torna realidade através do MSN Messenger.

fodásticas”. A pessoa que ela citava respondeu: “Tipo, já estamos no melhor level né (informação suprimida), dá para escrever um livro sobre ser camgirl. Eu sou desde 2002”.

Ainda que as informações que eu havia obtido no Twitter ajudassem a localizar temporalmente o *camming*, resolvi comparar o tempo de permanência na atividade de minhas entrevistadas em relação as de W. Silva (2014) com o propósito de estabelecer um marco mais preciso. A *camgirl* que estava mais tempo na atividade entrevistada pelo autor atuava na câmera há oito anos, a contar do período de realização de sua pesquisa – mais propriamente dezembro de 2012 (então ela teria começado em 2004). Com relação às minhas interlocutoras, a mais antiga está há seis anos no ramo (entrou em 2011/2012).

Para além das experiências particulares das *camgirls*, considerei igualmente o período de fundação dos sites brasileiros especializados. Claro que essas informações também não são facilmente encontradas, muito menos estão disponíveis para o público. Eu precisei reconstruir as datas a partir das pistas obtidas no Twitter, em minhas entrevistas e na pesquisa de W. Silva (2014). O primeiro marco que defini corresponde ao período de 2002 a 2005, no qual, segundo duas das modelos que acompanho pelas redes sociais, haviam estúdios voltados para o *camming*, mas não propriamente páginas da internet aos moldes do que conhecemos hoje – seguindo esse raciocínio, os websites somente teriam aparecidos depois de 2006. Posteriormente, busquei pelo ano de inauguração das empresas que eu e W. Silva (2014) tínhamos investigado: em 2010 o autor levantou dois nomes principais (que provavelmente apareceram antes disso) e eu encontrei dois empreendimentos mais recentes, um de 2010 e o outro de 2012/2013.

Por meio de raciocínio dedutivo, realizado mediante a comparação das principais datas, cheguei à seguinte conclusão: o *camming* surgiu no Brasil por volta de 2002, momento no qual ele ainda não era uma atividade organizada, nem mesmo abrigava uma grande quantidade de modelos e usuários; somente a partir de 2006 a prática teve suas proporções ampliadas e passou a chamar atenção de empresas de mídia, despontando como um ramo lucrativo; nesse meio tempo apareceram os sites especializados, que centralizaram o *webcamming* e facilitaram a expansão do público desse serviço; mas, na minha compreensão, é apenas em 2010 que o exibicionismo brasileiro alcança seu auge, aumentando exponencialmente o número de *camgirls*, de pessoas interessadas em pagar pelos shows e de websites.

As características que passo a elencar daqui em diante são referentes ao período posterior a 2010 e se estendem até o momento atual do *camming*. Precisamos ter em mente que a atividade é multifacetada e envolve uma multiplicidade de atores com personalidades diversas e dinâmicas de trabalho distintas, além de uma infinidade de formas de interação e trocas econômicas. Na sequência apresento detalhadamente seis componentes do exibicionismo online brasileiro: a) plataformas para *webcamming*; b) modelos virtuais; c) público espectador; d) shows de exibicionismo; e) aspectos positivos e negativos do trabalho de *camgirl*; f) atuação das redes sociais.

3.2.1. Plataformas para *webcamming*

O WEC é realizado através de distintas plataformas online, dentre as quais as mais utilizadas são os sites especializados e os comunicadores instantâneos (centralmente o Skype). O primeiro desses espaços, os websites, são vistos pelas modelos como “redes sociais eróticas”, que se assemelham estética e internacionalmente com o Facebook e Instagram. Segundo a *camgirl* Angélica, a única diferença das páginas de *webcamming* para as mídias sociais é o que ela denomina de “interações mais sexuais”, que são proibidas tanto no ambiente do Facebook quanto do Instagram. Vale notar que na literatura internacional essa comparação também é estabelecida, afirmando que os sites são um misto de comunidades virtuais e empreendimentos eróticos e sexuais (HAMILTON, 2015).

No início da minha pesquisa de campo também notei certa similaridade entre as páginas especializadas e as redes sociais: ao acessarmos a homepage nos deparamos com uma série de fotos das modelos⁷², dispostas em fileiras e colunas⁷³, contendo seu nome e status; na seção superior, encontramos o login (como “modelo” ou como “usuário”), a opção de cadastro e o link do suporte; na seção inferior estão os termos de uso e política de privacidade e a área de associados. A ordem das *camgirls* na página inicial segue alguns critérios: em posição de destaque estão as mulheres online e com chat livre (no caso do Site1, as exclusivas têm prerrogativa); na sequência aparecem as

⁷² A homepage de ambos os websites apresenta apenas as modelos femininas cisgênero. Somente no Site 1 há abas adicionais para “transex”, “garotos” e “transboys”. No Site 2, somente recentemente apareceu uma aba lateral para “transex”.

⁷³ A disposição do Site 1 é a seguinte: são seis fotos por fileira, informando se a modelo é ou não exclusiva, o número de contatos nos chats simples e privado e um link direto para o seu perfil. O Site 2 é um pouco distinto: são quatro fotos por fileira, seu nome e o status (chat livre, chat privado, etc.).

garotas em chat simples, privado (com e sem possibilidade de voyeur) e exclusivo; por fim, estão as ausentes ou off-line⁷⁴.

Outro elemento que aproxima os websites das redes sociais são os perfis das modelos: nesses espaços encontramos uma série de elementos como descrição, localização, preferências nas apresentações, fotos e vídeos, além de um espaço de comentários dos usuários e postagens das mulheres. Cada site organiza a seção do perfil de forma distinta. No Site 1, encontramos na extremidade esquerda a foto da *camgirl* acompanhada de seu nome e status, se ela é ou não exclusiva, o número de avaliações, seguidores e curtidas; abaixo encontramos um espaço para encaminhar uma mensagem privada (funcionando como Messenger do Facebook), os dados pessoais como idade, localização e idiomas, uma pequena descrição pessoal e as especificações das práticas em chats simples, privado e exclusivo. Ao centro, ficam as últimas fotos e vídeos (alguns gratuitos e outros pagos) e um *feed* de notícias com os comentários do público dos shows. No Site 2, o perfil é apenas uma aba lateral com o nome e a fotografia da *webcam model* em destaque, o status, uma sucinta apresentação da garota, algumas fotos e vídeos e os comentários dos usuários.

Os dois websites elencados nesta pesquisa permitem que o usuário interaja com as *camgirls* por meio de seu perfil e de três modalidades distintas de chats. A modelo Angélica me explicou o funcionamento do Site 1 da seguinte forma: o chat simples acontece em grupo e todos podem interagir por mensagem de texto (custa 1,35 créditos por minuto); o chat privado permite a troca entre a mulher e mais um usuário, tendo a possibilidade de incluir voyeurs que somente acompanham o show (no valor de 2,40 créditos por minuto e 1,65 para voyeurismo); o último é o chat exclusivo que não permite mais que duas pessoas (ao preço de 2,55 créditos por minuto).

A dinâmica do Site 2 não é muito diferente, tal como relatou Beatriz: há um chat livre (gratuito) com várias pessoas conectadas; um chat simples (1,35 créditos por minuto); um privado com voyeur (2,40 créditos por minuto e 1,65 para voyeurismo). Além dessas possibilidades, existe ainda o “gold show” que pode tanto ser agendado com antecedência ou ser relâmpago. Em geral, eles possuem data programada, garantindo um bom período de tempo para arrecadação de dinheiro. A *camgirl* estabelece o lance mínimo em reais (o mais comum é que eles sejam de R\$10 ou R\$15) e uma meta financeira a ser atingida até o dia marcado (de R\$100 até R\$1.000 é a faixa

⁷⁴ Optei por não colocar imagens dos sites analisados porque a partir delas seria possível localizá-los facilmente na internet, prejudicando a manutenção de sua privacidade e sigilo.

de valor mais comum⁷⁵). Para a realização do “gold shows” é necessário estipular um tempo de duração (cerca de 20 ou 30 minutos) e as práticas eróticas/sexuais (se terá áudio, dupla penetração (DP), masturbação, brinquedos, etc.). Ele pode incluir apenas uma modelo ou mais participantes (centralmente um casal). Pode ser assistido por somente um usuário ou muitos espectadores (a depender de quanto as pessoas estão dispostas a contribuir para atingir a meta). Vale lembrar que em todos os chats pagos as mulheres podem definir sua dinâmica e negociarem com o seu público o desenvolvimento das apresentações (ao contrário do “gold show”).

Para apreendermos as transformações nos sites especializados nos últimos anos é essencial compararmos os dados que encontrei em minha pesquisa de campo com aqueles elencados por W. Silva (2014). Tanto no *StripGatas* quanto no *Lovecam*, os dois websites estudados pelo autor, eram oferecidas duas modalidades de salas, uma que abrigava uma *camgirl* e vários usuários ao valor de R\$0,80 o minuto e outra privada por R\$1,60 o minuto. As pessoas não cadastradas podiam observar as modelos por 30 segundos apenas. Além disso, existia uma modalidade similar ao “gold show”, que acontecia no *StripGatas* às 13h e cada espectador pagava R\$5,00 para ter acesso. Atualmente ainda é muito comum que as páginas especializadas comercializem pacotes de créditos tal como percebeu W. Silva (2014): o pesquisador encontrou duas possibilidades de pacotes, sendo um de 30 minutos por R\$28,50 e outro de 720 minutos a R\$684; em meu campo achei seis possibilidades principais, com pacotes de 10, 30, 50, 150 ou 300 créditos, sendo que cada crédito corresponde a R\$1 (apenas no Site 2 existe a opção de 900 créditos a R\$900).

Tanto em minha pesquisa quanto na de W. Silva (2014) os sites cobravam das *camgirls* uma taxa de manutenção de suas salas online, taxa essa que se alterou ao longo do tempo. Entre 2010 e 2011, o *Lovecam* analisado pelo autor retinha 30% dos ganhos das modelos, permitindo uma boa margem de lucro. Recentemente, o Site 1 fica com 50%⁷⁶ dos créditos arrecadados, enquanto o Site 2 retém 40% dos ganhos totais. O repasse dos valores ocorre da seguinte forma: o Site 1 permite resgates a partir de R\$100, creditado em um dia útil, enquanto o Site 2 estabelece o mínimo de R\$50, sendo que cada transação adicional vem acrescida de uma taxa de R\$5.

⁷⁵ Enquanto acompanhei o Site 2 não vi nenhum gold show acima de R\$1.000,00. Os mais corriqueiros são os de R\$ 200,00.

⁷⁶ Quando comecei a pesquisa, em 2016, esse site cobrava 40%.

Antes de prosseguir apontando as demais características dos websites brasileiros, é essencial pontuar que o Site 1 implementou um sistema de exclusividade das modelos, sistema esse responsável por expandir sua atuação nesse ramo e manter por um tempo mais extenso uma ampla cartela de *camgirls*. Anelise me explicou que “quando a pessoa entra pro site, ela não entra como exclusiva; depois de um tempo eles [o suporte] entra em contato perguntando se você quer exclusividade”. Foi assim que Fernanda se tornou exclusiva: “em pouco tempo eu fiz alguns shows, talvez eles tenham me observado ali, o meu desempenho e em pouco tempo, dois dias depois, eles [o suporte] me procuraram”. Segundo ela, cada garota “tem um gerente de contas, e aí veio o meu gerente e falou: ‘olha, eu sou seu gerente e gostaria de te convidar para ser exclusiva do nosso site’”. Outras *camgirls* com quem conversei relataram que a própria garota muitas vezes decide ser exclusiva de uma página, facilitando assim a administração de seu perfil e concentrando seu público em um único lugar. Para isso, basta permanecer com o cadastro em apenas uma das empresas. Eliane optou por adotar essa estratégia: “quanto mais você é vista no site, você tá ali todos os dias, sua presença é marcada, você é mais vista. Agora se fica dividindo muito, vai ter aquele cliente que poderia ser bom, mas ele te viu uma vez e vai ver de novo daqui dez dias, talvez nem lembre mais de você”. Entretanto, quando as mulheres recebem um convite direto da empresa elas recebem algumas vantagens: aumento na porcentagem de lucros, facilidades para resgate dos créditos, às vezes sem valor mínimo, e a foto fica alocada entre as primeiras na homepage⁷⁷.

Os sites especializados têm duas funções principais no universo do WEC, atuando como um espaço para a realização dos shows e funcionando como divulgador das modelos e agregador dos usuários. É consenso entre todas as minhas entrevistadas que após o surgimento dessas empresas o *webcamming* foi facilitado, reunindo em um ambiente que elas consideram seguro as mulheres e seus espectadores. Nesse sentido, ele opera como uma infraestrutura que organiza materialmente os espaços em que a atividade vai ocorrer. Nas palavras de Dandara, o principal papel “do site é a divulgação né, você tá visível no site que já tem usuários, uma quantidade de usuários que entram nele. Então você não tem essa preocupação ‘eu tenho que divulgar meu trabalho para ter um horário’ igual no Skype”. Gisele aponta, ainda, para a vitrine oferecida pelos

⁷⁷ Essas informações foram obtidas por meio das entrevistas e não consta nenhuma especificação no Site 1 a respeito da exclusividade. Nenhuma de minhas interlocutoras informou o valor da porcentagem para exclusivas.

websites, sendo que “a parte de marketing, quem faz tudo é o site, eu não preciso, assim, eu faço, mas o meu pessoal, mas o mais pesado mesmo quem faz é o site”.

Em relação à atuação dos sites no WEC, vale refletir também sobre as noções de segurança e privacidade que vêm atreladas a eles. Segundo minhas entrevistadas, os websites oferecem proteção na medida em que permitem que as mulheres escondam seus rostos, utilizando máscaras ou filmando do pescoço para baixo. Essa é uma estratégia muito comum utilizada pelas modelos: durante meu tempo em campo notei que diversas garotas optavam por não revelar suas faces, a maioria preferindo expor fotografias somente de corpo e algumas utilizando acessórios para tapar as feições. Juntamente à ocultação do semblante, existe o sigilo das informações pessoais (nome de nascimento, número da identidade e do CPF, local de residência, etc. só são acessíveis aos funcionários do cadastro e do suporte, mas não aos usuários). Os websites mantêm essa aura de ambientes seguros estipulando como regras a proibição em revelar dados privados em chats, incluindo contatos (emails, redes sociais e telefones). Ademais, permite o bloqueio de cidades ou regiões do país e mesmo de usuários (que podem ser banidos e ficam impossibilitados de encontrar a *camgirl*).

Devemos notar que a segurança, para além dos protocolos estabelecidos pela empresa, é subjetiva e está relacionada às possibilidades de afastamento físico/corporal e de anonimato garantidos pelos sites e pelo ambiente online. Na narrativa de minhas entrevistadas (e também na própria conformação das regras dos websites) subjaz uma ideia de que é possível trabalhar com *webcamming* e ser totalmente anônima, evitando alguns dos perigos mais comentados relacionados ao trabalho sexual (como a exposição às agressões físicas). Como colocou Elaine, o suporte oferecido pelas empresas garante que se “o cara te ofende, às vezes dá a entender que te conhece, isso acontece muito, de caras querendo te assustar. Então tudo isso vai pro suporte, e o suporte vai te dizer de onde é a pessoa e ‘pode ficar tranquila que não é da sua cidade’”. Ademais, não ser reconhecida corresponde, muitas vezes, a manter uma presença “disfarçada” no comércio erótico-sexual.

Ainda em relação à segurança, o sistema de pagamento é de suma importância. Eliane me disse que os usuários “querendo ou não têm que fazer cadastro no site e, dependendo do valor de compra muito grande, é bloqueado, é analisado”, evitando fraudes e calotes. Gisele e Angélica relataram que ao final dos shows o valor líquido já é creditado em suas contas, garantindo que irão receber por todas as suas apresentações, ao contrário do que acontece no Skype, em que muitos usuários enviam comprovantes

falsos ou cancelam as transferências. Para Lúcia, nos websites “você tem certeza que vai receber (...), quem recebe na verdade é o site e eles transferem para você, então é uma certeza, uma coisa mais confiável”. Apesar dessa suposta proteção das páginas especializadas, Lúcia perdeu a arrecadação de uma de suas exposições porque o espectador havia usado um cartão de crédito clonado para a compra. A empresa devolveu o valor para o real dono do cartão e a modelo ficou com o prejuízo.

Em verdade, os sites que organizam atualmente o *webcamming* no Brasil se posicionam como “empresas de mídia”, atuando, conforme seus discursos institucionais, como intermediadores das transações realizadas entre quem se apresenta e quem assiste. Seus sistemas de segurança, portanto, possuem duas finalidades: primeiro, garantir que modelos e usuários sejam impelidos a se cadastrarem, considerando aquele um ambiente protegido; segundo, resguardar a própria organização, que assume atuar de acordo com os dispositivos legais. Ademais, os websites evitam, se posicionando dessa forma, de serem interpretados como contratantes das mulheres que se cadastram, eximindo-se das responsabilidades que um empregador assumiria. Ainda assim, são essas páginas que estabelecem todos os parâmetros para atuação na webcam, organizando e definindo a infraestrutura de desenvolvimento do *camming*.

Antes de avançarmos para pensar no funcionamento do Skype, é interessante notarmos as diferenças entre os sites especializados brasileiros e estrangeiros. Tanto durante a pesquisa de campo quanto ao longo das entrevistas pude perceber essas distinções, compreendendo como um fenômeno que se inicia e se consolida nos Estados Unidos até a primeira metade dos anos 2000⁷⁸ (HAMILTON, 2015) chega ao Brasil sofrendo uma série de adaptações ao contexto local. Devemos ter em mente que os contrastes aparecem nas formas de exibição, nas modalidades de chats e shows, nos processos de pagamento e recebimento, e na manutenção do sigilo e da segurança.

As pesquisas de Hamilton (2015) e Jones (2015) revelam a dinâmica dos shows das *camgirls* norte-americanas que, ao contrário do contexto brasileiro, são transmitidos para um amplo público, composto por todas as pessoas cadastradas no site conectadas à sala. As mulheres se mantêm conversando com os usuários e estabelecem um valor mínimo para iniciar sua apresentação, exibindo, inicialmente, alguma parte de seu

⁷⁸ Segundo Hamilton (2015), os Estados Unidos foi o primeiro país a desenvolver o WEC e ainda abriga a maior parcela desse mercado: 65% dos sites pagos de *camming* e 42% dos gratuitos são hospedados nesse país.

corpo. À medida que a audiência repassa os créditos para a modelo, elas vão determinando quantias mais altas para mostrar vagina e ânus e iniciar as práticas sexuais/eróticas. Nas exposições internacionais, ainda que um único espectador pague o montante determinado, todos conectados à sala podem acompanhar o show e interagir com a garota. Segundo minha interlocutora Nicole, que já atuou em sites estrangeiros,

É diferente, eles funcionam, eles não têm nem assim, chats né, separados, eles têm meio que, a menina fica ali se exibindo e os caras, as pessoas né, chegam e ficam doando para ela. Por exemplo, ela impõe um limite assim, se você me der 15 tokens eu faço tal coisa, se você me der 20 eu faço tal outra coisa, então ela fica ali se exibindo, entra todo mundo, até quem não tem cadastro pode ver ela fazendo tal coisa e a pessoa pode ali, por exemplo, dar 15 tokens para ela tirar a calcinha.

Em geral, minhas interlocutoras apontaram para uma série de desvantagens do *camming* internacional comparado ao nacional. Primeiramente, elas pontuam a impossibilidade de discriminar quais pessoas estariam participando de suas apresentações em sites estrangeiros. No Brasil, mesmo nos chats simples em que muitos espectadores estão conectados, ainda é possível identificar com quem se dialoga (devido ao número reduzido de indivíduos por sala). Ademais, somente em chats privados e exclusivos a modelo se despe e realiza práticas eróticas.

Anelise foi a primeira entrevistada a apresentar ressalva aos websites estrangeiros: “no gringo, o que acontece, elas ligam a webcam e fazem o que têm que fazer, no caso exibicionismo, os fetiches. Já no que eu trabalho não, eu fico paradinha lá, aí começam a chegar pessoas na minha sala, aí eu trabalho em privado”. Eliane concorda com Anelise: para ela, “o que diferencia os sites brasileiros dos estrangeiros é que no estrangeiro vai ter mil pessoas te vendo, você não tem controle; o nosso site, pro cara ver seu show, ele vai ter que ir pro privado contigo, então vai estar só você e ele”. Beatriz aponta, ainda, que “em alguns sites [estrangeiros], se você não presta atenção, eles [os usuários] acabam podendo ver o show de graça”. Nicole concorda: “esses sites [estrangeiros] têm geralmente muitos usuários, principalmente aqueles que não estão pagando, que gravam e jogam em sites adultos”, situação que não ocorre com frequência no cenário nacional. Além de os websites nacionais buscarem manter políticas de privacidade rígidas, incluindo o rastreamento de gravação das apresentações, Eliane me explicou que neles

Se ele [o usuário] estiver fazendo algum tipo de gravação, geralmente se eu tô com a cam aberta e ele também, eu vejo, observo muito os movimentos do cliente, eu acabo pegando no pulo, às vezes ele

printando a tela, às vezes ele gravando. E se surgir alguma imagem posteriormente, eu sou uma pessoa que marco muito exatamente o que eu fiz em cada atendimento com cada pessoa, eu vou saber exatamente quem foi. Então eles não arriscam muito, porque aí você vai direto no cliente, entendeu, você sabe quem fez.

Para minhas entrevistadas existem outras diferenças fundamentais do WEC nacional e internacional, a exemplo do sistema de regate dos ganhos da *camgirl*: nos sites estrangeiros a retirada do dinheiro pode ser feita uma vez por semana, de 15 em 15 dias ou apenas uma vez ao mês a depender da plataforma. Ademais, Gisele relatou que, ao contrário do Brasil, nos websites internacionais as mulheres não podem esconder o rosto, nem mesmo utilizar máscaras. Segundo ela, mesmo que fosse permitido as modelos estrangeiras teriam uma desvantagem em relação às brasileiras: como nas empresas sediadas no exterior há um número muito maior de *camgirls* e as apresentações possuem um vasto público, ao encobrir a face seria muito mais difícil para a garota manter espectadores fixos. Além disso, devemos considerar que o sistema de marketing do *camming* adotado no Brasil, que privilegia divulgar as modelos individualmente ampliando sua visibilidade, é inviável em contexto internacional, o que torna ainda mais complicado ocultar a fisionomia.

Existem algumas similaridades entre o contexto nacional e internacional do *webcamming*. Embora pouco comum em relação ao sistema de gorjetas, em alguns sites estrangeiros há a possibilidade de chats privados com e sem voyeur. Similarmente Brasil, os websites estrangeiros retêm uma porcentagem dos ganhos das *camgirls*, sendo que o *MyFreeCams* (um dos mais conhecidos) retém, segundo Bleakley (2014), 40% dos lucros como taxa de manutenção e hospedagem do perfil. Outrossim, as empresas do exterior impedem, conforme Hamilton (2015), a troca de informações pessoais e marcação de encontro presenciais por meio da plataforma, e a maioria delas bloqueiam determinados números de IP, estados ou regiões, facilitando que as modelos ocultem sua participação no exibicionismo online (JONES, 2016).

Devemos compreender que o *camming*, bem como outras modalidades de sexo e erotismo comercial, se adapta ao contexto sociocultural e econômico dos países em que ele se instala. Como demonstra Mathews (2017), ainda que os sites de exibicionismo filipinos estejam em inglês e possam ser considerados internacionais, o funcionamento dessa indústria nas Filipinas é completamente diferente do norte-americano (e também do brasileiro). Somente a título de exemplo, as modelos filipinas trabalham no interior de agências, com a mediação de um “chefe” que as direciona para determinados

websites e estipula como devem ser suas apresentações online. O sistema de recebimento também é distinto, uma vez que 50% dos lucros ficam com as páginas especializadas em que as mulheres são cadastradas e os outros 50% são divididos entre a *camgirl* e o dono das agências. Tendo em vista essas diferenças conjunturais, não é de se estranhar que minhas interlocutoras considerem os websites estrangeiros desvantajosos em relação aos brasileiros, já que suas expectativas de recebimento, de controle de sua presença em um mercado erótico-sexual online e de manutenção do sigilo e segurança parecem ser preenchidas pelas empresas nacionais.

Durante minha permanência no campo também me interessei por compreender, ainda que de modo preliminar, o funcionamento dos sites estrangeiros, conferindo as informações fornecidas pelas entrevistadas. Me atentei somente para o funcionamento geral do *camming* internacional, me concentrando nas apresentações e no funcionamento dos websites. Visitei as páginas mais conhecidas, tais como o *Cam4*, o *MyFreeCams* e o *Chaturbate*. Em termos estéticos, as homepages são muito similares às brasileiras: vemos a foto das modelos em destaque, seu nome, uma brevíssima descrição, tempo online e número de usuários conectados à apresentação. As salas das *camgirls* online ficam em evidência, sendo que em intervalos de 30 segundos a tela inicial é atualizada, deixando outras mulheres em destaque. Ao centralizar o mouse nas fotografias das garotas online, é possível ver detalhes dos shows ocorrendo ao vivo (funcionalidade que não existe ainda no Brasil).

Em oposição ao que presenciei no Brasil, me espantou a multidão de mulheres que atuam no *webcamming* no exterior (no caso do *Cam4* e do *Chaturbate* também homens e pessoas transexuais⁷⁹). Por exemplo, no *MyFreeCams* encontramos dez salas de modelos por fileiras na homepage, sendo que à medida que descemos a barra de rolagem dos sites, percebemos que é quase impossível encontrar o final da página. A dinâmica das apresentações também é distinta: as *camgirls* estrangeiras, tal como as brasileiras, costumam transmitir de seus quartos, sempre posicionando a câmera em um ângulo que seja possível visualizar seu corpo todo; entretanto, para iniciar suas exposições, elas utilizam correntemente uma roleta de práticas eróticas, cobrando um lance mínimo para exibirem a ação sorteada; elas sempre ligam seu áudio e vídeo para todos os espectadores (geralmente mil pessoas, mas cheguei a acompanhar shows com

⁷⁹ Mesmo diante da diversidade de gênero em alguns dos sites, é impossível negar a predominância das mulheres cisgênero nessa prática (a porcentagem é sempre muito superior, o que pode ser notado no acesso à homepage).

cinco mil), ao contrário das brasileiras, que geralmente utilizam áudio em chats privados e exclusivos. Vale notar que o imenso público encontrado em páginas internacionais é consequência da desobrigação de realizar cadastro, permitindo que as pessoas não registradas tenham acesso às exibições, ficando apenas impossibilitadas de interagirem com as mulheres por meio de chat.

O último elemento dos sites estrangeiros que cabe comentar é sua dinâmica de redirecionamento para as apresentações e os perfis das modelos. Quando clicamos na fotografia da *camgirl* na homepage, imediatamente somos redirecionados aos shows e conseguimos acompanhar todas as performances em tempo real (no caso brasileiro, vemos apenas a garota em chat grátis ou simples, mas nunca nos shows). Se quisermos acessar a descrição das mulheres, precisamos selecionar o item menu: nesses espaços encontramos uma apresentação da *webcam model* (altura, peso, cor dos olhos e cabelos, estatura, porte físico, interesses e hobbies, uma seção de pacotes de fotos e vídeos (com preço em *tokens*⁸⁰), uma lista de desejos (geralmente redireciona para o *Amazon*), um setor para comentários e link do Twitter.

Tanto nacional quanto internacionalmente, o *webcamming* também é realizado através de comunicadores instantâneos, sendo o mais popular o Skype. Quando iniciei minha pesquisa de campo, notei prontamente que no Twitter a maioria das *camgirls* anunciam seus shows por Skype, informando o tempo estipulado e os valores cobrados. Para apresentações com fetiches ou mais longas, a quantia a ser paga pelo espectador é negociada por mensagem direta. Vale salientar que à época da pesquisa de W. Silva (2014), entre 2010 e 2014, as modelos ainda não tinham o hábito de se apresentarem por outras plataformas que não os sites especializados. Certamente essa mudança de estratégia e a adoção do Skype está diretamente relacionada ao sistema de arrecadação dos websites: devemos lembrar que as empresas retêm de 40% a 50% do total recebido, diminuindo substancialmente os ganhos das *camgirls*; no Skype, essa porcentagem fica com as mulheres, que frequentemente oferecem descontos para os usuários no minuto das apresentações.

Dandara, modelo que iniciou em sites especializados e posteriormente aderiu ao Skype, confirmou que os shows por meio dessa plataforma são mais rentáveis e também mais completos. Segundo a *camgirl*, nos websites existem muitas restrições de práticas

⁸⁰ Moeda corrente do *camming* internacional (o valor em dinheiro é definido por cada site). No Brasil também se usavam os *tokens*, mas recentemente os principais sites mudaram a nomenclatura para créditos.

eróticas, sobretudo de fetiches como aqueles que envolvem urina e fezes (as chamadas chuvas) e outros fluidos corporais, restringindo esse tipo específico de público. Já nos comunicadores instantâneos a mulher pode fazer a apresentação conforme sua vontade, incluindo todos os desejos dos usuários, cobrando um valor alto por cada fetichismo (que mesmo com desconto ainda é mais vantajoso porque recebem a quantia integralmente).

Todavia, a exibição por Skype é também uma imensa fonte de prejuízo para as modelos. Em primeiro lugar, para que as *camgirls* recebam por suas apresentações nesse comunicador instantâneo elas precisam informar dados pessoais aos usuários, como nome completo e número da conta corrente, revelando parte importante de sua intimidade. Em segunda instância, os pagamentos são, geralmente, realizados por meio de depósitos bancários ou transferências, procedimentos que oportunizam fraudes. Minhas entrevistadas Anelise, Manuela, Cibele e Beatriz não utilizam o Skype por receio de terem suas vidas pessoais expostas para pessoas que elas mal conhecem. As outras onze interlocutoras só utilizam o Skype com uma clientela selecionada e confiável.

Nicole, que começou a se exibir por Skype, relatou uma adversidade adicional dessa plataforma: não existe nenhum mecanismo de segurança para as mulheres em relação aos usuários, tal como acontece nas páginas especializadas. Em suas palavras, “se algum cara for folgado, acontece alguma coisa assim, o site meio que te protege [por meio do suporte]; agora quando você faz sozinha, já é você mesma e tem que tomar cuidado”. A *camgirl* Angélica exemplificou a preocupação de Nicole, contando sobre uma experiência desagradável com um de seus espectadores do Skype:

E, olha, eu recebo muitos convites para fazer shows pelo Skype, mas eu não gosto porque eu já tive problemas. Uma vez eu fiz e o usuário falou que ia depositar o dinheiro, e depositou três meses depois porque ele me procurou de novo querendo outro show, e depositar o antigo e fazer um novo. Eu falei: “não, não” e, enfim, acabou que ele depositou o show antigo e eu não fiz mais shows pra ele e para mais ninguém também. E outra coisa, o contato fica muito próximo sabe, porque você tem que passar a sua conta bancária, seus documentos, o seu nome e isso não é interessante, e sai um pouco do âmbito da fantasia.

A última frase de Angélica demonstra claramente que o problema com o Skype não é apenas objetivo, tendo como principal ponto as fraudes financeiras. Ao contrário, trata-se também de uma ideia de segurança, que associa a privacidade com a fantasia. Na narrativa de minhas entrevistadas, quanto menos um usuário tem acesso às

informações privadas da modelo, menos ele terá contato com sua vida pessoal e será mais fácil se envolver imaginativamente com a *camgirl* (que não se confunde necessariamente com a mulher por trás da câmera). Assim, a linha que divide a vida particular da esfera do trabalho é mantida durante as interações (quase impossível no Skype, em que as garotas precisam passar seus dados para receber). Além disso, devemos pensar que a segmentação entre esses âmbitos, promovida pela intermediação dos websites, principalmente no sistema de pagamentos, afasta o *webcamming* dos trabalhos sexuais em que ocorre transações diretas e presenciais entre o lado da oferta e da compra, tais como a prostituição. Está claro que, no *camming* brasileiro, a garantia de salvaguarda é uma das principais demandas das modelos, e não apenas uma preservação da identidade, mas também dos perigos e estigmas dos mercados erótico-sexuais. Ademais, como será discutido adiante, ela é inclusive o principal motivo de entrada e permanência na atividade.

Há ainda outras dificuldades associadas ao Skype. Para Nicole, a divulgação das apresentações é um grande problema, porque cada modelo precisa utilizar suas redes sociais para tentar angariar um público disposto a pagar por shows mais longos, em média de 20 a 30 minutos. Isso já exclui aqueles usuários que querem exhibições rápidas, seja por uma restrição de tempo para se manter conectado, seja por uma necessidade de saciar seus desejos prontamente. Segundo a modelo, “o Skype foi meio que um teste quando comecei, tanto que fiquei muito tempo, uns seis, sete meses só com ele”, mas posteriormente “eu vi que era muito difícil divulgar o Skype em outras redes para chamar cliente, então eu acabava gastando muito tempo”. Nos websites, ao contrário, a publicidade das garotas é automática, porque são as próprias empresas que procuram aumentar sua rentabilidade angariando mais espectadores para suas páginas.

Apesar de o Skype se manter como a segunda plataforma mais utilizada no *camming* nacional, há outros ambientes para exibicionismo online, dentre os quais o *Cam4* se destaca por abrigar um grande contingente de modelos brasileiras. O *Cam4* é utilizado como uma vitrine pelas *camgirls*, que realizam shows no sistema de gorjetas para tentar aumentar seu público nos sites pagos por minutos – uma estratégia muito comum também à época da pesquisa de W. Silva (2014). A modelo Denise me informou que espaços internacionais, tais como o *My Ferie Cams*, *Streamate Models*, *Cam Model Directory* e *Sky Private*, também são utilizados por mulheres brasileiras com fluência no inglês com a finalidade de aumentar os lucros (recebendo em dólar) e angariar um público internacional para os shows por Skype.

Seja no Skype, seja nos sites especializados, existem alguns acessórios e equipamentos fundamentais ao *webcamming*, sem os quais a exibição online é impraticável. Em meus primeiros contatos com o campo encontrei uma página da internet denominada *CamgirlWiki*⁸¹, uma Wikipédia que cataloga todos os componentes do *camming*, incluindo os itens essenciais para quem está começando. Ele aponta seis elementos centrais: a) webcam de qualidade, que permita ajustar os níveis de exposição e balanço de branco, além de um tripé para posicioná-la de modo adequado para capturar os detalhes do corpo; b) iluminação apropriada, podendo incluir jogos de luzes com cores e tamanhos variados para criar o “clima” da exibição; c) dildos e vibradores diversos, incluindo um para a vagina, outro para o ânus e um com estimulação do clitóris; d) notebook ou computador de mesa com caixas de som e microfone; e) roupas, lingerie e acessórios diversificados; f) internet de alta qualidade.

Para as *camgirls* com quem conversei, os dois elementos principais são a velocidade da internet e a qualidade dos equipamentos (sobretudo o computador), que se forem ruins impedem a participação da mulher no *camming*. Gisele relatou suas dificuldades iniciais no tocante à tecnologia: “eu comecei com uma internet de dois mega, tinha um computador horrível. Com o tempo eu comecei a investir, eu tive um computador melhor, tive uma câmera melhor, tudo melhor”. Segundo ela, sem esse investimento financeiro em melhores equipamentos seria impossível continuar na exibição online, porque “no começo, assim, os outros sites brasileiros não queriam internet ruim, câmera ruim”. Corroborando a visão de Gisele, Milena e Fernanda contam que não conseguiram ampliar os ganhos financeiros até investir em conexão de alta qualidade e em computadores de melhor desempenho. A baixa conexão à web diminuía a qualidade da imagem e impedia a transmissão em tempo real, congelando as cenas ou perdendo o sinal e desconectando a modelo da sala (o que acarretava prejuízos monetários).

Considerando os investimentos em tecnologias, que são essenciais ao desenvolvimento do *camming*, podemos supor que essa atividade promove um recorte de classe social. Como demonstra Iara Beleli (2015), as distinções de classe são também marcadas pelo acesso a determinados bens de consumo, incluindo a posse de determinados equipamentos tecnológicos. Ainda que eu não tenha estatísticas sobre o estrato da população que se exhibe na webcam, os dados sobre utilização da internet no

⁸¹ O site é <https://www.camgirlwiki.com/>. Para ver os itens discriminados, acessar: https://www.camgirlwiki.com/#Items_you_need.

Brasil e a posse de computadores ilustra essa inferência. Em 2017, o IBGE⁸² estimou que em 74,9% dos domicílios brasileiros tinham conexão à web, a maioria concentrado na área urbana. Considerando as residências sem internet, 28,7% delas não possuíam rede devidos aos altos custos dos serviços e outros 22% não possuíam os conhecimentos técnicos necessários para se conectar. Além disso, em 21,3% dos casos o serviço está indisponível. As regiões Norte e Nordeste do país são as mais afetadas, com 68,4% e 64% da população utilizando a internet respectivamente. Em relação à posse de computadores, somente 43,4% das residências possuem um equipamento. Ainda que os *smartphones* estejam se disseminando na sociedade brasileira, atingindo 78,2% da população acima de 10 anos, eles ainda não podem ser utilizados por quem se exhibe na webcam, apenas por quem assiste. Assim sendo, uma parcela expressiva dos brasileiros e das brasileiras não possuem ou os meios técnicos, ou o conhecimento para atuar no *webcamming* (principalmente se considerarmos que geralmente as modelos têm um computador ou notebook pessoal, que não é compartilhado com outros integrantes da família, garantindo que eles não saibam de sua participação no *camming*). Como demonstra Bernstein (2007b), existe uma tendência crescente de pessoas da classe média envolvidas em trabalhos sexuais, principalmente após a apropriação das mídias digitais nos mercados eróticos-sexuais. O exibicionismo online brasileiro parece se enquadrar nesse diagnóstico, fornecendo um instigante campo para pensar na reestruturação da mão de obra sexual em tempos de internet. Ademais, vale salientar que o recorte de classe é acentuado pelas próprias *camgirls*, que apontam a formação superior e um determinado estilo de vida (atrelado ao consumo e às posses materiais) como formas de distinção social. Como aponta Beleli (2015), a classe funciona como um elemento simbólico que serve para situar e posicionar os sujeitos em determinada economia moral, diferenciando-os de outros grupos considerados como menos favorecidos (no caso das *camgirls*, um afastamento da prostituição).

Além dos equipamentos e das tecnologias, outro investimento financeiro primordial conforme a *camgirl* Anelise são as roupas, sapatos, lingerie, acessórios e brinquedos eróticos. Como as modelos fazem muitos shows e conversam com uma miríade de usuários diferentes, elas necessitam de um arsenal de vestimentas e *sex toys* que serão utilizados nas circunstâncias adequadas (no momento de realizar

⁸² Dados da pesquisa “Uso da internet, televisão e celular no Brasil”, divulgado em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>

determinados fetiches, de encenar o papel de namoradinha, da masturbação, etc.). A produção constante de novos conteúdos (em termos de vídeos e fotos) para comercialização também foi assinalada por Anelise, porque ela ajuda a ampliar o público e aumentar o retorno financeiro. É muito interessante frisar que a prática de venda de fotos e vídeos extrapola os limites dos sites e se estende ao Twitter, espaço no qual as meninas vendem ou rifam material exclusivo (muitas delas mantêm grupos no Whatsapp acessíveis apenas para pagantes, nos quais elas disponibilizam imagens nuas em poses sensuais ou vídeos de práticas eróticas).

O *CamgirlWiki* recomenda, ainda, que as modelos estejam sempre maquiadas, com cabelos penteados e arrumados, as unhas feitas e lixadas, e mantenham a depilação em dia. Fernanda me disse que é muito importante estabelecer determinados protocolos para se organizar antes de iniciar o atendimento aos usuários: “todo dia é um ritual de me arrumar né, maquiar, o cabelo impecável, tudo bonitinho aqui” e quando “eu abro a câmera, tô aqui na minha caminha, fico bem confortável, bem tranquila”. Minhas entrevistadas, apesar de possuírem rotinas e dinâmicas diferentes (elementos detalhados na seção sobre o perfil das modelos), seguem alguns passos para se organizarem antes de suas apresentações: além dos itens apontados por Fernanda, elas ainda consideram importante tomar banho (para manter a higiene), deixar disponíveis as roupas, os brinquedos e os acessórios mais utilizados ao longo dos shows, conferir a iluminação e os ângulos da câmera, garantir que a locação esteja confortável e fechar a porta para que ruídos exteriores não atrapalhem.

3.2.2. Modelos virtuais

Quando iniciei a investigação sobre o *camming* brasileiro e mesmo quando me aventurei por sites estrangeiros, percebi que grande parte das pessoas que atuam via webcams são mulheres cisgênero. Seja nas homepages das empresas especializadas, seja nas redes sociais, as meninas cisgênero povoam esse universo, deixando um pequeno espaço (principalmente no Brasil) para homens e pessoas transexuais. Knight (2015), Bleakley (2014) e Jones (2015) observaram esse mesmo padrão no *webcamming* norte-americano, e também Mathews (2017) concluiu que nas Filipinas a maior parte das performers são garotas cisgênero.

Desde o *homecamming* a exibição na câmera era organizada em torno de mulheres, em sua maioria jovens e atraentes, que passavam boa parte do dia em casa. Essas meninas possuíam habilidades intermediárias no uso de computadores pessoais e

da internet, e todas afirmavam ter “tendências exibicionistas”, conforme nos revela Senft (2008). No *camming* atual esses elementos se mantêm, mas outras características despontam: segundo Hamilton (2015), boa parte das *camgirls* da atualidade possuem ensino superior completo e algumas delas estão ingressando em programas de pós-graduação; muitas são mães (tiveram filhos muito jovens e precisaram conseguir uma fonte de renda estável, que permitisse cuidar das crianças); para boa parte das modelos o *webcamming* é a primeira exposição ao comércio sexual e erótico. Tanto Hamilton (2015) quanto Jones (2015) concordam que o exibicionismo online contemporâneo é fruto da migração de mulheres da classe média para o trabalho sexual⁸³.

Para além das características mais genéricas supracitadas, é muito difícil produzir um perfil homogêneo das modelos. Eu conversei apenas com quinze delas, uma ínfima parte das pessoas que atuam nesse universo no contexto brasileiro, e encontrei uma miríade de possibilidades: *camgirls* cuja fonte principal de renda são os sites especializados e outras que trabalham também em empregos formais; *camgirls* que se apresentam apenas em páginas especializadas e outras que se exibem em mais de uma plataforma (Skype e sites internacionais); *camgirls* que atuam em outros ramos eróticos/sexuais (como modelos alternativas na indústria pornográfica ou como acompanhantes); *camgirls* com pouco tempo na atividade (apenas quatro meses) e outras com muita bagagem (mais de cinco anos); *camgirls* com pretensões de permanência distintas no *webcamming* (algumas gostariam de construir uma carreira sólida, enquanto outras precisam do dinheiro para fazer um curso superior ou abrir um negócio próprio); *camgirls* que usam máscara ou escondem o rosto (apenas cinco) e outras que não se importam de revelar a face; *camgirls* que criam personagens (seis das entrevistadas) e outras que exibem sua personalidade; *camgirls* de faixa etária variada (de 19 a 47 anos, com predominância das mais jovens); *camgirls* com distintos corpos e fisionomias (no padrão definido pela indústria da moda, bem magras, gordas, mais velhas, com cabelos coloridos, tatuagens e piercings, etc.) – em completo contraste à visão de W. Silva (2014), que afirma não ter encontrado garotas que fujam ao convencional.

No momento em que iniciei a pesquisa, percebi prontamente essa multiplicidade de possibilidades de personalidade, de fisionomia, de conduta, de idade e de expectativas. Por isso mesmo, desde o período em que comecei a preparar as entrevistas

⁸³ Partindo de um diagnóstico mais amplo, Sanders et al. (2018) concluem que a maior parte das pessoas que se envolvem com trabalho sexual na internet são de classe média.

mantive uma preocupação em construir perguntas abrangentes que me permitissem conhecer a trajetória pessoal e as dinâmicas de trabalho de cada uma das entrevistadas, sobretudo porque, na minha visão, somente uma narrativa que contemplasse as experiências dessas mulheres conseguiria apreender, ainda que grosso modo, quem são as pessoas que povoam o *camming* brasileiro. Nas linhas que se seguem vou construir um perfil das *camgirls* que, longe de ser completo, consegue abarcar algumas das principais características tanto das mulheres quanto dos modos de gestão dos shows.

Cada uma de minhas entrevistadas possui trajetórias distintas no *camming* e tiveram motivações diversas para entrar na atividade, mas todas elas compartilham uma crítica acerca dos postos de trabalho formais, que pagam salários baixíssimos e exploram em demasia o tempo do contratado. Todas concordam igualmente que a partir do *webcamming* é possível ganhar um bom montante de dinheiro (além de diversos presentes) e conquistar uma vida estável e confortável. Em sua compreensão, o exibicionismo online é uma alternativa de ascensão econômica, acompanhando o diagnóstico de Ana Paula da Silva e Thaddeus Blanchette (2009).

Angélica, Fernanda, Cibele, Gisele e Jennifer abandonaram o comércio (mais especificamente setores de atendimento ao público, como atendentes em lojas de vestuário ou balconista em farmácias e lojas varejistas) para buscarem um aumento na renda e horários flexíveis. Anelise, Beatriz, Nicole e Lúcia nunca tiveram outra ocupação: Beatriz entrou no exibicionismo online com o objetivo de se manter enquanto frequentava a faculdade; as outras três modelos apenas terminaram o ensino médio e ainda não decidiram se farão curso superior. Carolina e Dandara já são graduadas, a primeira em Administração de Empresas e a segunda em Publicidade e Propaganda. Ambas continuam atuando como *freelancer* em suas áreas de formação, mas entraram e permaneceram no *webcamming* para conseguir um faturamento extra. Manuela, a mais velha de minhas entrevistadas, teve um bom cargo em instituição pública (voltada ao atendimento de crianças com deficiência) por um longo tempo, mas após ser demitida começou a atuar como acompanhante e, mais recentemente, entrou para o *camming*. Denise é a única que se exhibe online apenas por prazer, porque, segundo ela, seu atual salário quita tranquilamente as suas contas. Ela também possui curso superior e afirma atuar em sua área de formação. Eliane estava desempregada e sem perspectivas; Milena não demonstrou interesse em relatar seus caminhos passados.

O exibicionismo, no caso das pessoas envolvidas em minha pesquisa, não é apenas uma fonte de divertimento e prazer (para muitas delas esses dois elementos são

fundamentais para sua permanência), mas um meio de ganhar dinheiro e manter suas despesas mensais – ou seja, é um trabalho. Assim sendo, elas desenvolvem dinâmicas específicas para manter uma rotina (mesmo que provisória) e uma renda fixa. No geral, a maior parte das *camgirls* faz seus shows no período da noite e da madrugada (na faixa das 21h até às 3h); apesar de muitas não possuírem horários fixos, elas costumam entrar sempre em um turno específico do dia, especialmente naqueles em que há maior circulação de usuários; todas as modelos estabelecem metas financeiras (diárias, semanais ou mensais) para manterem seu faturamento estável, com exceção de Denise.

Anelise decidiu criar uma rotina para suas apresentações⁸⁴, que ocorrem quase sempre à noite e durante a madrugada, e são realizadas todos os dias úteis (nos finais de semana nem sempre ela se exhibe via webcam). Como ela estipula metas financeiras, sua permanência no site depende do valor arrecadado e da movimentação do chat. Dandara é ainda mais organizada: costuma ficar online na hora do almoço (10h às 14h), um pouco à tarde (17h às 19h) e durante a noite (22h ou 23h até 2h ou 3h) – quando ela alcança uma quantia de dinheiro suficiente, ela não precisa mais permanecer conectada. Cibele prefere fazer seus shows entre 21h até 1h ou 2h – tempo perfeito para angariar uma boa renda. Eliane⁸⁵ se conecta das 18h às 3h todos os dias da semana (aos finais de semana descansa). Beatriz e Nicole fixam uma quantia mínima para arrecadar ao longo do mês e abrem suas câmeras em função dela: Beatriz entra todos os dias (mas ela reserva uma semana de férias todos os meses) e permanece na web cerca de oito horas; Nicole faz shows quatro ou cinco vezes na semana, trabalhando de quatro a seis horas diárias. Fernanda, Manuela e Lúcia não possuem uma rotina estabelecida: Fernanda me disse que de 15h até 17h ou de 20h até a madrugada são os “horários favoráveis”; Lúcia só entra quando está disposta (nem se importa tanto com sua arrecadação mensal); Manuela deixou bem claro sua dinâmica quando me disse que “tem dias que a gente fica mais, tem dia que fica menos, você fica à tarde e se não está bom à tarde você entra à noite, se não dá na noite, você vai para a madrugada, se não dá na madrugada você vai para manhã, tem que ver o que é melhor para você”. Gisele costuma permanecer no

⁸⁴ Quando realizei as entrevistas não conversei com todas as modelos sobre sua rotina de apresentação e suas metas financeiras, em razão disso nem todas as entrevistadas são contempladas ao longo deste parágrafo. Isso aconteceu porque em muitos diálogos outros temas de grande relevância para esta tese apareceram em destaque e eu considerei vantajoso deixar que as *camgirls* falassem mais detidamente sobre eles. Como ficará patente mais adiante, vários dos elementos abordados nessa seção não foram discutidos com todas as interlocutoras.

⁸⁵ Eliane é um caso particular: quando conversamos, ela trabalhava para o Site 1 e poucos meses depois se mudou para o Site 2. Ao meu ver é muito provável que sua rotina tenha se alterado, ainda que minimamente, mas infelizmente eu não consegui obter informações mais atualizadas.

website sete horas por dia e prefere o período da manhã e da tarde (se necessário, atua à noite); geralmente está online aos sábados, mas nunca aos domingos. Milena realiza seus shows somente durante a madrugada e cinco dias por semana, a depender de seus lucros.

A grande exceção da pesquisa é Denise, que possui trabalho formal estável e se exhibe online porque adora se masturbar. Segundo ela, “não, não tenho meta não. Eu não ganho mal na minha vida real, meu trabalho é bom, eu consigo morar sozinha, tenho bichinho de estimação, pago todas as contas, eu consigo viver só com meu dinheiro”. Sua participação no *camming* está relacionada ao prazer que sente durante os shows e ao seu desejo de consumo: “como qualquer mulher você quer roupas mais bonitas, você quer maquiagens mais caras, você quer viajar e o dinheiro de cam é meu extra, ele é para meus gastos à parte”. Durante seu relato ela mencionou apenas um período em sua vida no qual se dedicou mais ativamente ao exibicionismo online:

Como eu falei, eu fiquei uns seis meses entrando direto, direto mesmo, eu ficava até madrugada. Às vezes eu acordava quatro horas porque tem muito cliente cedo que bate a punheta da manhã, aí eu acordava mais cedo porque eu também gostava de experimentar os horários, tanto nos sites gringos como no brasileiro e eu já tive uma rotina quando eu não tinha tantas atividades, como eu falei, eu me mudei de cidade e eu fiquei muito sem o que fazer aqui, então eu vivi para esse mundo da câmera até para não ficar pensando em como eu estava sozinha nessa cidade. Então teve uma época que eu vivi para isso mesmo, era sair do trabalho para outro praticamente.

O tempo de permanência na atividade, bem como as pretensões de continuar ou de deixar o *camming* são variáveis: a maior parte das modelos (13 no total) começou sua carreira no exibicionismo há pouco tempo, cerca de dois anos (Lúcia entrou há apenas quatro meses e Anelise e Jennifer estão há 24 meses). Somente Carolina e Milena se mantêm por um extenso período, 60 e 42 meses respectivamente. Na ocasião em que conversei com as *camgirls* identifiquei três posturas principais quanto às intenções e ao planejamento de prosseguir nessa carreira: a primeira é composta por aquelas mulheres que não têm intenção de sair (sobretudo a curto prazo); a segunda abriga as garotas que entraram para o exibicionismo com uma finalidade específica (se formar na faculdade, juntar dinheiro para abrir um negócio, conseguir uma renda extra); a terceira agrega as meninas que não querem ficar por longo prazo (e perduram unicamente para pagarem as contas). Eu notei igualmente uma enorme rotatividade nesse ramo: quando comecei a pesquisa de campo eu acompanhava 16 *webcam models*, das quais pelo menos oito não estão mais oferecendo esse serviço; em etapas

subsequentes do estudo eu passei a seguir cerca de 60 exibicionistas e, atualmente, restaram 30 no total⁸⁶. Essa alternância de pessoas, também relatada por W. Silva (2014), ocorre devido à flexibilidade dessa atividade, na qual cada uma decide quando, por quanto tempo e onde vai transmitir – é muito comum exibicionistas que entram esporadicamente, sem terem nenhuma agenda específica.

Anelise integra o grupo que não pretende deixar o *camming*: “vou ser sincera, quando eu entrei eu não achei que iria ficar muito tempo, só que conhecendo eu não me imagino em outra profissão, eu gostei de trabalhar com o público”. Não obstante, segundo ela, “eu sei que vai chegar um momento que eu não vou poder continuar, mas até lá eu tenho muito tempo, até a média de 40 anos, 35 dá para levar tranquilamente”. Eu questionei Anelise se o único motivo que ela teria para deixar a atividade seria a idade, porque ao meu ver existem muitas pessoas mais velhas se exibindo online. Segundo ela, “eu acho que o fluxo cai bastante, porque querendo ou não as pessoas procuram meninas mais novas”.

Eliane segue a mesma linha de Anelise: “eu vou continuar nisso enquanto meu corpo permitir, obviamente, enquanto eu me sentir bem com isso” e, futuramente, Eliane pensa em abrir um negócio próprio. Lúcia me disse que não se encaixa em empregos formais devido ao rigor de horários e dias de trabalho e detesta ter um chefe. Ela se encontrou no *camming* e acha que a atividade combina perfeitamente com seu estilo de vida, por isso não tem nenhuma intenção de sair. Lúcia também não é muito assídua em sua sala e nas redes sociais: tem períodos de intensa participação e momentos de ausência prolongados – nunca estabeleceu nenhum compromisso com o exibicionismo online. Carolina, Denise, Manuela, Milena e Dandara investem em suas carreiras e até o momento nunca pensaram em abandoná-la.

No segundo grupo, das mulheres que possuem metas específicas para participarem do exibicionismo online, encontramos Cibele, que gostaria de permanecer na média de quatro ou cinco anos, até acabar uma faculdade. Gisele idem: apesar de adorar se exhibir e considerar que fica muito bem na câmera, quer ter outra profissão, talvez mais lucrativa que o *camming*. Beatriz concilia o *webcamming* com a faculdade.

⁸⁶ Eu criei um arquivo com o nome e o link do Twitter de todas as modelos que eu me conectei por meio dessa rede social (incluindo também o nome da empresa na qual atuavam) para que eu pudesse acompanhar quais ainda permaneciam ativas. Periodicamente eu conferia as pessoas que eu seguia e notava que uma ou algumas delas não estavam mais lá. Buscava por seus nomes no Google e no site em que trabalhavam e também não as encontrava. Conclui que, provavelmente, boa parte das mulheres havia trocado de nome (prática muito comum no universo do *camming*) e uma pequena parcela teria abandonado a atividade.

Nicole gosta da atividade, mas sempre esteve mais focada em ser modelo alternativa. Atualmente tem vários álbuns de fotos no *Suicide Girls*⁸⁷ e atua como *Xgirl* (modelo do site de *alt porn* Xplastic). Nicole também se encaixa na última categoria, das pessoas que não intencionam fazer shows por longo prazo e se mantêm com a finalidade de pagar as contas. Para ela, a webcam financia sua meta principal: trabalhar com fotografias e vídeos no ramo pornográfico. Jennifer apenas me disse que não pretende perdurar nessa atividade, mas também não sabe o que fará depois de deixá-la. Fernanda e Angélica são as únicas que ainda não pensaram sobre o assunto.

Outra característica extremamente interessante em relação às pessoas que atuam no *camming* brasileiro é a intensa rotatividade para outros ramos dos mercados do sexo, principalmente a pornografia alternativa. Ao meu ver, ambos os setores se retroalimentam: existem meninas que começaram a carreira como atrizes e, posteriormente, migraram para a webcam, e também aquelas que percorreram o caminho contrário. Há casos em que as mulheres entram ao mesmo tempo em ambas as atividades. Porém, são poucas *camgirls* que também trabalham com a prostituição (mais conhecidas nesse universo como “acompanhantes”). Dentre minhas 15 entrevistadas, sete (Angélica, Anelise, Dandara, Gisele, Lúcia, Milena e Nicole) estão no *Suicide Girls*, três (Milena, Nicole e Dandara) participam de filmes pornográficos e uma (Manuela) é garota de programa.

As *camgirls* brasileiras têm a possibilidade de decidir se vão mostrar ou esconder o rosto. Em minha experiência no universo do *camming* notei proporção similar de mulheres nos dois grupos, talvez uma porcentagem sutilmente maior entre as que acobertam a face. Dentre as minhas interlocutoras, somente quatro usam máscara e uma se fotografa do pescoço para baixo. É importante salientar que existe uma dinâmica complexa nesse jogo entre revelar e encobrir: na grande parte dos casos, o semblante permanece oculto apenas em fotos, vídeos e chats gratuito ou simples, mas raramente em shows privados (dependendo do usuário), considerado um espaço mais “seguro”. Assim, todas as decisões acerca de manter o anonimato são tomadas em função de espaços online específicos e das interações estabelecidas com outras pessoas (em geral o público). Como Beatriz me disse, “a máscara não esconde muita coisa”, ela funciona mais como “uma dúvida na verdade, porque se, por exemplo, meu pai ver, meus amigos, eles vão saber que sou eu, só que eles não poderiam publicar uma foto minha

⁸⁷ Site para fotos de nudez de mulheres consideradas “alternativas”: muito tatuadas, com modificações corporais, obesas ou muito magras, com estilo de roqueiras, etc.

de máscara e dizer que é fulana”. A máscara e outros modos de tampar o rosto conferem uma segurança subjetiva, na medida em que as modelos acreditam estarem mais protegidas, mas eles não impedem que elas sejam reconhecidas.

Uma outra estratégia muito comum para manter o sigilo, analisada de modo detido em W. Silva (2014), é a criação de uma personagem para atuar como *camgirl*. Como todos os elementos que compõem o perfil das modelos do *camming*, também não há nenhuma unanimidade a respeito dessa prática. Jones (2015), ao olhar para o contexto internacional, chegou à conclusão de que as mulheres edificam uma “identidade online” para se apresentarem na câmera, baseada em um pseudônimo, um estilo de vestir e formas específicas de se comportar. W. Silva (2014) assinalou o que ele chama de “processo de incorporação” dessa persona, um mecanismo de proteção para as modelos. Durante o meu campo presenciei uma realidade diametralmente oposta à descrita pelos autores: existem com toda certeza modelos que optam por encenar um papel, mas elas não são de nenhum modo a grande maioria.

Angélica foi uma de minhas interlocutoras que decidiu criar uma personagem e deixou bem claro que era ela quem participava da entrevista: “só a única coisa que eu peço é que seja a personagem o foco, eu vou responder como quem dá vida à personagem, enfim, como eu desenvolvo isso”. Em seus shows ela também lança mão dessa estratégia, porque acredita que “o ideal é manter a personagem como *camgirl*, como se ela fosse vinte e quatro horas aquela menina”. Os usuários, na visão de Angélica, se sentem confortáveis com sua persona online e “querem um personagem mais elaborado, então você tem que de certa forma corresponder para eles”. Apenas ela, em meio às quinze mulheres, enfatizou a total dissociação da *camgirl* em relação à sua personalidade.

Carolina pondera que ter uma personagem é importante, sobretudo porque “tem fetichistas que querem que você crie essa personagem, que forcem você a ser uma outra pessoa”, mas à exceção desses usuários “eu sou mais ou menos uma mistura de mim mesma com essa personagem criada já de cinco para seis anos, ela já está mais que viva né, dentro de mim”. Na visão de Fernanda, assumir uma persona precisa ser algo natural, por isso mesmo ela é uma mistura de sua personalidade com outras características que ela considera essenciais para o *camming*: “eu dei o direito a essa personagem, usei totalmente o meu lado atriz e essa personagem foi a super garota que eu mesma nunca fui (...), mas eu aprendi e pensei ‘poxa, essa personagem sou eu, ela tá dentro de mim’”. Para Fernanda, assumir o papel da “super garota” somada à utilização

de uma máscara foi essencial para sua entrada no exibicionismo online: “até que a personagem estivesse totalmente firmada, a máscara, acredito eu, tenha sido fundamental porque ela deu segurança sabe, não vou estar exposta”, além disso “se eu for, se por algum momento eu for ridícula, quem tá sendo ridícula é fulana, a personagem, não eu, eu tô livre né”.

Jennifer adotou uma personagem muito conhecida da ficção por quem ela sempre teve empatia e compartilhava alguns traços de personalidade: “eu me identifico com a personalidade da personagem que é mostrada, que ela é cativante, ela é inteligente, ela tem aquele espírito de, pra frente, ela lidera a equipe dela” e essa identificação proporciona uma fusão entre Jennifer e sua persona, na medida em que “eu consigo, na minha personagem no site, eu acabo sendo eu mesma, mas aquela versão safada, aquela versão do sexo, a alusão ao sexo”. Segundo a modelo, “eu consigo fazer aquela linha tênue entre ser eu mesma encarnando uma personagem que eu gosto, me identifico”.

Eliane e Manuela, no início de suas trajetórias no *camming*, tentaram criar uma personagem, tática que acabou não funcionando a longo prazo. Eliane me disse que percebeu rapidamente o fracasso de sua persona: “aí foi onde deu aquele estalo que eu pensei comigo mesma, tenho que ser eu mesma né, independentemente de ser a personagem ou não, eu tenho que ser eu mesma, que aí eu vou conseguir passar o que eu quero”. Manuela passou pela mesma experiência: “eu, por exemplo, tentei no começo criar uma personagem, eu não conseguia, na hora de falar, que me perguntavam alguma coisa, não correspondia ao que eu tinha planejado na minha mente de personagem, então ali morreu o personagem”.

O mais impressionante para mim foram cinco entrevistadas que nunca pensaram em adotar personagens para atuarem como *camgirls*: Denise, Gisele, Anelise, Lúcia e Nicole. Denise, a modelo que se exhibe por prazer e para manter alguns gastos extras (viagens, sapatos, maquiagem, etc.), deixou bem claro que em muitas ocasiões se sente mais personagem em seu dia-a-dia do que na câmera. Anelise percebeu que essa estratégia “não ia fluir para mim, foi então que eu larguei mão e peguei um nome artístico meu mesmo e fui eu mesma”. Lúcia utilizou um prenome com o qual ela se identificava e “sempre fui eu mesma”. Gisele e Nicole nem mesmo mudaram seu nome de batismo. Como me disse Nicole,

É, nenhum, eu sempre, é porque até quando eu fui entrar eu pensei assim, eu vou criar um personagem tal, mas eu acho que eu mesma

não ia me sentir à vontade com a situação, porque acho que eu não sei, é um conflito dentro da minha mente, acho que eu não ia me sentir muito à vontade não, com o fato de criar ali um personagem e tá ali e ter que ser talvez outra pessoa para atender os outros. Eu acho que eu usando o meu próprio nome acaba ligando a ser eu mesma.

Como bem sabemos, a estratégia de empregar um nome de trabalho e uma personagem para atuar nos mercados eróticos-sexuais é comumente acionada (Fonseca, 1996), tendo como finalidade isolar a vida pessoal do trabalho sexual. Vale assinalar, porém, que essa dinâmica é sutilmente diferente no *camming* brasileiro: nem todas as mulheres se sentem compelidas a adotar essa tática e, tomando os dados de minhas entrevistadas, seriam a minoria das *camgirls* que adotam uma persona na webcam. Isso acontece porque o próprio exibicionismo online agrega, na visão das modelos, elementos que garantem mais efetivamente a salvaguarda do que a utilização de uma personagem, tais como a manutenção da distância espacial e corporal entre elas e seu público; as transações financeiras serem controladas pela empresa especializada; a interlocução pontual e circunscrita das mulheres com os usuários, que se mantém apenas no momento dos shows; além da mediação do ambiente virtual, que é compreendido como uma barreira simbólica e material. Como perceberemos mais adiante, a ideia de segurança, já mencionada inúmeras vezes anteriormente, tem um papel simbólico e moral na interpretação das *camgirls* sobre a atividade que elas exercem, sendo fundamental em suas práticas diárias e em suas racionalizações.

3.2.3. Público espectador

O *webcamming* contemporâneo, na concepção de Bleakley (2014), é uma atividade “fundamentalmente interativa”, constituída, em primeiro plano, pela interlocução entre *camgirls* e usuários. A grande novidade dessa prática é a possibilidade de acesso do público às performers, direcionando todas as ações realizadas, sendo que a interatividade é um dos principais bens comercializados (na medida em que os homens pagam tanto pela atenção quanto pelo conteúdo sexual/erótico). Segundo diagnóstico do autor norte-americano, as modelos desenvolvem conexões pessoais (limitadas) com sua audiência, cultivando uma ampla clientela fixa.

Fornecendo uma visão mais precisa acerca do *camming*, Jones nos informa que “é precisamente a ausência de toque físico – e a inexistência dos muitos riscos associados aos encontros físicos – que impulsionou esse novo mercado sexual” (2016,

p. 230). Tanto Jones (2015, 2016) quando Nayar (2007) concordam que a interação em tempo real proporciona a aproximação da modelo com o usuário, além de permitir uma “experiência erótica autêntica” – no sentido de existirem efetivamente duas pessoas compartilhando um momento de troca sexual/erótica. O público “quer ver o corpo da mulher tremendo em êxtase, mas precisa acreditar que aquilo é real. (...) o recurso de transmissão ao vivo permite que os clientes verifiquem a autenticidade do prazer corporal (o orgasmo) e, mais importante, participem de toda a experiência” (JONES, 2016, p. 239).

Nesta seção vou apresentar um perfil do público do *webcamming* considerando minhas observações em campo e as narrativas das *camgirls*, únicos atores do exibicionismo brasileiro com quem dialoguei. Reconheço, no entanto, que a visão dos próprios usuários seria proveitosa para compor a descrição dos espectadores, principalmente porque eles poderiam expor elementos distintos daqueles comentados pelas modelos. Sem embargo, a abordagem unilateral que apresento é fruto de minha estratégia investigativa de me concentrar nas mulheres que atuam nesse ramo, as principais protagonistas do *camming* nacional.

Os usuários que participam do *webcamming* (seja brasileiro ou estrangeiro) são majoritariamente homens que buscam a atividade devido às expectativas e desejos diversos. Durante minhas entrevistas sempre perguntei para as modelos qual o perfil de seu público e, mesmo sendo muito difícil dizer com certeza, elas afirmavam serem pessoas do sexo masculino, entre 35 a 55 anos de idade, geralmente com renda fixa e bom poder aquisitivo (haja vista o custo do minuto online). Uma boa parte da clientela é composta por garotos mais jovens, na faixa dos 20 anos, que possuem poucos recursos financeiros e buscam shows rápidos (querem apenas ver a menina pelada durante alguns segundos) – comumente conhecidos como “miojo” segundo Carolina. Mas como tudo no *webcamming*, as características supracitadas não são uma regra e nem se aplicam indistintamente a todos os contextos.

Denise já conversou com muitas pessoas ao longo do tempo que atua como *camgirl* e em sua sala já estiveram homens de 16 a 60 anos. Ela nunca viu uma mulher, visto que “mulher eu não faço, eu não vou conseguir falar para uma mulher ‘eu vou morrer de tesão em você’ porque eu não quero imaginar uma mãozinha de mulher pegando em mim”. É bom lembramos que Denise não criou uma personagem e manteve suas apresentações fieis à sua personalidade: “como eu te falei, eu sou de verdade, as coisas que eu falo são as coisas que eu normalmente até faço, eu faço na vida real

mesmo, sou eu mesma”. Angélica disse que seu público é composto por homens mais velhos, frequentemente casados – muito próximo aos espectadores das exhibições de Carolina (homens com cerca de 40 a 50 anos). Cibeles, Gisele e Dandara atendem habitualmente homens de 35 a 40/50 anos (alguns casados, outros solteiros). Lúcia interage com os usuários mais novos, na casa dos 18 aos 35 anos, e Manuela abriga indivíduos de uma ampla faixa etária, de 28 a 50 anos.

Seis de minhas entrevistadas já atenderam mulheres e casais, ainda que em pequena proporção (cerca de 30% do público total, segundo Fernanda). Beatriz é a *camgirl* que mais agrega namorados e cônjuges em sua sala: “há muitos homens e poucas mulheres que me assistem, mas há casais, bastante casais”. Segundo ela seu público se organiza da seguinte forma: “casados, namorando, enrolados, os homens sempre têm alguém, geralmente e as mulheres, todas as que eu falei até então são solteiras” e possuem idade que varia dos 18 aos 60 anos. Milena costuma interagir, via de regra, com homens mais velhos (acima dos 50 anos), algumas mulheres e casais de idades diversificadas. Fernanda e Eliane possuem espectadores entre 27 a 46 anos (a primeira acredita que a faixa predominante seria a dos 36 aos 46 anos, enquanto a segunda aposta entre 27 a 38 anos).

Anelise, Jennifer e Nicole possuem perfis bem específicos (duas delas chamam a atenção por suas diversas tatuagens e piercings e a outra adotou uma personagem famosa da ficção) e acabam angariando uma clientela segmentada. Segundo Anelise, “vem mais homens, no caso, só que eles são bem diferenciados, porque a maioria procura mais inversão⁸⁸, sadomasoquismo, gostam de inversão, feminização, coisas que fogem do padrão da sociedade e meu outro público é mulher, vem muita mulher”. As pessoas que procuram Anelise são mais jovens, com idade entre 20 e 35 anos. É a mesma faixa etária dos espectadores de Jennifer, que agrega um público nerd (que gosta de quadrinhos e jogos de videogames) e de Nicole, que atende muitos homens e poucas mulheres fetichistas e que curtem o perfil “namoradinho”.

Todas as minhas entrevistadas, sem nenhuma exceção, possuem um público fixo e cativo que sempre as acompanha e paga por seus shows. W. Silva (2014) também percebeu que a maior parte das modelos com quem conversou agregava um grande número de usuários fiéis às suas apresentações online. Uma prática pouquíssimo

⁸⁸ Trata-se de um fetiche baseado na inversão dos papéis entre homens e mulheres na hora do sexo. Essa prática está assentada em concepções normativas de gênero e sexualidade que designam a mulher como o polo da submissão e o homem como o da dominação (posições que são alteradas durante a relação sexual).

comum no *camming*, qual seja, os espectadores ligarem suas webcams (exceto quando se trata de mostrar o pênis), é habitual em se tratando desse pequeno estrato de pessoas que se mantêm assiduamente em contato com as *camgirls* (porque “o que acontece no privado fica no privado” segundo Anelise). Em meu contato com o *webcamming* notei que, assim como as *camgirls*, os usuários buscam manter o sigilo de sua identidade e procuram manter sua fisionomia acobertada. Em geral, eles não costumam aparecer na webcam, nem mesmo utilizar o microfone, mantendo o diálogo somente por texto. Me parece que, nesse caso, estamos diante daquilo que Bernstein (2007a) denomina de “autenticidade demarcada”, na medida em que esses usuários procuram por um prazer sexual compreendido como autêntico em ambas as partes da interlocução, mas sem precisar transgredir os limites da intimidade e da pessoalidade. A segurança e os limites entre a relação comercial e a vida privada são igualmente importantes para todas as partes envolvidas nas transações que compõem o exibicionismo online brasileiro.

Anelise me contou que seu público “varia bastante, eu tenho bastante fixos né, que estão sempre ali, mas sempre vem chegando alguém novo” – o que ela acredita que seja a situação da maior parte das modelos, principalmente aquelas que, como ela, sempre produzem conteúdos inéditos. Ter usuários cativos é ótimo na visão da modelo “porque, é o seguinte, cada pessoa gosta de uma coisa, uns gostam de conversar, outros de fetiches ou a inversão, então cada pessoa você cria uma intimidade a mais e isso é muito bom, eu prefiro do que o público mesmo”. Lúcia é um caso particular: ela geralmente só atende usuários fixos, com quem já possui algum grau de intimidade – uma preferência pessoal. Eliane também possui uma trajetória específica: angariou uma ampla clientela a partir de seus gold shows temáticos (devido aos quais ficou muito famosa).

Em geral as modelos afirmam estabelecer relações harmônicas com os usuários, usualmente baseadas em diálogo e compreensão mútua. A conversa é considerada por elas como essencial no *camming*: na perspectiva de Eliane “você tem que sim, o básico, perguntar de onde é, obviamente o nome raramente você fica sabendo, mas de onde é, qual idade, o que gosta, se é casado, se é solteiro, tudo isso acaba aproximando mais né, faz com que ele fique mais íntimo”. Ser atenciosa colabora para que a *camgirl* consiga ter um grande público cativo (porque as pessoas vão gostar de sua companhia) e aumentar seus ganhos financeiros (os shows vão ser mais longos). Para Denise “chega uma hora que você acaba conhecendo as pessoas de verdade, às vezes vira uma amizade” e é muito importante “criar um relacionamento mais íntimo né, conhecer mais

a pessoa, saber o que a pessoa faz, de repente eu contar o que eu fiz também”. Outro ponto importante assinalado por Fernanda é a habilidade da performer de deixar seus espectadores confortáveis: o indivíduo precisa “se sentir à vontade de expor suas mais profundas intimidades, tudo que passa pela cabeça e que ele quer pedir”. É preciso, em suma, um bom “jogo de cintura” (nas palavras de Fernanda) para conseguir ajustar a situação de interação de modo agradável, harmônico e convidativo para ambas as partes.

Não obstante, o limite entre uma interação saudável, mutuamente orientada e outra ambígua, que deixa margens para o abuso, é uma linha muito tênue. Quando eu perguntava às modelos se os usuários confundiam a relação estabelecida com elas, a resposta era sempre positiva – muitos, inclusive, esqueciam que aquela era uma troca comercial. Denise me disse, de modo assertivo, que não gosta quando “a fantasia oculta um relacionamento sério, quando ficam românticos demais ou quando começam a me cobrar show grátis baseado no fato de acharem que são clientes especiais e que a gente tem algo a mais”. Ela me contou o caso de um garoto que atendia via Skype, com quem costumava conversar nas horas vagas sem nenhum compromisso: “ele começou a achar que a gente estava em um relacionamento sério porque ele começava a ficar ligando durante o dia, e queria me ver, mas não combinava comigo, às vezes nem pré-pagava, aí eu tive que bloquear”. Eliane relatou uma série de pequenos problemas:

Já, já aconteceu de eu ser ofendida, já aconteceu de cliente brigar, existem clientes que são ciumentos, dependendo da situação, às vezes você acabou indo pro privado e o cara estava ali na tua sala, o outro cliente, mas poxa, o outro chamou primeiro e aí esse outro que ficou esperando, fica chateado. Acontece essas situações né, o principal mesmo, que magoa bastante às vezes é a forma como eles te tratam, às vezes por você tá ali no site eles acham que você é uma pessoa que tá sendo paga né, obviamente, então por ser paga, você tem a obrigação de fazer tudo como eles querem, a hora que eles querem. E não é assim que funciona. Quando aparece esse tipo de cliente eu tiro ele da sala na hora.

Outro empecilho recorrente relatado por Anelise e Beatriz são os incessantes pedidos de realização de práticas eróticas/sexuais que as modelos não se sentem à vontade em realizar ou mesmo não têm interesse em fazer (em muitos casos a restrição já fica registrada no perfil da menina). Na experiência de Anelise “o tempo todo, às vezes a pessoa pede uma coisa e eu falo ‘não, eu não faço’, ‘mas fulana faz’, eu falo ‘pô, a sala é dela, eu tô na minha sala’, ele tem que entender”. Para Beatriz o problema é outro: os usuários sempre querem ver o rosto e a penetração anal – duas coisas que nem sempre ela se dispõe a fazer. Jennifer entende que o maior inconveniente são os homens

que não querem realmente participar de um show erótico, “como é um negócio virtual, o cara vem, viu, gozou, acabou. A maioria é assim”. Outra coisa muito comum são pessoas perguntando às *camgirls* se elas “fazem real” – acontece diariamente com todas as minhas 15 entrevistadas – e enviando mensagens privadas indesejadas em suas redes sociais.

A despeito dessas situações, consideradas pelas modelos como ocorrências pontuais, não ocorrem incidentes gravíssimos, como ofensas pessoais, coação ou ameaças – principalmente porque o site conseguiu construir uma boa proteção para as mulheres nesse sentido. Angélica reconhece que “difícilmente recebo alguém que chega lá com palavras chulas, pedindo coisas bizarras, nunca ninguém me humilhou, me xingou”, pois no website em que trabalha nem são permitidas “essas palavras de baixo calão (...) o site bloqueia, bloqueia também os endereços eletrônicos, redes sociais, é tudo bloqueado”.

Ainda que as *camgirls* busquem ressaltar a relação harmônica que desenvolvem com seu público, apontando, inclusive, para uma proximidade e um entrosamento com as pessoas que as assistem, notei em campo que nessa interlocução subjaz uma tensão, sempre prestes a se manifestar. Em verdade, todas as minhas entrevistadas evitaram apresentar aspectos negativos das condutas dos usuários e quando o faziam, contornavam sua afirmação dizendo que o próprio site resolvia os problemas mais graves, sem nenhum prejuízo para elas. Alguns fatores iluminam essa postura das modelos: existe o componente comercial, que requer que as mulheres mantenham uma clientela cativa para aumentar sua lucratividade; existe igualmente uma tentativa de posicionar o *camming* como uma troca horizontal, em que as garotas estão em condição de igualdade com seus espectadores; existe também uma busca por afirmar o exibicionismo como uma atividade erótica segura (ou não perigosa), sem prejuízos para as trabalhadoras. Mas, como veremos adiante, a interação sempre está prestes a ser dissolvida, porque boa parte das pessoas que consomem esse serviço o encaram como uma variante da prostituição e tratam as mulheres nesses termos. Ao contrário da harmonia apontada por minhas interlocutoras, há sempre o risco de um encontro conflitivo.

3.2.4. Shows de exibicionismo

No *camming* brasileiro os shows são apresentações via webcam que envolvem a modelo e um ou mais usuários, durante os quais ocorre uma interação mais próxima

entre as pessoas conectadas e as mulheres se despem e realizam uma série de práticas eróticas (masturbação, uso de dildos e vibradores, dominação, inversão, etc.). A exibição na câmera é uma atividade livre em que cada *camgirl* decide o que vai fazer à medida que interage com seu público: algumas pessoas querem atenção e gostam apenas de conversar; outras querem se masturbar rapidamente e se desconectar; esse universo abriga também os fetichistas, que em geral querem inversão, dominação e podolatria (pelo menos na visão das mulheres que entrevistei); existem indivíduos que gostam de se mostrar para as garotas (elas passam a ser espectadoras) – as possibilidades são múltiplas.

Nesse ponto do texto acredito que não é mais necessário reforçar a heterogeneidade do *webcamming*, nem mesmo esclarecer que a dinâmica dos shows depende tanto das características das modelos quanto dos usuários que as procuram. Acredito que Fernanda explica muito bem o quadro geral: “porque existem os mais diversos perfis de modelos, tanto mulheres quanto transex e rapazes, e também de clientes. O perfil ali da minha personagem, ele chama mais atenção de um determinado perfil de usuário”. Apesar desse caráter individual, vale dizer que as apresentações também são pautadas por “scripts sexuais” tal como proposto por John Gagnon (2004), um conjunto de diretrizes e orientações gerais para o desenvolvimento das interações erótico-sexuais. Em geral, as exibições online seguem um caminho que se inicia no strip-tease, passa pela demonstração das partes do corpo consideradas erógenas (seios, bunda, vagina e ânus), se direciona à masturbação e ao uso de brinquedos até culminar no gozo final. Essa sequência de atos, que se instaura no terreno das convenções cotidianas do *webcamming*, se constitui como uma estratégia para manter os espectadores conectados mais tempo, pagando um alto valor pelos shows. Tendo em vista essas características do exibicionismo online, decidi trabalhar nessa seção com os processos individuais de cada entrevistada, desvendando como elas organizam e estruturam suas encenações online.

Denise não gosta nem um pouco de show curto – opinião da maioria das modelos – “porque eu tenho que me vestir de novo, voltar para o chat grátis e ficar ali conversando. Com show longo não, às vezes já é a grana da semana”. Segundo ela, “eu gosto de ter uma interação e eu gosto de perguntar, eu não gosto da ideia de fazer um show, eu gosto da ideia de sexo virtual”. Por isso suas apresentações não são pré-programadas e não existe nenhuma sequência de ação definida antes de o usuário entrar no chat privado. Sua dinâmica é a seguinte: “eu não crio fantasia, por exemplo, não uso

fantasia de diabinha, heroína, na maioria das vezes eu tô sempre de lingerie, cabelo solto ou trança, bem como eu sou mesmo”. Mas tudo depende da sua clientela: “tem cara que é mais tímido e fala ‘faz seu show aí’. Quando acontece isso eu danço funk, faço strip e fico de quatro para ele ver, que são as coisas mais básicas”. Existem também aqueles homens que gostam de determinadas fantasias e são mais assertivos com o que querem da exibição; com esses, o diálogo é o que determina o encaminhamento da apresentação.

Denise já me disse logo no início que não realiza uma série de práticas, principalmente alguns fetiches: “eu não faço fisting⁸⁹ e eu não coloco outras coisas que não sejam vibrador dentro; eu não faço chuva dourada nem preta, não faço aquela ejaculação feminina”. Ela também deixa bem claro para todos os usuários as restrições que estabelece em cada chat: em primeiro lugar, Denise costuma evitar o chat simples “porque paga bem menos” e costumam aparecer caras que “querem ver você nua por um segundo e desligar, e se eu tirar a roupa muito rápido acabo não ganhando nada”. Em raras ocasiões ela mesma convida determinados homens para o chat simples: “geralmente sou eu que convido ‘vocês não querem ir lá para o simples para a gente conversar, para ficar mais ousado?’ quando já tem várias pessoas na sala e o pessoal está se divertindo”. Nos chats privados e exclusivo a dinâmica é mais livre e Denise costuma fazer quase tudo que sua clientela gosta – apenas restringe o que considera impraticável.

Angélica segue a mesma lógica de Denise: “eu sei que não vou tirar a roupa em chat simples, eu prefiro tirar a roupa em chat privado e exclusivo”. No chat simples a modelo conversa e interage com seu público, só não permite chat grátis “porque o usuário tem que entender a lógica do que é o trabalho de camgirl”. Angélica reconhece que existe apenas uma ocasião em que realizar um show por chat simples é compensatório: quando a apresentação é em dupla.

Eu já trabalhei com parceiro homem e com uma parceira mulher, se você tá em chat simples é muito mais bacana porque aí várias pessoas vão estar vendo o seu show, a sala fica muito mais movimentada e os sentimentos também, porque cada usuário que entra na sua sala enquanto você estiver em chats pagos e permitirem esse mecanismo de voyeur, você tá ganhando. Então é muito interessante pra modelo financeiramente e a gente, quanto mais distraída ficar ali e melhor fica a desenvoltura.

⁸⁹ Prática erótica que consiste em introduzir a mão ou o antebraço na vagina ou no ânus.

Os elementos tradicionais do show de Angélica são a masturbação e a sedução: “basicamente é isso, a sedução, a conversa e posteriormente a masturbação, porque o objetivo é fazer o cliente gozar, sentir prazer mesmo”. Se entram em sua sala homens que gostam de fantasias específicas, ela costuma negociar dependendo do tempo da exibição e do ganho de presentes. Angélica prefere que suas apresentações transcorram em um tempo longo, no qual é possível envolver o público e realizar muitas práticas distintas. Segundo a modelo, “eu não entro arrancando a roupa, com pressa, não faço nada com pressa, porque é um momento de lazer”. Todas as minhas entrevistadas concordaram com Angélica e afirmaram preferir apresentações longas. Para além do “momento de lazer”, trata-se de uma estratégia para aumentar os lucros, porque quanto mais tempo elas se mantêm conectadas, mais créditos entram em suas contas.

Anelise me explicou que todo o processo que envolve os shows é muito similar para a maioria das *camgirls*: quando a modelo se conecta no site em que trabalha espera até que comece a movimentação no chat grátis (para aquelas que habilitam essa função) ou simples; ela permanece por algum tempo (a depender da quantidade de pessoas e dos interesses delas) conversando e interagindo com os usuários (às vezes ocorrem conversas mais íntimas e picantes), até que algum deles a convide para o chat privado; quando eles migram para um ambiente pago, à medida que a exibição ocorre há a negociação das demais práticas a serem executadas (algumas delas são realizadas apenas mediante recebimento de presentes). Anelise respeita os desejos do público quando em chats pagos: “como é em chat privado, cada pessoa gosta de uma coisa, eu não elaboro nada, é tudo na hora (...) é uma coisa que você vai conversando, vai vendo o que acontece e apenas vê o que o homem quer, nada robótico né”.

Grande parte dos shows de Anelise são baseados em fetiches e muita conversa – fato relacionado ao perfil do público que procura a modelo. Segundo ela, “muitas pessoas entram para conversar apenas, tem dias que eu nem levanto da cadeira para você ter noção, é só conversa mesmo”. Nas ocasiões em que a exibição de fato ocorre, “o que é mais pedido é a famosa inversão: eu vou falando, fazendo suposições com o cara como se a gente estivesse juntos e nisso entram as brincadeiras, os brinquedos. A maioria que curte inversão também gosta de sadomasoquismo e vai encaixando uma coisa na outra”.

Beatriz concorda com Anelise que em muitas ocasiões elas apenas conversam com os usuários, principalmente com aqueles que são assíduos, que costumam fazer até três horas de shows. Suas exibições também não são pré-programadas, mas existem

alguns critérios pré-estabelecidos para cada ambiente: “no simples eu bato um papo, provoco, danço, dou voltinhas, não costumo tirar nenhuma peça de roupa, já no privado eu deixo a imaginação fluir, pode ser strip, masturbação, oral no meu dildo, vaginal com dildo ou dedos, anal”, mas os fetiches precisam ser combinados, “por exemplo, podolatria, chuva dourada, submissão, isso aí é combinado e só faço mediante presente”.

Carolina e Cibeles possuem dinâmicas bem parecidas: como todas as outras quatro modelos, elas não possuem um roteiro para os shows e realizam uma ampla gama de práticas eróticas em chats pagos. Na percepção de ambas, grande parte dos usuários, principalmente os fixos, querem apenas conversar e vê-las nuas. Nas palavras de Carolina, “muitos hoje em dia querem conversar, eles são carentes de atenção, são carentes de afeto e querem apenas uma pessoa que possa conversar, e eles falarem o que eles pensam, o que eles querem sem serem julgados pela sociedade”. Com relação às suas exposições, as duas relataram fazer uso de brinquedos eróticos apenas com seu público cativo, com as demais pessoas utilizam apenas as mãos. Cibeles costuma dançar e mostrar diversas partes de seu corpo, em um processo que ela denominou como “a sedução”, até chegar ao momento da masturbação. Carolina habitualmente mostra “o corpo, no caso eu tenho tatuagem, então eles pedem tatuagem, às vezes pedem para botar uma roupa, colocar um sapato, ligar o áudio, para ver a mão, eles gostam muito de mão, e ver o pé”.

Fernanda relatou que seu público “entra e não é só a parte sexual, mas também conversar, criar conexão, eles entram e às vezes ficam horas ali conversando”. Na visão da modelo, o diálogo está intimamente relacionado às práticas que ela mais realiza, o strip-tease e a masturbação, uma vez que ele é responsável por criar o clima do show e direcionar o ritmo da exposição. Mas, claro, “tem usuário que não quer conversa, ele liga a câmera dele, se masturba ali, ele quer ‘vai, tira a roupa, vai’, coisa rápida, ele atinge o orgasmo e vai embora”, muitas vezes sem nem ao menos se despedir. Fernanda sempre procura observar o perfil dos homens que a procuram para construir a dinâmica da exposição: “cada usuário tem um perfil, então tem o usuário que ele entra, ele já quer uma pornografia bem maluca, bem explícita; outros já gostam de ir conversando, começa a dançar, eu vou envolvendo e eu procuro agir conforme o feedback daquele usuário”.

Dandara, diferentemente das outras entrevistadas, se apresenta em dupla em algumas ocasiões, apesar de o perfil no site especializado ser apenas dela. As práticas eróticas mais solicitadas dependem do show, se sozinha ou em dupla: no primeiro caso,

o mais requisitado é o sexo anal com vibradores e dildos, enquanto no segundo o mais pedido é o oral. Sempre que usuários pedem algum fetiche ou algo que a modelo considera incomum, ela sempre requisita um presente (que geralmente é oferecido em forma de créditos). Quando se exhibe por meio do website, Dandara costuma deixar o show bem livre para seu público, mas no Skype tudo é combinado de antemão e os valores pré-estipulados.

Eliane trabalha com duas dinâmicas distintas: uma é referente aos shows realizados diariamente, bem livres e sem planejamento, enquanto a outra é relativa às apresentações agendadas. Em suas palavras, “em atendimentos privados eu não tenho nada pré-definido: tem alguns que eu faço de tudo, tem outros que eu faço só uma coisa e o cara já está satisfeito”, mas quando se trata da exibição programada “aí sim é um show onde podem entrar várias pessoas e eu programo com antecedência, eu já tenho tudo pré-definido”. Ela possui também dois modos de atendimento: “na verdade, eu tenho quem pode me mandar mensagem marcando um horário, um dia específico, que vou entrar e fazer o show para ele”, mas geralmente “você tá no livre, o cara te chama para o privado, quem for mais rápido ganha né, quem puxou primeiro vai ter o show e aí, no início do privado, você já sente como vai ser esse show”. O público de Eliane gosta, predominantemente, de oral em dildos e vibradores (sobretudo porque ela faz “garganta profunda”), pole dance (prática na qual ela se diz muito habilidosa) e dupla penetração.

Nicole possui um perfil que denominou de “namoradinha e feticista”, por isso mesmo seus shows são baseados em podolatria, *smoking-fetishe*⁹⁰ e fetiches com “ninfeta”. Suas apresentações são de “normalmente meia hora, os usuários preferem comprar um tempo bom. Meia hora é um tempo suficiente que dá para você conversar, dá para se exhibir, fazer tudo mais. Agora tem clientes que são fixos e pegam uma hora e meia”. Segundo a *camgirl*, muitos membros de seu público nunca a viram nua e pagam apenas para interagir com ela (ver seus pés ou assisti-la fumando). Como ainda atende muito via Skype, Nicole estabeleceu duas dinâmicas diferentes: “no Skype é mais prático, porque eu já passo uma listinha das coisas que eu faço, já no cam depende muito, eu prefiro que o usuário me chame no simples e lá a gente conversa o que eu faço e não faço para depois ir para o privado”.

⁹⁰ Trata-se de um fetiche por fumantes. As modelos que realizam essa prática costumam fumar online e soltar a fumaça de formas distintas (ênfatizando bem a fumaça) enquanto sensualizam para o usuário.

Cinco de minhas entrevistadas (Gisele, Milena, Jennifer, Lúcia e Manuela) não expuseram suas dinâmicas de shows na nossa conversa, mas apenas apontaram alguns elementos gerais que ocorrem na maioria de suas exhibições. Todas elas são adeptas de apresentações espontâneas e de tempo médio (cerca de 30 minutos), as quais envolvem muito diálogo e doses elevadas de erotismo. Strip-tease, nudez, masturbação e uso de *sex toys* para penetração ou oral são as práticas mais comuns, sendo que algumas delas também realizam fetiches: Milena faz dominação e inversão, Gisele atende podólatras e Manuela realiza inversão. Jennifer trabalha com penetração anal e Lúcia possui muitos usuários que gostam de se exhibir para ela.

3.2.5 Aspectos positivos e negativos do trabalho de camgirl

Na ocasião das entrevistas as modelos sempre enfatizavam aspectos vantajosos do *camming* em contraposição aos postos de trabalho formais, salientando três aspectos principais: os ganhos financeiros, a segurança e a flexibilidade de horários e de local de apresentação. Em relação ao primeiro pilar que compõe os benefícios do exibicionismo online, Jones (2015) atesta que essa atividade permite que as mulheres tenham lucro considerável, sem ser necessário sair de casa. Para as garotas que atuam em outros ramos do comércio sexual e erótico, essa prática colabora com o aumento dos lucros mensais e uma diversificação nas fontes de renda. É interessante notar, de partida, que estimativas de valores ou mesmo quantias exatas nunca são mencionadas – nem Jones (2015) nos apresenta números concretos, muito menos as minhas entrevistadas detalharam essa informação. Nos sites especializados brasileiros anuncia-se que como *camgirl* é possível arrecadar até R\$ 25.000,00 por mês. Senft (2008) já havia nos mostrado que desde o *homecamming* existia uma superestimação dos lucros obtidos pelas meninas, que nunca eram divulgados com precisão. Sendo bem realista, considero que as *webcam models* devem atingir números sutilmente melhores que ocupações do terceiro setor que exigem pouca escolaridade⁹¹ – ocupações essas que eram os empregos anteriores de várias das entrevistadas.

⁹¹ Em pesquisa da Ray Group divulgada em 2012 estimou-se que os cargos de baixo escalão do terceiro setor recebiam entre R\$ 1.211,00 a R\$ 2.564,00. Ainda que os dados estejam desatualizados (uma defasagem de seis anos) e não discrimine os salários por cargos específicos, eles ajudam a precisar uma média de ganhos mensais desses profissionais (a partir dos quais podemos imaginar o lucro das *camgirls*). Optou-se por utilizar esse estudo porque ele foi o único realizado após o ano 2010. Dados acessados em: <http://www.infomoney.com.br/carreira/emprego/noticia/2598769/quanto-ganha-profissional-terceiro-setor-confira-pesquisa> e <https://epocanegocios.globo.com/Inspiracao/Carreira/noticia/2012/10/quanto-ganham-os-profissionais-do-terceiro-setor.html>.

A visão de Denise acerca dos benefícios financeiros do *camming* é, ao meu ver, extremamente particular e não reflete a opinião geral das modelos. Segundo ela, trata-se de “dinheiro rápido e dinheiro fácil. É fácil porque eu não sou tímida, eu gosto de me exhibir, eu acho que eu tenho uma boa aparência, eu gosto de ser elogiada, eu gosto de ser desejada, eu gosto de putaria, eu gosto de ouvir sacanagem, eu gosto de falar sacanagem” e a rapidez fica a cargo do sistema de recebimento do site, que permite resgate diário. Precisamos nos lembrar que Denise é a *camgirl* que possui emprego estável e não depende do exibicionismo online para bancar suas despesas. Carolina, por sua vez, considera se tratar de “um dinheiro fácil, porque você está dentro da sua casa”: além dos valores recebidos pelos shows, as mulheres ganham muitos presentes de usuários, seja em forma de dinheiro, seja em bens de consumo. Carolina me contou que uma das pessoas assíduas em sua sala bancou um tratamento de saúde caro de um membro de sua família.

Todas as outras entrevistadas apontaram os lucros como um dos principais fatores que as impulsionaram a entrar e permanecer no *camming*. Angélica me disse que quando começou sua carreira como exibicionista, em seu primeiro dia online, conseguiu ganhar R\$100,00 líquido com apenas um show. Na ocasião ela ficou impressionada, porque seria possível fazer mais de seis apresentações por dia (a depender da extensão de cada uma). Cibele enfatizou esse mesmo ponto: “tem dias que eu consigo ganhar quinhentos reais ficando lá nem quatro, cinco horas, em um dia”. Para Dandara, além de uma boa arrecadação diária e mensal, no *webcamming* é a própria modelo quem estipula suas metas financeiras – muito diferente de empregos formais, nos quais se recebe uma quantia fixa. Fernanda apresenta mais um detalhe crucial conjugado à boa rentabilidade da atividade: é possível resgatar diariamente os valores conquistados, ou seja, não é preciso esperar pelo quinto dia útil de cada mês. Mas a perspectiva que mais me impressionou a respeito dos lucros foi a de Jennifer, que define o exibicionismo online como a “união do útil ao agradável”:

O que eu acho legal de ser *camgirl* é isso, você, não é mandar um nude, ao invés de você mandar nudes de graça, você ganha para ver seu nude, você tá se masturbando, todo mundo se masturba, eu acredito que é uma prática normal, então, agora você se masturba e ganha dinheiro pra isso, sabe que alguém vai pagar por isso.

O segundo pilar das vantagens apontadas por minhas interlocutoras foi a segurança fornecida pela atividade, na medida em que ela oferece o mínimo risco de exposição física e da identidade. Jones (2015) também identificou em seu estudo nos

Estado Unidos que a seguridade é um dos principais fatores que estimulam as mulheres a entrarem para o *camming*, já que nele não é necessário revelar dados pessoais gerais (como nome de nascença, residência, documentos de identificação, etc.). W. Silva (2014) também reconheceu no cenário brasileiro a importância do anonimato, que não se restringe apenas às modelos, mas se estende aos usuários. No *webcamming* a manutenção da privacidade é sinônimo de salvaguarda.

Fernanda considera que a questão da segurança está intimamente relacionada à privacidade possibilitada pelo *camming* brasileiro, porque a modelo não precisa se identificar com seu nome verdadeiro, com seus dados pessoais, nem mesmo precisa revelar o rosto (pode usar máscara ou se filmar do pescoço para baixo). Como o próprio site especializado agrega os usuários, a *camgirl* que quiser ter o mínimo de exposição nem precisa migrar para uma rede social para aumentar a movimentação da sua sala – basta permanecer online nos horários de pico. Segundo Fernanda, Anelise e Beatriz, poder manter sua identidade em sigilo é também uma grande vantagem para os usuários, que muitas vezes nem ligam suas câmeras, permanecendo totalmente anônimos. Denise considera que o sistema de recebimento e repasse do dinheiro desenvolvido pelos websites garante privacidade às mulheres, uma vez que somente as empresas precisam ter acesso aos dados bancários, que permanecem inacessíveis para o grande público. Para Eliane, como as pessoas envolvidas no *webcamming* estão totalmente protegidas, “você não corre risco e você passa a ter liberdade mesmo para falar o que você pensa”, dando vazão aos desejos da clientela sem perigos de julgamentos e exposição. Por fim, a possibilidade de retirar e banir pessoas das salas permite que as *webcam models* tenham controle de seus espaços online, evitando homens mal-educados, grosseiros e violentos.

A terceira vantagem apontada pelas modelos é a ampla flexibilidade do *camming* no que tange à rotina e ao local de trabalho. Todas as quinze entrevistadas enfatizaram essa questão, posicionando-a como o maior benefício do exibicionismo em face dos empregos formais. Denise resumiu o ponto de vista de minhas interlocutoras: “É em casa, tem coisa melhor do que ficar em casa?”. Cibele, Jennifer e Dandara consideram cômodo transmitir de suas residências porque não precisam se deslocar (pegar ônibus, enfrentar trânsito e longas jornadas para chegar ao trabalho) e também se consideram mais seguras já que não estão expostas na rua e ninguém possui informações sobre sua localização. Fernanda me disse que: “a gente pode fazer em casa, na verdade pode fazer em quase qualquer outro lugar, por exemplo, eu tô a fim de viajar, eu posso viajar e no

hotel, onde eu estiver, na cidade x, y, qualquer, de qualquer outro lugar eu posso transmitir né”, o que aumenta as possibilidades de arrecadação.

Os horários e dias de trabalho são igualmente flexíveis na visão de Angélica: “Eu jamais, eu não tenho um horário para entrar, eu não tenho um horário para sair da minha sala, eu posso ficar conectada vinte e quatro horas, posso ficar conectada duas horas, posso ficar desconectada 21 dias como já aconteceu. Eu quero tirar férias, pronto”. Beatriz concorda, já que ela “poderia ter um segundo emprego, poderia fazer duas faculdades, porque dá tempo, sabe, dá muito tempo, eu descanso muito”. Anelise nunca se imaginou em um trabalho formal e encontrou no *camming* uma excelente saída: “já começa você podendo fazer a sua escala, você determina trabalhar x horários e já vai ser muito bom, e o retorno, desde que você invista, claro né, o retorno é muito bom, eu não tenho o que reclamar com relação a isso”. Na visão de Eliane e Gisele, o exibicionismo online possibilita ajustar os horários dos shows à rotina diária das modelos, permitindo que elas consigam fazer uma diversidade de tarefas, aproveitando seu dia ao máximo. Outro ponto de concordância é que nessa atividade não é necessário permanecer na sala todos os dias da semana: é possível preservar os finais de semana e alguns feriados, tirar férias e atender compromissos imprevistos.

Ainda em relação à flexibilidade, as quinze entrevistadas consideraram que no *camming* é a modelo quem estabelece suas próprias diretrizes e dinâmica. Anelise me disse que “eu escolho, eu faço as minhas regras, é algo que eu gosto muito”. Lúcia também se mantém no exibicionismo porque ela não precisa obedecer às normas impostas, muito menos tem que interagir com quem não possui afinidade. Os mecanismos de “chutar” ou “banir” da sala estabelecidos pelos sites permitem que as *camgirls* escolham com quem vão ou não conversar. Ademais, Nicole, Dandara, Beatriz e Gisele afirmaram que não ter chefe é uma das principais vantagens, porque nessa atividade ninguém controla as ações e escolhas das meninas. Por fim, Beatriz considera que um dos itens que compõe a flexibilidade do *webcamming* é poder resgatar o dinheiro sempre que necessário, sem aguardar dias ou semanas para receber.

Apesar da extensa gama de vantagens apresentadas pelas modelos, o *camming* também inclui desvantagens. Jones (2016) discorre sobre três perigos principais: a) o *capping*, que consiste em filmar a performance online e disponibilizar em sites pornográficos; b) o *doxxing*, baseado no recolhimento de informações pessoais da *camgirl* por meio da internet a fim de as distribuir para um amplo número de pessoas; c) diversas formas de assédio e perseguição decorrentes de mensagens incessantes,

ofensivas ou indesejadas, seja no ambiente dos sites especializados, seja através das redes sociais.

Poucas foram as *camgirls* que conversaram sobre as possíveis desvantagens da atividade. Assim como no tocante a sua relação com os usuários, minhas entrevistadas se focaram em apontar os aspectos positivos da atividade, ressaltando suas qualidades e virtudes. Como discutirei mais adiante, essa visão positivada do *camming* é fundamental para distanciá-lo e diferenciá-lo de outros ramos de trabalho sexual, sobretudo da prostituição. Ademais, é uma forma de as mulheres valorizarem discursivamente suas práticas online em meio aos estigmas associados aos mercados de sexo. Angélica reforçou o perigo de ter um de seus shows filmado e disponibilizado na internet, o que ocasionaria a revelação de sua identidade (talvez até para pessoas fora do *camming*). Mas ela mesma considerou essa situação ambígua, já que “é complicado porque é uma faca de dois gumes, você tá fazendo um show, você pode ser gravada e explodir como camgirl e ir na Luciana Gimenez, o que de repetente pode ser interessante pra gente que é tão marginalizado e que é uma atividade nova no Brasil”. Para Carolina a flexibilidade é similarmente dúbia, na medida em que “aqui se você ficar doente, se você ficar doente um dia, você vai perder um dia, se você ficar doente dois dias, você perdeu dois dias, ficou doente uma semana, você perdeu uma semana, e depois você tem que correr atrás do seu prejuízo”. Milena foi a última entrevistada que apontou mais uma desvantagem: o isolamento. Como no geral as mulheres transmitem de casa e de seus quartos, elas passam muito tempo fechadas em suas residências submersas no ambiente online, o que acarreta uma diminuição das relações sociais. Vale adiantar que o isolamento também está diretamente relacionado à necessidade de muitas modelos em esconder sua atuação no *webcamming* para amigos e familiares. Inclusive muitas relataram rompimento de relações afetivas após as pessoas de convívio próximo descobrirem que elas se exibiam online.

3.2.6. Atuação das redes sociais

Tanto em cenário nacional quanto no internacional, as *camgirls* utilizam as redes sociais amplamente, sobretudo o Twitter⁹². De acordo com Bleakley (2014), esses espaços online são usados para ampliar a comunicação com a audiência e a visibilidade

⁹² Segundo as modelos, o Twitter permite a divulgação de conteúdo erótico e sexual, raramente banindo um de seus usuários por compartilhar imagens explícitas de nudez ou sexo. Já as outras redes sociais, como o Facebook e o Instagram, possuem políticas mais rígidas em relação a esses materiais e constantemente excluem perfis que os apresentem.

das mulheres e de seu trabalho. Horários e dias de apresentação, bem como fotografias e vídeos são postados diariamente, além de rifas e listas de desejos que ampliam os lucros das modelos. O marketing por meio das mídias sociais “mantém um perfil público proeminente que permite que as camgirls se lancem como pseudo-celebridades, contando com uma campanha de boca-a-boca para aumentarem o público e se diferenciarem da legião de outras modelos” (BLEAKLEY, 2014, p. 901). Nayar (2017) considera que esses meios colaboram com o aumento do número de espectadores de determinada garota, garantindo maior circulação de pessoas em suas salas. Ademais, são ambientes nos quais podem interagir com as colegas, criando uma rede de troca de informações e apoio. W. Silva (2014) percebeu na realidade brasileira do *webcamming* um contínuo emprego do Twitter e dos blogs, principalmente para venda de pacotes com fotos e vídeos exclusivos.

As redes sociais mais utilizadas pelas *camgirls* que entrevistei são o Twitter (majoritariamente) e o Instagram. Percebi a importância desses espaços online desde que iniciei esta investigação: na mesma medida em que as mulheres precisam dos sites especializados para atuarem na câmera, elas necessitam do Twitter e Instagram para aumentarem e personalizarem sua publicidade. Nesse sentido, existe uma confluência entre websites e mídias sociais na composição do *camming* brasileiro. Fernanda explica essa situação da seguinte forma:

Então, o que aconteceu é que, assim, como dito normalmente, alguns comentários falam, assim, quando você é modelo nova é natural você ter uma procura muito maior pela curiosidade de usuários que já estão ali nesse site no qual eu trabalho, já tem, eu acho, que mais de três anos. Então tem muito usuário que acompanha desde o começo. Então é aquela curiosidade. Depois de um tempo alguns, tem alguns dias, tem alguns momentos de estiagem desse movimento. Então, de repente, falei assim “não, vamos montar uma redezinha social e tá se entrosando com o pessoal” para não cair no risco de morrer na praia, sabe, depois de passar um tempo.

Angélica relatou a situação de boa parte das exibicionistas quando afirmou que atualmente utiliza mais seu perfil de trabalho que o pessoal. Segundo ela, “o retorno foi muito interessante e é necessário, exige de você né, não tem como desassociar, uma vez que você trabalha com uma coisa tão ligada à rede social, porque se você olhar o meu perfil no site é uma rede social erótica” e, no fim das contas, “eu acredito que é mais uma rede social que eu administro, só que essa é a que me dá retorno financeiro”. Angélica costuma divulgar suas fotos e vídeos, responder recados e comentar sua rotina diária. Beatriz considera o emprego do Twitter uma excelente estratégia para se

distinguir das outras diversas *webcam models* e se destacar, de modo que os usuários não a associem apenas à página na qual ela trabalha. Mas, segundo ela, há muitas meninas que se restringem ao website e mesmo assim angariam imenso público – ou seja, o Twitter pode ajudar a aumentar a visibilidade da garota e o número de espectadores, mas isso não é regra.

Jennifer considera que o Twitter “deu um retorno superpositivo, os retornos de Skype, os retornos na minha sala, o número de seguidores subiu, minha renda aumentou”. Lúcia, que é pouco assídua no site e passa longo períodos sem se conectar, afirma que as redes sociais “ajudam muito, as vezes um seguidor que não te conhecia, ele vê suas fotos, as suas publicações, passa a te seguir e aí ele pergunta como faz para te ver, como que funciona o site, como é a venda de fotos, essas coisas”. Anelise ficou assídua nessas mídias após perceber que a venda de fotografias e vídeos aumentava substancialmente, sendo que todo o dinheiro recebido ficava com ela (sem ter que retirar a porcentagem do site). Além disso, ela se aproximou de seu público e passou a conhecê-lo melhor e, como consequência, conseguiu produzir conteúdos que chamassem a atenção e fossem mais rentáveis. Eliane é a única das entrevistadas que além do Twitter possui um website dedicado à divulgação de seu trabalho.

Outro ponto importante do Twitter é que ele permite a interação entre as diversas modelos, funcionando como um espaço de troca de informações e rede de apoio. O emprego da internet e das redes sociais para estabelecer espaços de interlocução e ajuda mútua entre as trabalhadoras sexuais foi comentado por Sanders et al. (2018) e Kibby e Costello (2001), uma estratégia utilizada em vários serviços erótico-sexuais, sejam elas realizadas presencial ou remotamente. Jennifer me disse que a primeira vez que conseguiu ter contato com uma *camgirl* que ela admirava foi por meio dessa mídia social. Para além disso, ela ainda conseguiu manter diálogo com mulheres que trabalhavam em outros sites e passou a conhecer novas dinâmicas de trabalho. Lúcia me disse que o Twitter foi muito importante para ela, especialmente quando teve um grave problema no website em que trabalha: um de seus usuários havia gastado muito dinheiro em um show longo, mas, posteriormente, os administradores da página descobriram que o cartão de crédito usado para pagamento era clonado. No fim das contas, a empresa devolveu o valor para o verdadeiro dono do cartão e Lúcia ficou com o prejuízo. Nessa ocasião, “muitas modelos ficaram do meu lado, elas entenderam meu lado, não ficaram em favor do site, elas ficaram ao meu favor e elas se colocaram no meu lugar”. Segundo Lúcia, “acontece bastante, como quando uma das modelos sofreu um acidente, elas

abriram vaquinha na internet para poder arrecadar dinheiro para o tratamento dela, pelo fato dela ter ficado ausente, porque ela teve um problema sério no acidente, ela ficou internada e tudo”.

Todavia, nem todas as minhas entrevistadas são entusiastas das redes sociais: Fernanda, Manuela, Denise e Cibele desconfiam se a divulgação via Twitter e Instagram surtem realmente algum efeito prático. Fernanda migrou para essas plataformas, mas sempre ocorreram “sérias dúvidas se esse tipo de público, esse nicho que me segue no Twitter e principalmente nos vários canais do Youtube, é o mesmo nicho, o mesmo público que eles, os usuários propriamente do site”. Denise e Cibele não investem muito em seus perfis no Twitter porque acreditam que o retorno em termos financeiros e de divulgação de suas imagens não é efetivo. Manuela idem: “a minoria, a maioria dos clientes da minha sala não tem Twitter. Eu já perguntei se tem Twitter, ‘não, não tenho’, a maioria não tem”. Manuela considera as redes sociais importantes apenas devido aos divulgadores (perfis que promovem a publicidade das modelos), eles sim responsáveis por ampliar a quantidade de usuários circulando em sua sala. Mas mesmo as mais céticas atribuem uma função ao Twitter: como me disse Manuela “é um termômetro né, acaba sendo um termômetro para o nosso trabalho, a rede social” e mantém as *camgirls* em diálogo constante, formando um sistema de apoio impossível pelos sites especializados.

4. *Camgirls* em face dos mercados do sexo

Se em primeira instância percebi uma completa ausência de conhecimento sobre a estruturação e organização do *camming* brasileiro, em um segundo momento notei a desatenção com um dos aspectos mais salientes desse universo, a saber: uma acirrada disputa interna por sua definição. Dentre os autores brasileiros, somente W. Silva (2015) conseguiu perceber essa controvérsia, mas mesmo assim não se dedicou a destrinchar a questão. Pesquisadores estrangeiros, como Mathews (2014) e Jones (2015, 2016), também assinalaram o problema, mas suas investigações não o contemplaram analiticamente. Diante desse quadro, decidi que a segunda investida analítica desta tese deveria aprofundar a compreensão sobre esse embate, fundamental para todos os atores envolvidos nessa prática. Na sequência passo a relatar meu encontro com essa problemática e a deslindar seus principais contornos.

No momento em que iniciei a escrita do projeto que originou esta pesquisa, lancei como perguntas principais: como as *camgirls* compreendem a atividade que exercem? Quais as disputas de sentido envolvidas nessa definição? Como elas se situam em face de outros serviços oferecidos nos mercados do sexo? Desde o início de minha trajetória no universo do *camming* notei um imenso esforço, principalmente por parte das modelos, em delimitar e situar a prática de um modo considerado por elas apropriado. Os primeiros vestígios dessa disputa apareceram durante a incursão no Twitter: fiz diversos prints de perfis que diziam “NÃO SOU GP, PUTARIA SÓ VIRTUAL”, “Quer programa? Liga a TV e assiste Xuxa. Apenas virtual”, “Camgirl não é GP”, “Não sou GP, não passo contato”, “Não sou GP, não troco nudes nem contato”, “Não sou GP, nunca fui, jamais serei”, “Não faço nada real, não sou GP, não insista”. Vi uma postagem de uma das meninas que compartilhava uma matéria de revista que continha a seguinte frase: “No Brasil, muitos iniciantes confundem o serviço com pornografia ou prostituição, exigindo que as modelos tirem logo a roupa ou tentam convencê-las a fazer sexo fora da câmera”. Nesse momento me questioneei porque seria tão importante assinalar, de partida, que exibicionistas não são “garotas de programa” e não fazem sexo.

Ao longo das entrevistas a disputa apareceu recorrentemente, em algumas delas sem que eu ao menos mencionasse o tema. Bem no início da conversa que tive com Angélica, quando perguntei sobre sua trajetória no *camming*, ela me disse prontamente: “E outra coisa também que é, difere muito, é porque é muito associado né, a dificuldade que eu senti foi essa, de ser muito associada à prostituição, e não é prostituição”. A

modelo não foi a única: Anelise igualmente expressou sua preocupação em relação ao tema, porque “quando você não tem informação a visão acaba sendo errada né, confundem tudo”. Logo em sua resposta à primeira questão, a *camgirl* completou: “É uma coisa que eu queria acrescentar é que muita gente vê errado, é que confundem muito modelos, que não passam de exibicionista né, com acompanhante né e garota de programa, sendo que é algo totalmente virtual. Fica uma visão muito errada”. Carolina, ao comentar sobre certos usuários mal-educados, afirmou que “eles não entendem o que que é esse mundo né, eles acham que nós somos putas, nós estamos ali simplesmente para ficar gozando o dia todo”. Em suas considerações finais, Beatriz enfatizou que seria “importante falar sobre a confusão entre a stripper virtual e a prostituição, dos encontros de verdade, sabe. Se tu puder coletar mais informações sobre essa confusão, puder definir melhor o que é cada coisa, tipo, prostituição é isso e cam model é isso, é bem importante”. À exceção de Manuela, única acompanhante da pesquisa, todas as outras modelos demonstraram, em algum momento de nossa interação, preocupação com o suposto equívoco que associa a prostituição com o *camming*.

Entretanto, quando acessava os sites especializados parecia que a disputa simplesmente não existia: eles anunciavam unanimemente “sexo ao vivo na webcam”. O Site 1 se apresentava da seguinte forma: “veja e converse com garotas, travestis e garotos se exibindo diretamente de suas casas. Mulheres reais na webcam”, ao passo que o Site 2 informava “SEXO AO VIVO com mulheres, novinhas, gatas em alta qualidade! Sexo virtual, shows ao vivo e muito mais!”. Nesses espaços estava claro que as mulheres (também homens e pessoas travestis no caso do Site 1) dispostos nos pequenos quadrados da tela inicial estavam disponíveis para o cibersexo ou sexo virtual: todas estavam seminuas, em poses provocantes, revelando partes consideradas erógenas (seios, ânus, vagina e bunda) de forma a convidar o internauta para interagir erótica e sexualmente com elas. Ao meu ver a ideia de sexo é extremamente rentável para as empresas que gerenciam as páginas especializadas, uma vez que ela convida pessoas que gostam de se masturbar a ter uma interlocução única com garotas através da tela de seus computadores – completamente distinta do estatismo da pornografia. Faria todo sentido, do ponto de vista de quem acessa o website, pagar os altos valores por minuto se o investimento fosse convertido em relação sexual (ainda que mediada por tecnologia). Destarte, para dois dos pilares do *camming* (as empresas e os usuários) afirmar que a interação com as modelos envolve sexo é fundamental.

Não obstante, para as mulheres que se expõem na webcam a noção de sexo é muito prejudicial, porque ela as relaciona às prostitutas – por esse ângulo elas seriam prostitutas virtuais. E por que permitir ser considerada dessa forma se as próprias modelos não concordam com ela? E em meio a essa luta por interesses diversos se fundamenta uma controvérsia, que vai caminhar por todos os espaços que abrigam o *camming* brasileiro. Indubitavelmente não basta para as modelos apenas discordarem da ideia de sexo virtual, mas é preciso assentar seu desacordo em bases argumentativas sólidas, tornando-o crível para um conjunto amplo de pessoas. Nesse sentido, elas se utilizam de diversos recursos discursivos para flexibilizarem as fronteiras entre os variados ramos eróticos/sexuais (fronteiras essas que não são pré-existentes, mas edificadas no momento mesmo em que elas tentam definir uma posição para as suas práticas na *cam*), criando proximidade de alguns e total afastamento de outros. Em suas falas despontam as tensões presentes na tentativa de movimentar os limites que elas acreditam existir dentro desse universo. É exatamente sobre esse ponto que discutirei ao longo dessa seção: por meio de quais estratégias discursivas, retóricas e práticas as *camgirls* mobilizam a disputa pela definição da atividade, combatendo perspectivas que elas julgam errôneas⁹³. Adianto que se tratam de três táticas principais, todas elas relacionadas aos conhecimentos tácitos que as mulheres possuem sobre sua realidade e acerca dos demais ramos dos mercados sexuais e eróticos, gestadas intuitivamente a partir de suas experiências e ações cotidianas – sem qualquer relação com atitudes premeditadas, deliberadas ou calculadas.

4.1. A disputa em perspectiva

Na medida em que identificava os contornos assumidos pela controvérsia acerca da definição do *camming* e de seu posicionamento em meio aos outros ramos dos mercados do sexo, me recordei da pioneira pesquisa de Everett Hughes (1958) a respeito da divisão moral do trabalho. Segundo o autor, algumas profissões são consideradas pelas sociedades ocidentais como repugnantes e asquerosas, símbolos da degradação da dignidade ou da corrupção dos valores morais. Elas compõem o espectro dos *dirty works*, que estão na base de um sistema classificatório hierárquico e desigual de atribuição de prestígio e status social. Para Hughes (1958), a estrutura de categorização das ocupações se consolida de modo gradual e processual, permitindo

⁹³ Em capítulo posterior discuto as consequências dessa postura.

uma certa mobilidade nas escalas de julgamento e valor, principalmente para as atividades profissionais que possuem uma posição ambígua dentro dessa estrutura. Por isso mesmo, os trabalhadores de uma série de *dirty works* buscam interferir nos padrões de apreciação, utilizando-se de uma série de estratégias práticas e discursivas para alterar o posicionamento do ofício que exercem. Vale ressaltar, para compreendermos o cerne do argumento, que Hughes se embasa em uma perspectiva intersubjetiva e relacional, em que os sujeitos negociam os significados compartilhados socialmente, criando esquemas de diferenciação e hierarquização nesse processo.

A discussão sobre os *dirty works*, além de demonstrar a divisão moral das profissões, aponta também para a formação da identidade profissional e do reconhecimento no trabalho, evidenciando a relação que existe entre o status de determinada ocupação e o investimento (pessoal e grupal) na formação do *self* do trabalhador. Em termos práticos, os julgamentos que recaem sobre certos trabalhos interferem tanto na avaliação das próprias atividades, consideradas mais ou menos dignas e respeitáveis, quanto na identidade das pessoas que atuam nesses ramos. Destarte, podemos afirmar que estratégias e investimentos de movimentação dentro da escala de hierarquia moral se referem tanto à busca de valorização da profissão quanto do profissional, objetivando tornar ambas partes legítimas e valorizadas de uma determinada sociedade.

Embora Hughes (1958) consiga nos apresentar um diagnóstico acurado dos processos de hierarquização que circundam o mundo do trabalho, o autor não esmiúça quais as normas e convenções sociais atuam para que determinadas ocupações sejam incluídas na categoria de *dirty works*, criando uma mácula moral para os trabalhadores. Pensando especificamente no caso em tela, o *webcamming* brasileiro, podemos prontamente concluir que normatividades de gênero e sexualidade incidem no posicionamento e na valoração social dessa atividade, conformando parte fundamental da disputa por sua definição. Um conjunto de autoras (LAVINAS et al., 2016; KELAN, 2010; TEIXEIRA, 2008; HIRATA e KERGOAT, 2007) já demonstraram como esses marcadores influenciam diretamente a distribuição dos postos de ocupação e o valor simbólico agregado a determinados ofícios, conformando o universo moral das relações de trabalho. No cenário do *camming* devemos considerar que além das desigualdades que se impõem em empregos feminizados, estamos diante de uma prática que nem mesmo é interpretada como um trabalho de fato, mas sim como uma conduta

moralmente perigosa – tal como ocorre com a prostituição (RODRIGUES, 2009; PISCITELLI, 2012).

Antes de seguirmos refletindo sobre como a noção de *dirty works* ilumina as disputas internas do WEC, é essencial estabelecer um diálogo entre ela e as moralidades em torno de gênero e sexualidade. Em primeira instância, pensando com Judith Butler (2004) e Gayle Rubin e Butler (2003), as normas socioculturais que regem gênero e sexualidade estão diretamente relacionadas ao processo de reconhecimento, uma vez que são essas mesmas normas que definem a possibilidade de estima e valorização de determinados sujeitos e condutas. Tais normatividades, que se constituem e se sustentam em processos interacionais e simbólicos, atuam na formação do *self* e na distribuição de papéis sociais, distinguindo os indivíduos em um sistema hierárquico que atribui reconhecimento a alguns e o renega a tantos outros (BUTLER, 2001). Em segunda instância, como nos informa Butler (1990, 1993), as convenções em torno de gênero fundamentam dois âmbitos simbólicos distintos: o campo da normatividade e seu “exterior constitutivo”. Enquanto o primeiro abriga as determinações e diretrizes hegemônicas sobre as possibilidades de experimentar o gênero, o segundo se configura como o terreno da abjeção, fundamental na instituição das regras e suas sanções. Pensando em termos da sexualidade, a “pirâmide erótica” apresentada por Rubin (2003) aponta para um conjunto de “sexualidades saudáveis” que se institui mediante “enquadramentos punitivos” e “controles formais e informais”, replicando a dialética entre norma *versus* exterior constitutivo em Butler.

Em minha compreensão, é exatamente o processo de instituição das normas de gênero e sexualidade e sua relação com a atribuição e denegação de reconhecimento que nos ajuda a compreender o sistema moral que institui os *dirty works*, principalmente quando discutimos trabalho sexual. Certamente as hierarquias que classificam e qualificam as expressões de gênero e sexualidade têm papel preponderante na valorização social de determinadas ocupações, já que, como aponta Hughes (1962), a identidade do trabalhador e sua posição no corpo social interferem diretamente na possibilidade de estima de seu ofício. Conforme o autor, o arranjo classificatório que atua no interior da divisão do trabalho busca delimitar quais são as categorias de pessoas mais afeitas a realizarem os *dirty works*. Quando essa vinculação não ocorre e o sujeito que atua em determinado labor tem status divergente de sua atividade profissional, então existe a possibilidade de movimentar o *dirty work* na escala hierárquica. Assim sendo, podemos supor que a aderência a determinadas

normatividades em torno de gênero e sexualidade têm papel preponderante em atividades que querem rever sua valoração e qualificação, tal como ocorre com o *camming*.

Como podemos perceber, o processo de reconhecimento apontado por Hughes (1962) em relação ao trabalho se entrelaça ao reconhecimento em outras esferas socioculturais, dentre as quais chamo atenção para o gênero e sexualidade. Além disso, devemos perceber como a divisão entre profissões socialmente estimadas e *dirty works* participa da instituição e do reforço de uma norma de gênero e sexualidade, fortalecendo os dispositivos de abjeção que produzem precariedade (BUTLER, 2006). Indo além, podemos inclusive concluir que os *dirty works* se conformam como um “exterior constitutivo” do mundo do trabalho, sem o qual o sistema dialético de atribuição de status não funcionaria. Assim como os seres abjetos em Butler (2010), os *dirty works* são compreendidos como uma categoria residual dentre os ofícios, mas completamente necessário tanto para a reprodução da escala hierárquica quanto para a distribuição de estima.

Para além das ressalvas em relação às normas de gênero e sexualidade que configuram os *dirty works*, devemos realizar ainda a passagem do pensamento inicial de Hughes (1958), atrelado à sociologia das profissões⁹⁴, para atividades desenvolvidas contemporaneamente que não necessariamente se enquadram na noção de profissão. Somente após esse procedimento conseguiremos apreender a importância do autor para compreender os contornos e desdobramentos da disputa no interior do *webcamming*. Blake Ashforth e Glen Kreiner (1999) desenvolveram pesquisas nessa direção, ampliando o campo de repercussão da teoria de Hughes, incluindo o comércio de sexo e erotismo. Partindo do pressuposto de que os *dirty works* são um conjunto de ocupações marcadas com uma “mácula moral” que as tornam naturalmente dúbias e duvidosas, os autores se concentram no alto investimento de tempo e esforço dos trabalhadores para edificarem um campo de significados que valorize tanto o ofício quanto o próprio *self*, estabelecendo as modalidades de estratégias mais comumente adotadas. Como veremos ao longo deste capítulo, as táticas e os mecanismos apontados por Ashforth e Kreiner

⁹⁴ As atividades que são consideradas profissões, nos termos de Hughes (1958), exigem um longo treinamento (uma formação específica), possuem um conjunto de habilidades e técnicas próprias, desenvolvidas por profissionais diferentes e especializados (divisão do trabalho) e têm uma etiqueta particular (uma cultura profissional). Obviamente poucas são as ocupações que apresentam essa configuração. Entretanto, ainda que exista uma limitação no escopo da pesquisa de Hughes, ela pode ser ampliada e diversificada, principalmente se considerarmos que a noção de profissões não é descritiva, mas aponta para uma escala relacional e contextual de avaliação e atribuição de prestígio social das formas de trabalho.

(1999) serão fundamentais para compreender os fundamentos e as consequências das tentativas das *camgirls* em dissociar sua atividade da prostituição (e de seu estigma).

Nesse ponto do texto considero de suma importância fazer uma ressalva: certamente a prostituição e o *camming* não são a mesma atividade, haja vista o conjunto de especificidades de cada uma delas (seja no tocante ao tipo de troca comercial, seja em relação à organização e estruturação, ou mesmo a respeito do serviço comercializado) – afirmação que estendo à pornografia e ao strip-tease (ramos aos quais o exibicionismo online é comumente associado). Destarte, considerando o esforço analítico empreendido nesta tese, não se trata de delimitar diferenças ou similaridades entre ambos os setores do comércio sexual e erótico, mas de reconhecer que existe um imenso esforço por parte das modelos em estabelecer e reforçar constantemente as dessemelhanças (escamoteando possíveis correspondências), atitude que possui consequências práticas para o universo do *webcamming*.

Avançando na proposição teórica de Ashforth e Kreiner (1999), embasada em uma perspectiva intersubjetiva e relacional, pessoas que atuam em *dirty works* acionam um conjunto de estratégias para transformar os sentidos atribuídos à sua ocupação, rechaçando os negativos e revalorizando os considerados positivos. Todavia, precisamos levar em consideração que quanto mais desprestigiada for a atividade exercida, menos as tentativas de revalorização serão aceitas no seio social, criando uma tensão entre aquilo que os trabalhadores afirmam e aquilo que é socialmente compartilhado sobre suas profissões. Desse modo, indivíduos envolvidos nesse campo precisam necessariamente negociar sua percepção, manejando-a de modo a reduzir o peso do estigma.

Ashforth, Kreiner e Fugate (2007) esboçam um quadro geral destrinchando as principais táticas que dinamizam aquilo que as autoras denominam de “processo de naturalização dos *dirty works*”, embasadas tanto no reconhecimento do estigma quanto na afirmação da complexidade do trabalho que se exerce. Em primeiro lugar, pessoas envolvidas em ocupações socialmente desvalorizadas costumam não comentar abertamente sobre sua profissão ou declaram que atuam em outro ramo com a finalidade de mascarar sua real atividade. Em segunda instância, elas comparam sua função com outras consideradas similares, mas que são exercidas em piores condições. E, por fim, elas tentam distinguir seus papéis durante o labor e o lazer, evitando demasiada exposição. Precisamos ter em mente que todos os três elementos supracitados se mantêm temporariamente, a depender do contexto em que são utilizados. Adiciono uma

quarta estratégia à reflexão dos autores, que, como veremos nesse capítulo, irrompe nas disputas no *webcamming* e em outros serviços eróticos-sexuais midiaticizados: as tentativas de se ajustar e se enquadrar no interior das normatividades de gênero e sexualidade, buscando se posicionar dentro dos quadros hegemônicos de valoração para auferir reconhecimento e estima social para si e para a atividade profissional.

Certamente as três estratégias gerais descritas por Ashforth, Kreiner e Fugate (2007) e minha própria ressalva ajudam a compreender a constituição da disputa no universo do *camming* brasileiro, apontando para algumas táticas acionadas pelas *camgirls*. Não obstante, ainda precisamos estabelecer a dinâmica de contestação própria à realidade do *webcamming*, que está em diálogo permanente com a prostituição, seu polo antagônico. Antes de anunciar os três componentes que ajudam no “processo de normalização” do exibicionismo online, pretendo buscar compreender por que exatamente a prostituição está no foco das modelos.

Agustín (2007) nos revela que historicamente o termo prostituição funcionou como uma construção linguística associada a um processo de categorização social, que serviu para construir um coletivo marcado por determinada posição social e econômica – a conhecida “classe de mulheres perigosas” relacionada à criminalidade, à decadência moral e à pobreza. Essa nomenclatura colaborou igualmente para reforçar as dissemelhanças entre as mulheres puras e as impuras, essas últimas avessas aos valores morais estabelecidos socialmente. Segundo Bernstein (2007), ao longo dos anos a prostituição se tornou o exemplo paradigmático das dificuldades enfrentadas por mulheres inseridas no comércio sexual, passando a ser vista como um mal social a ser combatido. Sanders complementa essa asserção ao nos lembrar que

os sempre presentes riscos da prostituição, como a violência, preocupações relacionadas à saúde, criminalização, marginalização e exclusão dos direitos civis e trabalhistas e o ostracismo das comunidades locais situa o trabalho sexual em uma posição desigual em relação às outras práticas econômicas, sociais e culturais (2005, p. 321).

Outro fator extremamente importante de termos em mente é que a prostituição passou a ser sinônimo de uma série de distintas formas de trabalho sexual, tornando-se um termo aglutinador que denota a precariedade e a decadência moral de vários modos de comércio de sexo e erotismo. Bernstein (1999) reconhece que, apesar de o termo se relacionar mais amplamente às mulheres que atuam nas ruas, existem subdivisões que classificam e hierarquizam as pessoas que são prostitutas – tais como as nomenclaturas

acompanhantes e garotas de programas, acionadas para distinguir os tipos de serviço comercializados. Melissa Petro (2010) explica que a segmentação comentada por Bernstein (1999) possui a função de demarcar as formas de prostituição menos dignas e imorais, distanciando-as das mais aceitas e decentes. Para a autora, tal qual as minhas entrevistadas, as prostitutas também têm a necessidade de manter em evidência os aspectos positivos de sua atividade e de si mesmas – na medida em que elas igualmente internalizam os preconceitos e estigmas.

Além das questões supramencionadas, devemos refletir em que medida a prostituição é socialmente interpretada como o avesso das condutas de gênero valorizadas, situando as prostitutas como mulheres menos dignas (JULIANO, 2005). Nos termos de Dolores Juliano (2005), as trabalhadoras sexuais são vistas como um desvio às normas de gênero, atuando como a face pejorativa e estigmatizada (ou o “exterior constitutivo”) do sistema hegemônico. Ademais, como demonstra Rubin (2003), o trabalho sexual se encontra na base da pirâmide da sexualidade, se posicionando ao lado das “sexualidades perigosas ou degeneradas”, se situando nos estratos mais baixos da hierarquia sexual, sendo reconhecido como um comportamento degradante e imoral. Nesse sentido, a associação com as prostitutas e com o comércio de sexo aproxima os sujeitos do campo das abjeções, colocando-os em uma posição de vulnerabilidade e precariedade.

Retornando a problemática do meu campo, compreendo que as *camgirls* acionam a prostituição como um fenômeno monolítico, reconhecendo-a como a atividade das “garotas de programa” (as GP) – alcunha comumente associada às mulheres que atendem em locais fechados (suas residências ou hotéis e motéis) e conseguem os seus clientes através de anúncios em jornais, revistas e na internet (ao contrário daquelas que buscam clientela nas ruas). As modelos estabelecem esse universo simbólico a partir do qual elas tentam posicionar o *camming* (e, conseqüentemente, se situar) em meio ao conjunto de serviços dos mercados do sexo, buscando uma posição menos estigmatizada, muitas vezes associada aos ramos da pornografia e do strip-tease (ambas atividades que não envolvem contato físico com os compradores). Nesse jogo de comparação e diferenciação, elas acionam três estratégias complementares: a) a primeira é referente aos modos de nomear a prática que exercem e os sujeitos nela envolvidos, fazendo uso de termos e palavras específicas (em suma, edificando um léxico); b) a segunda diz respeito à experiência comercializada, que é considerada oposta ao sexo, principalmente porque nela não há contato físico (apenas

interação mediada); c) a terceira consiste em enaltecer as características do *webcamming* consideradas positivas, tais como a autonomia das *camgirls*, plena segurança, ganhos financeiros elevados, prazer proporcionado pela prática. Vale a pena notar que todas as três táticas possuem íntima relação com a compreensão das mulheres acerca do dispositivo tecnológico que media o exibicionismo online e o tipo de experiência que ele proporciona.

4.1.1. O léxico do *camming*

Desde o primeiro momento da pesquisa percebi uma imensa dificuldade em nomear a atividade que iria analisar e as pessoas que estavam em seu entorno: sempre soube que as mulheres que se apresentam via webcam são conhecidas como *camgirls*, então, a fim de manter o mínimo de coerência na escrita, eu denominava suas práticas online como “atividade de *camgirl*”. Somente após circular pelos diversos ambientes que compõem o *camming* fui percebendo processualmente o imenso conjunto de vocábulos utilizados (desconhecidas por mim naquele momento) e suas aplicações cotidianas. Tenho certeza que apenas após conhecer e aprender a utilização do imenso léxico do *webcamming* consegui desenvolver proficuamente o estudo e adentrar no universo de minhas entrevistadas. Por isso mesmo estou convicta de que nominar confere existência a determinado fenômeno e o posiciona em meio a um campo semântico próprio que o dota de singularidade. Como nos informam Peter Berger e Thomas Luckmann (2004), a linguagem objetiva e racionaliza os processos sociais, criando um mundo comum que permite a interlocução entre os sujeitos. Ela confere existência às experiências e vivências cotidianas, construindo um “campo semântico” composto por esquemas de classificação e categorização. Destarte, as palavras tomam corpo contextual e interacionalmente, constituindo a conjuntura da vida social.

Para além da esfera da linguagem, é essencial pensarmos que as palavras e os sentidos selecionados para nomear e qualificar determinada atividade, como acontece no *webcamming*, se inserem na divisão moral do trabalho tal como apontado por Hughes (1958), implicando uma audiência implícita no discurso, que participa do processo de avaliação e atribuição de status compartilhado intersubjetivamente. A construção de um léxico específico para se referir a determinado trabalho, conforme Hughes (1958), é carregado de valorações e julgamentos de prestígio, e também de enunciados defensivos e de salvaguarda. Esse conjunto de vocábulos é acionado tendo em vista a mobilidade da ocupação na escala hierárquica de estima, buscando

reorganizar a posição de determinado *dirty work*. Assim sendo, a escolha dos símbolos e dos signos é perpassada por pretensões de significados que vão determinar, qualificar e regular a atividade que se exerce.

Certamente o conjunto de vocábulos que compõe o universo do *camming* direciona nossa percepção e compreensão para uma prática que se pretende recente e nova, própria dos meios de comunicação digitais. Aponta também para quem são as pessoas que atuam nesse ramo e qual sua principal especialidade, organizado sua posição em relação a outras possibilidades de sexo e erotismo comercial. Se esse é o nível mais superficial em que o léxico atua, podemos apontar um outro mais profundo (que será destrinchado desse ponto da análise em diante): trata-se da própria formação do *self* dos indivíduos que atuam nos *dirty works*, edificado também em relação à sua ocupação profissional. Como bem demonstrou Hughes (1958, 1970), a esfera do trabalho é tanto um espaço social de aferimento de reconhecimento, quanto de formação da identidade, ambos submetidos às posições de status. Isto posto, a avaliação do próprio trabalho reverbera na identidade profissional, que serve de baliza para o valor social dos trabalhadores. Portanto, mobilizar um léxico para tentar flexibilizar a posição de determinado *dirty work*, como é o caso do *webcamming*, é também uma estratégia de revisar o significado e a valoração atribuído ao próprio *self*.

Saindo da explicação de caráter mais geral de Hughes, podemos pensar com Néstor Perlongher (1978) a importância e o sentido da mobilização de determinado léxico dentro dos mercados sexuais e eróticos nacionais. Se atendo especificamente ao negócio do michê na cidade de São Paulo, o autor nos mostra a importância de permanecer alerta em relação aos termos utilizados, exatamente porque eles criam um campo semântico em que as práticas sexuais são encenadas, significadas e estratificadas. Ele chama a atenção para as “redes mais ou menos implícitas de signos codificados”, que participam de “um sistema classificatório-relacional que vai exprimir o lugar que (os sujeitos) ocupam numa rede mais ou menos fluida de circulações e intercâmbios” (PERLONGHER, 1978, p. 153-154). Assim como na pesquisa de Perlongher, os vocábulos acionados no universo das *camgirls* demonstram, por um lado, certa imprecisão na definição da própria atividade que elas exercem, e, por outro lado, um alto investimento em delinear e estipular a natureza do *webcamming* de modo que ele se afaste dos estigmas que o circundam.

Interessante notar como Perlongher (1978) discute a vinculação entre as nomenclaturas acionadas para denominar os sujeitos envolvidos no negócio do michê e

as convenções acerca de gênero e sexualidade que se impõem nesse universo. No estudo do autor, as distinções estabelecidas entre o michê ou michê-macho *versus* o michê-bicha ou o michê-gay, ou mesmo entre o michê-macho e seus clientes considerados homossexuais, que são tratados como as bichas ou os gays, constrói um campo semântico e prático em que “os ‘normais’ aparecem prostituindo-se para os ‘desviantes’”. O polo homossexual da relação, composto tanto por consumidores quanto pelos michês tidos como “bicha”, é interpretado como contraventor, irrompendo com o exercício normativo do gênero e da sexualidade que se traduz na imagem do “macho”. Como demonstra Perlongher (1978), no caso dos michês as estratégias acionadas não recaem apenas na necessidade de se afastar dos estigmas atrelados ao trabalho sexual, mas também do fantasma da homoafetividade compreendida como perversão. Buscando se afastar dos prejuízos agregados à contravenção das normatividades, os homens que se prostituem buscam consumir os “desejos indesejáveis” sem supostamente transpor o terreno da abjeção (na medida que os “depravados” seriam mesmo os consumidores de seus serviços).

Similarmente ao universo investigado por Perlongher (1978), as *camgirls* mobilizam um vocabulário específico para se reposicionarem tanto dentre os diversos serviços eróticos-sexuais quanto nas normas sancionadas de gênero e sexualidade. As palavras e expressões analisadas na sequência evidenciam um duplo desejo: se distanciarem dos preconceitos associados ao comércio de sexo e não serem “confundidas” com as “mulheres abjetas” que seriam as “garotas de programa” ou “acompanhantes”. As mulheres que se prostituem atuam como um contraponto, tal qual os clientes homossexuais no negócio do michê, para definir as fronteiras entre as condutas normativas e sancionadas das inadequadas e imorais. O léxico, compreendido como elemento constitutivo do universo discursivo e prático do *webcamming*, embasa e fundamenta as outras estratégias acionadas pelas modelos que serão discutidas em seções subsequentes.

Para começarmos a compreender o conjunto de palavras acionadas no *camming*, retomo minhas primeiras experiências de acesso aos sites, momento no qual comecei a aprender a nomear os elementos dessa atividade: conheci os vocábulos *camgirls* e *camboys*, referentes às pessoas que se apresentam através de webcam; elas também são conhecidas como “modelos”, “modelos virtuais”, “*strippers* virtuais” ou mesmo “*alt models*” (alcunha mais associada às atrizes do *alt porn*); quem se cadastra no website para assistir as garotas é conhecido no WEC como “usuário”. As páginas especializadas

ou os “sites de webcam” afirmam apresentar “sexo ao vivo”, “sexo virtual”, “shows de strip-tease”, “pornô ao vivo” e “conteúdo adulto”. Compreendi que eu poderia acessar o Site 1 ou o Site 2 como um usuário e buscar pelos shows das modelos (que envolvem sexo virtual, pornô e strip-tease) ou conhecer a descrição das *strippers* virtuais. No perfil das *camgirls* nesses espaços virtuais aprendi que elas realizavam “shows”, “putaria online”, “exibicionismo”, “pornô ao vivo” e “safadeza” e que elas possuem “salas virtuais”, nas quais ocorrem os shows: assim, ao entrar nas salas é possível acessar os chats simples onde geralmente acontece apenas o “exibicionismo”, que consiste em revelar partes do corpo de modo sensual, enquanto nos privado e exclusivo é possível ver shows, “putaria”, “sacanagem” e “sensualização”.

No *Camgirl Wiki*, um espaço dedicado a destrinchar o funcionamento do *camming* e elaborar dicas para pessoas novas nesse ramo, identifiquei mais um conjunto de termos e suas principais utilizações nesse universo. O vocabulário não se limita a nomear os sujeitos envolvidos na atividade, mas também explica diversas práticas eróticas desenvolvidas e fornece um conjunto de siglas mais utilizadas. A primeira definição que desponta se refere aos indivíduos situados nesse ramo dos mercados do sexo: “*webcam modeling*” ou “*webcam model*”. Elas são “*paid performers*” (performers pagos) cuja função é “entreter os espectadores na internet via webcam”. Aqueles que pagam pelas “performances” e “shows” são os “usuários”, os “membros”, o “público” ou os “espectadores”. Existe também a categoria de “voyeurs” para definir aquelas pessoas que pagam para assistir aos shows de outros usuários e permanecerem ocultos. Os “chats” são os espaços para interação descompromissada e para negociar o conteúdo das “apresentações”. A ideia de “exibicionismo” também é retomada nesse site, apontada tanto como uma característica essencial das pessoas que atuam nesse ramo, quanto uma forma de nomear o conteúdo dos shows.

Existe uma seção do *Camgirl Wiki* dedicada à definição dos principais termos e siglas utilizados nos shows de *webcamming*, muitos dos quais apontam para práticas sexuais que demandam copresença e interação física entre os indivíduos. Nesse Wiki, entretanto, essas siglas e termos são adaptadas à realidade das apresentações via webcam, sempre acompanhadas de palavras que definem essa atividade, como “modelos”, “shows”, “exibicionismo” e “virtual”, e também por explicações sobre como tais práticas são realizadas no universo online. Somente a título de exemplo, o *blowjob* passa a ser sexo oral realizado em vibradores e dildos, e o *ass-to-mouth* consiste na “encenação” de lambar o vibrador ou plug após inseri-lo no ânus.

Importante salientar que a principal mediação dos shows, que cria a conexão entre a apresentação da *camgirl* e o gozo dos usuários, são os vibradores e demais *sex toys*, que entram na “encenação” para dar forma às condutas sexuais e eróticas apresentadas.

Um terceiro espaço de construção e circulação do léxico do *camming* é o Twitter, ambiente no qual tive a oportunidade de perceber as utilizações cotidianas das palavras e ampliar meu arsenal de vocábulos: “exibicionismo online” é comumente acionado para se referir à atividade de *webcamming*; “membros”, “usuários” e “visitantes” designam aquelas pessoas que assistem aos “shows”, às “apresentações”, às “exibições”, todas acompanhadas do qualificativo “online” ou “virtual”; “exibicionistas”, “*webstripper*”, “*cam model*”, “modelo virtual”, “modelo de webcam”, “*camgirl*” designam as *performers* de shows online. Outras expressões que também me chamaram a atenção dizem respeito ao tempo que as modelos estão disponíveis para suas apresentações e interagindo com os usuários, classificando o processo interacional que ocorre no espaço dos sites especializados: estar “ao vivo” no espaço “virtual” ou “online”, período no qual é possível se “conectar” às “salas” das exibicionistas, com quem os usuários vão “interagir por webcam” para conversar ou para “exibicionismo virtual”.

Se nos atentarmos para o conhecimento lexical que desenvolvemos até aqui, poderemos concluir que para ter acesso à “putaria virtual” ou ao “exibicionismo”, precisaremos nos conectar em “sites de webcam” ou “plataformas”, que disponibilizam “perfis de modelos online” e “salas privadas” para “chats” ou “shows”. Nos “chats” seremos “usuários”, “visitantes” ou até mesmo “voyeurs”, e vamos conhecer as “modelos”, “*camgirls*” ou “*webcam model*”, com quem negociaremos “apresentações”, “performances”, “shows”, “exibicionismo”. Iremos participar de práticas sexuais virtuais, mediadas por dildos, *sex toys*, dedos e mãos, que serão “encenadas”, “apresentadas” ou mesmo “demonstradas” pelas *camgirls* e “assistidas” ou “acompanhadas” pelos usuários. Pagaremos em “tokens” ou “créditos”, em uma transação realizada diretamente com o site e daremos “presentes” (mais tokens ou créditos) caso seja necessário. E, ao fim, saberemos que se trata de uma interação online e virtual, porque os interagentes inicialmente “conectados” irão se “desconectar”, sem que tenha havido contato físico entre eles.

Se olharmos mais detidamente para o cenário que venho descrevendo, veremos que os vocábulos mais utilizados para nomear as pessoas e as práticas do *webcamming* descrevem também papéis e ações sociais, situando os sujeitos e suas funções no

universo do WEC. Vale enfatizar que esse complexo vocabulário é construído na interação entre indivíduos e entre indivíduos e os sites especializados, que vai se edificando à medida de seu emprego e utilização corrente no ambiente online. Assim, a percepção e aprendizagem desse léxico ocorre de modo tácito, à medida que se cria uma familiarização e ambientação com o *camming*. Vejamos primeiramente as principais designações para as pessoas que circulam nesse ramo. As mulheres são conhecidas majoritariamente como “*camgirls*”, “modelos”, “performers” e “exibicionistas”. Por esse ângulo, elas assumem a função de “encenar” ou “exibir” uma representação do sexo e erotismo, atuando aos moldes das atrizes que reproduzem uma cena. As ideias de “performer” e “modelo” ajudam a edificar a concepção de cena e encenação no WEC, conclamando uma dimensão de fantasia e imaginação. Quando nos atentamos para aqueles que consomem as performances na webcam, percebemos que eles são “usuários”, “público” ou “espectadores” de um “show”. Esse polo possui posição de audiência e observador, mantendo uma interação quase indireta com quem se apresenta. Ao contrário do “cliente”, que compra um serviço que pretende consumir ou dispor, o “usuário” utiliza e usufrui, em uma transação situada e distanciada. As próprias práticas que são realizadas em frente às câmeras são chamadas correntemente de “shows”, “exibição” ou “apresentações”, reafirmando a posição de quem atua e quem assiste, como comentado acima. Esses últimos termos assentam a relação ator e público entre *camgirls* e usuários. Por conseguinte, as “modelos” proporcionariam um entretenimento audiovisual para sua plateia. Temos de ponderar que nenhuma dessas palavras é habitualmente associada ao comércio erótico-sexual, nem mesmo se conecta com a troca de sexo ou erotismo por dinheiro, sendo mais próximas do universo do entretenimento. Aqui já conseguimos vislumbrar o campo simbólico e interpretativo que esse léxico tenta estabelecer, posicionando o WEC e seus sujeitos.

Todo esse aprendizado que venho descrevendo nas últimas páginas foi essencial para que eu percebesse e compreendesse a fundamentação simbólica e discursiva da controvérsia pela delimitação do *webcamming*, sendo uma importante experiência da pesquisa de campo. Ademais, esse conhecimento foi primordial para me inserir no universo do exibicionismo online e, posteriormente, iniciar as entrevistas, mencionando apenas os termos comumente usados no universo do *camming*. Eu sabia que se me referisse aos usuários como clientes, por exemplo, criaria um mal-estar inicial com minhas interlocutoras (ainda que posteriormente eu tenha percebido que a palavra cliente é utilizada em algumas ocasiões como substituto para usuário). Por isso mesmo

sempre busquei me adequar ao léxico, incorporando-o em todos os momentos de minha participação no *webcamming*. Aprendi, no dia-a-dia da investigação, o significado que cada palavra acionada possuía, definindo e qualificando cada elemento que compõe esse ramo de erotismo e sexo comercial. Durante o diálogo com as *camgirls*, a questão da nomeação apareceu recorrentemente, sempre durante ressalvas sobre qual a palavra mais adequada para denominar determinado aspecto da atividade – sobretudo no que tange à designação do público.

Lembro-me que Angélica chamou minha atenção já em sua primeira resposta, quando relatava suas dificuldades iniciais em se apresentar na webcam: “Então, como eu te falei, o usuário, a gente trata essas pessoas que consomem esse tipo de erotismo como usuários porque, a garota de programa trataria como cliente né, então nós tratamos como usuários porque ele é usuário de uma plataforma, assim como a *camgirl*”. Um pouco mais à frente no diálogo, a modelo pontua novamente: “É por isso que a gente trata é sala, visitantes, usuários, eu não tenho cliente, cliente ele faz negócio aqui comigo, no site que eu trabalho ele compra um pacote de créditos e ele compra o meu tempo o quanto que ele quiser”. Fernanda também não deixou as nomenclaturas passarem batido e me explicou prontamente que “o usuário, eu não gosto de chamar na verdade nem de cliente nem de usuário tá, eu gosto de falar visitante ou amigo, porque a pessoa chega ali com necessidades que eu procuro suprir da melhor maneira”. Vale à pena frisar que nenhuma dessas menções às nomeações foram realizadas durante perguntas acerca do léxico – que inclusive nem foram incluídas no questionário.

Como tudo no universo do *camming*, o léxico relativo à atividade também se institui de modo impreciso e heterogêneo, visto que ele não se fundamenta em uma diretriz sólida (ele é edificado de modo prático e tácito), nem mesmo é adotado uniformemente por todos os atores envolvidos nesse campo. Assim sendo, vemos que as mesmas modelos que asseveram a importância do uso do vocábulo “usuário” como substituição do “cliente” acionam ambas as palavras como sinônimos em diversos momentos da entrevista. Igualmente elas utilizam sexo, show e exibicionismo como termos intercambiáveis, apesar de sempre discordarem da ideia de sexo virtual no *camming*. Todo o vocabulário pormenorizado nos parágrafos anteriores só faz sentido se compreendermos o contexto em que ele é mobilizado e as outras duas estratégias que passo a comentar na sequência.

Antes de avançar para o próximo tópico preciso explicar a motivação para essa análise. Certamente eu poderia ter apenas considerado esse conjunto de palavras,

amplamente empregadas por mim mesma ao longo deste texto, como parte do vocabulário “êmico” do universo do *camming* – e me eximir de questionar seu uso cotidiano, que no mais das vezes é profundamente estratégico. Contudo, por experiência própria nesse campo, compreendi rapidamente que não se trata apenas de termos comumente usados e com sentidos compartilhados, haja vista que erros e desvios de léxico são prontamente anunciados e corrigidos. Quais seriam os motivos para as pessoas envolvidas no exibicionismo online criarem tantos vocábulos e os utilizarem quase exclusivamente para denominar a atividade que exercem? Porque é tão importante dizer “show”, “apresentação”, “sala”, “usuário”, “modelos”, etc.? Qual o impacto dessas palavras e expressões para o *webcamming* brasileiro? Para além de considerar esse dado obtido no campo como anódino ou próprio à dinâmica hodierna dessas pessoas, percebi que ele faz todo sentido quando pensamos na contenda sobre o posicionamento dessa prática em meio aos outros ramos do comércio sexual e erótico, além do fato de que há um investimento estratégico (mais uma vez, tácito e intuitivo) em sua mobilização.

4.1.2. *Sexo versus erotismo virtual*

As palavras e expressões comumente empregadas no *camming* que aprendemos na seção anterior se relacionam diretamente com a principal controvérsia desse universo: desde minha primeira incursão em meu campo de estudo, sobretudo no espaço do Twitter, notei uma constante insistência das modelos em dizer que *camgirl* não é GP (garota de programa) porque elas não “fazem real, apenas virtual”. Nos perfis das modelos nessa rede social foi muito comum encontrar em suas descrições pessoais frases como: “NÃO SOU GP, NÃO PASSO CONTATO”; “Não sou GP, não troco nudes nem contato pessoal”; “Quer programa? Liga a TV e assiste Xuxa! Apenas VIRTUAL! Preciso desenhar pra você entender?”; “Não sou GP, nunca fui e jamais serei”; “NÃO SOU GP, PUTARIA SÓ VIRTUAL”; “Sou modelo exclusiva do (...) não passo contato e não faço nada no real, não sou GP não insista”. Inclusive, durante minha primeira semana de pesquisa empírica, acompanhei uma extensa discussão sobre esse tema no Twitter⁹⁵, que começou a partir de uma postagem de uma das exibicionistas dizendo que, no Brasil, os usuários confundem o *webcamming* com pornografia ou prostituição, sempre perguntando se as meninas “fazem sexo fora da câmera”.

⁹⁵ Possuo todos os prints dessa discussão, mas opto por não os reproduzir aqui para manter o sigilo de todas as *camgirls* envolvidas no diálogo.

Muito prontamente percebi que se tratava de uma disputa para definir os contornos do próprio *camming*, estabelecendo pontos de encontro e de divergência entre ele e outros ramos dos mercados do sexo. Todo o esforço em se distanciar e se diferenciar da prostituição visava flexibilizar as fronteiras do comércio erótico-sexual, fundamentando uma busca para aumentar o status da atividade sexual/erótica desenvolvida através da webcam. Se pensarmos nesse contexto com Hughes (1970), perceberemos que essas falas, partes de uma controvérsia que se desenvolve sobretudo no terreno argumentativo e discursivo, são esforços para conferir legitimidade e aceitabilidade ao *webcamming*, colocando-o em contraposição a outras atividades consideradas menos dignas e o aproximando daquelas tidas como mais valorizadas. Compreenderemos a direção e a finalidade desse esforço argumentativo se levarmos em consideração que a comparação, como bem demonstraram Ashforth e Kreiner (1999), é uma importante estratégia para atestar e comprovar que determinadas formas de trabalho são melhores do que parecem, principalmente se colocadas em perspectiva com outras ocupações mais degradantes e indignas.

A flexibilização das fronteiras dos mercados eróticos-sexuais depende sobremaneira da atuação das convenções de gênero e sexualidade, que se configuram como objeto de disputa entre as modelos. Para as mulheres que atuam diante da webcam não basta construir uma representação do *webcamming* que o distancia de ramos menos valorizados do comércio de sexo e erotismo; elas necessitam igualmente rever sua posição nas hierarquias sociais que regem os papéis de gênero e as expressões de sexualidade, se posicionando ao lado daquelas práticas e condutas estimadas, se distanciando do terreno das abjeções. A própria tentativa de reposicionar o *camming* depende dessa adequação e adaptação às normas. Como será demonstrado mais adiante, essa busca por se enquadrar no escopo normativo se relaciona às possibilidades de auferir reconhecimento e estima social (BUTLER, 2004, 2006), estabelecendo outros critérios de julgamento do valor das *camgirls*.

Outras dimensões da controvérsia sobre a definição do *camming*, principalmente aquelas mais sutis e menos explícitas no cotidiano das modelos, foram sendo percebidas ao longo das entrevistas com as quinze mulheres. Durante nossas conversas, os sentidos do exibicionismo online e suas principais características foram explicitadas e debatidas, sempre colocadas em contraposição à prostituição e, mais timidamente, à pornografia. Antes de começarmos a destrinchar esse momento da pesquisa, pretendo demonstrar que também a literatura nacional sobre o *webcamming* reconheceu a disputa que

comecei a apresentar nessa seção, mas sem avançar e explorar seus contornos e suas consequências. O autor que mais se debruçou sobre essa questão foi W. Silva (2014), percebendo o conjunto de estratégias retóricas acionadas pelas *camgirls* para aproximar o exibicionismo online do erotismo e da sensualidade, afastando-o do sexo (mesmo do virtual). Segundo o pesquisador, suas entrevistadas falavam em “strip-tease virtual”, alegando que elas se mostravam e se despiam em frente à câmera, mas não desenvolviam contato físico com nenhum dos usuários. Em W. Silva e Jayme (2015) há um aprofundamento dessa discussão, evidenciando seu caráter estratégico para mitigar o estigma da “prostituição virtual”.

Ainda que em W. Silva (2014) e em Silva e Jayme (2015) haja o reconhecimento de uma disputa estratégica pelo posicionamento do *camming*, essa problemática fica relegada em segundo plano, sobressaindo a opinião dos autores, para quem o *webcamming* é uma prostituição virtual, diretamente comparável com a prostituição de rua, e as práticas das modelos são propriamente sexo virtual, porque elas fariam uso de *sex toys* e usariam os dedos para masturbação. Essas constatações também estão presentes nos demais autores e autoras que estudaram seja o exibicionismo online tomado como um fenômeno social, seja os sites especializados que proporcionam esse serviço. Rafael Saldanha (2017) segue a mesma trilha dos pesquisadores supracitados, descrevendo em seu estudo as diversas palavras e expressões utilizadas pelas pessoas que se apresentam na webcam e pelos sites especializados para nomear e qualificar a atividade que desenvolvem online, mas também optou por privilegiar sua própria voz, insistindo na ideia de “ciberprostituição”.

Um pouco mais atento que W. Silva (2014), Saldanha (2017) descreve e comenta ao longo de seu trabalho como os sites e os/as modelos definem sua participação no *camming*, revelando ao leitor e à leitora que para as pessoas envolvidas nesse universo se trata de “exibicionismo” e “produção de conteúdo”. Percebe, inclusive, que os *performers* buscam se afastar completamente de alcunhas como “michês” e “garotos de programa”, se distanciando do “sexo pago”. Contudo, ainda que sagaz na percepção de mecanismos de estabelecimento de fronteiras entre o *webcamming* e outras formas de comércio sexual e erótico, o pesquisador entende essas estratégias como um misto de dissimulação e falsa consciência. Se trata, para Saldanha (2017), de “mecanismos de fuga” para esconder a natureza de “ciberprostituição” dessa atividade. O autor chega a definir os *camboys* e as *camgirls* como michês e prostitutas e os websites especializados como “proxenetas virtuais”. Seguindo esse mesmo

raciocínio, Allyson Silva (2017) diz que o exibicionismo online é uma “prostituição que se virtualiza”, fundamentada em uma relação entre “cliente e mercadoria”. As páginas na internet que oferecem esse serviço são vistas como “cafetões virtuais”. Todas essas constatações aparecem em meio à afirmação de que “os performers não afirmam que isso se trata de uma prostituição” (SILVA, 2017, p. 51). Em sua conclusão, as mulheres se reconheceriam como “modelos”, enquanto na verdade são “prostitutas”. Em Lopes (2013), Ribeiro e Miranda (2012) e Miranda (2014) nem existe uma mínima preocupação em considerar as controvérsias do campo, determinando categoricamente que se trata de “pornografia amadora”.

Ao contrário dos pesquisadores e das pesquisadoras retomados brevemente nos dois parágrafos anteriores, defini como estratégia de investigação encarar de frente as disputas que envolvem a definição do *camming*, pensando-as em consonância a outros ramos com os quais essa atividade compartilha suas fronteiras. Mais uma vez recorro à Hughes (1970) para afirmar que as imprecisões na delimitação do exibicionismo online, diretamente relacionada à tentativa de afastamento da prostituição, deriva da percepção tácita das hierarquias de status das atividades profissionais, marcando o *webcamming* como um *dirty work* carente de prestígio. À vista disso, é fundamental retomar contextualmente como se processam as disputas e contendas, revelando seus meandros e mecanismos. Para tanto, precisamos ouvir e considerar aquilo que as *camgirls* dizem e como elas argumentam, criando racionalizações sobre as práticas que desenvolvem.

Na base da controvérsia sobre a definição do *camming* está um pressuposto amplamente mencionado pelas *camgirls* que contrapõe o sexo, compreendido como uma experiência direta e em copresença, e o erotismo virtual, entendido como uma experiência mediada por tecnologia e à distância. Veremos que essa distinção se expressa no sentido atribuído à ideia de “real” (acionada também por usuários que recorrentemente perguntam “você faz real?”) associada à prostituição (atividade em que se faz “sexo real”) e sua oposição à virtualidade que seria marca do *webcamming* (baseado na encenação e na teatralidade do erótico). Compreenderemos igualmente que esse antagonismo se alicerça em um entendimento específico sobre as tecnologias digitais, interpretadas como um espaço à parte da vida cotidiana.

Fernanda desenvolve sua perspectiva sobre o *camming* explicando que nessa atividade há “dança, strip-tease, que é o básico, como aquela dança erótica e a masturbação”, que se trata de “uma exposição em frente à câmera”. Continua me contando que “o maior foco, na verdade, o ponto principal, é lógico que é o erotismo, a

masturbação, que é um dos pontos principais do erotismo”. O *webcamming* “é ligado à questão erótica”, mas “não propriamente uma atividade sexual, (porque) não há contato físico, é contato visual, a imaginação”. Segundo ela, “eu sou uma atriz, é só virtual, não tem contato físico, então eu topo quase tudo, muita coisa”. Para a *camgirl*, é importante explicitar a natureza de sua atividade, porque geralmente ela é “colocada dentro de um pacote de garota de programa”, tanto que “muitas modelos virtuais colocam claramente em seus perfis ‘olha, não sou GP’, e muitas se sentem ofendidas”. É preciso deixar claro que “a diferença que o trabalho dela (garota de programa) é real e o meu é virtual, (...) não existe o toque físico ali, é tudo virtual”.

Nesses breves trechos da minha conversa com Fernanda podemos perceber que uma série de elementos se interconectam e colaboram tanto para a aproximação do *camming* da prostituição, quanto da incessante busca das modelos por distanciar essas duas atividades. Vamos começar pensando no virtual: ele se relaciona, em primeira instância, à presença da câmera e do computador (barreiras físicas, que separam duas pessoas); em segunda instância, ele diz respeito à qualidade do espaço da internet, interpretado como uma realidade secundária; em terceira instância, ele demarca as práticas possíveis de serem desenvolvidas nessas condições de mediação tecnológica, como a encenação, o erotismo, a exibição do corpo e a masturbação individual. Dessa caracterização do virtual deriva uma noção de sexo que exige propriamente dois corpos se tocando e se acariciando, contraposta à ideia de erotismo, que está no terreno da imaginação e da fantasia (existe a insinuação do sexo, mas não o ato em si). Por isso mesmo, a prostituta é aquela que transa com os clientes e a *camgirl* é uma atriz, uma modelo e uma performer. Agora voltemos às conclusões de Fernanda: muitas *webcam models* certificam “‘eu sou *camgirl*, mas eu não sou garota de programa, não me confunda’. Quer dizer: então eu sou mais digna (...) porque eu não dou o meu corpo fisicamente ao desfrute”. Aqui já conseguimos compreender que o jogo argumentativo parte da busca por uma diferenciação e demarcação de fronteiras fixas, e deságua no próprio fundamento dessa estratégia: o estigma e a desvalorização social. Fernanda reconhece que “nós somos tidas, infelizmente, como pessoas menos dignas porque nós expomos nossa sexualidade, assim como as mulheres que fazem programa, o que não é nossa profissão, mas tem um certo vínculo aí”. A palavra puta, para minha entrevistada, representa um xingamento, porque “a puta é uma mulher menos digna que as demais, é um ser indigno” aos olhos da sociedade.

É importante nos atentarmos para os contornos e mecanismos argumentativos presentes nas falas de Fernanda, porque eles estão presentes, de forma quase idêntica, nas outras quatorze entrevistas que realizei com as *camgirls* (podemos nos surpreender, inclusive, com a recorrência das mesmas ideias, apresentadas em ordens similares). Voltando aos diálogos que estabeleci com as modelos, quero trazer, nessa sequência, a distinção que Angélica me apresentou entre o sexo e o erotismo: “o erótico fica na imaginação, o sexo é a idealização. Então, para ter a idealização tem que ter a presença de dois, quando isso não acontece é o erótico. Então eu não vou nem falar de sexo porque, por conta de ser virtual, a gente pode colocar como erótico”. Nesse sentido, o *camming* “é muito mais um trabalho de entretenimento do que de sexo, entende”. Anelise corrobora a posição de Angélica, me explicando que “o exibicionismo na web é algo erótico, algo sensual, mas não ao ponto das acompanhantes”. Segundo Anelise, o exibicionismo envolve sexualidade “apesar de eu acreditar que seja algo mais erótico, algo mais fetichizado né, mas não da forma que os sites anunciam né, que é de uma forma muito extrema, parece até que é de acompanhante”. Para ela, o *webcamming* atua a partir da imaginação: “a imaginação é uma coisa poderosa, eu já consegui ter sensações no site que eu nunca tive pessoalmente”. Cibeles me explica que não se trata do sexo em si, mas de ter uma “sexualidade ativa” que esteja agregada à uma “imaginação sexual”, porque o cerne do exibicionismo é a fantasia (do usuário em relação à modelo). Todas as minhas três interlocutoras concordam que apesar de o *camming* e a prostituição envolverem a sexualidade, é preciso “deixar claro” a especificidade do exibicionismo online, porque essa é uma prática “fora do comum” e “muito estigmatizada e marginalizada”.

Em todas as entrevistas que realizei, sempre deixei espaço para que as modelos pudessem incluir temas e discussões que elas considerassem importante e que eu mesma não tinha abordado. Beatriz apresentou uma ressalva antes mesmo de terminarmos a entrevista: “eu acho que é importante falar sobre a confusão entre a *stripper* virtual e a prostituição, dos encontros de verdade, sabe (...) porque a gente é muito mal vista por confusão”. A *camgirl* me explica seu ponto de vista: com as prostitutas teria “contato direto, físico né, teria número de telefone, teria conversa, teria muita coisa. A prostituição é real, você tem o número dela, você sabe, talvez, o nome dela, se ela te falar, você a toca, a beija, fica com ela no mesmo local físico”. Ademais, seria possível “encontrar ela no shopping, é uma pessoa né. Você pode encontrar ela no shopping, no jantar, quem sabe”. Eu pergunto à Beatriz se a diferença se encontra em uma suposta

barreira criada pelo virtual, ao que ela me responde: “exatamente, então é bem diferente, stripper virtual é apenas stripper virtual, mas aqui no Brasil ainda é confundido”. Dandara me diz a mesma coisa que Beatriz: “confundem muito, tem muito preconceito sobre isso, e eu não vou mentir, eu tinha esse preconceito antes de entrar”.

Beatriz não se limita a afirmar que o *webcamming* é diferente da prostituição, mas explica, inclusive, qual a diferença entre sexo real, sexo virtual e exibicionismo: “o sexo virtual seria, assim, a parte de você se masturbar, se usasse um dildo, falar de sacanagem também né, acho que se enquadra”; o sexo real seria o da prostituta, em que os corpos se tocam e as pessoas se encontram no mesmo espaço; o exibicionismo, por fim, seria dançar, mostrar o corpo e tirar peças de roupa (mais próximo do que acontece no strip-tease). Essa mesma distinção aparece nas falas de Dandara, a *camgirl* que faz alguns de seus shows acompanhada. Segundo ela, “sexo rola no meu caso porque eu me apresento com outra pessoa, então a gente transa muito. Mas não tem nada a ver em relação, sexo eu e o usuário não existe, nem, de forma nenhuma, não sou garota de programa”. E completa: “eu quis dizer sexo porque eu faço sexo né e mostro o meu sexo para as pessoas, mas não rola sexo não, não mistura entendeu, com o usuário, é só strip mesmo, quando eu tô sozinha”. Jennifer tem essa mesma percepção, considerando que em seus shows sozinha não existe sexo, isso só aconteceria em apresentações em dupla em que ela faria “sexo ao vivo”. E completa: “nos meus shows normalmente, geralmente né, rola a masturbação, aqueles jogos mentais assim, para deixar o cara excitado, rola brinquedos, rola estímulos, mas não, sexo ao vivo assim, eu nunca fiz”.

Denise, a única das modelos entrevistadas que se exhibe na câmera esporadicamente para conseguir um dinheiro extra para gastos pessoais, me mostrou como essa controvérsia em torno do *camming* e da prostituição é complexa, sendo que em muitas ocasiões as fronteiras entre uma e outra atividade se esvaem. “Na verdade, ser *camgirl* é algo como ser entre atriz pornô e garota de programa, porque você tá na câmera fazendo uma performance sexual, pornográfica, e você tá com alguém que tá te pagando para ele gozar”. Mas como ela mesmo pontua, esse misto de prostituição e pornografia se encontra em vídeo, com a mediação da câmera e do computador. E se justifica: “quando eu entrei para esse mundo, eu sempre achei que *camgirl* era *camgirl* e prostituição era prostituição, na época que eu entrei eu não sabia que estava se misturando”.

Para Carolina, essa “mistura” entre prostituição e *camming* é recente, principalmente porque o exibicionismo apareceu recentemente e existe pouca

informação sobre ele. Isso faz com que, no contexto nacional, as modelos sejam “misturadas com as garotas de programa, então acham que o termo cam já é prostituição, quando não é”. Na nossa conversa, Carolina foi enfática em dizer que é preciso “sempre diferenciar mesmo que *camgirl* não é prostituta, prostituta não é *camgirl*”, porque à diferença da prostituta a “*camgirl* não fica se tocando o dia todo” – isto é, se masturbando e realizando práticas consideradas sexuais. Além do mais, a modelo virtual “anda na rua não precisando desviar o olhar de ninguém, porque ninguém sabe o que a gente faz, quem a gente é, diferente das prostitutas, que os caras se, por exemplo, está no restaurante e te ver, ele vai abaixar o olho, com a gente não”. Fora os diferentes tipos de assédio que se acredita que as mulheres que se prostituem sofrem diariamente: “elas estão no real, podendo sofrer. Qual o risco delas? Pegar um maluco pela frente, abusar delas né, bater nelas, até matar, elas correm um risco bem maior que o nosso que é virtual”. Por outro lado, “qual é o meu risco que eu tenho aqui, meu risco é o cara pegar e me xingar né e eu ficar puta, ficar chateada”. Cibeles concorda: “nossa exposição é muito menor, porque eu acredito que quando rola contato físico, quando você está com o cliente na vida real, ele pode fazer qualquer coisa com você. Agora por trás da tela não, você tem essa segurança. É só sua imagem que está ali”.

Apesar de Carolina tratar a prostituição como um universo monolítico quando pretende separá-la do *camming*, ela reconhece que existem diferentes formas de se prostituir: “no mundo da prostituição, existem as diferenças, existem as garotas de programa de luxo, existem aquelas prostitutas que topam tudo por qualquer coisa e existem as acompanhantes”. Como estamos acompanhando, as modelos constroem uma imagem e representação da prostituição e da prostituta a partir da qual elas se comparam. Na escala de valoração acionada pelas *camgirls*, a prostituição que mais carece de valor moral na sociedade é aquela realizada na rua, mediada por cafetões e cafetinas. A garota de programa e a acompanhante de luxo são colocadas em outra categoria, como bem me mostrou Carolina: “as acompanhantes, as garotas de programa, nem sempre fazem sexo com o cliente, elas vão jantar, elas vão à festa, elas vão em eventos, elas vão fazer companhia para aquela pessoa”. Eliane também concorda com essa distinção, dizendo que “a gente sabe que existem garotas de programa que são, que fazem coisas como só acompanhar, ser as namoradinhas de luxo, muitas clientes nem transam com as suas contratadas. Mas o nosso é diferente delas, assim como também é diferente da indústria pornográfica”.

Como acompanhamos até aqui, a distinção entre prostituição e *webcamming* se baseia em uma diferença nas experiências proporcionadas pelas duas atividades: a primeira, qualificada como real e realizada em copresença física, permite o sexo, que consiste em toques, carícias e penetração; a segunda, compreendida como virtual, acontece em ambiente online, considerado imaterial, sendo entrecortada por uma barreira física criada pelo computador, pela webcam e pela própria internet, permitindo apenas um erotismo mediado por tecnologias. Em primeira instância, precisamos pensar como as *camgirls* determinam a própria experiência: segundo suas falas, se trata de uma série de acontecimentos vividos no plano hodierno, entendido como a realidade primária da vida social. As mídias, por seu turno, proporcionariam apenas uma experiência de segunda mão, já que elas impedem uma presença em carne e osso e criam um mundo à parte da vida cotidiana.

É certo que as modelos elaboram suas racionalizações a partir de uma série de referências que circulam em seu cotidiano. E uma de suas noções centrais, a ideia de “sequestro da experiência”, está bem arraigada nas narrativas socialmente compartilhadas sobre a natureza dos meios de comunicação. Sem retomar esse extenso debate que ainda influencia os modos de interpretação a respeito das mídias, podemos, apenas a título de exemplo, lembrar da célebre distinção de John Thompson (2009) entre interação face-a-face, interação mediada e quase-interação mediada⁹⁶. Aliás, vale notar que as minhas entrevistadas se baseiam em diferenciações quase idênticas às de Thompson. Em suma, se trata de compreender os *media* como realidades aquém e além do hodierno: aquém porque eles não permitiriam experiências genuínas, baseadas em interações diretas; além porque eles criariam um segunda realidade que habitaríamos apenas parcialmente e circunstancialmente (principalmente quando pensamos no “mundo virtual”).

Proponho, para fundamentarmos com mais precisão as racionalizações de minhas entrevistadas, retomarmos algumas noções centrais de John Dewey (2008) e sua teoria da experiência⁹⁷. Em primeiro lugar, podemos afirmar que as *camgirls* estabelecem uma contraposição entre “experiência” e “uma experiência”: se seguirmos

⁹⁶ Para uma crítica dessa segmentação e uma proposta de revisão, ver César Guimarães e Bruno Leal (2008).

⁹⁷ Estou ciente de que Dewey (2008) trabalha a partir da experiência estética obtida através de obras de arte. Por outro lado, sei também que ele expande suas interpretações para outras formas de experiência, mediadas por uma série de fenômenos e objetos sociais, sendo que suas teorizações influenciam, atualmente, muitos dos estudos de mídia. Opto aqui por trabalhar com essa interpretação de experiência estética também por compreender que o erotismo e a sexualidade podem ser pensados nesses termos.

Dewey (2008), veremos que a “experiência” ocorre em meio à distração e dispersão, seguindo um curso em que é impossível conectar racional ou emocionalmente suas partes; isto é, os acontecimentos são percebidos como unitários e desconexos, sem formar uma conexão entre o acontecido e suas consequências. Nesse sentido, podemos dizer que a experiência erótica mediada das modelos não se confunde com sexo porque as suas ações diante da câmera, ainda que de cunho sexual, não envolvem propriamente contato físico e penetração (os elementos básicos do sexo em suas narrativas). Ao contrário, o sexo realizado pelas prostitutas forma “uma experiência”, porque nele se encontram todos os componentes para que práticas eróticas se convertam em ato sexual. Por essa perspectiva, a prostituição proporcionaria “experiências reais”. Podemos perceber nas duas formas de construção argumentativa primeiro uma desconexão e posteriormente uma reconexão entre o fazer e padecer de Dewey (2008). Ademais, essa estrutura de raciocínio está ligada à “autoridade da experiência”, assumida pelas *webcam models* como uma prerrogativa sua. Em suas narrativas, quem determina a natureza das exposições online, se elas podem ou não serem consideradas sexo, são as próprias mulheres. Minhas entrevistadas se baseiam apenas na própria interpretação, desprezando constantemente a percepção dos usuários e sites especializados, somente mencionadas em tom crítico e como um contraponto negativo às suas interpretações da experiência erótica online.

Para além da classificação e qualificação das experiências na prostituição e no *camming*, Gisele apresenta outros argumentos que ajudam a diferenciar as duas atividades: “é totalmente diferente né, já começa por que elas combinam o tempo antes, [e no *camming*] a pessoa pode ficar lá na sala o tempo que ela quiser, e a pessoa não paga antes, ela vai pagando por minuto”. Além do mais, “eu vendo um tempo, elas também vendem um tempo, mas é bem diferente, assim, até pela questão do contato. Elas são obrigadas a fazer contato, enquanto eu não sou”. Intrigante notar que essa mesma lógica foi abordada por Angélica, para quem as *camgirls* vendem seu tempo e sua imagem. Por essas falas percebemos que a distinção promovida pelas modelos incide sobre a própria natureza da troca comercial, esclarecendo e delimitando aquilo que se comercializa: o serviço vendido não é sexo (nem mesmo virtual) e nem contato físico, tal como ocorre com as prostitutas; é mais propriamente uma interação erótica em que se compra o tempo e a imagem da mulher na câmera. O aglutinador dessas fronteiras que demarcam aquilo que é negociado no exibicionismo se encontra na noção de conversa, elemento que desassocia definitivamente essa atividade da prostituição.

A conversa é central na fala de minhas entrevistadas porque ela aponta para um tipo de serviço que assenta suas bases em um elemento que não é propriamente erótico e sexual, mas interacional e dialógico. Por isso mesmo muitas das *camgirls* disseram que em muitos dos seus shows o erotismo, a sensualização e a exibição ficam em segundo plano ou nem mesmo aparecem. Como Anelise me contou, “tem dias que nem levanto da cadeira”. Conversar, nesse sentido, se opõe às práticas sexuais e eróticas que ligam o *camming* ao sexo, tais como a masturbação (com e sem brinquedo), alguns fetiches (aqueles que envolvem contato com o corpo, como o *fisting*) e o gozo. Se em um primeiro momento a conversa aparece como um elemento fundamental para as pessoas em interação desenvolverem uma intimidade e realizarem um show que seja agradável para ambos, em uma segunda instância se trata de definir o exibicionismo online como uma espécie de encontro virtual com trocas financeiras – aqui podemos pensar em uma correlação com as trocas comerciais e sexuais descritas em Piscitelli (2007), em um contexto que há o mesmo objetivo de se afastar da prostituição. Antes de avançarmos é importante, porém, considerar o aspecto financeiro que está envolto na conversa: sabemos que quanto mais tempo uma pessoa permanece conectada à sala da modelo, maiores são seus ganhos financeiros ao fim dos shows. Por consequência, a conversa atua tanto como um elemento de singularização da atividade, quanto uma forma de aumentar sua rentabilidade.

Vejamos como Beatriz expõe essa dinâmica. A modelo me disse, ainda no início da entrevista, que como exibicionista “você precisa conversar, conhecer minimamente a pessoa e entender se ele tem humor, se não tem, se gosta assim, assado”. Antes dos shows, “primeiro a gente conversa, tem os apressadinhos, claro, mas a maioria conversa, conhecem a camgirl, eu os conheço e aí as próximas vezes rolam coisas mais íntimas”. Antes que eu pudesse prosseguir com as perguntas, Beatriz ainda me explica porque a conversa é central: “não é porque eu não goste de me tocar, não que eu me negue, jamais, mas eu percebi que eu atraio mais usuários falando com eles do que me mostrando pra eles”, porque as interações eróticas pela webcam consistem em “conhecer alguém, só que pela tela, por assim, dizer, um encontro virtual”. Jennifer diz a mesma coisa sobre suas apresentações: “para mim, os meus shows é como se fossem encontros, eu converso com a pessoa, cativo a pessoa, como um encontro, a maioria dos encontros pessoais”. Nicole me disse que ela é muito procurada para ser “a namoradinha virtual”, sintetizando tanto a ideia de conversa e de encontro que perpassam o *camming*.

Eliane vai além, me dizendo que a conversa é tão central que seu público busca a “companhia mesmo, independente do show. Vai ter dia que eles vão querer a companhia pro sexo, vai ter dia que eles vão querer a companhia com a conversa”. Mas mesmos aqueles que estão em sua sala por “sexo” muitas vezes desistem dessa prática após conversarem com a modelo: “muitos usuários vêm me procurar nessa intenção do sexo de cara, mas pela forma que eu conduzo o atendimento, sempre tentando conversar, eles mesmos se surpreendem. Já aconteceu do cara entrar querendo sexo e sair sem nada de sexo e super feliz”. Em suas contas, 80% de seu público busca companhia e atenção. Lúcia concorda e diz que “na maioria das vezes eles não querem nada, eles só querem conversar. Então a gente criou um laço de amizade, algumas vezes eles entram e a gente só conversa, nem faz show nem nada, eles só me veem”. Como me disse Milena, o público procura a “companhia de uma menina bonita e pelada”.

Nicole, apesar de concordar com todas as outras modelos, apresenta um argumento que torna mais claro como a conversa assume seu espaço nos shows. Segundo a *camgirl*, “quando um usuário dá mais liberdade para mim, a maior parte dos meus shows eu fico conversando com a pessoa, porque eu adoro conhecer pessoas e adoro ficar conversando”, mas com os visitantes novatos isso é mais complicado: “quando o usuário é novo e entra no site, eu tento, eu converso o básico com ele e tento não enrolar muito para não ficar chato para ele né, já fazer o que ele quer realmente ver ali”. A ideia de fazer “o que ele realmente quer ver ali” demonstra que o cerne do *camming* são as práticas eróticas – as pessoas (nesse caso, a maioria homens) buscam satisfazer prazeres sexuais através de uma interação erótica e sensual pela webcam. Essa mesma ressalva é apresentada por Cibele, dizendo que a conversa ocorre mais frequentemente com seu público fixo, que “só entram para conversar comigo”. E ponderou: “essas pessoas novas que entram na minha sala, digamos que de dez, seis querem conversar comigo, ou pelo menos passam uns vinte minutos, trinta minutos em que eles conversam comigo e dez eu fico me exibindo”.

Todas as estratégias acionadas pelas *camgirls* comentadas até aqui não são propriamente novidades dentro dos mercados do sexo, principalmente se considerarmos as tentativas de se afastar do “sexo real”. Tanto na pornografia quanto no disque-sexo essas táticas são amplamente mencionadas e empregadas, como podemos acompanhar pela literatura internacional e nacional sobre essas atividades. Aqui vale um apontamento: como argumentei na introdução, percebo um processo de midiaticização progressiva do comércio de sexo e erotismo, cuja principal consequência é elaborar,

diversificar e ampliar uma série de serviços que passam a ser mediados por tecnologias de comunicação, incidindo diretamente em suas possibilidades interacionais. Ademais, estabelece pontos de encontro entre atividades mediadas por tecnologias de comunicação, dentre as quais se destaca a circulação de estratégias similares para singularizar e afastar a atividade da prostituição. Somente a título de exemplo, veremos em Abbott (2010) e Cramer e Home (2007) que pessoas envolvidas na pornografia, principalmente as mulheres, fazem uso de artifícios discursivos e argumentativos para justificarem sua participação no ramo e se manterem exercendo a atividade. Para Abbott (2010) as alcunhas “atriz”, “ator” e “talento” atuam como elementos para legitimar e normalizar o pornô no cotidiano, juntamente com a constante resistência e objeção de considerar a encenação realizada para a câmera como um “sexo autêntico”. Cramer e Home (2007) seguem nessa mesma direção, demonstrando que o filme é compreendido como uma performance, atuação e representação do sexo, mas não como intercuro sexual em si. Os autores apontam, igualmente, que a interferência da câmera atua diretamente nessas interpretações sobre a pornografia, considerada um filme sobre sexo em que os atos sexuais realizados por atrizes e atores conformam uma experiência aquém ao “sexo real”.

Em contexto nacional, Maria Elvira Díaz-Benítez (2009) aponta para questões similares às de Abbott (2010) e Cramer e Home (2010), nos explicando que a pornografia é estrategicamente qualificada como erótico ou adulto por pessoas que atuam nesse ramo, com a intenção de minimizar o estigma e tornar a atividade socialmente aceitável. A ideia de representação, dramatização e encenação do sexo também aparece com muita força no trabalho dessa autora, afastando o intercuro sexual considerado real do pornô. Como demonstra em Díaz-Benítez (2011, 2013), a valorização da técnica concorre para formatar a identidade das pessoas no pornô como atrizes e atores (diferentes da prostituta ou do michê). É comum, inclusive, que durante as filmagens as atrizes prefiram não alcançar o prazer, fazendo uso de técnicas para encená-lo diante das câmeras. Inclusive, algumas atrizes preferem “fingir que são inexperientes em matéria sexual” (DÍAZ-BENÍTEZ, 2013, p. 97).

No campo do disque-sexo⁹⁸ estratégias similares são empregadas: nesse caso não se trata de encenar o sexo mas “discutir sobre sexo por telefone”, simulando e não realizando intercuro sexual. Kathleen Guidroz e Grant Rich (2010) e Janet Lever e

⁹⁸ A respeito do disque-sexo, não encontrei pesquisas brasileiras que descrevessem as estratégias acionadas em contexto nacional pelas trabalhadoras dessas linhas telefônicas.

Deanne Dolnick (2010) apontam que as mulheres envolvidas nesse ramo buscam se definir como “atendentes” como forma de se afastar da prostituição e de se diferenciar de outros serviços eróticos e sexuais (como a pornografia, por exemplo). Giulia Selmi (2012) chama a atenção para vocábulos como “operadores de telefone” e “atendentes de telefone” para nomear as pessoas que atuam atendendo as ligações, e “consumidores” para aqueles que ligam. Ainda, aponta para as ideias de “conversa sexual e erótica” e “conversa sobre fantasias” comumente empregadas nesse ramo, distanciando a noção de práticas sexuais do disque-sexo, buscando enquadrá-lo como “trabalho apropriado”. Por fim, Amy Flowers (1998), ao desenvolver sua pesquisa sistemática sobre tele-sexo, aponta a mediação tecnológica como principal fator que colabora para atrelar à atividade à fantasia e não às relações sexuais. Segundo a autora, a barreira física do telefone, que impede contato face-a-face com os consumidores, é acionada para afastar o estigma de *phone whores* sofrido cotidianamente pelas mulheres atendentes.

Saindo do contexto do comércio de sexo e erotismo mediado por tecnologias de comunicação, vale observarmos que também no terreno das trocas reconhecidas como prostituição dispositivos para diminuição ou atenuação dos estigmas também são acionados, muitas vezes ancorados à apresentação do próprio *self* e à gestão das emoções. Ao contrário do exposto anteriormente, em que as estratégias circulavam em torno do componente tecnológico que marca a atividade sexual e erótica, para as prostitutas, conforme Sanders (2005), uma das principais táticas é apartar sua personalidade individual da persona que atua no serviço sexual. Para a autora, trata-se de mecanismos para a proteção psicológica e para preservar a vida privada das rotinas de trabalho. Em suma, essas mulheres buscam também se afastar do “estigma de puta” e das condenações morais e estereótipos que o subjazem. Sanders (2005) aponta, ainda, a proibição de acesso a determinadas partes do corpo e a diferenciação entre práticas sexuais desenvolvidas no trabalho e em relações íntimas. Tanto Bernstein (2007a), quanto Petro (2010) e Ronald Weitzer (2010) endossam as conclusões de Sanders (2005), e acrescentam, além disso, o encobrimento da prostituição relatando a familiares e amigos atuar em outras ocupações, menos recriminadas.

Antes de avançarmos, cabe uma ressalva: apresento nesse momento um conjunto de estratégias citado pela literatura voltada à prostituição apenas para demonstrar que a busca por contornar os estigmas de atividades consideradas imorais e deletérias é comum, principalmente quando as trabalhadoras são mulheres (KERGOAT, 2003; KELAN, 2010). Essas táticas cotidianas visam manejar a mácula moral atribuída à

ocupação, minimizando seus efeitos no *self* e nas relações sociais e pessoais. Em primeiro lugar, precisamos ter em mente que muitas das táticas mencionadas aqui não estão disponíveis para todas as prostitutas, principalmente tendo em vista que a prostituição se subdivide em diversos serviços distintos. Em segundo lugar, devemos lembrar dos diversos movimentos de prostitutas pelo mundo, que buscam reenquadrar os sentidos atribuídos à sua profissão e contornar os julgamentos morais que as posicionam como pessoas menos dignas (KEMPADOO, 1999). Nesse contexto, é no mínimo questionável o funcionamento dos mecanismos citados aqui, porque, no mais das vezes, eles podem reforçar e revigorar a desvalorização, a segregação e o desrespeito às mulheres que se prostituem (MURRAY, 2016). Ademais, podemos ainda questionar seu atual alcance, em um momento de luta vigorosa das trabalhadoras do sexo.

Passando para o contexto nacional, Piscitelli (2007), Piscitelli, Gláucia Assis e José Miguel Olivar (2011), Sandra Sousa (2009) e Marina França (2011 e 2014) evidenciam como as fronteiras do trabalho sexual denominado prostituição são manejadas e negociadas por meio de uma série de táticas cotidianas. A pesquisa de Piscitelli (2007) nos mostra como as pessoas envolvidas em trocas comerciais e sexuais nem sempre se veem enquadradas como prostitutas, dependendo dos contextos em que as transações ocorrem e de suas configurações, incluindo o formato das operações financeiras (que podem ser mais ou menos explícitas). As distinções, como explicita a autora, são baseadas em classificações e qualificações das operações comerciais, sendo que aquela pessoa que faz “programa” é necessariamente considerada “prostituta”. Entretanto, a própria noção de “programa” é hierarquizada, relacionando a prostituição à pobreza, à educação, à classe e à cor. Como coloca Piscitelli (2007), enquanto mulheres mais pobres e negras se enquadram na categoria prostitutas, as mulheres de classe média mais brancas são vistas como “interesseiras”.

Em Piscitelli, Assis e Olivar (2011) vemos conclusões similares aos autores internacionais apresentados em parágrafos anteriores, sendo que as principais estratégias das mulheres brasileiras que participam de trocas financeiras e sexuais consistem em: delimitar áreas do corpo e práticas permitidas no sexo comercial, utilizar “nomes de batalha” e dissociar a vida sexual pessoal daquela no trabalho, todas acionadas com vistas a demarcar as fronteiras do próprio *self* e da privacidade, precavendo-se de que essas esferas de sua vida sejam alvo da estigmatização. Sousa (2009) e França (2011, 2014) apontam conclusões análogas, demonstrando que a principal tática seria a

limitação entre dentro e fora do programa, criando limites entre vida pública e privada (delimitando, inclusive, os graus de interação possíveis e envolvimento emocional)⁹⁹. Antes de encerrar essa remissão a outros serviços sexuais que mobilizam discursiva e taticamente uma série de elementos para se autodefinir e autoclassificar muito similares ao que estamos acompanhando no *webcamming*, devemos retomar Hughes (1958) para dizer que essa recuperação e sintetização funciona como uma contextualização para a inserção do próprio *camming* em meio aos demais ramos dos mercados eróticos e sexuais, demonstrando o campo de disputa mais amplo em que ele se insere. Isso é fundamental, se concordarmos com Hughes (1970), para compreendermos porque determinadas atividades passam a ser consideradas *dirty works* e em qual nível da escala de desvalorização elas se encontram, principalmente porque essa é uma atribuição de valor relacional e contingente. Ou seja, para compreendermos plenamente os caminhos pelos quais o exibicionismo online busca criar uma posição mais valorizada e menos estigmatizada, precisaremos necessariamente colocá-lo diante daqueles serviços com os quais ele se compara e com os quais ele é comparado.

Para finalizarmos nossa compreensão das comparações realizadas no interior do *webcamming* com outros serviços eróticos e sexuais, devemos olhar para a posição da pornografia nas narrativas de minhas entrevistadas. Já adianto que as distinções com o pornô são tênues, sendo que muitas vezes despontam mais as similaridades e continuidades¹⁰⁰. Isso se justifica tendo em vista que boa parte das *camgirls* também atuam em filmes pornográficos, tanto na indústria *mainstream* quanto na produção alternativa. Inclusive, muitas se divulgam como atrizes e modelos virtuais. Das minhas próprias entrevistadas, sete atuam nesse mercado.

Para Beatriz, o *camming* não é pornografia, “porque a pornografia é alguma coisa que já estaria pronta né e aí você assistiria”. Sua atividade, no entanto, “são pessoas reais, eu acho que eles procuram a gente por causa da sensação de realidade que a gente passa pra eles, que somos pessoas humanas, é ao vivo, é streaming, eles estão

⁹⁹ Devemos ter em mente que essas táticas apontadas pelas autoras citadas não são apenas modos de mitigar e reduzir o estigma da prostituição, mas atuam como estratégias comerciais com vistas ao lucro e também são parte de um arcabouço de conhecimentos tácitos compartilhados no universo do trabalho sexual.

¹⁰⁰ Nesse ponto cabe uma ressalva: as modelos virtuais aproximam o *camming* de uma pornografia mais tradicional, em que os filmes envolvem convenções de filmagem e práticas sexuais mais bem aceitas socialmente e procuradas em larga escala. O pornô bizarro (LEITE Jr., 2009) e o de humilhação (DÍAZ-BENÍTEZ, 2016) não aparecem como possibilidades nas narrativas de minhas entrevistadas. Com isso, podemos identificar, inclusive, uma estratificação do próprio campo pornográfico, se aproximando de sua vertente menos estigmatizada.

nos conhecendo, eles estão, entre aspas, ficando com alguém virtualmente”. Dandara respalda a posição de Beatriz ao dizer que o *webcamming* “na verdade não é só tirar a roupa e tal, entendeu, então é legal ter umas conversas, se não né é melhor ir pegar um vídeo na internet de graça”. Segue me dizendo que “pra mim essa profissão não significa só tirar a roupa e ficar pelada, isso é vídeo na internet, vídeo né. Agora a gente tá aqui ao vivo, trocando uma ideia, somos pessoas”. Na definição dessas duas modelos, o exibicionismo online envolveria elementos de interação erótica entre duas pessoas, que combinam as práticas a serem realizadas (que não são propriamente sexo, mas que estão voltadas ao gozo sexual). A pornografia, por seu turno, seria a filmagem de um sexo encenado, programado e direcionado, visando atingir uma audiência. Em um dos casos, não existe planejamento ou programação (é espontâneo), no outro, tudo é previamente elaborado e arquitetado por uma equipe de direção (é artificial).

Ao contrário das modelos apresentadas no parágrafo anterior, Carolina explica que o *camming* se confunde com a pornografia porque, primeiro, ele é realizado através de uma câmera, segundo, porque os próprios sites especializados fazem propagandas da indústria pornô, tratando o *webcamming* como um sub-ramo do comércio pornográfico. Em sua visão, são atividades diferentes que possuem públicos diferentes, mas que acabam se misturando e “meio que futilizando o *webstripper*”, porque aparecem muitos caras que “não entendem o que que é esse mundo né, eles acham que nós somos putas, nós estamos ali simplesmente para ficar gozando o dia todo, quando não é isso”. Para Jeniffer a diferença fundamental “é que você está vendo aquilo ao vivo, não tá lá aquela coisa gravada, estática ali, é aquela coisa que tá acontecendo naquele momento. Então é um fetiche diferente, o cara toca uma vendo uma menina ali real na tela fazendo as coisas que ele tá pedindo”. Ainda assim, para essa modelo as duas atividades possuem similaridades em seus formatos, principalmente porque ambas envolvem performances. Nas demais entrevistas não apareceram comentários sobre a pornografia.

Existe um fator adicional que impele e motiva as *camgirls* a buscarem se diferenciar da prostituição, mas não da pornografia: trata-se da relação que estabelecem com os usuários, principais pivôs da suposta “confusão” entre exibição online e venda de sexo. O público do *camming* sempre insiste em perguntar se as modelos “fazem real” e solicitar contatos como número de telefone ou e-mails pessoais. Em todas as quinze entrevistas esse tema foi fundamental, e todas as minhas interlocutoras evidenciaram uma insistência por parte do público em transformar a relação virtual em encontro presencial. Fernanda me explicou que “tem esse vínculo porque os usuários perguntam

com muita frequência “linda, faz real? Você faz programa?”. Anelise me disse que “falta informação [sobre o *webcamming*], muita gente chega no site perguntando se eu faço, ele usou o termo real né e eu digo que eu sou *camgirl*, sou *camgirl*, eu não sou acompanhante sabe. Eu não tenho nada contra acompanhante, mas não é o que eu faço, não é minha profissão”. Dandara foi bem enfática, me dizendo que são tantas pessoas pedindo seus contatos pessoais que, praticamente, “a cada hora uns dois perguntam”. Denise tem uma conta similar: “todo dia, pelo menos uns quatro caras por dia perguntam isso e olha que eu coloco ‘não sou garota de programa’”. Para Denise a insistência dos visitantes é ainda mais incômoda, principalmente quando eles buscam argumentar, tentando convencê-la a fazer programa: “eles perguntam, insistem e falam ‘pô você ia ganhar mais’. Eu não gosto que ninguém entre na minha sala que ali é uma vitrine para programa sabe”.

Carolina me contou que quando ela entrou no *camming* nenhum usuário perguntava se ela também fazia programa, porque naquele momento as meninas que se exibiam eram um grupo homogêneo e não havia pessoas que atuavam em outros ramos dos mercados do sexo. Trata-se de um fenômeno recente. Em suas palavras: “quando eu iniciei não existia isso, se você fazia real ou não, isso começou há mais ou menos uns três anos para cá quando no meio das *camgirls* entraram as garotas de programa né, as GP”. Em sua posição, o maior problema desse questionamento é que ele sempre vem acompanhado de uma insistência do visitante, assim como disse Denise: “mas é, todo dia tem ‘você faz real? Você faz? Se eu te desse dinheiro você faria?’”.

Esse constante questionamento se as modelos “fazem real” está intimamente ligado, para Nicole, à natureza do *webcamming*, que promove uma interlocução sincrônica entre duas pessoas. Como ela me disse, “acho que por ser ali, por estar a menina ao vivo e tal, eles entram no site e acham que uma coisa leva a outra, só que não é bem assim”. Além disso, precisamos considerar que “tem sim meninas dentro do site que são garotas de programa e anunciam isso”, ajudando a conectar *camming* e prostituição. Mas, para Nicole, “a maior parte das que estão ali não são garotas de programa e fazem ali o show apenas né”. Cíbele afirma que nem se ofende mais com tantas pessoas perguntando se ela faz programa, sua estratégia é dizer “não, só faço virtual mesmo” e encerrar a conversa sobre o assunto. Para a modelo, a “confusão” entre prostituição e *camming* é responsabilidades dos sites especializados, que colocam seus anúncios em páginas para programas e encontros presenciais, por isso mesmo “onde eles fazem propaganda pode prejudicar, sabe, confundindo a nossa imagem”. Até

porque “existem muitas plataformas online que divulgam a prostituição, então muitas pessoas acreditam que também existe a divulgação por vídeo. O cara entra lá, dá uma olhada, vê se gosta e pega o telefone da garota”.

Se inicialmente a pergunta dos usuários “você faz real?” parecia apenas uma tentativa de se informar se a modelo era ou não garota de programa, promovendo uma conexão do *camming* com a prostituição, posteriormente ficou claro que essa questão surgia de um desejo do público das *camgirls* em ter sexo presencial com elas, gerando uma série de constrangimentos e desentendimentos entre os dois polos da interação. Como bem demonstrou Eliane, trata-se de “um assédio, muitos não aceitam também não como resposta e se tornam agressivos. Às vezes eles chegam a te comparar ou tentar fazer você mudar de ideia dizendo ‘a fulana aceitou’ e nem é verdade muitas vezes, é mais pra tentar te persuadir”. Em algumas ocasiões os espectadores dos shows ainda provocam: “ah tal menina aceitou porque que tu não aceita? Porque que tu é diferente das outras?”. Cibele aponta também a inconveniente insistência, sempre acompanhada de ofertas monetárias:

Muitos confundem e dizem “você faz aqui, mas eu te ofereço tanto para você sair comigo”, existe muita proposta nesse sentido, e quem te oferece geralmente quando você nega não entende, “ah mas aí você tá ganhando quinhentos reais no dia, eu vou te oferecer três mil pra ficar duas horas comigo, você vai ganhar bem mais”. Então eles fazem essa comparação achando que você vai se vender por causa disso, porque eles acham que é a mesma coisa e não é.

Como vimos até aqui, estamos diante de um campo problemático e instável, composto por uma série de atores sociais, estratégias práticas e discursivas e sistemas de hierarquização e classificação. Isto posto, para arrematarmos nosso entendimento desse cenário, devemos refletir sobre as fragilidades e inconsistências presentes nas narrativas das *camgirls* quando elas buscam se dissociar da prostituição. Denise avança seu raciocínio, me explicando que quando ela começou no *webcamming* “teve até uma amiga minha que perguntou ‘já que você faz isso porque você não faz programa mesmo?’, cara porque o programa é diferente. Eu gosto do sexo, mas eu gosto muito da fantasia também”. E completa: “porque a fantasia às vezes me dá muito mais tesão do que alguém tá me pegando de verdade, eu tenho mais prazer no virtual do que talvez teria se fizesse real”. Mais uma vez, vemos que sexo se confunde com o real e o presencial, enquanto que as práticas desenvolvidas em frente à webcam estão no terreno da fantasia e da imaginação (no plano virtual, simulado). Ainda que no terreno

discursivo as *camgirls* consigam racionalizar as distinções entre prostituição, pornografia e *camming*, elaborando uma série de argumentos que corroboram seus pontos de vista, quando se tratam de suas práticas percebemos que os limites que elas mesmas estabelecem entre essas atividades são frágeis e provisórios. E Denise evidencia muito bem a fragilidade quando me diz que não conta para ninguém que é modelo de webcam porque as pessoas iam “pensar que é um tipo de prostituição diferente, na minha opinião sim, eu acho que se eu contar para alguém não vai ser bem visto, é a mesma coisa que falar que eu sou garota de programa”.

Nicole também demonstra a dificuldade em estabelecer fronteiras fixas entre o *camming* e a prostituição, principalmente quando se trata de definir e delimitar o exibicionismo online como uma prática singular: “acho que é como stripper virtual que eu definiria o que é para pessoas mais leigas entenderem, mas sim, rola o sexo virtual, a maior parte das pessoas estão no site para isso”. Nós estávamos conversando sobre os principais desejos dos usuários quando Nicole me disse a frase acima. Quando ela mencionou sexo, eu logo questionei em qual momento dos shows ele ocorreria: “é o momento que ambos né, tanto eu quanto o cliente vão ficar se masturbando e ambos com toda a atenção naquilo que está acontecendo. Então seria como um sexo pessoalmente, só que a diferença é que não tem contato, sem tocar na pessoa”. Imediatamente ela busca me explicar melhor sua compreensão: apesar de “ser visto como sexo da mesma forma, as pessoas confundem um pouco com a prostituição, mas eu particularmente acho que não tem nada a ver, porque uma coisa é você estar ali né, atrás da tela interagindo com a pessoa e outra coisa é você tá ali em contato real”, e completa, “acho que é mais parecido com o que uma atriz pornô faz talvez”.

Precisamos compreender que as distinções promovidas por minhas entrevistadas são instáveis porque as categorias e noções que elas buscam explicar ou contrapor são cambiantes em seus próprios discursos. Vejamos, por exemplo, o sexo: inicialmente trata-se de um contato dos corpos, mas pode ser também compreendido como um acordo entre duas pessoas ou até mesmo como uma intenção dos usuários. Foi muito comum ouvir das *camgirls* que existem pessoas que “procuram por sexo” ou “querem só sexo”, que seria o público denominado de “miojo” por Carolina: aqueles homens que querem ver uma mulher pelada e gozar em poucos minutos, sem participarem do show (a proposta central do *camming*). O sexo pode se relacionar a determinado momento do show como comenta Lúcia: “exibicionismo é uma coisa que você mais se mostra, provoca, mas até chegar ao ato do sexo virtual é uma parte que aí já acontece dos dois

estarem se mostrando um para o outro, daí eles fazem a masturbação juntos”. Entretanto, ela pontua que só é sexo virtual quando ambos estão “curtindo” a masturbação e gozam juntos.

Interessante pensarmos nas argumentações de Manuela para podermos estabelecer um contraponto com as inconsistências percebidas até aqui. A modelo me disse que “o site não tem mais aquela coisa do stripper, as pessoas que entram com pressa, não esperam pela sedução, tirar a roupa devagar, já entra lá e já quer logo gozar ou fica de sala em sala vendo várias meninas, aí ele já tá quase gozando e aí ele só pega uma para finalizar o negócio”. Nesse sentido, a ideia de show fica corrompida, porque o processo que vai das danças, da conversa, da sensualidade tem pouco espaço, sendo que muitos usuários esperam a *camgirl* “tirar a calcinha e ele sai correndo da sala”. Isso faria com que as fronteiras do *webcamming* com a prostituição se tornassem ainda mais tênues, porque em ambas as atividades o interesse dos homens é em seu gozo final. Segundo Manuela, o público do *camming* quer “sexo, é sexo, eles não querem ver a garota ali só sensualizando não, eles querem sexo”. E como ela mesma pontua: “é muito raro um homem ir ali só para conversar, tem sim aqueles que conversam, mas no final acabam fazendo sexo. Então o principal ali é sexo. Muitos perguntam se você faz encontro real, muitos, oitenta por cento pergunta se você faz encontro real”. Vale notar que nesse ponto Manuela contradiz a afirmação de minhas entrevistadas de que os usuários almejam mais a conversa no WEC do que os shows propriamente, argumento comumente acionado para separar as exhibições online da prostituição.

Ao contrário de todas as outras *camgirls*, Manuela vê pouca distinção entre o *camming* e a prostituição. Devemos nos lembrar que ela é a única modelo que também atua como garota de programa. Sua compreensão dos dois universos é fundamental para entendermos como as tentativas por estabelecer fronteiras entre esses dois ramos dos mercados eróticos são cambiantes e instáveis, sempre sujeitas à ressignificação. Vamos começar dizendo que Manuela mantém a distinção entre contato físico e contato mediado por tecnologias, mas sem atribuir a essa diferença o papel de delimitar aquilo que é ou não sexo. Em suas palavras, “você não tem o contato com a pessoa, mas pela minha opinião é a mesma coisa. Então é uma prostituição? Não deixa de ser. Eu tô ali fazendo o que? Vendendo sexo, só não tem o contato físico”. Para ela, o serviço que se comercializa é o mesmo nas duas atividades: vende-se sexo. Por isso mesmo “na minha opinião não deixa de ser prostituição a partir do momento que você está vendendo o sexo. Eu estou me exibindo, eu fico nua, eu me toco, me masturbo, eu finjo orgasmo ou

gozo tanto quanto no real, só que ninguém me encosta”. Manuela ainda me explica porque o *webcamming* também é sexo: “porque a garota tá ali do outro lado, tem um cliente e não está só fazendo um stripper. A gente usa brinquedo, você usa consolo, você usa vibradores, você está nua, totalmente nua, você mostra todo o seu corpo, você faz sexo anal”. Segundo ela, muitos modelos “insistem em negar que fazem sexo” devido ao preconceito com a prostituição, que também está impregnado no trabalho de stripper virtual. E pondera: com a prostituição o estigma é ainda maior.

Se o *camming* e a prostituição são serviços quase idênticos, oferecendo sexo em troca de dinheiro, porque os usuários procurariam as modelos virtuais? Manuela me diz que há uma diferença fundamental entre essas duas atividades: no exibicionismo os usuários têm a vantagem “de que ninguém tá vendo ele e ele tá vendo a menina, ela faz aquilo que ele quer, ele vai ver todo o corpo dela, ele não vai ser enganado como quando ele contrata uma garota de programa no site e quando chega lá não era nada daquilo”. Além de existir um intenso fetiche com as *camgirls*, conforme a visão de Manuela.

Em meio a esses discursos cambiantes e instáveis, que ora racionalizam perfeitamente as distinções entre *camming* e prostituição, e ora embaralham o serviço oferecido por um e outro ramo dos mercados sexuais e eróticos, subjaz um terceiro componente que alicerça e justifica a busca por singularizar e diferenciar o *webcamming*: as tentativas de valorizar e enaltecer a atividade, tentando normalizar e desestigmatizar o exibicionismo online. Veremos, na sequência, que os elementos de valorização são os pontos estáveis e permanentes das táticas empregadas pelas modelos, arrematando suas narrativas sobre seu trabalho e direcionando a interpretação da atividade para um sentido considerado positivo para minhas entrevistadas. Mais uma vez, compreenderemos que não se trata de um artifício exclusivo do *webcamming*, sendo utilizado tanto em outros ramos dos mercados do sexo (com especial atenção aqui para aqueles mediados por tecnologias de comunicação), quanto por outros trabalhos considerados *dirty works*, como bem mostraram Ashforth e Kreiner (1999) e Ashforth, Kreiner e Fugate (2007).

4.1.3. As virtudes do *webcamming*

Neste último elo das estratégias das *camgirls* para definirem e classificarem o *camming*, preferencialmente afastando-o da prostituição, estão os discursos que visam valorizar e estimar essa atividade, demonstrando suas singularidades e idiosincrasias.

Aqui se trata de trazer o exibicionismo online para os holofotes e iluminar suas qualidades e predicados, que se contrapõem frontalmente, nas falas das modelos, com as máculas e os vícios da prostituição. Nesse sentido, abordaremos na sequência um processo argumentativo que se empenha em relacionar características consideradas intrínsecas ao *webcamming* e suas supostas consequências positivas e valorosas, que oferecem um ambiente e contexto de trabalho ímpar e autônomo. Iremos nos deparar com elementos como a “autonomia” das exibicionistas, que consideram possuir total controle das interlocuções estabelecidas com os usuários; com a ampla segurança oferecida pela atividade e pelos sites especializados, impossibilitando agressões (ofensas físicas); como o “maior nível de educação formal” das modelos de webcam, que possuem graduação e, muitas vezes, pós graduação, além do conhecimento de idiomas variados; esse elemento de “educação formal” se congrega com a possibilidade de essas mulheres “fazerem outra coisa” (terem um emprego formal) se necessário (sendo que uma de minhas entrevistadas se mantém na câmera “apenas por prazer”); e, por fim, com os vastos ganhos financeiros e as altas doses de prazer que só o *camming* oferece, unindo o “útil ao agradável” como disse Denise e Jeniffer.

Interessante observar que a busca por enaltecer as qualidades do *webcamming* apareceu espontaneamente durante as entrevistas, sobretudo os fatores de “autonomia” e “segurança”, sempre ressaltados nas narrativas das modelos. Vale à pena lembrarmos que os elementos que supostamente separariam o *camming* da prostituição despontaram com a mesma espontaneidade que as características consideradas positivas dessa atividade. Nicole comenta em nossa conversa que a liberdade das *camgirls* abarca desde a escolha de quem vão atender, quais práticas vão realizar, em que condições e quais pessoas elas permitirão em suas salas. Trata-se da política de trabalho dos sites especializados e também dos próprios atributos do exibicionismo, que cria uma barreira física entre *webcam model* e usuários. Segundo Nicole, “o site dá a liberdade de escolher quem que eu vou atender, não é porque a pessoa chega ali com um fetiche bizarro e eu tenho que fazer né, eu escolho, isso vai dos meus limites ou não, se eu quero fazer, se eu tô a fim, eu escolho”. Nicole comenta, ainda, que ela possui uma outra forma de liberdade: ela mesma faz seus horários e escolhe os dias que pretende fazer shows, não precisa ter uma agenda fixa e pode decidir entrar de férias ou viajar a qualquer época do ano. Milena reforça essa ideia dizendo que “nunca nada com horário predefinido, eu sempre começo meus shows a hora que me sinto à vontade”. Ademais, “aprendi a fazer só o que eu quero fazer! Não faço nos meus shows o que eu não me

sinto à vontade em fazer!”. Devemos notar que a junção entre ter liberdade para fazer aquilo que se quer e poder decidir livremente quais dias e horários estarão online apareceram nas narrativas das quinze entrevistadas, que apontaram esses dois elementos como as duas principais vantagens do exibicionismo online. Temos de ter em mente que esses dois fatores atuam juntos para delimitar a sensação de liberdade e livre escolha apresentada por minhas interlocutoras.

Dandara é talvez uma das modelos mais enfáticas ao falar sobre sua autonomia: “aqui eu que mando né, eu mando no meu show, não é o cara quem manda”. E me explica sua dinâmica nas apresentações: “ele pede e eu faço, eu faço, por exemplo, ‘eu quero mandar em você a noite inteira’, beleza, quer mandar, pode mandar, mas, quem manda na verdade sou eu. Se ele mandar eu fazer alguma coisa que eu não faço eu vou e falo ‘não, desculpa, não vou fazer’”. Para a modelo, não existe nenhum ponto negativo da independência do *camming*, porque mesmo com os usuários “você não perde, aqui você tem, se você perdeu esse usuário você tem um outro. Então eu prefiro, assim, ter meus limites e deixar eles bem sinalizados mesmo para não ter erro”. Beatriz tem um relato parecido ao de Dandara: “eu nunca fui coagida a nada, sempre fiz tudo aquilo que eu quis mesmo, a gente tem essa liberdade da gente só faz o que quer”. Anelise segue a mesma linha e completa dizendo que esse é talvez o maior benefício do exibicionismo online: “eu escolho, eu faço as minhas regras, é algo que eu gosto muito desse trabalho justamente por isso, eu nunca conseguiria lidar com ninguém mandando em mim, não gosto, é uma coisa que eu não consigo lidar”.

No *webcamming*, segundo Angélica, “você vai ver que você entra num outro mundo, você não é julgado, você pode ter suas fantasias realizadas e é de acordo com aquilo que você estiver disposta”. Para a modelo o que conta é a sua vontade no momento dos shows, que determina quais práticas eróticas ela vai ou não realizar e com quais usuários. A fim de demonstrar como funciona essa dinâmica no *camming*, Angélica me conta sobre o show do dia anterior em que um visitante de sua sala queria que ela retirasse suas meias porque ele tinha fetiche com pés:

Cada uma tem uma didática de trabalho, a minha é livre, eu faço o que eu quero. Igual ontem mesmo eu estava de meias, estava frio, um usuário pediu para eu mostrar as solas dos pés pra ele, mas eu estava com frio e tipo, eu já sei como que são os podólatras, a maioria deles, é muito atípico que não seja desse jeito, eles só veem o pé rapidinho e já saem do chat, então só tomam o seu tempo e eu estava com frio no meu pé, então eu não quis, não quis.

Angélica ainda deixa claro que é ela quem controla sua interação com o usuário: “olha se eu te falar que eu já fui maltratada por usuário, que eu já fui humilhada, ofendida, eu vou estar mentindo. Porque todas as vezes que eles me pediram alguma coisa eu fiz porque eu queria, porque eu queria o dinheiro, porque seria bem pago”. Na narrativa de Denise, bem próxima ao discurso de Angélica, as modelos possuem total autonomia e liberdade sobre como executar seus shows, controlando a situação: “eu acho que a mulher tem muito mais autonomia, a gente tem total autonomia sim, até porque eu falo ‘não, isso não, isso quebra o clima, assim eu não gosto’”. E ainda me diz que “é tranquilo, ou o cara desiste, se ele já estiver no site pago e eu falar que não vou fazer, ou ele vai embora, vários saem sem se despedir mesmo, ou a gente vai tendo ideia, entrando em comum acordo”.

Lúcia me disse que sua motivação para começar a atuar como *camgirl* foi a autonomia que o *camming* oferecia: “eu consegui controlar tudo, se eu não quiser atender alguém, eu não atendo, se alguém faltar com respeito eu posso bloquear a pessoa de entrar na minha sala, posso denunciar ela pro suporte”, além do mais “a maioria das vezes que eu não queria é não, geralmente as pessoas me respeitam bastante”. Lúcia também demonstra a conexão entre a liberdade do *webcamming* e a segurança. Como ela mesma enfatiza, “no cam você tem a possibilidade de se afastar caso alguém te maltrate ou alguma coisa assim, e voltar depois, lá é uma coisa que você controla, entendeu?”. Outras modelos também estabeleceram uma relação entre esses dois elementos. Jeniffer mesmo me disse que “se a pessoa for grossa com você, você pode banir, não gostou, não tá satisfeita, a pessoa sai ou você mesmo bane ela”, sem correr o risco de ser agredida ou desrespeitada porque “a pessoa não vai fazer mais nada pra você”. Gisele idem: “é aquela coisa, eu nunca engoli sapo, eu, se entra um usuário que eu não gosto assim, eu já faço cara feia, eu já faço questão da pessoa saber que eu não gostei. Às vezes chuto”. E completa: “eu nunca sofri nada, nunca fui xingada nem nada”. Para Eliane, caso algum usuário passe dos limites estabelecidos por ela, “eu posso banir ele e ele não tem mais como entrar na minha sala”.

Um outro elemento importante que correlaciona autonomia e segurança é a possibilidade de anonimato. Aqui cabe ressaltar que esse não é um benefício mencionado por todas as minhas interlocutoras, porque algumas delas não se preocupam em ser reconhecidas ou ter sua imagem divulgada. Todavia, para todas as entrevistadas é fundamental que o *camming* proporcione a manutenção do sigilo, ampliando ainda mais o sentido de liberdade percebido pelas mulheres. No fim das

contas, trata-se de prerrogativa da exibicionista esconder ou revelar sua identidade. Para Denise, Beatriz, Carolina, Eliane, Gisele, Fernanda, Milena e Jeniffer, modelos que usam máscara ou não mostram o rosto em chats e fotos públicas, a junção entre autonomia e segurança representada pela possibilidade de anonimato é fundamental. Em suas narrativas, o exibicionismo é uma atividade erótica em que a *camgirl* não “precisa se expor” e nem mesmo “se revelar”. Milena comenta que as exibicionistas mantêm em segredo seus dados pessoais, sua vida privada, seu rosto e até mesmo sua voz. Elas precisam expor apenas do pescoço para baixo. Fernanda, por sua vez, chama a atenção para o papel dos sites especializados em reforçar e fortalecer essa qualidade do *webcamming*: “eu vejo isso como uma vantagem também, você manter seu anonimato, a segurança. O site ajuda, ele tem toda uma responsabilidade de não divulgar os nossos dados, eles fazem um trabalho bem sério”.

Levando em consideração as narrativas que acompanhamos até o momento, parece que as modelos apontam despretensiosamente para aqueles elementos que elas consideram como qualidades de sua atividade, elementos esses que elas experimentam em seu cotidiano na câmera. Certamente os componentes de autonomia, segurança e sigilo estão presentes em seu dia-a-dia e direcionam suas interpretações do *camming*. Não obstante, à medida em que minhas entrevistadas aprofundavam nossa discussão sobre esses componentes do exibicionismo, ia se tornando claro o conjunto de pressupostos que sustenta a exaltação dos benefícios e idiossincrasias de sua atividade. Nesse caso, a exaltação das virtudes do WEC está diretamente relacionada à busca por se dissociar do trabalho sexual, mas agora através de uma contraposição entre uma prática considerada virtuosa (o WEC) e outra tida como perigosa (a prostituição). Jeniffer foi a primeira das entrevistadas que mencionou que as qualidades do *webcamming* o distanciam e o diferenciam da prostituição. Em suas palavras, as prostitutas correm “alguns riscos, como da pessoa sair, meu medo é esse, de estar em contato físico e talvez ser agredida, talvez acontecer alguma coisa e o cara me agredir ou fazer alguma coisa comigo”. Já na webcam, “a vantagem é que se o cara for grosso comigo e eu não gostar, ele nem tá do meu lado, ele nem sabe quem eu sou, ele nem sabe onde eu tô. Então pra mim é só chutar ele e já tá bom sabe”. Por consequência, “o cam é mais seguro, e eu me sinto mais segura fazendo dentro de casa”.

Na conversa com Gisele ficou muito claro que a ideia de segurança mencionada por Jeniffer, acionada em contraposição ao perigo, se desdobrava no componente autonomia do *webcamming* (contrapondo a uma subordinação vista na prostituição):

“você tem um controle, eu tenho mais controle, eu já passo, eu chuto, você tem a opção de chutar da sala, chutar ou banir”. Em oposição, “A GP, ela não pode virar e falar eu não vou atender você. Eu, se o cara é grosso ou alguma coisa assim comigo, eu chuto da sala”. E conclui: “se eu quiser, eu desligo o computador, chuto da sala. Elas, assim, elas não podem escolher. Eu não vou sair com esse velho, eu não vou sair com esse gordinho, elas não podem assim”. Eliane é bem direta e me explica as qualidades do *camming* a partir de seu contraste com a prostituição: “comparando com as garotas de programa, você tem a segurança de tá no seu lar, a garota de programa, querendo ou não, ela se expõe, ela tá lá na frente do cliente que pede alguma coisa, é difícil cara a cara falar não”. Já no exibicionismo online, “se o cara te ofender, se for agressivo, se insistir em algo que você não gosta, você simplesmente bane ele da sua sala, se você ficou nervosa, você fecha a sua sala, respira um pouco, vai tomar uma água, volta renovada. Você tem toda essa facilidade”. Além do mais, “eu não tenho que mostrar meu rosto, eu não tenho que expor minha identidade né, não corro riscos como elas correm, que elas com certeza correm bem mais riscos do que a gente”.

Antes de compreendermos as outras qualidades do *webcamming* conclamadas por minhas entrevistadas, precisamos analisar o contraponto aos discursos apresentados até esse ponto. Vamos lembrar que o *camming* é uma atividade multifacetada, que congrega pessoas de diferentes personalidades, interesses e dinâmicas de trabalho. Por isso mesmo é fundamental entender que as narrativas são sempre cambiantes e instáveis, sujeitas a interpretações divergentes. Manuela, mais uma vez, é quem apresenta falas destoantes das demais interlocutoras. Durante nossa conversa sobre as especificidades de sua atuação com *webcam model* e como garota de programa, a *camgirl* discordou prontamente de outras exibicionistas que afirmam uma diferença de autonomia entre as duas formas de trabalho, e enfatizou: “eu tenho o poder de decidir nas duas, eu sempre tenho o poder de decidir”. Com relação à periculosidade, Manuela aponta que “como garota de programa eu também nunca passei por situações de risco, por situações desagradáveis. As minhas amigas perguntavam ‘nossa, mas é perigoso?’, eu falava ‘gente eu nunca tive nenhum problema’”. No exibicionismo online é similar, com a diferença de que “se você ouvir alguma coisa do cliente que você não gosta, é muito simples, é só apertar o botão e tira ele da sua sala na hora e você pode bloquear ele na sala, o cara nunca mais te acha”. Entretanto, Manuela pondera: “eu tenho controle nas duas, talvez eu não teria pessoalmente se viesse um cara entrando agressivo, é um

risco, mas eu nunca passei por essa situação”, já no site “se o cara for grosseiro, você bane ele da sua sala e pronto”.

Carolina também examina com muito cuidado o sentido da autonomia no *camming*: segundo a modelo, atualmente ela tem total liberdade para escolher quem atender, quais práticas irá realizar e quais não aceita, em que momentos ela vai banir ou chutar algum usuário, em que condições ela vai interromper um show. Mas explica: “hoje em dia sim, mas no início você não tem clientela, então se você dispensar, você nunca entra. Eu falo que isso é um tempo que te dá essa, nesse nosso ramo, é um tempo que dá essa autoridade para a gente, de poder escolher quem a gente quer”. Nesse sentido, conclui a modelo, a autonomia vem acompanhada do tempo de experiência no ramo. Cibele apresenta esse mesmo raciocínio: se no início ela sentia mais necessidade de agradar os usuários, tirando a roupa muito rápido por exemplo, “hoje em dia eu já exijo um pouco mais de respeito na minha sala, conhecer a pessoa antes, conversar, ficar mais à vontade para depois me exibir pra ela”. Trata-se, nas falas desses duas *camgirls*, de um processo de amadurecimento e conquista de público fixo, em que a liberdade e a autonomia se tornam cada vez mais nítidas.

A autonomia e a segurança não são as únicas qualidades do *camming*, temos também os ganhos financeiros, considerados altos e compensatórios por minhas entrevistadas. O exibicionismo online é apresentado pelos sites especializados como um ramo muito lucrativo, em que os rendimentos são “de até 20.000,00 por mês” ou “podem ultrapassar 25.000,00 por mês”. Lúcia se interessou prontamente por essa propaganda, feita pelas próprias *camgirls*: “eu ouvi dizer que a maioria das *camgirls* ganham cerca, até mais de 10 mil por mês, só que como eu não sou muito ativa, que eu trabalho quando eu quero, quando eu posso, eu ganho o mesmo valor que eu ganharia em emprego comum”. Mesmo assim, “eu prefiro, porque não é uma coisa que me exige tanto e que faço do meu jeito, e que eu vou ganhar a mesma quantia que eu ganhava quando eu trabalhava em emprego comum, entendeu?”. Para a modelo a conjugação da liberdade com os valores obtidos nos shows torna o exibicionismo extremamente atrativo, principalmente para quem não se encaixa em mercado de trabalho formal. Gisele concorda com Lúcia, que diz não ter conseguido receber em sua profissão anterior nem um terço do que ganha como *webcam model*.

Fernanda sintetiza a compreensão de minhas demais entrevistadas quando diz que financeiramente “é relativamente interessante tá, os números que a gente consegue alcançar ali, pelo menos pro meu padrão é bacana e principalmente considerando que

tem as outras vantagens”. Dandara, ao comparar seus lucros no *camming* com sua carreira anterior, me explica que “eu trabalho desde o começo da faculdade, e nunca consegui um salário por mês igual ao trabalho como *camgirl*”. No exibicionismo online “a satisfação monetária assim, é muito grande”, sendo esse o fator que fez Dandara abandonar sua profissão e seguir como modelo virtual. Para minha entrevistada, o *webcamming* congrega uma série de qualidades e benefícios que, somados ao aspecto financeiro, torna-o único e muito atrativo.

Carolina me contou que o *camming* “é algo que vicia, porque é um dinheiro fácil, aliás, não é que seja fácil, ele exige o seu sacrifício, porém você está dentro da sua casa, você não precisa pegar ônibus lotado para ir para o trabalho”. Afirma que “nenhuma *camgirl* consegue largar porque é um dinheiro que vicia, você começa a ter certos luxos que fora dali você não teria, os presentes que você recebe são muito grandes”. Em suma, “não tem trabalho que vá fazer isso, o que eu recebo no site não tem trabalho que vá me dar igual ou parecido, em tudo, não tem”. Para Cibele os ganhos financeiros se relacionam à autonomia. Ao me relatar sua trajetória até começar a atuar como *camgirl*, ela destaca que “no começo, assim, você fica deslumbrada né, com o dinheiro, porque entra muito rápido”, ao contrário de seu antigo trabalho em que ela recebia um salário considerado muito baixo. A vantagem do exibicionismo online é “primeiramente o dinheiro né, tem dias que eu consigo ganhar quinhentos reais ficando lá nem quatro, cinco horas”. Cibele confessa que no início ela “era completamente imatura em relação a isso”, fazendo referência tanto aos valores recebidos quanto à autonomia que possui para “fazer só o que quiser”. “Depois que você vai amadurecendo na profissão” e passa a regular suas finanças, aprende a estabelecer metas de lucro e “acaba vendo que pode colocar regras na sua sala, você não é obrigada a se submeter a qualquer coisa por dinheiro e tudo mais, mesmo entre seu público alvo”. Em seu raciocínio transparece que ganhar dinheiro e ter liberdade são duas faces da mesma moeda, sendo que não é necessário se submeter para ter uma boa arrecadação ao final de cada mês. Cibele abandonou sua antiga profissão e “hoje em dia é meu único, a minha única renda, toda a minha renda é pelo site”.

Ao me contar sobre o início de sua carreira como *camgirl*, Angélica demonstrou o quanto o elemento financeiro é uma das grandes vantagens do *camming*: a modelo começou me dizendo que “quando eu vi aquilo, e eu comecei, me chamavam pros chats, eu ia e entrava. Eu fui muito assim, meio que me joguei mesmo, eu me joguei, tinha acabado de sair de um estágio e tal, e aí eu, o que aconteceu foi que eu comecei a

gostar”, principalmente quando “eu vi que estava rolando dinheiro e lembro que minha reação foi a seguinte: eu tinha ficado uma manhã me exibindo e tinha dado acho que cento e sete reais e eu super me divertindo, tranquila, dando risada, conversando, enfim, e que nem parecia que estava ganhando dinheiro”. Angélica ficou tão desconfiada com o montante final desse show que resolveu ligar para o suporte do site em que atua e esclarecer se o valor total seria transferido para sua conta pessoal: “eu conversei no suporte e falei: ‘esse valor que tá aqui, ele é todo estipulado pra mim ou tem alguma parte do site ainda?’. Aí ele falou: ‘não, esse valor é todo seu mesmo’”. Instantaneamente ela passou a se dedicar mais ao *webcamming* e decidiu abandonar outras possibilidades de trabalho: “comecei a desenvolver, foi quando eu consegui levantar a parcela da faculdade, aí eu comecei a botar mais fé, comecei a me esforçar mais. E o site me trouxe isso, o dinheiro e a possibilidade de eu estar ali voluntariamente e conversar com as pessoas”. Segundo Angélica, ela consegue “se manter muito bem”, principalmente se “for medir o esforço que eu faço com alguém que vende a mão de obra, sei lá, numa cozinha para ganhar mil e quinhentos reais, é insignificante”. E finaliza me dizendo que “o retorno financeiro que eu tenho dessa atividade nos termos que eu já te falei me conforta demais”. Denise acompanha Angélica: “eu mal vejo (o *camming*) como trabalho, eu vejo como uma fantasia mesmo e precisamente dinheiro rápido e fácil”. E explica: “fácil para mim que gosto da função, eu realmente me divirto, se for uma menina tímida ou que não gosta de sexo, talvez ela não ache tão fácil e tão divertido como eu, mas para mim é dinheiro rápido, fácil, divertido”.

Manuela, ao contrário do que acompanhamos até aqui, discorda da rentabilidade do *webcamming*. Sua narrativa funciona, na verdade, como um contraponto a todas as falas de minhas demais interlocutoras. Ao contar sobre sua trajetória, a modelo virtual explica que o *camming* não é sua principal fonte de renda porque “essa profissão não me dá dinheiro suficiente para eu me manter só nela, mesmo porque eu não tenho vinte anos”. Ela assevera que a visão disseminada sobre os vastos ganhos financeiros proporcionados pelo exibicionismo online é parcialmente ilusória: em sua compreensão “até é lucrativo, mas eu não acho que é tão lucrativo assim, pelo menos não pra mim. Eu, por exemplo, não posso largar a minha profissão principal, que é fazer programa, para atender só como stripper virtual”. Nesse ponto é importante salientar que nenhuma das *webcam models* revelou os valores médios arrecadados ao final do mês, apenas mencionaram algumas despesas que seriam facilmente mantidas com a arrecadação na

câmera. À vista disso, temos que lembrar que a percepção dos lucros é completamente subjetiva e se relaciona com os estilos de vida de cada mulher. Como a própria Manuela colocou, para uma garota de 20 anos que mora com os pais ou em república, o *webcamming* fornece uma boa quantia de dinheiro, mas isso não é válido para pessoas com custos mensais mais elevados, que têm contas da casa e dos filhos para manter. Para Manuela, a exibição por webcam é “uma complementação de renda”. E confessa que entrou nesse ramo para “ver se daria um retorno, porque as matérias que a gente vê falando sobre isso, fala que o que ganha é muito alto, de dez mil reais. E eu entrei por causa disso, para ver qual que era”. Vale notarmos que a exaltação dos ganhos financeiros atua como um contraponto tanto aos postos de trabalho formal quanto a outros ramos do comércio de sexo e erotismo, situando o *webcamming* como uma atividade estimável pelos vastos lucros que permite.

Se retomarmos as narrativas de Angélica e Denise, percebemos surgir uma outra qualidade essencial do *camming*, qual seja: o prazer e a realização pessoal. Vamos começar pensando no caso de Fernanda. A modelo disse que mesmo quando não precisasse mais do dinheiro, permaneceria na atividade somente por hobby. Essa é propriamente a situação de Denise, que possui um trabalho formal, mas continua como *camgirl* “apenas pelo prazer”. Dandara apontou a “realização pessoal” como um terceiro fator para abandonar sua antiga carreira: “antes eu não fazia nem metade do que eu faço assim, na cama, antes de entrar online. Hoje eu posso dizer que eu sou uma mulher realizada em relação aos meus desejos, fetiches e eu também, eu não tenho vergonha do meu corpo mais”. Quando não atuava como *camgirl* “eu tinha um pouquinho de vergonha do meu corpo, hoje eu não tenho, então, é um terceiro motivo assim, de motivação para continuar”. Eliane, por sua vez, afirma ter “muito orgulho da minha profissão, que é unir o útil ao agradável”, além de ter autonomia e segurança garantidas, “você acaba tendo prazer, prazer sexual, prazer de companhia, prazer de trocar uma ideia com alguém e, claro, tá ganhando ainda pra isso. Então é ótimo”. Aqui cabe salientar que a expressão “unir o útil ao agradável” aponta os benefícios do *webcamming* tanto no nível profissional quanto individual, como se cada um desses pilares se conjugasse para formar uma atividade que permite realização em ambas as esferas da vida.

Ao mesmo tempo em que Carolina enfatizava os excelentes ganhos financeiros obtidos através do *camming*, ela me explicava que essa atividade também proporcionava prazer e divertimento às modelos durante alguns de seus shows. Conforme suas

palavras, “é um entrega, você curte, você não pode pensar em tá fazendo pelo simples fato do dinheiro, você se envolve, quando você vê você tá curtindo também o momento com ele entendeu, você curte o fetiche, você se entrega ao momento, então se torna gostoso”. Beatriz, por sua vez, relaciona a satisfação da atividade com o fato de ela permitir conhecer muitas pessoas e se conectar a elas: “a atividade em si é prazerosa pra mim, porque eu gosto de conhecer pessoas e saber da vida delas, e tudo isso”. Denise enfatizou que “no geral, eu gosto da exibição, eu gosto de me sentir desejada, eu gosto de ver a reação dos caras, principalmente se eu consigo ver o cara na câmera”. E completou: “eu aprendi muito mais depois que eu comecei a trabalhar, você entra para uma vida nova, você quer experimentar né. Eu achava que eu nunca ia fazer anal e no final era o que eu mais gostava de fazer”. Segundo ela, “poder falar de sexo, poder ficar com tesão, poder gozar várias vezes por dia para mim é sensacional”.

Interessante notar que também no quesito prazer existe uma diferenciação entre o *webcamming* e a prostituição, buscando posicionar a exibição online como uma atividade apazível para as próprias trabalhadoras. Denise me explica que, ao contrário do *camming*, quando a mulher se prostitui, na maioria das vezes ela não tem prazer, o que seria uma grande desvantagem. “Eu gosto de sexo de verdade, aí imagina, eu vou para um lugar, quarenta minutos de sexo e é aquela coisa que o cara vai pagar para dar aquela gozada rápida e eu não vou sentir prazer nenhum, não vou me divertir nada”. Por isso mesmo, “eu acho que independente de quanto seja, mesmo que seja talvez mais do que eu recebo pela cam, eu acho que o meu estresse não valeria esse dinheiro, visto que eu já tenho um trabalho além de ser *camgirl*”. E conclui: “eu acho que eu não ia ficar satisfeita com a prostituição, eu não acho que eu me adequaria à vida de garota de programa, acho que eu não ia gostar disso”, mas “com o virtual eu quase sempre fico com muito tesão e tenho, pelo menos uns três orgasmos por dia. Não sempre, óbvio que às vezes eu finjo, mas eu me divirto mais”. Outras modelos, como Carolina, Gisele e Beatriz, apontaram a mesma distinção evidenciada nas palavras de Denise, explicando, inclusive, que quando é a própria mulher que manuseia brinquedos em seu corpo e se masturba, as chances de se ter prazer são muito maiores.

Antes de avançarmos para a última das qualidades do *camming* apontada por minhas entrevistas, vale questionarmos se o cálculo entre ganhos monetários e outros benefícios como autonomia também aparecem na prostituição. Se retomarmos aqui Ana Paula da Silva e Thaddeus Blanchette (2005), veremos que no campo do comércio de sexo e erotismo as escolhas são estratégicas e racionalizadas, baseadas em uma

avaliação dos ônus e dos bônus de cada atividade e dessa atividade com outros mercados de trabalho. Assim como tenho demonstrado para o *webcamming*, Da Silva e Blanchette (2009)¹⁰¹ evidenciam que para as prostitutas o fator econômico é também uma motivação para permanecerem na prostituição, que aparece como mais rentável que ser caixa de supermercado ou empregada doméstica. Dentro das possibilidades de subemprego que as mulheres têm acesso, se prostituir é considerado mais vantajoso, permitindo inclusive ascensão socioeconômica. Ademais, os autores apontam que a flexibilidade de dias e horários é entendida como um benefício adicional. A conclusão de Da Silva e Blanchette, de que “uma das motivações principais atrás da prostituição é *ambição* e não a estrita *necessidade*” (2009, p. 207), é também válida para o universo aqui analisado. Colocando o exibicionismo online em contexto, veremos que ele compartilha com outros ramos eróticos-sexuais as mesmas percepções e inclusive as mesmas estratégias (mesmo daqueles ramos que as mulheres buscam se distanciar).

O último fator que distingue o *webcamming* da prostituição, conforme a narrativa de minhas entrevistadas, é a educação formal das modelos. Muitas de minhas interlocutoras possuem ensino superior completo ou em curso, sendo que algumas tiveram empregos formais por um longo período. Outras continuam em suas profissões de formação e atuam também como *camgirls*. Uma última parcela de minhas entrevistadas é muito jovem e nem começou a faculdade (mas têm intenção de entrar para a faculdade). No primeiro grupo estão Dandara, Angélica, Denise, Beatriz, Carolina e Manuela. Dentre as seis, duas (Dandara e Manuela) saíram de suas antigas ocupações e se dedicam ao exibicionismo online (Dandara também é atriz de filme pornô amador e Manuela é garota de programa). Dandara me explica que “a galera acha que a gente é burra, só porque mostra o corpo não tem inteligência, tem gente que acha que a gente não serve pra outras coisas, o que não é verdade, tem muitas *camgirls* que são formadas, que têm outras habilidades, que não é só focada em se mostrar e se exibir”. Seu caso demonstra seu argumento: “tanto que eu sou formada né, e eu até parei de trabalhar para seguir com essa profissão, que eu acho que é maravilhosa”. Manuela, antes de ser *camgirl* e garota de programa, tinha uma carreira sólida, com um ótimo emprego no setor público, mas acabou sendo demitida.

Carolina e Denise se enquadram no perfil das modelos que possuem curso superior, conhecem outros idiomas e têm empregos em suas áreas de formação.

¹⁰¹ Pontuo também que Maria Dulce Gaspar (1985) apontou para os mesmos mecanismos que Da Silva e Blanchette (2009), reforçando a permanência desses cálculos e estratégias ao longo do tempo.

Carolina atua como freelancer, dividindo sua ocupação formal com o *webcamming*. Em nossa conversa, ela me disse que seria muito importante “mostrar que ser camgirl não quer dizer que nós somos também meninas sem conteúdo, porque muitas estudam, muitas têm família, muitas são casadas, muitas têm filhos, muitas seguem seu dia-a-dia tranquilamente”. No seu caso, ela ainda tem pós-graduação concluída e fala inglês e espanhol (além do português). Segundo Carolina, “hoje em dia eu faço [exibicionismo] para agregar, mas é o que eu falei, é um vício, você, tem coisas que você não teria no seu dia-a-dia”. O dinheiro do *camming* se soma ao que ganha no outro trabalho, oferecendo luxos que ela não tinha condições de bancar anteriormente.

Denise terminou a faculdade recentemente e possui emprego estável em sua área de formação. O *camming* “não é meu trabalho oficial, esse é meu extra, eu tenho vida normal, eu tenho um trabalho que eu passo o dia inteiro”. A exibição na câmera foi uma forma de obter dinheiro extra e companhia: “como eu mudei de cidade, fiquei curta de grana, estava bancando a minha vida nova e estava muito sem amigos, e eu tinha o resto do dia para ficar na frente da câmera”. Ela sempre teve “outra fonte de renda, a cam era meu passatempo mesmo, realmente estava achando muito divertido, era gente para conversar comigo, era homem”. Mas atualmente, após desenvolver laços sociais e conseguir um emprego mais rentável, “eu já não estou mais trabalhando tanto [com webcam], mas de vez em quando, quando eu quero uma grana extra eu volto”. Denise me disse que permanece no exibicionismo online “apenas pelo prazer” e pelas experiências de autodescoberta: “me diverti muito, tive muitos orgasmos, eu tive orgasmos que eu não sabia que eu poderia ter, foi um mundo novo mesmo, eu não me arrependo, eu amei, foi uma das melhores coisas que eu resolvi fazer na minha vida”.

Angélica e Beatriz ainda estão cursando a faculdade e veem o *camming* como uma fonte financeira para manter seu curso superior. Beatriz foi bem sucinta a esse respeito e me disse que a autonomia e os ganhos financeiros do exibicionismo a mantém na universidade. Ela pretende terminar sua formação e buscar uma carreira mais estável em sua área de estudo. Inclusive ela me disse que seria possível manter os dois trabalhos, um formal e outro na câmera, devido à flexibilidade do *webcamming*. Para Beatriz a exibição online funciona como uma ponte para outras oportunidades. Angélica pensa quase o oposto de Beatriz: ela se interessa em “elevar a carreira” como *webcam model*. Como ela mesma expôs, “eu gosto de fazer isso, eu já tenho uma formação acadêmica, eu tenho uma profissão, só que eu resolvi ganhar dinheiro com outra coisa”, porque “o curso de história, sociologia, filosofia me formou como pessoa e eu acredito

que até profissionalmente, porque foi através desse esclarecimento que eu obtive no curso que eu pude ter cunho pra fazer tudo que eu faço hoje em dia e não achar menos digna por isso”. E comenta: “por trás da modelo tem uma pessoa que sustenta a modelo. Então se ela sabe falar inglês é porque eu preciso estudar inglês, eu preciso estudar as Ciências Humanas que eu gosto”, concluindo que não se trata de uma pessoa “sem conteúdo”.

As outras nove entrevistadas - Anelise, Gisele, Cibele, Eliane, Fernanda, Jeniffer, Lúcia, Milena e Nicole – não possuem curso superior completo, mas quatro pretendem ingressar em uma faculdade: Gisele, Nicole, Anelise e Cibele. No entanto, todas elas já trabalharam em empregos formais, como profissionais liberais ou no comércio. Em suas entrevistas, essas modelos não focaram tanto em discorrer sobre a questão do nível de educação formal das *camgirls*, porém sempre buscaram demonstrar que as modelos de webcam possuem experiência profissional e teriam outras oportunidades de trabalho caso quisessem. Trata-se de afirmar que, em seus casos específicos, o *camming* apareceu como uma opção mais atrativa e rentável, e também mais condizente com suas rotinas e necessidades pessoais. Ou seja, ser modelo virtual é uma escolha racionalmente elaborada, levando em consideração seus prós e contras.

Como pudemos perceber nesta seção, apontar os qualificativos do *camming* serve, por um lado, para discernir e singularizar essa atividade, tomando-a como um novo ramo de comércio de sexo e erotismo; por outro lado, para auxiliar nas distinções entre o *webcamming* e a prostituição apresentadas pelas entrevistadas. Pensando em conjunto o léxico especificamente empregado para se referir a todos os componentes do exibicionismo online, as distinções entre sexo e experiência erótica virtual, e as particularidades e os predicados do *camming*, conseguimos perceber as estratégias discursivas e práticas empregadas por minhas interlocutoras para dizerem que as mulheres que se exibem na webcam não são, definitivamente, prostitutas. Nesse ponto, vale repensarmos o sentido de táticas e estratégias que foram empregados nesse capítulo. Como já venho mencionando desde o início deste texto, não se tratam de ações deliberadas e analiticamente racionalizadas, no sentido de uma manipulação ou artimanha. Mais propriamente, os argumentos e as narrativas se constroem, em parte, por meio de experiências cotidianas que fornecem às mulheres um conhecimento tácito sobre a realidade que vivenciam, e em outra parte, pela percepção e pelo reconhecimento dos estigmas e preconceitos que atingem os mercados sexuais e eróticos, em especial aqueles serviços em que há troca de sexo por dinheiro. Assim

sendo, não podemos nos apegar a uma interpretação que ou considere as garotas alienadas de sua realidade, buscando uma fuga por meio da manipulação de significados sobre seu trabalho (elas são prostitutas, mas têm medo admitir), ou as julgue como ardilosas e astutas a ponto de tentarem enganar e ludibriar com suas narrativas (elas são prostitutas, mas não querem confessar). Sem nos fiarmos aos julgamentos de valor ou às tentativas de delimitar definitivamente o universo do *webcamming* erótico comercial, vamos questionar, nos parágrafos seguintes, os pressupostos e as bases da controvérsia descrita aqui, refletindo como ela se relaciona com normatividades de gênero e dispositivos de sexualidade, que definem a atribuição ou denegação de valor moral.

4.1.4. Hierarquias em torno de gênero e sexualidade

Ao reconstruir a controvérsia por definição do *camming* e a busca incessante das *camgirls* em se diferenciar das prostitutas, percebemos um subtexto que alude aos dispositivos que regulam hierarquicamente as posições de gênero e as expressões da sexualidade, estabelecendo um campo contencioso em que valores e moralidades normativas fundamentam e direcionam as interpretações e racionalizações de minhas entrevistadas. Refletindo sobre o fator gênero, podemos iniciar nossa compreensão com Butler (1988, 1990), considerando que sua constituição se dá mediante um conjunto de práticas e discursos que apontam para papéis e posicionamentos amplamente reconhecidos e mobilizados cotidianamente, funcionando como balizas e referências para a percepção e o entendimento das ações de sujeitos generificados. Isto é, as normas apontam para esquemas e mecanismos de legibilidade, inteligibilidade e reconhecimento de determinadas condutas. O que me interessa ao mencionar as normatividades não é tanto tentar recuperar seus sentidos mais estritos nas conversas com minhas interlocutoras, nem mesmo tentar mapear esse campo moral apresentando quais são as condutas e posições consideradas aceitáveis para as mulheres; ao contrário, se trata de atestar que o sistema normativo é construído, aludido e formatado nas práticas cotidianas das exibicionistas, sendo que as próprias normas estão sujeitas à adaptação e acomodação a depender de como vão posicionar o *camming* e as *camgirls* (movendo as fronteiras do mercado erótico-sexual e dos enquadramentos de gênero e de sexualidade).

Certamente viemos acompanhando nas táticas das *camgirls*, analisadas em parágrafos anteriores, um diálogo com o campo moral que regula gênero, incrustado nas entrelinhas das narrativas de minhas entrevistadas. Em primeira instância, devemos

pontuar que não é à toa que exatamente a prostituição está na mira das modelos virtuais, uma das práticas mais associadas ao desvio de conduta e de caráter feminino (AUGUSTÍN, 2007). A busca pela dissociação do meretrício se deve tanto ao reconhecimento de seu caráter transgressivo quando relacionado às mulheres, quanto à identificação dos estigmas associados às condutas consideradas violações, responsáveis por aumentar a precariedade para determinados sujeitos. Essa controvérsia está marcada por uma dissidência em tom moral, que aponta fatores ora em termos profissionais (o trabalho de *camgirl* não é o mesmo que programa), ora por uma diferenciação em termos de práticas (as garotas de programa fazem sexo, ao passo que as modelos virtuais fazem shows de erotismo), ora por um distanciamento de caráter e princípios (as prostitutas seriam pessoas sujeitas à pobreza e exploração, enquanto as exibicionistas escolhem atuar online ainda que tenham formação e condições de trabalhar em “empregos comuns”). Ao recuperarmos essas três distintas esferas que se engendram nas narrativas de minhas interlocutoras, veremos que em todas elas aparece, ainda que implicitamente, uma interpretação sobre os papéis e as posições adequados às mulheres, que precisam ser mobilizadas cuidadosamente para construir uma imagem considerada adequada do *camming*. Nesse contexto, o par autonomia *versus* submissão acionado nas tentativas de qualificar o *webcamming* funciona como amálgama da divisão moral construída e reforçada pelas modelos virtuais. Aqui a contraposição mais clara é com a ideia de “mulher da vida” atribuída às garotas de programa (que envolvem concepções de “mulher fácil” e “mulher de desfrute” citadas pelas modelos virtuais em suas narrativas). Essa oposição se materializa nas falas de muitas exibicionistas, como Nicole, que me disse que o perfil das *camgirls* é de “namoradinha”, sendo uma “mulher real, padrão, mas aquela versão mais do sexual e do erótico”. Ou mesmo em discursos como os de Jeniffer, Fernanda e Carolina, que acentuam sua posição de mães de família fora da câmera, sua dedicação integral à maternidade graças às vantagens do próprio *camming* e sua atenção à manutenção das relações conjugais.

Para além das questões que envolvem a prostituição, vemos muito claramente nas narrativas de minhas entrevistadas uma tentativa de normalização do *webcamming* e de sua atuação nesse ramo erótico-sexual, principalmente se nos atentarmos às conexões entre as duas últimas estratégias analisadas: quando as *camgirls* definem sua atividade como erotismo virtual e afirmam comercializar seu tempo e sua imagem, elas criam um campo de significados que corrobora com as qualidades que elas passam a apontar no exibicionismo online, que dizem da autonomia e do exercício saudável da sexualidade.

Esse conjunto narrativo se sustenta na definição do *camming* como erotismo e imaginação (em oposição ao sexo comercial), dois elementos acionados para categorizar hierarquicamente práticas e produtos que representam o sexo conforme Kendrick (1995). Todos esses sentidos taticamente acionados se voltam às convenções sociais, buscando reposicionar as mulheres e seu ofício dentro do campo das normatizações que também dizem respeito ao gênero (ou às posições disponíveis normativamente às mulheres). Ainda que as modelos virtuais reconheçam que todos os trabalhos de caráter erótico e sexual são considerados transgressões, sendo automaticamente estigmatizados, elas buscam narrativa e discursivamente se contrapor a essa perspectiva, demonstrando como o *webcamming* destoa dos ramos mais desvalorizados socialmente, principalmente se estivermos atentos às suas características e qualidades, constituindo-o como um serviço mais apropriado e adequado que tantos outros (em especial, o meretrício).

Se até esse ponto estamos apontando para tentativas de readequação no *camming* no conjunto das moralidades relativas ao gênero, precisamos igualmente considerar as ocasiões em que essas normatividades são questionadas e desafiadas, correntemente apontadas como “falsas moralidades” ou “hipocrisias”. Em todas as quinze entrevistas apareceram discursos que denunciavam às expectativas sociais de controle do corpo e da sexualidade da mulher. Angélica condenou a “objetificação do feminino” promovida pela própria “sociedade sexista”; Anelise denunciou o falso pudor com a nudez e com a conduta sexual das mulheres; Fernanda asseverou que o padrão de “mulher santa” existe apenas na fantasia e se trata de uma forma de coagir as mulheres a não explorarem sua sexualidade; Carolina e Manuela concordaram que a maternidade não pode ser vista como uma restrição à sua sexualidade; Nicole e Milena concordaram ao condenar o tabu que recai sobre as mulheres, que visa apenas restringir seu campo de ação. De diferentes formas e com distintos acentos, minhas interlocutoras compreendem que as normas envoltas na distribuição dos corpos com gênero são restritivas e impositivas, contribuindo para gerar e reforçar os preconceitos com as pessoas envolvidas com sexo e erotismo comercial (aqui se aproximando sutilmente da prostituição por reconhecer estigmas compartilhados).

Ademais, se nos fiarmos aos discursos que enfatizam a autonomia das *camgirls*, veremos que existe um argumento muito explícito sobre como essas mulheres invertem as lógicas consideradas sexistas de objetificação do corpo feminino, que estaria destinado aos prazeres masculinos. E sobre como, inclusive, as práticas das modelos

virtuais questionam a conduta considerada apropriada para as mulheres quando elas se exibem nuas na câmera e obtêm prazer sexual a partir dessa exibição. Os relatos de Angélica são paradigmáticos para compreendermos essa dinâmica de contestação. Segundo a exibicionista, “a profissão de *camgirl* é o modo que eu tenho de resistência: eu me alimento da fantasia que o próprio sistema coloca na cabeça dos homens, com a objetificação que o sistema dá da imagem da mulher pro consumo”. Segundo ela, ao atuar nesse ramo “de certo modo eu me aproveito da objetificação que o corpo feminino é exposto, eu ganho com isso, eu me aproveito daquilo que o sistema me dá, eu acredito”. O preconceito com o *camming*, para Angélica, passa pelo que ela chama de “marginalização da objetificação (do corpo feminino)”, que separa e hierarquiza as mulheres que exercem práticas sexuais e eróticas com fins comerciais (mulheres essas que estariam, para a *webcam model*, “fora dos padrões aceitos pela sociedade”). Se olharmos atentamente para as duas lógicas argumentativas apresentadas, de concordância e de discordância às normatividades que regem o gênero, veremos que elas são tanto um ideal a ser alcançado, quando se trata de se diferenciar das prostitutas, quanto um sistema a ser repellido, quando limita as possibilidades de atuação como *camgirl*.

Com relação ao gênero, precisamos ainda considerar um outro fator, qual seja, a relação entre suas normas morais e a distribuição do estigma. Para compreender essa conjugação, retomo as leituras de Butler (1993, 2004, 2006, 2010). No caso específico do *camming*, toda a controvérsia reconstituída nesse capítulo está intimamente relacionada ao posicionamento das próprias modelos de webcam, consideradas socialmente como destoantes das convenções que definem as posições das mulheres (isso considerando a visão das entrevistadas). Nos relatos de minhas interlocutoras, o auge dessa dissonância se materializa na figura da prostituta da qual elas buscam arduamente se afastar. Raciocinando a partir dessa lógica, as *camgirls* apontam em seus discursos uma condição de precariedade diante do crivo social, sendo consideradas menos dignas por sua atuação na câmera, que seria interpretada como meretrício virtual. Todo esse processo culmina no estigma (mácula moral que elas denunciam constantemente, como veremos mais adiante), um conjunto de julgamentos que elas buscam colapsar e dismantelar a partir de suas estratégias.

Nesse caso, podemos perceber como as normatividades de gênero, para além de se constituírem como um roteiro para o posicionamento do *camming* e das *camgirls*, fundamenta uma disposição em face dos outros que se constituem uma plateia para suas

ações (seguindo aqui a mesma lógica de Hughes (1958), que aponta um sistema de trocas intersubjetivas para reversão da mácula de *dirty* para determinadas profissões). Aqui o processo intersubjetivo aparece como uma interdição e como uma possibilidade: interdição porque restringe o campo dos comportamentos possíveis (excluindo o *webcamming*) e possibilidade porque permite a criação de estratégias discursivas que readéquam determinados sujeitos às posições de gênero incluídas nas regras morais (incluindo as *camgirls*). Ou seja, caso as táticas argumentativas e práticas que analisamos anteriormente sejam interpretadas no corpo social como correspondentes ao trabalho no exibicionismo online (como uma imagem fidedigna dessa atividade)¹⁰², possivelmente (e não definitivamente) as exibicionistas não serão “confundidas” com prostitutas e sua posição nos jogos normativos que definem gênero poderão ser adaptadas e remodeladas, afastando-as de algumas modalidades de preconceitos.

Aqui vale retomarmos Butler e Athanasiou (2013) para chamar a atenção para a vulnerabilidade enquanto um processo de despossessão muito bem percebido por minhas entrevistadas, processo esse que afirma estar sujeito aos outros (promovendo uma sujeição) e se formar diante desses mesmos outros (proporcionando subjetivação). Se seguirmos esse raciocínio relacionando-o às convenções hierárquicas (e em muitos casos punitivas) e regulatórias do gênero, veremos que duas modalidades interpretativas surgem das disputas no *webcamming*: pautada pela lógica da sujeição, a primeira diz respeito às necessidades de reenquadrar as modelos virtuais nos marcos morais, situando-as nos âmbitos da inteligibilidade e do reconhecimento social; marcada pelo enquadramento da subjetivação, a segunda se abre à contestação dos próprios enunciados performativos que regem as divisões de gênero, visando ressignificar a posição das *webcam models* no escopo das normatividades. Ambas as equações querem a mitigação do estigma, mas a partir de mecanismos distintos: a primeira por meio da adequação, a segunda por meio da refutação. No fim, para se concretizar, ambas requerem o afastamento do fantasma da prostituição para as *camgirls*, que poderiam ser

¹⁰² Não quero dizer que as racionalizações das *camgirls* sobre sua atividade são enviesadas ou falsificadas, nem mesmo afirmar que elas escodem a realidade do *webcamming*. Trata-se, ao contrário, de reconhecer que os discursos de minhas entrevistadas têm uma audiência e buscam um determinado efeito (que não é propriamente calculado e deliberado, mas tácito). Ademais, acredito que o modo como minhas interlocutoras classificam e qualificam o *camming* o distingue de outros ramos dos mercados sexuais e eróticos, apontando suas idiossincrasias, e dão pistas para entendermos a estruturação e organização dessa atividade.

vistas com mulheres mais dignas (ou mais enquadradas nas dinâmicas socioculturais convencionais de gênero)¹⁰³.

A interpretação que venho desenvolvendo até esse ponto depende de outros conjuntos de fatores para se fundamentar (muitos dos quais serão discutidos de modo aprofundado apenas no próximo capítulo). No que tange às análises já realizadas, cabe retomarmos as dinâmicas de sexualidade (e sua interseção com gênero), evidenciando como elas incidem no universo do *camming*. Começemos retomando a seminal explicação de Gayle Rubin (2003) sobre as políticas da sexualidade e o sistema de desigualdades que elas edificam e sustentam. Se seguirmos o raciocínio da autora, perceberemos que a conduta sexual é estruturada e organizada a partir de “enquadramentos sociais punitivos” (RUBIN, 2003, p. 41), que visam o controle e a gestão da sexualidade. Para demonstrar o funcionamento desse sistema, Rubin (2003) aponta para uma escala de valorização e desvalorização das práticas sexuais que gera um conjunto de estigmas eróticos. Sem retomar propriamente a estratificação apresentada pela autora¹⁰⁴, mas nos baseando em suas hierarquias e desigualdades, podemos compreender que as estratégias que elencamos anteriormente se constroem em meios às restrições e segmentações do exercício da sexualidade, que fundam junto com gênero uma distribuição diferencial do reconhecimento – isto é, de modo tácito minhas entrevistadas identificam essas divisões em suas narrativas, admitindo que os mercados do sexo se enquadram nos estratos mais baixos de valoração (principalmente quando aproximados da prostituição). Mais uma vez o meretrício é pedra-de-toque quando se trata de perceber as normatividades em relação à sexualidade, estando alocado nas posições mais baixas das hierarquias, sendo esse o motor para as tentativas de dissociação do *camming* da prostituição.

Avançando no raciocínio, vale retomarmos a proposição de Richard Miskolci e Júlio Simões (2017) sobre as “sexualidades disparatadas”, situando o universo de comércio de sexo e erotismo dentro dessa categoria. Em primeiro lugar, essas transações

¹⁰³ Interessante notar como a lógica que fundamenta as narrativas de minhas interlocutoras dialoga com a vulnerabilidade em Butler (2004, 2006) e em Butler e Athanasiou (2013), mas desconsideram seu caráter ontológico como uma condição compartilhada. Em suas falas, as prostitutas são a marca da precariedade, da qual as *camgirls* precisam se afastar para não entrar no campo das abjeções. Nesse sentido, a vulnerabilidade é vista como uma propriedade de alguns sujeitos e não uma condição comum.

¹⁰⁴ Não retomo o sistema hierárquico em forma piramidal apresentado por Rubin por considerar mais interessante partir de sua concepção mais geral e perceber como ela incide no universo aqui analisado. Ademais, estou em consonância com a ponderação de Sérgio Carrara (2015), para quem a estratificação da autora precisaria ser revista tendo em mente as alterações de valorização e desvalorização de práticas sexuais nas últimas três décadas.

comerciais envolvem práticas e desejos sexuais considerados ora como vícios, ora como imoralidades, ora como perversões; em segundo lugar, sua natureza disparata reside em promover trocas financeiras em relações presumivelmente íntimas e pessoais (espontâneas e não-comerciais), pervertendo-as. Colocando esses comércios em contexto, veremos que eles atuam como elementos reguladores da sexualidade e suas expressões, ajudando a fundamentar a fronteira entre o pudico e o obsceno, entre o decente e o imoral. Munidos dessas constatações, se retomarmos as narrativas de minhas interlocutoras, veremos que as tentativas de flexibilizar as fronteiras também se relacionam ao exercício da sexualidade, buscando conferir legitimidade às exhibições por webcam, tentando enquadrá-las como condutas sexuais e eróticas aceitáveis (por isso mesmo elas não podem ser consideradas programas, mas sim erotismo virtual ativado pela imaginação). Novamente, voltamos à incessante necessidade de afastar as *camgirls* das prostitutas.

É importante salientar que a disputa por definir e qualificar o *webcamming*, buscando um posicionamento para essa atividade considerado adequado por minhas interlocutoras, se dá no nível do próprio enquadramento da sexualidade e suas disposições normativas, haja vista que um dos principais esforços das modelos virtuais é retrabalhar os sentidos da compra e venda de sexo e erotismo ocorridas no exibicionismo online, afirmando que os desejos e as práticas erótico-sexuais se materializam no nível da imaginação e da virtualidade. Inclusive é fundamental compreendermos que a própria redefinição dos serviços comercializados visa aproximar o *camming* de outros ramos considerados menos estigmatizados pelas *camgirls*, nos quais se acredita não ocorrer sexo comercial, tais como o strip-tease e a pornografia. Aqui nos deparamos com mais um elemento da configuração da controvérsia discutida anteriormente: as narrativas das modelos virtuais se constroem e se conformam em consonância com as disposições e regulações de sexualidade, partindo da estratificação entre condutas morais e imorais, consideradas como formas de prazer legítimas ou como perigos degradantes (SIMÕES, 2016).

Se em Augustín (2007) e Bernstein (2007) conseguimos constatar que a prostituição foi sendo paulatinamente situada no polo dos perigos (morais, físicos e psicológicos), podemos concluir que para as *camgirls* se afastar das prostitutas também é um mecanismo para situar o *webcamming* no terreno dos prazeres e da autonomia. Não à toa as principais qualidades do exibicionismo online apontadas por minhas interlocutoras se situam exatamente nesses dois elementos: vale à pena relembramos do

caso de Denise, a modelo que atua “apenas por prazer”, e mesmo do de Jeniffer e Angélica, que afirmam a independência e a liberdade como fatores que as fizeram permanecer se mostrando na câmera (mesmo que ambas reconheçam poder optar por empregos formais). No universo do *camming*, a dupla prazer e perigo de Carole Vance (1984) opera como uma chave para a diferenciação e hierarquização dos ramos dos mercados sexuais e eróticos, constituindo-se como recurso para julgamentos morais e como artifício para ampliar o escopo de práticas erótico-sexuais aceitáveis no corpo social (incluindo aí o *webcamming*). Se para Vance (1984) no campo da sexualidade existe uma dialética entre agir e padecer, percebida na dinâmica entre ter prazer e correr perigo, no exibicionismo essa dialética passa a agir no processo de obtenção ou denegação de reconhecimento (isto é, quanto mais perigo, mais estigmatizada a atividade; quanto mais prazer, mais aceitável socialmente). Se acompanharmos atentamente a narrativa de minhas interlocutoras, e principalmente quando comentam sua percepção da prostituição, veremos claramente a conjunção entre, de um lado, prazer e autonomia (as *camgirls* têm liberdade irrestrita sobre suas performances online e por isso mesmo alcançam em algumas apresentações um gozo intenso) e perigo e submissão (as prostitutas não possuem poder de escolha porque estão na presença de seus clientes que as ameaçam fisicamente e nunca se deleitam no trabalho). Nesse sentido, podemos fazer coro às dinâmicas de deslocamento de práticas erótico-sexuais no plano da moralidade comentadas por Carrara (2015): trata-se do objetivo primeiro de minhas interlocutoras em sua busca por estima (que será discutido no próximo capítulo).

Por fim, ainda precisamos refletir em que medida essa busca por normalização do *webcamming*, que dialoga tanto com normatividades de gênero quanto com políticas de sexualidade, não se aproxima de uma tendência ao “erotismo politicamente correto” de que fala Maria Filomena Gregori (2010, 2011, 2012). Como aponta a autora, essa configuração mais recente do campo dos erotismos afetou profundamente os mercados de comercialização e de consumo de bens e serviços erótico-sexuais, principalmente se considerarmos o surgimento de certas “etiquetas” que conformam e direcionam práticas sexuais consideradas saudáveis e benéficas. Ora, como viemos argumentando em todo esse capítulo, as modelos virtuais relativizam o caráter de trabalho sexual do exibicionismo online, apontando exatamente os prazeres e deleites sexuais que desenvolvem nessa atividade, que passa a ser compreendida como um exercício de autoconhecimento (veremos mais adiante) e da sexualidade. Ademais, acompanhamos o

processo discursivo de substituição do sexo por sua versão “politicamente correta”, a experiência erótica mediada por tecnologias de comunicação.

Avançando um pouco mais, podemos pensar com Gregori (2010) que os mecanismos discursivos e argumentativos acionados por minhas entrevistadas para configurar sua atividade buscam enquadrá-la na gramática do “socialmente correto e aceitável”, situando-a no terreno do “legítimo”. No caso em tela, os “limites da sexualidade” apontados por Gregori (2010, 2011), fronteira instável e provisória que estabelece a ampliação ou restrição das normas morais voltadas à gestão da sexualidade, são interpretados por minhas interlocutoras como linhas divisórias para dinâmicas de valorização e estigmatização, de reconhecimento e desrespeito, de atribuição diferencial das precariedades. As hierarquias e desigualdades que sustentam os “limites da sexualidade” são justamente os alvos de disputa porque são responsáveis por discernir o campo ético e moral dos laços compartilhados e das sensibilidades comuns, que separam um nós de um eles (BUTLER, 2004). Como discutiremos no próximo capítulo, esses contornos hierárquicos e desiguais que se impõem para gênero e sexualidade, alvos de disputa no interior do *webcamming*, incidem diretamente nos impulsos e estímulos para o investimento nas próprias estratégias de diferenciação e reposicionamento do exibicionismo, que se fundamentam em uma busca por reconhecimento enquanto estima social e na gestão do sentimento de desrespeito causado pela estigmatização.

5. Gestão dos estigmas e busca por reconhecimento

Se no capítulo anterior acompanhamos um conjunto de estratégias desenvolvidas por *camgirls* para singularizar o *webcamming* e dissociá-lo principalmente da prostituição, agora nos cabe perguntar pelas motivações e razões do amplo investimento emocional, discursivo e prático nessas mesmas táticas. Enfatizo que aquilo que denomino como motivo e causa são processos gestados no cotidiano das modelos virtuais de modo tácito e tentativo, diretamente relacionado às suas vivências e experiências diárias. O raciocínio desenvolvido nesse capítulo está em sintonia com as conversas que tive com as modelos virtuais, centrado essencialmente em dois pontos principais: o primeiro deles é a ênfase no preconceito que aparece nas narrativas de minhas interlocutoras, revelando como e porque o *camming* e as pessoas nele envolvidas são alvo de estigmas que deterioram sua autopercepção e suas relações sociais e íntimas; o segundo eixo trata de uma busca por reconhecimento que se desdobra em uma demanda por estima social e em um esforço para manutenção da autoestima. Claro que ambos elementos se interconectam e se alimentam mutuamente, formando uma só linha de argumentação e racionalização: se os estigmas são uma preocupação principal para as modelos virtuais é exatamente porque eles corrompem os laços que permitem a obtenção da estima seja em nível sociocultural, seja em nível individual. Antes de avançarmos, quero retomar Hughes (1958), Ashforth e Kreiner (1999) e Ashforth, Kreiner e Fugate (2007) para dizer que no campo dos *dirty works* é muito comum que as táticas adotadas para mitigar os impactos da imoralidade e sujeira atrelada ao trabalho sejam estimuladas e fundamentadas exatamente em pretensões de reconhecimento.

Se no capítulo anterior o enfoque esteve nas normatividades atreladas ao gênero e aos mecanismos hierárquicos da sexualidade, tentando fundamentar o campo problemático das estratégias no *webcamming*, nessa seção precisamos estar atentos também às estratificações do mundo do trabalho e como elas requerem e exigem uma gestão dos sentimentos. Por isso mesmo gostaria de recuperar, antes da análise, os contornos morais da ideia de *dirty work*, pensando em como eles reverberam no universo do exibicionismo online. Hughes (1962) nos revela um instigante impasse quando se trata de pensar quem são as pessoas que atuam em ofícios estigmatizados: seriam elas boas ou más? Vejamos que não se trata de uma simples equação: por um lado, a divisão hierárquica das profissões sugere que “más pessoas” estariam necessariamente atuando em *dirty works*; por outro lado, existe um conjunto de

atividades que mesmo possuindo a marca do *dirty* podem ser realizadas por “boas pessoas”. Nesse último caso, veremos que a profissão passa a ser menos desqualificada e maculada. O que Hughes (1962) está nos mostrando é que a classificação diferencial das formas de trabalho passa igualmente por uma desigualdade de atribuição de valor moral aos sujeitos trabalhadores. Certamente podemos pensar que a incessante busca das *camgirls* por se dissociarem das prostitutas finca suas bases nessa distinção hierárquica dos prestígios.

Todavia, as asserções realizadas acima possuem ainda outro desdobramento: se as estratificações do mundo do trabalho são também hierarquizações dos tipos de pessoas, podemos concluir que a imagem da atividade interfere na autoimagem pessoal. Assim, conseguimos perceber a importância para as *camgirls* de desenvolver um léxico próprio do *webcamming* ou mesmo em afirmar que a exibição online é baseada em erotismo virtualizado e não em sexo, afastando sua autoimagem da prostituta. Reposicionar o *camming* é também uma forma de reposicionar as modelos de webcam dentro dos mercados sexuais e eróticos, âmbitos sociais amplamente estigmatizados. Em suma, as estratégias são mecanismos para alicerçar uma autoimagem que se quer positiva. Em razão desses fatores que os discursos de minhas entrevistas partem de uma denúncia do preconceito e se direcionam ao esforço por reconhecimento. Se casarmos as discussões elencadas aqui com as relacionadas ao gênero e à sexualidade feitas anteriormente, veremos que a ideia de flexibilizar fronteiras pretende tornar maleáveis as próprias posições dos sujeitos inseridos em um conjunto de normatividades sociais diversas. Podemos nos questionar se para as *camgirls* o que importa no fim do processo é serem consideradas “boas pessoas” (em outras palavras, estarem incluídas no plano das normatizações morais). Ademais, devemos perguntar em que medida as modelos virtuais pretendem ter a prerrogativa de definir tanto sua autoimagem quanto a percepção social que ela vai gerar.

Voltemos às narrativas de minhas entrevistadas. Angélica aponta, inicialmente, dois elementos que gerariam o preconceito com as *camgirls*: o primeiro seria o caráter erótico da atividade, que provoca e incita desejos sexuais; o segundo é aquilo que ela denomina de “marginalização da objetificação”, que se volta à natureza comercial das trocas erótico-sexuais. Mas esses não são os únicos fatores: a associação do *webcamming* com a prostituição é talvez a principal fonte do estigma. Anelise concorda com Angélica nesse ponto e inclusive reforça que os pré-julgamentos são comuns em todos os ramos eróticos, com mais prejuízos para as acompanhantes. É interessante

pensarmos aqui também na história de Beatriz: quando entrou para o exibicionismo online, Beatriz disse que algumas pessoas confundiam a atividade com a prostituição e por taxarem-na de prostitutas ela acabava sendo discriminada (até mesmo em suas relações pessoais). Em suas palavras, “na verdade alguns amigos demoraram um pouquinho pra entender a diferença entre uma profissão e outra, porque stripper virtual é muito comum fora do país, mas aqui é complicado”.

Cibele me contou que o preconceito com as *camgirls* é muito comum, principalmente para as modelos de cidades pequenas: “algumas amigas que são muito famosas em cidades pequenas já comentaram que sofrem preconceito pela vizinhança que vê elas como prostitutas mesmo, prostitutas ou atrizes pornô”. Para Eliane, “existe muito preconceito, como existe preconceito com a garota de programa”, principalmente porque “dependendo da pessoa, ela vai julgar isso errado, que você, querendo ou não, está se vendendo, ‘nossa, você tá se vendendo, você tá vendendo o seu corpo’”. Isso se deve, mais uma vez, à junção entre prostituição e *camming*: “existe essa ligação, que o que você tá fazendo ali é como se fosse uma garota de programa fazendo no real, tanto que sempre tem aquele cliente que vai querer que você faça programa”.

A explicação do estigma pela conjuntura é muito comum entre as mulheres que entrevistei. Vale notar que se parte de um suposto contexto preconceituosos brasileiros e se direciona à mácula da puta. Mais uma vez, a prostituição assume a posição de polo mais baixo nas hierarquias de valoração social. Gisele é uma das modelos que opta por essa narrativa: segundo ela, “no Brasil tem aquela de achar que todo mundo é puta”. Fernanda explica que o preconceito vem “desse modelo patriarcal, esse modelo machista, o tipo de religião né, que fundamentou o nosso modelo social, mostra que, a mulher tem que ser recatada, de que o nosso corpo ele tem que tá sempre tampado né”. Por conta da própria conformação da nossa sociedade, as pessoas que atuam em mercados eróticos ficam “marcadas ali como uma pessoa menos digna, sofrendo bastante preconceito. Nós somos vistas como pessoas menos dignas porque a gente expõe totalmente ali a nossa sexualidade”. O efeito direto do estigma, para Fernanda, é a necessidade de manter o sigilo da identidade, tanto com relação aos dados pessoais quanto da aparência física e mesmo da voz. A esse respeito, ela disse que “algumas meninas são bastante corajosas e mostram o rosto, e elas fazem vídeos com a cara e a coragem e não estão nem aí, dane-se o que o mundo está pensando”, mas em sua situação “eu penso ‘poxa, amanhã, depois eu posso precisar de outro emprego’, e mesmo a questão da família e tal. No meu caso tem aí essa preocupação, porque sofre

preconceito né”. Além do patriarcado, Fernanda concorda com as demais modelos de que a aproximação do *camming* com a prostituição aprofunda o estigma. Não à toa várias das *camgirls* e ela mesma precisam sempre reforçar que não é garota de programa.

Interessante notar que, de diferentes formas, minhas interlocutoras acabaram sempre chegando a conclusões similares sobre o preconceito com o *camming*. Jeniffer começa me dizendo que o estigma está atrelado ao tabu com a nudez, o sexo e a pornografia e conclui afirmando que também a aproximação com a prostituição gera uma visão negativa do exibicionismo virtual. Para ela, “o tipo de preconceito que a gente sofre, eu acho que é um tipo de preconceito hipócrita né, porque muita gente que julga faz coisa pior”, sendo que “o que a gente faz, a gente tá ganhando, esse é nosso corpo”. E continua sua explicação: “o preconceito que a gente sofre infelizmente é: a gente não quer nada com a vida, muita gente taxa a gente de vagabunda, acham que isso é putaria, trata a gente como se a gente fosse vagabunda”. Os desdobramentos desses diversos pré-julgamentos sobre a atividade das *camgirls* também aparecem de forma muito nítida nos discursos de Jeniffer: “no começo eu tinha vergonha, mas aí que eu vi que eu ganhava dinheiro com isso, e não fazendo de graça e saindo mal falada”, mas mesmo assim “não é fácil sabe, as pessoas, tem muita gente que se afasta, família não aceita. Então a gente tem dificuldade, algumas têm até dificuldade de arranjar namorado, porque muitos caras têm aquela coisa do ciúme”. A modelo me conta também da história de sua colega de casa: “teve uma época que eu morei com uma menina que escondia de mim, mas ela era [*camgirl*], tinha receio de me contar porque no começo é um pouco difícil a gente contar para as pessoas o que faz por causa de preconceito”. Lúcia completa o raciocínio de Jeniffer: “as pessoas acham que por você estar em um site de cam você também sai com outras pessoas, você se vende, você não tem caráter, da mesma forma que julgam muito as garotas de programa”.

Denise me disse que começou a atuar em sites estrangeiros exatamente para não ser reconhecida: “eu preferi ir para um site estrangeiro, porque né, eu não quero de repente um amigo meu, alguém da escola ou da faculdade me veja né. É uma coisa que eu realmente não quero”. Mesmo que atualmente esteja em websites nacionais, Denise continua com a mesma prerrogativa: “eu não quero que ninguém que eu conheça me veja. Como eu morei em três cidades diferentes eu bloqueei aquelas cidades”. E foi taxativa: “as *camgirls* sofrem muitos preconceitos sim, porque se eu não achasse isso eu assumiria. Eu não sei, eu nunca experimentei, eu nunca falei para ninguém para ver qual

seria a reação, mas eu não acho que seria bem visto”. Na sequência, ela me contou a história de uma amiga que havia começado a se prostituir e todas as colegas foram paulatinamente se afastando dela, porque “nenhuma menina que ser vista como garota de programa”. Denise conclui seu relato dizendo: “eu acho que tem preconceito com exibicionismo também, é muito difícil ser bem visto aqui no Brasil né”, criando uma relação direta entre o *camming* e a prostituição. Ela ainda aproveita para justificar sua postura: “é que no caso eu tenho um trabalho onde as pessoas são mais conservadoras e eu prezo pela minha vida em questão mais do trabalho, no caso de colegas e tal. Mas se eu estivesse, por exemplo, desempregada, eu acho que não ia tá nem aí”.

Como pudemos notar, as narrativas sobre o preconceito são estruturadas de modo a apontar suas causas e consequências. Os efeitos práticos e simbólicos dos estigmas em relação ao *camming* são sempre apresentados ao final dos relatos, demonstrando como eles afetam diretamente as experiências diárias e relações profissionais e pessoais das modelos virtuais. Anelise me contou que antes de se inscrever no site em que trabalha conversou com sua família e não houve oposição: “eu não tenho problemas com isso, todo mundo, a minha família, amigos, todo mundo sabe né, não escondo de ninguém”. Mas com os amigos e outras pessoas de convivência próxima ela não teve coragem de expor porque imaginou que teriam muitos pré-julgamentos. Ela me disse que demorou mais de um ano para se revelar como *camgirl*, principalmente porque tinha medo que as pessoas a xingassem ou a ameaçassem. Mesmo diante dos problemas iniciais em dizer que atua no *camming*, para Anelise a melhor decisão foi tornar público sua participação nesse ramo erótico. Em suas palavras, “as mudanças que eu tive [após revelar que atua como *camgirl*] foram mais psicológicas né, que eu pude ficar mais tranquila, logo o meu rendimento melhorou, o rendimento no sentido de lidar com as situações sabe”. Durante esse processo de expor sua carreira como *camgirl*, Anelise passou a mostrar o rosto e a divulgar até mesmo alguns dados pessoais, a exemplo de seu local de moradia. O peso dos pré-julgamentos é tão intenso para a maioria das mulheres que Anelise, antes de encerrar nossa conversa, me disse: “uma coisa que tem que falar na sua pesquisa: as modelos, a maioria não gosta de assumir, mas eu acho que elas deveriam honrar mais o que elas dizem amar, que é o trabalho sabe, porque eu tenho orgulho do que eu faço”. E continua: “eu acho que esse é um ponto importante, para não ter vergonha, porque não é algo de se envergonhar”. Segundo ela, muitas das *camgirls* “falam que trabalham no site, criando sites, para não falar que é modelo” por medo do julgamento.

Angélica passou por processo similar ao de Anelise. Nos primeiros seis meses ela manteve o sigilo de seu trabalho como *camgirl* para as pessoas mais próximas e não mostrava o rosto nas fotos e durante os shows. Depois que percebeu a vantagem dos ganhos financeiros no *camming*, passou a investir mais em seu perfil e resolveu revelar a face em todas as suas imagens. Em suas palavras, “eu comecei a ver que aquilo que movimentava minha conta bancária, não era a opinião de ninguém, eu comecei a não me importar com o que as pessoas fossem pensar”. Mesmo reconhecendo a existência e a persistência do preconceito, a modelo já não se importa tanto com os julgamentos: “agora na questão de falarem alguma coisa, eu olho na minha conta bancária, eu vejo que eu tenho uma resposta que me conforta, entende”.

A situação de Manuela é similar à de Angélica e Anelise. A modelo me contou que todas as pessoas mais próximas sabem de seus dois trabalhos: como garota de programa e como *camgirl*, à exceção de sua mãe. Em seu relato, “quem é essencial hoje na minha vida sabe da minha profissão, mas é lógico que eu não saio falando para todo mundo, porque existe um preconceito, as pessoas te julgam mesmo, falar que não existe é mentira”. Ela mantém certa prudência ao revelar sua face (suas fotos são do pescoço pra baixo) e busca manter sigilo de seu nome. Sua justificativa é que “tem muito preconceito com a prostituição e também com esse trabalho de stripper virtual, porque se falar para alguém, a pessoa vai te olhar com um, falar ‘nossa, você faz isso?’”. Para Manuela, ainda que exista o estigma com o exibicionismo online, “com o programa é um pouco pior”.

Anelise, Angélica e Manuela são casos de mulheres que passaram por um período de transição entre esconder e revelar sua participação no *camming* por medo do peso dos estigmas. Entretanto, há outros modelos que relataram não ter tido essa mesma preocupação em relação ao sigilo, principalmente por perceberem a natureza virtual da atividade, muito distante dos programas. Cibele se enquadra nesse caso: disse que nunca teve problema em ser reconhecida, nem mesmo na rua, e nunca se preocupou em ocultar seu rosto, apenas mantém um pseudônimo para o trabalho. Sua família e amigos sabem que ela é *camgirl*: “a minha mãe, meu irmão, assim que eu entrei eu já falei pra eles, meus amigos sabem”. Ela me contou que “a princípio ficaram meio assustados né, porque não sabiam como era a profissão, mas leram algumas entrevistas e acabaram ficando mais calmos em relação a isso”. Para Cibele, “se você quer realmente ganhar dinheiro, viver livre, não tem porque você ficar se escondendo. É triste isso, você viver uma vida dupla. Eu não gosto dessa ideia”. Milena e Gisele são outras duas *camgirls* na

mesma condição de Cibele. As duas, inclusive, foram bem enfáticas nesse ponto: Milena logo me disse: “não estou fazendo nada de errado, nem mal pra ninguém. Então não tenho porque me esconder! Se outras pessoas não me aceitam foda-se, não quero nem contato”. Gisele, por sua vez, me apresentou seu lema pessoal: “falem bem, falem mal, mas falem de mim”.

Vale notar que mesmo as modelos que não se preocupam em se esconder de amigos e familiares e mostram o rosto durante shows e nas fotos reconhecem que o *camming* é alvo de diversos preconceitos, diretamente relacionados à aproximação com a prostituição e os programas. São dois fatores que fazem com que elas possuam segurança suficiente para não se esconder e ignorar o estigma: o primeiro é sua convicção de que o *webcamming* é uma atividade erótica que não envolve contato corporal, apenas o afloramento da imaginação e a simulação de práticas sexuais (portanto, não se enquadra na categoria programa); o segundo são os benefícios financeiros e pessoais trazidos por essa atividade, que aparece também como um exercício de autoconhecimento e autoaceitação (veremos esses pontos mais adiante). Além de Cibele, Gisele e Milena, outras duas modelos virtuais relatam nunca ter precisado esconder sua identidade no trabalho ou omitir seu ofício para amigos e familiares: Nicole e Lúcia. Entretanto, suas situações são bastante diferentes da de Cibele, Gisele e Milena, porque elas, além de mostrar a face e de dizer para as pessoas próximas que são *camgirls*, ainda utilizam seus nomes pessoais no exibicionismo online. Nicole considera importante usar seu prenome para que os usuários a identifiquem com facilidade em seus dois trabalhos (como exibicionista e como modelo alternativa). Segundo ela, “por conta de eu usar meu próprio nome e trabalhar como modelo já, no mesmo ano que comecei na cam, aproveitei para ter a visibilidade em ambos”, por isso mesmo “eu nunca precisei me esconder, eu pensei ‘sou eu, eu tô fazendo isso, ninguém tem nada a ver, é minha vida, eu vou fazer sendo eu mesma’”. Nicole nunca omitiu sua face nas fotografias ou em seus shows, até porque todos os familiares e amigos sabem de sua carreira no erotismo. Lúcia idem: “eu nunca tive essa questão de me esconder ou de mentir. A maioria das *camgirls* não mostra o rosto, eu coloco fotos do meu rosto, eu mostro o rosto. Eu nunca tive esse problema de ser anônima”. Para ela, o processo de contar aos familiares que começaria a fazer shows eróticos na internet foi “bastante tranquilo”: “desde que eu entrei, eu sempre falei para todo mundo, nas minhas redes sociais também, os meus pais, eu conversei com eles,

com a minha família toda, antes de entrar. Então todo mundo deu apoio, todo mundo apoiou normal, foi tranquilo”.

Mas mesmo para Lúcia e Nicole o preconceito é considerado um grande problema para as *camgirls*. Lúcia revelou ter tido algumas dificuldades depois que entrou para o exibicionismo online: “como eu sempre deixo bem aberto o que eu sou as pessoas têm um certo receio para se relacionarem, outras julgam você sem te conhecer, usam isso para falar uma coisa que na verdade você não é”, por isso mesmo “meu maior problema foi a reação de algumas pessoas né”. Em sua narrativa, ela enfatiza que “quem foi meu amigo de verdade eu contei e continuou do meu lado. Minha família continuou do meu lado. Mas alguns conhecidos que me julgaram, me criticaram, eu simplesmente deletei da minha vida”. Nicole relatou que no começo da carreira tinha medo de ser agredida fisicamente ou perseguida na internet, porque “se para fazer fotos as pessoas já têm um tabu com o nu artístico, imagina uma pessoa que tá ali se exibindo em uma webcam para várias pessoas e se masturbando ainda por cima”, então “rola um preconceito muito grande, porque a maior parte das pessoas não aceita isso e te julga né, ‘tá fazendo isso porque ela é puta’”.

Ainda que algumas *camgirls* não se importem em mostrar seu rosto em fotos ou nos shows, e muitas revelem para amigos e familiares sua atuação no *camming*, existem muitas outras que consideram fundamental manter o sigilo e a discrição, sem nem mesmo contar do exibicionismo para pessoas próximas. Beatriz está entre as duas posições: se apresenta online de máscara, buscando esconder a face, mas considerou prudente informar os familiares da atividade. Carolina já não mostra o rosto e utiliza pseudônimo e uma personagem para encobrir sua identidade. Eliane informou apenas a algumas pessoas de sua atividade como *camgirl* e, no geral, empenha-se em ocultar algumas informações pessoais (utiliza máscara e em alguns shows focaliza do pescoço para baixo, tem pseudônimo, não revela localização).

Dandara¹⁰⁵, por sua vez, é um caso ainda mais extremo: não contou para ninguém sobre o *webcamming* e busca se precaver para que as pessoas não descubram. “Então, eu mostro o rosto mesmo, mas, assim, o pessoal da minha família, os meus amigos, ninguém sabe disso. Então, ainda é um problema, mas eu me arrisco, tô no risco”. Para ela, “tem muitas coisas que eu preciso esconder pra não ter esse problema

¹⁰⁵ É importante assinalar que quase um ano após nossa conversa, Dandara revelou à sua família e aos seus amigos que trabalha como *camgirl* e atriz pornô. Seu relato se torna ainda mais instigante diante desse fato, haja vista que ela conta em entrevista os problemas e percalços de assumir sua atuação no mercado erótico, todos eles ligados aos preconceitos com o sexo e erotismo comercial.

de talvez alguém da minha família descobrir”. Durante a nossa conversa ela me disse que “quando alguém me pergunta o que eu tô fazendo da vida eu falo que eu tô com uns freelas e realmente eu tenho os trabalhos de freelancer ainda, que eu mexo nas horas que eu não tô na câmera”. Segundo Dandara, essas tentativas de esconder sua atividade de modelo virtual estão diretamente relacionadas ao preconceito: “existe muito preconceito, tanto que eu nem falei pros meus amigos, meus amigos não sabem, minha família não sabe”.

Fernanda utiliza máscara em seus shows (abre exceções apenas para alguns usuários mais frequentes) e também nas fotos e vídeos que divulga em seu perfil no site especializado e no Twitter. Quando conversávamos sobre as vantagens que a modelo percebeu no *camming*, ela passou a me contar que pediu para o website em que trabalha bloquear a cidade em que mora e os municípios de seus parentes e amigos. Segundo ela, isso se deve “a uma das maiores preocupações que tenho hoje, eu tenho uma preocupação com relação ao impacto social [de se exibir nua na webcam]”. Entretanto, como disse a própria Fernanda, “eu também estou aprendendo a obter esse desapego né, dessa preocupação, desse impacto social com o passar dos meses mesmo, vendo com mais naturalidade o trabalho né”. Para a modelo, “ali é uma exposição que é minha, não de outra pessoa, e é natural, eu tô fazendo uma coisa natural”. Jeniffer tem as mesmas inquietações de Fernanda e demorou muito tempo para informar aos amigos e familiares que atuava como *camgirl*. Em seu relato, “hoje em dia a maioria das pessoas que eu conheço sabe o que eu faço, com o tempo eu fui tomando coragem e falando, mas não é fácil, como eu falei pra você antes, algumas pessoas se afastam”. No começo, “eu tinha, eu morria de vergonha, tanto que, nossa, eu fiquei nervosa e pensei ‘gente, vai acabar com a minha vida isso’”. Jeniffer sofreu com o afastamento de muitas pessoas próximas, mas mesmo assim resolveu contar sobre sua atividade laboral: “hoje as pessoas que sabem são as pessoas mais importantes na minha vida, essas pessoas estão sempre comigo, elas não me julgam. Mas no começo foi um pouco difícil”.

Em todas as minhas entrevistas a questão do preconceito com o *camming* apareceu com destaque, sendo considerado um dos principais problemas da atividade. Figurando como uma desvantagem, os estigmas têm pesos distintos nas vidas das modelos virtuais e sua gestão depende, por um lado, de como as mulheres encaram a atividade que exercem (como elas a compreendem e a classificam) e, por outro lado, de como as *camgirls* lidam com a imagem social de seu ofício (que muitas vezes é interpretado como programa virtual). Se no início desse capítulo eu trouxe Hughes e

seus desdobramentos em pesquisas mais recentes para tentar compreender aquilo que compõe o campo contencioso do *webcamming* e suas estratégias de afastamento da prostituição, pretendo agora demonstrar como isso se conecta a uma busca por reconhecimento, que me parece ser o objetivo último de minhas entrevistadas.

Vou me permitir nesse ponto do texto fazer uma remissão analítica, conectando os elementos analisados ao longo da tese antes de avançar para os contornos do reconhecimento no *webcamming*. Comecei minha explicação sobre o universo do exibicionismo online dizendo que percebi uma imensa disputa pela definição da atividade erótico/sexual exercida online e um intenso investimento em flexibilizar e dinamizar as fronteiras dos mercados do sexo (fronteiras essas que são parte do imaginário de minhas entrevistadas). Enumerei três principais estratégias cotidianas que visavam singularizar o *camming*, tratando-o como uma atividade nova e o distanciando da prostituição, estratégias essas que também pretendiam afastar as próprias *camgirls* da imagem de prostituta. Nesse capítulo venho demonstrando que os impulsos e estímulos para desenvolver essas táticas que se inserem no âmbito do simbólico e do discursivo são uma tentativa de mitigar ou minimizar o peso dos estigmas nas vidas das modelos virtuais. Mas reduzir a carga dos preconceitos não pode ser compreendido como um fim em si mesmo. Precisamos nos atentar para mais um elemento recorrente nas falas de minhas interlocutoras, qual seja: a necessária estima social e a fundamental manutenção da autoestima. É precisamente aqui que podemos perceber as relações de reconhecimento.

Tomando o conjunto das entrevistas que fiz, considero que existe um alto investimento das *camgirls* em construir sentidos e discursos que maximizem as qualidades do *camming* e em contestar significados que depreciem essa atividade, principalmente aqueles que a consideram uma outra forma de prostituição. Esse alto investimento visa a conquista de relações de reconhecimento recíprocas, apelando para uma determinada leitura do *webcamming* por uma audiência real e imaginada. O reconhecimento, nesse sentido, atuaria como escudo para os estigmas e como forma de valorização do trabalho e das trabalhadoras. Antes de voltarmos às minhas entrevistas, convido a olharmos mais de perto para a noção de reconhecimento da qual eu parto para fazer essas afirmações.

Em primeiro lugar, assinalo que o reconhecimento é um processo intersubjetivo, mas nessa análise teremos que nos contentar com a perspectiva das *camgirls* e como elas racionalizam a relação com os outros. Em segundo lugar, assevero que penso o

reconhecimento como um sentimento que movimenta práticas cotidianas de minhas interlocutoras, dialogando lateralmente com a ideia de gestão emocional de Arlie Hochschild (2003a). Aqui pretendo construir um diálogo heterodoxo entre Axel Honneth e Judith Butler para compreender os meandros e as complexidades do meu universo investigativo, que exige pensar diversas facetas e consequências do reconhecimento como estima social e autoestima. Estou ciente das distinções entre a versão honnethiana e butleriana do reconhecimento, apesar de ambos se embasarem na leitura do conceito em Hegel. Entendo perfeitamente que a ideia de evolução moral da sociedade percebida nas lutas por reconhecimento de Honneth se distingue da condição ontológica de vulnerabilidade que é a base do reconhecimento em Butler. Se Honneth parte das lutas sociais e dos processos de desrespeito para fundamentar sua teoria normativa (que prevê um conjunto de condições para o estabelecimento de relações de reconhecimento recíprocas), Butler questiona os próprios enquadramentos que fundamentam as relações de reconhecimento (seus alicerces), que valorizam de modo desigual os sujeitos em sociedade. Apesar das dessemelhanças, é preciso considerar também as proximidades: ambos trabalham a partir de processos intersubjetivos de formação dos sujeitos e pensam o conceito em seus desdobramentos para a fundamentação das relações sociais e também da autorrelação prática.

Voltemos por um instante ao preconceito. Tanto nas narrativas de minhas entrevistadas como na perspectiva honnethiana, os estigmas, compreendidos como modos de depreciação de determinados sujeitos ou grupos, corrompem as relações sociais e a autorrelação individual. As *camgirls* com quem conversei não apontaram somente a existência dos pré-julgamentos, mas também suas consequências: afastamento de pessoas próximas que as consideraram imorais, desconfiança por parte de novos relacionamentos amorosos e de amizades (relatando uma dificuldade de estabelecê-los), tentativas de esconder ao máximo sua atividade profissional, busca por omitir o rosto e até mesmo a voz, medo de possíveis violências físicas e simbólicas. Nesses relatos podemos perceber aquilo que Honneth (2003) chama de denegação de reconhecimento, ocasionando feridas e sofrimento moral, que afetam diretamente o bem-estar das pessoas em pelo menos três níveis: do amor, da estima e do respeito. No caso analisando, devemos nos manter na esfera da estima: as modelos virtuais narram processos de ausência de estima social, que têm como consequência uma desvalorização de si mesmas e de sua ocupação, determinando-as como pessoas de menor valor moral.

A única saída para o desrespeito, para muitas de minhas interlocutoras, é esconder sua atuação no *webcamming*.

Precisamos estar atentos para mais um nível da estima para minhas entrevistadas: se trata de reconhecer sua falta, mas também de motivar sua busca. Se as *camgirls* tentam cotidianamente afirmar que não são garotas de programa e diferenciar seu trabalho no *webcamming* da prostituição é para tentar reestabelecer a própria estima apelando para uma audiência real e imaginada que vai corroborar suas narrativas (está óbvio que quando elas constroem seus discursos está previsto um destinatário, ainda que imaginário). Pensando a partir de Honneth (2003), todo esse processo prevê a constituição das exibicionistas como parceiros de interação com seus destinatários, formulando e direcionando suas pretensões de reconhecimento em relação à sua subjetividade (quero que me vejam como modelo virtual e não como prostituta) e ao seu trabalho (exibicionismo virtual não é programa). Como nos informa Honneth (2003), a experiência de desrespeito ou de reconhecimento é vivida em meio a parceiros de interação reais ou imaginados, que atuam como testemunhas capazes de conferir ou denegar o reconhecimento.

Se continuarmos com Honneth (2003), teremos de pensar em termos da busca por ampliar as relações recíprocas de reconhecimento no caso das estratégias que apontamos no *camming*. Precisaremos considerar, como será feito mais adiante, no ímpeto por buscar autorrelações positivas. E para compreendermos o entrelaçamento entre esses dois elementos, devemos nos voltar para os critérios de atribuição de estima, parte de um sistema referencial valorativo intersubjetivamente partilhado que classifica e qualifica propriedades e capacidades particulares de pessoas ou grupos. Honneth (1996, 2003) nos ajuda a compreender que a atribuição diferencial de valor gera experiências de desrespeito, corrompendo a qualidade moral das relações sociais em relação à distribuição equitativa de reconhecimento recíproco. Mas o que ele não nos evidencia é como funciona a edificação dessa escala hierárquica de reconhecimento, distribuindo de modo desigual os corpos e os indivíduos. Aqui precisamos nos voltar para Butler.

Em *Marcos de guerra*, Butler demonstra como determinadas normas regem as relações de reconhecimento, percebendo que certos enquadramentos de inteligibilidade dos sujeitos são compartilhados intersubjetivamente, fundamentando hierarquias na própria distribuição da precariedade. Ela denomina esses quadros de sentido como marcos de reconhecibilidade: aquele conjunto de sentidos que designa e distingue quem

tem direito ao reconhecimento recíproco e quem merece o desrespeito. Vemos em Butler (2010) que o reconhecimento vincula os sujeitos (os coloca em relação) e a reconhecibilidade formata as condições das interações e do compartilhamento sensível do mundo moral. Ambos estão baseados e são conformados por hierarquias da valoração e consideração social, fundamentando desigualdades profundas de percepção e tratamento de indivíduos. Ambos são também formas de regular e ordenar as pessoas às normatividades.

Os efeitos dessa conformação diferencial da reconhecibilidade, que reverbera em denegação de reconhecimento a vários sujeitos, são tratados por Butler (2006) como processos de classificação e estratificação de vidas possíveis e vidas abjetas. As primeiras necessitam de manutenção e cuidado; as segundas estão relegadas à precariedade e à violência. Nesse sentido, a falta de reconhecimento se refere à marginalidade de alguns indivíduos em relação aos marcos que conferem legitimidade à própria vida e humanidade. É importante frisar que, para Butler (2004), o reconhecimento é processual, sendo seus termos variáveis e mutáveis exatamente porque ele é intersubjetivo e depende das sensibilidades compartilhadas. Vale lembrar que, para Butler (2006), as relações de reconhecimento interferem diretamente na experiência do gênero e da sexualidade, atuando justamente na atribuição de abjeções.

O argumento de Butler nos ajuda a compreender porque a denegação de reconhecimento corrompe tanto os laços sociais quanto à autorrelação positiva: porque os sujeitos aquém da esfera do reconhecimento podem ser apreendidos como menos que parceiros de interação ou até mesmo como menos que humanos. Quando minhas entrevistadas apontam o preconceito, seus desdobramentos e algumas de suas formas de minimizar seus efeitos, elas demonstram compreender os prejuízos morais do estigma em suas vidas (assim como elas conseguem percebê-los nas vidas das prostitutas). Elas mostram que estão conscientes das possíveis violências que podem sofrer e de como elas podem ser excluídas da comunidade das “boas pessoas” (para retomarmos Hughes). Essa equação depende, sobremaneira, do esforço das *camgirls* em se enquadrarem em normatividades de gênero e sexualidade, como discutido no capítulo anterior.

É interessante notar que todo o processo que venho refletindo nos últimos parágrafos é personalizado, isto é, se volta ao bem-estar pessoal das *camgirls* consideradas como indivíduos, mas não como grupo. Trago à luz esse aspecto porque é fundamental que entendamos que o sentido coletivo de lutas por reconhecimento em Honneth ou de marcos de reconhecimento em Butler está ausente das narrativas de

minhas entrevistadas. Quando as modelos virtuais apontam o preconceito e revelam como lidam com ele em seu dia-a-dia, buscando denunciar um pré-julgamento sobre elas e sua atividade, o que elas querem é restaurar sua posição individual como membro da comunidade moral, retirando-se individualmente das escalas mais baixas de atribuição de valor. Não existe propriamente uma vontade de ressignificar a posição de todas as *camgirls*, nem mesmo combater a estigmatização do *webcamming* que se baseia em sua natureza sexual e erótica. O que se tem é a tentativa de mobilizar discursivamente um conjunto de sentidos que possam posicionar o *camming* ao lado do erotismo (polo socialmente mais valorizado) e as mulheres ao lado de modelos, de modo que esses discursos contribuam para fundamentar uma imagem pessoal que possa ser valorizada socialmente. Ao contrário do potencial disruptivo do reconhecimento em Butler e Honneth¹⁰⁶, no exibicionismo online vemos uma busca por se reenquadrar em determinadas normatividades, sobretudo aquelas de gênero e sexualidade, ainda que sejam elas o motor do desrespeito. Aqui enquadrar-se às normas e criar possibilidades para ser considerada parte dessas normas é o esforço primordial. Por isso mesmo as prostitutas passam a ser a pedra-de-toque no *webcamming*, se constituindo como a face da precariedade e das vidas indignas. Se a prostituição é o ramo mais estigmatizado no comércio sexual e erótico, cabe se distanciar dele para poder demandar reconhecimento. Aqui a vulnerabilidade comum (em seu sentido ontológico) que implica estar sujeito ao outro e se formar diante do outro, que para Butler e Athena Athanasiou (2013) são basilares para se fundamentar relações de reconhecimento recíprocas, passa a ser uma contestação e uma negação do outro, que figura na forma da prostituta. Em suma, podemos questionar em que medida o reconhecimento para as *camgirls* não passa por um processo de desrespeito às prostitutas, ainda que essa não seja uma intenção deliberada e arquitetada, mas figure como um efeito colateral.

Para aprofundarmos ainda mais a nossa compreensão sobre o *camming* precisamos nos voltar para o último eixo da análise: a relação das *camgirls* com sua

¹⁰⁶ Ainda que não seja o objetivo desta pesquisa discutir o potencial político do reconhecimento, vou me permitir fazer um apontamento sobre esse tema. Como proposto por Honneth (2006), demandas por reconhecimento que requerem o enquadramento dos sujeitos às normatividades, apesar de possuírem caráter ideológico, possuem um apelo moral para os sujeitos. Aqui trata-se de perceber que determinadas normas, ainda que excludentes, são fundamentais para a formação do *self* e de uma autorrelação positiva, sem as quais determinados indivíduos perdem a referência da comunidade sensível. Desse ponto de vista, podemos inclusive considerar que o imenso apelo dos arranjos morais vem do processo de sujeição que ele promove (isso pensando nos termos de Butler (1997)). Ainda que seja mais fácil trabalhar com as teorias do reconhecimento aqui em tela para processos de contestação pública, creio ser essencial analisar seu exato oposto: os mecanismos de ressubmissão às normas. Podemos dizer que nesse último caso, ainda que haja reconhecimento, não podemos atestar a justiça.

autoestima. A partir de seus discursos iremos perceber que a narrativa sobre aumento da autoestima atua de duas formas: primeiro, ela se opõe aos prejuízos do preconceito (ainda que o exibicionismo seja estigmatizado e haja consequências diretas no cotidiano, ele melhora a autoestima das mulheres por proporcionar um exercício de autoconhecimento); segundo, ela pode ser compreendida como uma forma de gestão dos sentimentos em contextos de desvalorização moral, buscando manter intacta a autorrelação das modelos virtuais. Mais uma vez quero deixar claro que não se tratam de processos deliberados e calculados, como se as mulheres fossem ardilosas. Também não estou afirmando que minhas interlocutoras sofrem de alienação, apontando uma suposta falta de consciência. Estou assinalando criticamente processos cotidianos que são parte racionalizados e parte intuitivos, e se formam intersubjetivamente dentro de uma comunidade de sentidos. Ao meu ver, as modelos que entrevistei percebem sim uma ampliação gradual de sua autoestima ao entrarem para o *webcamming* e aprendem sim a conhecer seu corpo e seus prazeres. Entretanto, isso não invalida as funções que a afirmação dessa autoestima tem na formação desse campo contencioso e de disputas por sentidos e imaginários.

O desenvolvimento da autoestima é um pressuposto para quem começa a trabalhar no *webcamming* porque, como me relatou Denise, o próprio site afirma que "você conhece muito o seu corpo depois que você faz isso e você realmente fica com uma autoestima maior porque você é desejada e elogiada todos os dias". Na narrativa de Denise o exibicionismo "é uma forma de você elevar a autoestima, conhecer seu corpo, você se divertir, de você conseguir um dinheiro rápido, fácil, seguro, dentro de casa". Quando a modelo me disse essas duas frases estávamos conversando sobre como ela interpreta seu trabalho no *camming*. Na sequência, tratei de perguntar se ela acreditava que sua autoestima havia se elevado depois que passou a se exhibir online. Denise foi bem enfática: "Na verdade eu sempre fui muito confiante, eu sempre me achei bonita, sempre me achei gostosa mesmo, eu me considero uma mulher experiente, desejável e tudo mais", o que mudou foi "explorar a minha sexualidade sozinha, eu sempre tive um parceiro antes". Segundo a modelo, a primeira vez que viu mulheres gozando sozinhas no *Cam4* "achei aquilo sobrenatural, gente, mas como é que uma mulher tem esse controle todo do próprio corpo para ela mesma se excitar e ela mesma se fazer gozar?". Depois que entrou no exibicionismo online, "eu vi que eu também conseguia, eu achei surreal, eu achei maravilhoso e isso foi a novidade para mim, porque de resto eu já me achava bonita", e continua me explicando que "eu nunca tinha me realizado sozinha,

não sozinha porque eu tenho o parceiro virtual que fala coisas para me animar, me tocar sozinha e gozar nessa proporção foi só depois de ser *camgirl*".

Apesar de os trechos reproduzidos acima serem próprios da experiência de Denise no *camming*, é instigante notar que um conjunto de outras entrevistadas relataram o mesmo processo de elevação da autoestima: se consideram desde sempre bonitas, atraentes e sensuais, mas não tinham desenvolvido sua sexualidade de modo individual, sempre dependendo de um parceiro para chegar a um orgasmo considerado satisfatório. O *webcamming* aparece como um divisor de águas, possibilitando que a masturbação (com dedos e dildos) se tornasse cada vez mais prazerosa, sendo em alguns casos mais aprazível do que o sexo a dois. A própria Denise enfatiza esse último ponto: quando conversamos, a modelo me disse que em muitos shows "começo a ficar arrepiada, começo a sentir aquilo e de repente só dou uns toquinhos nas minhas partes íntimas e já dou uma gozada daquelas mais do que se eu estivesse lá com um cara".

Angélica tem uma narrativa bem próxima à de Denise: ela se considera uma mulher bonita e atraente, que melhorou ainda mais sua autoestima depois do *camming*. Em suas palavras, "eu correspondo a um padrão, só que o padrão que eu correspondo é um padrão real, entende? Eu sou uma mulher branca, loira, alta, magra, bonita, sensual". Ainda assim a modelo virtual reconhece que "sem dúvida eu sou muito mais segura, melhorou cem por cento a minha vida sexual, eu sou muito mais bem resolvida também com a minha aparência". E me explica: "porque você tem que ter uma autoestima muito elevada pra você tá ali rebolando numa cam. Então você tem que estar disposta, tem que estar muito segura de si". Angélica me esclarece que existem muitos corpos distintos no exibicionismo online e que todos eles são valorizados pelos usuários. Nesse sentido, o processo de aumentar a autoestima atinge todas as mulheres nesse ramo. Para ela, trata-se de uma melhora substancial na segurança com sua personalidade e imagem, em sua aceitação de si mesma e "saber que eu tenho a oportunidade desenvolver isso e tenho esclarecimento suficiente pra suportar o que estiver por vir né, pra julgar isso ou me prejudicar de alguma forma". Com essa última frase, Angélica deixa muito claro a importância de pensar na autoestima das exibicionistas: ela promove uma autoconfiança para enfrentar os julgamentos e estigmas. Estar bem consigo mesma promove segurança para continuar no exibicionismo online e compreender que essa é uma atividade em que se troca sua imagem erótica por dinheiro.

Quando conversei com Cibele a discussão sobre a autoestima tinha aparecido com tanta recorrência em outras entrevistas que resolvi perguntar abertamente a respeito

do tema. Ela foi bem direta na resposta: “então, eu nunca tive problemas assim em relação à autoestima viu, pra ser bem sincera”. Entretanto, “depois que eu comecei a transmitir no site como camgirl melhorou 100 por cento: eu me sinto muito bonita mesmo e me valorizo muito é como se nada me abalasse entende”. Segundo a modelo, “eu aprendi a amar o meu corpo em cada detalhe e principalmente eu mesma, e me valorizar ainda mais. Não deixar ninguém falar que eu sou desinteressante, ou gorda ou feia. Nisso me ajudou bastante, tenho muito mais confiança em mim”. Para Cibele o *webcamming* colaborou para melhor uma autoestima que ela já tinha. Beatriz idem: “Olha, então, eu sempre me senti muito bem comigo mesma, mas desde que eu entrei eu passei a valorizar um pouco mais o meu tempo”. Segundo ela, “quando alguém na minha vida pessoal diz vamos sair e a pessoa não parece tão interessante, eu já comparo com o site, porque eu penso ‘pelo amor de Deus, sou paga para conversar’”. A modelo acredita que “meu tempo literalmente é dinheiro sabe, então cada minuto que eu tô fora de casa fazendo algo que eu não gosto, eu vou trabalhar, juro pra ti”. Ela explica que nos shows “a pessoa não vê meu rosto, às vezes não escuta minha voz, mas eles me adoram por causa do meu jeito, do meu corpo, do meu sorriso. Não vou perder tempo com alguém que não vai corresponder, porque para conversar comigo é dois e quarenta o minuto”. E conclui: “a pessoa tem que ser interessante, tão interessante quanto com quem eu trabalho”.

Gisele apontou o desenvolvimento da autoestima como uma das vantagens do *camming*: além da flexibilidade de dias e horários, “eu acho que mexe com a autoestima, porque você tem que estar maquiada, tem que saber os seus melhores ângulos. Trabalha bastante com a autoestima da pessoa, acho bem legal”. Logo a modelo trata de me explicar que sempre teve uma autoestima elevada, sempre trabalhou com fotografia, sabia que era fotogênica e se enquadrava em um padrão de beleza. Mas mesmo assim ela reconhece a importância dos elogios dos usuários: “os elogios ficam alimentado demais seu ego, se você quiser ficar se achando, imagina, você fica sete horas por dia escutando elogio, o dia inteiro”. E continua: “elogiam muito, é normal, só que eu não deixo apertar muito, porque senão imagina, a pessoa sai depois se achando a Gisele”. Segundo sua narrativa, “se você não desliga, você fica louca. Então, tem que segurar a onda né. Eu não me importo tanto com elogio porque senão você fica abitolada da cabeça”. Para Gisele, se ela considerasse todos os elogios que recebe, “imagina, eu ia ficar insuportável”. A modelo reconhece que, ao contrário dela, tem mulheres no *webcamming* “que tiveram um passado difícil, tipo adolescência é sempre

difícil, e eu acho bacana, trabalha bem a autoestima da pessoa, só não pode deixar subir pra cabeça”. Em seus relatos, os elogios alimentam tanto a autoestima das exibicionistas que corre o risco de elas se tornarem egocêntricas e ludibriadas com sua própria beleza.

Até esse ponto conhecemos as narrativas de modelos que já se consideravam bem resolvidas com sua aparência, personalidade e sexualidade, mas percebem ter ocorrido mudanças importantes com relação à sua autossegurança e autoestima após começarem a se exibir online. Não obstante, ainda precisamos conhecer a fala daquelas mulheres que contam ter uma ampliação substancial do seu amor-próprio e de sua autoconfiança. Milena apresenta um excelente resumo dessas experiências: “eu diria que eu evolui muito como Camgirl: aprendi a me valorizar e aprendi a gozar direito”. Lúcia também tem o mesmo relato: “você se sente mais bonita né, as pessoas elogiam bastante, você tá lá fazendo o show e você se sente mais sexy, mais mulher mesmo, dá uma, melhora bastante a sua autoestima”.

Anelise segue o mesmo raciocínio de Milena e Lúcia, mas é mais específica sobre as mudanças em sua autoestima: “eu não vou negar, a minha vida mudou totalmente, ela trouxe uma vida estável para mim e fez eu me aceitar melhor, porque eu tinha muito problema de aceitação do corpo”. Antes do exibicionismo online “eu achava que eu tinha que ter um padrão. Eu não preciso, o site me mostrou isso”. Além disso, “melhorou a minha vida social também, porque eu comecei a interagir mais e também a criatividade, porque é muito ruim ficar no modo robótico né, então você tem que variar bastante”. Anelise ainda me deu detalhes desse processo de autoaceitação: “antigamente eu não aceitava de jeito nenhum e hoje em dia eu já acho o meu corpo bonito, não é padrãozinho né, afinal eu tenho 1,57 de altura e 55 quilos, para a minha altura é um corpo normal, não padrão”. E conclui: “mas hoje em dia eu gosto dele, quando eu vou me arrumar né, para entrar no site, eu já me sinto bem intensa, eu gosto do que eu vejo, coisa que eu nem consegui me olhar no espelho antes de entrar no site”. A *camgirl* relata também ter ocorrido uma mudança substancial em sua sexualidade: “eu mudei bastante, antigamente eu tinha receio de muitas coisas; hoje em dia a única coisa que eu sei que eu não posso fazer é me limitar, me limitar é uma coisa que eu não posso, eu tenho que experimentar de tudo que eu tiver vontade”.

Dandara relata experiência similar de aumento da autoestima. Segundo ela, sua visão de si mesma melhorou tanto que “eu me sinto até bonita assim, na rua, nos lugares, estou vestindo roupas que eu não vestia antes, essas coisas”. A modelo me disse que antes de entrar para o *camming* ela era muito retraída, mas hoje “eu acho que estou

bem mais solta assim, tanto que eu sou tímida assim, eu né, pessoa. Mas o site tem me ajudado muito nisso também, a ficar mais desinibida”. E completa: “hoje em dia eu tô bem mudada, eu tô bem diferente, eu tô gostando”. Para Dandara não se trata apenas de sua aparência, mas também de sua vida sexual: quando conversamos, ela relatou ter uma sexualidade mais ativa, ter aprendido a ser mais sensual e a conhecer melhor seus prazeres, além de ter aprendido novas práticas sexuais.

Eliane foi a modelo virtual que mais conversou sobre a importância da autoestima para as exibicionistas e como o próprio *camming* propicia a experiência de aumento da autoconfiança. No final da entrevista, quando questionei Eliane se havia mais algum tema que gostaria de enfatizar, logo ela me respondeu:

Olha, por experiência própria e por conhecimento de várias modelos que eu conheço pessoalmente, a atividade de camgirl, ela é, faz você se conhecer como mulher principalmente, evoluir né o seu lado sexual, porque às vezes coisas que você não se conhecia ou você julgava bonito em você e, de repente, ter ali todo dia alguém falando "nossa, como você é linda, como sua boca é linda", sempre te elogiando, porque sempre vai ter alguém que vai te elogiar, sempre, todos os dias tem alguém que vai te elogiar, e isso põe a autoestima da mulher lá em cima.

Em sua narrativa, ainda que seja possível elencar um conjunto de desvantagens do exibicionismo online, “as vantagens são muito maiores”. Isso porque essa atividade “faz a mulher se despertar, faz ela descobrir coisas sobre ela mesma, sobre a sexualidade dela que antes ela não conhecia”. Em sua experiência pessoal, “ainda aprendo coisas sobre o meu corpo, sobre a minha sexualidade que eu ainda desconheço e olha que eu já tenho uma certa experiência, e mesmo assim tem dias que eu me surpreendo com tipos de sensações, tipos de orgasmos que eu consegui chegar”. Para Eliane, “com certeza minha autoestima aumentou. Como eu falei, até então eu achava uma coisa bonita em mim, agora tem dias que, poxa, de tanto eles falarem da minha boca, eu já acho a minha boca bonita. E faz você querer se cuidar também”. Eliane me explica que até o processo de preparação para os shows promove um aumento da autoestima: “é claro, vai ter dia que eu vô tá com um pijaminha, aquela cara de sono, mas na grande maioria das vezes você quer se produzir, você quer se arrumar, você quer tá bem. Então você tem toda uma preocupação com uma aparência bacana”. Nesse sentido, o *webcamming* “faz você trabalhar esse seu lado, da tua fisionomia, da tua autoestima, de tu se sentir bem, e você se olhar no espelho e dizer ‘poxa, hoje eu tô legal’, entende?”.

Fernanda enumera uma série de aspectos pessoais que ela considera ter melhorado após começar a atuar como *camgirl*: “eu aprendi bastante coisa com relação à questão sexual, autosssegurança da gente, autoestima muda muito, porque você se produz” e também “quando a gente tá online, a gente se vê o tempo todo, a câmera tá ligada e eu tô me vendo, me assistindo né. Então eu me vejo o tempo todo, a minha postura, o meu jeito, a forma que eu fico quando eu falo”. Antes do *camming*, Fernanda disse que não reparava muito em seu corpo e sua postura, em seus traços pessoais e trejeitos, e também não os valorizava tanto quanto atualmente. Em suas palavras, “a gente explora muito pouco, se conhece pouco, então a gente passa a se tocar, eu me vejo me tocando, então eu me conheço né, passei a me conhecer mais, como que é meu corpo, partes do meu corpo do qual anteriormente eu tinha vergonha”. Além dessas mudanças que aparecem por conta da natureza do próprio trabalho, existe “o retorno de milhares de pessoas. Então tudo isso faz com que a gente mude a nossa autoestima, a nossa autosssegurança né”. Para Fernanda, o processo de autoconhecimento vem casado com outro de autoaceitação. Ela me contou como passou a aceitar mais seu corpo após vários elogios dos usuários e depois de se ver através de uma câmera: “eu achava no começo que minha vagina não era legal, e eu tenho até hoje um retorno, assim, estrondoso, é unânime de todos falando ‘nossa, é muito bonita a sua vagina’, entre outras partes do corpo né, de modo geral”. Segundo ela, as mulheres têm muitos complexos que acabam sendo dissolvidos quando se trabalha com o *webcamming*: “a gente tem muito tabu, muito complexo, ‘eu sou muito gorda, eu sou muito magra, eu tenho celulite, eu tenho não sei o que’ e ali você se expõe e tem um retorno tão positivo de um número muito grande de pessoas, então gera uma segurança”. Em seu relato, as mudanças positivas foram deveras profundas, atingindo até mesmo sua personalidade: “não só do meu corpo, mas da minha personalidade, sendo que o histórico que vinha trazendo na minha vida pessoal não era esse, porque eu não acreditava em mim. Então eu passei a acreditar em mim, a me conhecer, são muitos pontos positivos”. A modelo conta ter desenvolvido também uma percepção mais confiante de sua sexualidade: “Então talvez eu não tinha a parte desenvolvida de um sexy appeal, uma sensualidade, eu não sabia lidar com essa, com esse lado meu né, tinha uma vergonha, achava que eu ia ser ridícula, mas hoje não”.

Na conversa com Jeniffer os relatos sobre a ampliação da autoestima também estiveram muito presentes, aparecendo de modo esparso em quase todas as suas respostas. A primeira vez que a modelo mencionou o assunto foi quando me contava

sobre o período que ingressou no *webcamming*: “antes eu tinha vergonha do meu corpo, antes eu era mais tímida. Hoje eu gosto do meu corpo, eu me valorizo como mulher, porque querendo ou não, você tá ouvindo o que os caras falam todos os dias pra você ali”. O exibicionismo online “ajuda também você se valorizar, ser mais exigente do lado de fora, eu acho isso bem legal também”. A história pessoal de Jeniffer tem muito a dizer sobre sua percepção de si mesma: antes de ser *camgirl* “eu me sentia super pra baixo, eu não achava meu corpo bonito, eu tinha a autoestima baixa, eu não me aceitava, eu achava meu seio feio, eu me achava muito branquela”. Após sua inserção no *camming*, “eu comecei a convivência nesse site, vi os caras me elogiando, falando que eu era maravilhosa. Aquilo fez bem pro meu ego e daí eu fui adotando aquilo pra mim, eu comecei a ver que eu era uma mulher realmente interessante”. Com a exibição online “eu aprendi a me valorizar mais, aprendi a cuidar mais de mim, tanto físico quanto de dentro pra fora, me levantou a autoestima, de saber que eu sou uma mulher incrível, pra eu aceitar meu corpo. Então isso realmente mudou foi cem por cento”. Inclusive, “hoje em dia eu conheço muito mais o meu corpo, vejo o que realmente dá prazer”. Na verdade, a explicação de Jeniffer sobre a autoestima e autossegurança é tão ampla que reproduzo abaixo um excerto que exemplifica muito bem sua visão:

Quando eu vi que eu causava um impacto legal para as pessoas, que tinham caras que gostavam, eu comecei a olhar pro espelho depois e ver que não é que eles têm razão. Eu sou gostosa, eu sou bonita, eu comecei a me sentir melhor e eu comecei a cuidar mais do meu corpo, comecei a cuidar mais da minha alimentação, comecei a cuidar mais da minha aparência, eu não gostava de fazer maquiagem, hoje em dia eu sei fazer maquiagem. Eu fui me valorizando, aquele universo fez realmente bem, faz bem, minha autoestima hoje em dia é uma coisa que eu não tenho mais assim, não me acho melhor que ninguém, óbvio, mas uma coisa que eu prego para as minhas amigas, por exemplo, é elas se sentirem incríveis, maravilhosas, melhores para elas mesmas cada dia.

Na narrativa de Nicole, o aumento da autoestima vem de dois fatores principais: o primeiro é relacionado aos usuários, que sempre elogiam as modelos por seus atributos físicos e por sua personalidade; o segundo é uma mudança radical na autopercepção das modelos, muito influenciada por elas sempre acompanharem sua imagem na câmera. Para a *camgirl*, ambos os elementos são próprios ao trabalho de *webcamming* – ou seja, faz parte de suas particularidades e características. A primeira vez que Nicole comentou sobre sua autoestima ela assinalou que “os caras sempre te elogiam, falam um monte, então você se sente maravilhosa e além também de que

mudou muito o meu cuidado com o meu próprio corpo, a gente presta mais atenção por estar se vendo o tempo todo ali na webcam”. Na visão da exibicionista, as mulheres passam a se olhar com mais atenção: “você fica se vendo e você fala ‘eu acho que não tá legal aqui’, eu tento dá uma engordada, tento emagrecer, tenho que cuidar melhor da pele. Então deu uma melhorada sim, no sentido de autoestima”. Além do mais, “o fato de você estar fazendo uma coisa que você sabe que você tá provocando uma reação na pessoa que tá assistindo já te deixa autoconfiante, te deixa com uma melhor autoestima né, você se sente melhor consigo mesma”. Na minha conversa com Nicole também apareceu um esquema argumentativo muito comum para todas as outras entrevistadas: começar apontando uma melhoria substancial da autopercepção após se mostrar na webcam e finalizar o discurso contando como as mulheres se sentiam antes de atuar online. Nas palavras da própria Nicole, “eu me sinto mais solta hoje em dia, no começo eu era um pouco tímida, hoje eu já me sinto mais livre, mais solta para fazer as coisas, então quando você tira um tabu de você mesma, você fica mais sensual né”. E conclui: “talvez eu não me conhecesse tão bem quanto, não conhecesse tão bem o meu corpo quanto eu conheço agora. Agora eu sei o que eu gosto, o que eu não gosto, antes não tinha tanto isso”.

Carolina também percebe a importância dos usuários para o desenvolvimento da autoestima das *camgirls*: “não vou falar que todos os usuários são maravilhosos, mas sempre tem uma recompensa, sempre tem aquela pessoa que te acalenta, a pessoa que te dá carinho, que te dá conforto e que te conhece”. O público dos shows, segundo a modelo, elogia muito as mulheres, apontando suas qualidades físicas e pessoais, colaborando para que elas possam valorizar seus principais atributos. Além disso, segundo minhas entrevistadas, alguns deles oferecem apoio e carinho, se tornando uma pessoa próxima. Nesse contexto, “você passa a se gostar mais, a se conhecer mais, você passa a dar valor muito mais a você, você ganha um amor próprio, porque as vezes você não tinha”. É por isso que o *webcamming* “vale à pena, vale à pena, cada dia você aprende e melhora”. Em todas as outras conversas com as modelos também foi destacada a importância dos visitantes dos sites especializados para aprimorar a autoestima e autoconfiança das exibicionistas. Entretanto, Carolina foi a mais enfática nesse sentido. Para minhas outras interlocutoras, os usuários são importantes na medida em que eles são considerados como uma das faces do *camming* que melhora a autopercepção e autoaceitação das garotas. Assim, é a própria atividade a responsável por uma autorrelação positiva.

Deixei propositalmente Manuela por último já que sua opinião destoa sutilmente de minhas demais interlocutoras. Durante toda a nossa conversa, Manuela se posicionou bem crítica ao *camming*, distinguindo aquilo que na sua visão eram realmente elementos positivos e aquilo que se tratava de um engodo. Vale dizer que no diálogo com a *camgirl* a discussão sobre a autoestima não apareceu voluntariamente, eu que decidi perguntar sobre o tema após seu comentário sobre sua relação com os usuários. Sua resposta foi bem diretiva: “para mim talvez não tenha mudado tanto pelo fato de eu já trabalhar com sexo, mas melhora, você se sente muito melhor, isso faz muito bem para a mulher, você ser elogiada o tempo todo, você ser desejada o tempo todo”. Apesar de reconhecer que no *webcamming* as mulheres podem ter sua autoestima elevada, ela acredita que isso depende muito do contexto da garota e de sua autopercepção. Não se trata, em suma, de uma propriedade desse tipo de trabalho, mas de uma disposição de algumas pessoas para se valorizar e se conhecer. Inclusive para Manuela os elogios dos usuários são muitas vezes enrolações para convencer as modelos a realizarem determinadas práticas, apelando para o ego. Para ela, “é só isso mesmo, entram, falam que gostam, isso e aquilo, mas isso aí ele fala pra uma, fala pra outra, fala para todo mundo e é uma maneira de ele ficar em evidência sabe, de ele ser um pouco lembrado”. Nas redes sociais os enaltecimentos do público são ainda mais controversos: “na rede social você não sabe, muitos ali nem são usuários da sua sala, é um ou outro que você sabe que é usuário, ele tá ali é para fazer isso, para fazer elogio e aí a menina vai responder e ele fica ‘nossa ela respondeu’”. Como ela mesma disse, sua visão é “muito realista”, demonstrando que o processo de ampliação da autoestima é perpassado por contradições: pode-se considerar que em alguns casos e em algumas ocasiões a autopercepção das *webcam models* seja aprimorada, mas isso não é regra no exibicionismo online, nem mesmo é algo possibilitado pela própria natureza desse trabalho. Além disso, a interlocução com o público é marcada por uma série de interesses e ambições que podem usar os elogios e a exaltação como subterfúgio para se conseguir outras coisas (atenção, práticas sexuais variadas, destaque na comunidade).

Antes de avançarmos, é fundamental assinalar que, à exceção de Manuela, as questões relacionadas à autoestima apareceram espontaneamente nas entrevistas, sendo que inicialmente eu mesma não havia as considerado como importantes. Ao retomar as transcrições, notei que as falas sobre esse tema estavam encadeadas em momentos específicos da conversa: ou quando as modelos apontavam as vantagens do *camming*, ou quando discutíamos sobre sua relação com os usuários, ou após passarmos por uma

discussão sobre os estigmas e os problemas de confundir exibicionismo online com a prostituição. Nesse sentido, podemos compreender que essas falas fazem parte da busca por exaltação do *webcamming*, sendo mais um elemento que substancia a visão positiva da atividade pretendida por minhas interlocutoras. A exibição por webcam aparece nos relatos como uma prática que extravasa o erotismo, funcionando como um exercício de experimentação do corpo e da sexualidade e como forma de aumentar o conhecimento de si. Aqui devemos retomar Gregori (2010) e pensarmos em que medida a exaltação da ampliação da autoestima no exibicionismo não pretende situar esse ramo de comércio erótico e sexual na categoria de “erotismo politicamente correto”, removendo dele a carga dos preconceitos, que apareceriam como pré-julgamentos infundados e injustificados. Porém, para além dessa tentativa de flexibilizar a imagem do *camming* a ponto de enquadrá-lo como uma atividade socialmente digna, a narrativa da autoestima tem ainda outras duas funções: a primeira é promover uma autoimagem positiva a partir de uma positivação do próprio trabalho que se exerce (como apontou Hughes (1958)); a segunda se volta a uma gestão dos sentimentos que parte das feridas causadas pelos estigmas e se volta para a busca de compensações e contrapartidas na própria ocupação.

Anteriormente Honneth e Butler nos ajudaram a compreender a importância do reconhecimento como estima para as modelos virtuais, principalmente se pensarmos nas feridas morais causadas pelos processos de desrespeito que elas relataram ter vivido. Entretanto, pensamos essa esfera do ponto de vista sociocultural, ligada ao conjunto de valorações hierárquicas dos sujeitos e de suas capacidades, impedindo o desenvolvimento de uma estima social. Nesses últimos trechos de análise venho comentando um processo que é também intersubjetivo, mas se concentra propriamente no *self*. Honneth (2003) pensa as feridas morais como lesões à própria formação do *self*, rompendo com as possibilidades de desenvolvimento de autorrelações práticas para sujeitos desrespeitados. Segundo esse autor, quando existe uma denegação de estima social, essa recusa pode desencadear uma autoestima corroída devido à desvalorização daquilo que é próprio a determinadas pessoas ou grupos. E como vimos nos relatos da maior parte de minhas entrevistadas, existe um processo de deterioração da autoconfiança devido aos preconceitos que elas percebem com sua atividade profissional e um movimento de autoaceitação que é gradual. Em muitas das narrativas acompanhamos as *camgirls* dizerem que aos poucos foram compreendendo e aceitando sua participação no *camming*, à medida em que elas percebiam que ele era uma escolha racional diante de outras oportunidades de emprego e que se tratava de uma exploração

da própria imagem de modo voluntário. Entretanto, temos que lembrar também que para muitas modelos virtuais a única forma de manter sua integridade psicológica foi se afastar de várias pessoas próximas, inclusive de familiares, ou de continuar escondendo seu trabalho. Elas relatam terem problemas com novos relacionamentos, principalmente pelo medo da reação que as pessoas poderão ter caso saibam que elas são exibicionistas. Ao meu ver, a perspectiva honnethiana ilumina esse importante aspecto da formação do *self* mediante relações de reconhecimento, que é essencial para pensarmos o peso e a carga do estigma para as mulheres com quem conversei. Todavia, acredito ser importante avançarmos para outras mediações importantes da formação da autoimagem pessoal, que nos ajudam a compreender a busca por reconhecimento das *webcam models*. Em primeiro lugar, precisamos pensar na dinâmica do campo do trabalho para a edificação da autopercepção dos trabalhadores, principalmente quando estamos lidando com *dirty works*. Em segundo lugar, é essencial que compreendamos como a afirmação da autoestima é também uma forma de gestão dos sentimentos em contextos de preconceitos acirrados, sendo tanto uma forma de lidar com os estigmas quanto um modo de manutenção da autoimagem pessoal.

Voltemos inicialmente a Hughes. O autor nos mostrou como o trabalho é uma esfera social dotada de valor simbólico social e individual. Assinalou também que o campo ocupacional interfere tanto na formação da autoimagem das pessoas trabalhadoras quanto na constituição de uma identidade profissional, sempre embasadas em estratificações morais. Para Hughes (1962), os sentidos sociais que representam determinado trabalho atuam também constituindo uma imagem dos profissionais. Essa constatação do autor tem consequências profundas se pensarmos nos *dirty works*, ofícios que são moralmente desvalorizados no seio social. É por isso que acompanhamos em Ashforth e Kreiner (1999) que uma das principais estratégias de pessoas que atuam em *dirty works* é a tentativa de minimizar a carga de *dirty* exatamente para tentar reduzir os preconceitos e estigmas sobre os trabalhadores desses ramos. Como bem vimos, se uma “boa pessoa” trabalha em um *dirty work*, a imoralidade dessa profissão é minimizada. Por isso, em muitos casos enquadrar-se como uma “boa pessoa” é uma tática eficiente para reduzir o peso das avaliações sobre a profissão. Quando minhas interlocutoras contam seu processo de ampliação da autoestima elas estão, em primeiro lugar, relatando uma experiência pessoal e, em segundo lugar, demonstrando como o próprio *camming* e suas principais características proporcionam progressos individuais na autopercepção, que reverberam na valorização

das *camgirls* na medida em que proporcionam um aumento da autoestima. As narrativas de minhas entrevistadas exaltam o exibicionismo online e tratam-no como uma forma de autoconhecimento para as mulheres: não se trata apenas de um trabalho, mas de um meio para a realização pessoal. Agora vejamos: se o *webcamming* é uma atividade profissional que oportuniza o autodesenvolvimento de seus profissionais, em que sentido ele pode continuar a ser considerado um *dirty work*? Nesse raciocínio, aludido por muitas de minhas entrevistadas que situaram seu relato sobre a autoestima após apresentar os estigmas, os preconceitos seriam julgamentos externos, muito informados por uma suposta confusão da exibição online com os programas. Uma vez que se compreenda que “*camgirl* não é GP” tal como propõem praticamente todas as minhas interlocutoras, muitos dos pré-julgamentos devem ser extinguidos (até porque no virtual não se trata de venda de sexo). Destarte, quando olhamos para os discursos sobre autoestima e autoaceitação estamos diante de um processo de gestão dos sentimentos que vê nos estigmas uma fonte de feridas morais, mas vê no autodesenvolvimento pessoal uma fonte de reconhecimento. Ao exaltar a autoestima elevada, as *camgirls* se posicionam como pessoas bem resolvidas consigo mesmas e com sua sexualidade, bem esclarecidas sobre as formas de uso de seu corpo. Ao afirmarem sua autonomia e autorrealização conquistadas através do *webcamming*, elas reconstroem tanto sua autoimagem pessoal quanto a imagem da atividade, reposicionando ambos dentro dos marcos hierárquicos que insistem em as designar como prostitutas (principalmente porque para muitas das modelos a prostituição é degradante). Vale lembrar que esses mesmos marcos hierárquicos se referem aos papéis sancionados de gênero e ao exercício considerado saudável da sexualidade.

Para além do processo de reconstrução da imagem do *camming* e da autoimagem das *camgirls*, a narrativa sobre a autoestima é igualmente um mecanismo para gerir os impactos dos estigmas – contrapõem-se um suposto prejuízo com um benefício inegável e valoroso. Continuando com Hughes (1958, 1962), veremos que a gestão dos sentimentos é essencial no campo hierárquico do trabalho, principalmente para trabalhadores em *dirty works* que buscam minimizar as feridas morais dos julgamentos sociais. Contudo, esse autor não se enfocou em destrinchar os mecanismos por trás desse gerenciamento emocional, apenas o apontando como fundamental para pensarmos as estratificações valorativas das profissões. Para compreendermos esse regime de

administração das emoções no *camming* vou recorrer à Arlie Hochschild, construindo uma ponte entre ela e os *dirty work* de Hughes¹⁰⁷.

Hochschild (2013b, 2013b) nos ajuda a compreender que a gestão dos sentimentos é estratificada tendo em vista as distintas ocupações, as diferenças de status entre as pessoas que atuam nessas profissões e também as divisões socioculturais que atuam sobre gênero (e podemos expandir para sexualidade, geração, raça/etnia e outros marcadores sociais da diferença). Nesse sentido, um conjunto muito amplo de elementos que repõe sistemas hierárquicos vai incidir em como as emoções serão geridas no campo do trabalho. Precisamos igualmente considerar que esse processo de administração emocional é em parte individual (é uma exigência às pessoas em ofícios específicos) e em parte público (se volta a uma determinada plateia) – ou seja, tal processo depende tanto da posição daquele que o executa quanto da recepção de outros indivíduos. Ademais, trata-se ainda de uma resposta às exigências emocionais de determinadas atividades laborais (a exemplo das aeromoças, como discutiu a autora) e um mecanismo para mitigar estigmas e altas cargas de estresse (podendo ser interpretado nesse segundo caso como uma forma de administração do sofrimento). Considerar esse conjunto de fatores é essencial para entendermos o papel da autoestima no *camming*: a autorrealização atua, em um primeiro nível, como forma de contornar os preconceitos e seus prejuízos, afirmando um tipo de reconhecimento através do trabalho; em um segundo nível, opera como meio condutor do fio narrativo que minhas entrevistadas constroem, que busca dissociar o exibicionismo de ramos estigmatizados como a prostituição (tentando alterar a imagem da atividade e delas mesmas); em um terceiro nível, age como resposta a uma visão pública do *webcamming* que o qualifica como imoral e indigno, justificando a permanência das mulheres nesse ramo.

Precisamos ter em mente que a autoestima é tanto um investimento discursivo quanto emocional, que se volta a determinadas pretensões de reconhecimento: pensando em todos os elementos que compõem os discursos de minhas entrevistadas, trata-se de fundamentar uma percepção do *webcamming* que se enquadre dentro das possibilidades de erotismo e exercício da sexualidade aceitáveis socialmente. Ainda que não se possa retirar o exibicionismo do universo comercial erótico-sexual (estigmatizado por si mesmo), é possível situá-lo dentro desse campo ao lado de atividades menos

¹⁰⁷ Apesar de Hughes e Hochschild trabalharem sobre aspectos distintos do mundo do trabalho, ambos compartilham a herança teórica da Escola de Chicago e se pautam por uma perspectiva intersubjetiva quando analisam as profissões.

desvalorizadas. Contudo, essas pretensões de reconhecimento não se realizam facilmente: necessita-se tanto de uma gestão da imagem da atividade e da autoimagem pessoal quanto de uma gestão dos sentimentos (que afloram estima ou despreço) que possa ser interpretada por um determinado público como fidedigna. Em outras palavras, não basta que minhas entrevistadas queiram afirmar o *webcamming* como um trabalho erótico ao mesmo tempo apazível e adequado socialmente, elas precisam tornar sua narrativa crível no seio social (ou pelo menos na comunidade específica que as acompanha) – é necessário, nesse sentido, uma ampla corroboração da autodefinição das próprias mulheres exibicionistas. Nesse ponto, vale retomar a ideia de “doutrina dos sentimentos” de Hochschild: “quanto mais baixo o nosso status, mais nosso modo de ver e sentir está sujeito a ser descreditado, e menos crível eles se tornam” (HOCHSCHILD, 2003a, p. 173). É exatamente nesse jogo complexo que a autoestima assume função primordial: na narrativa de minhas entrevistadas, é exatamente esse o sentimento que definitivamente reposiciona o *camming* e as *camgirls* (até porque em sua visão são poucos os ramos de trabalho formal e mesmo dos mercados sexuais e eróticos que permitem esse tipo de realização pessoal). A autoestima situa as emoções das modelos com relação ao trabalho que exercem, mas também engendra um conjunto de pretensões de valor que elas buscam afirmar.

Se pensarmos o campo contencioso do *webcamming* que viemos construindo ao longo das últimas páginas, veremos que as estratégias de fundamentação de um léxico específico do exibicionismo, a definição dessa atividade como uma experiência erótica mediada por tecnologia distinta do sexo e o enaltecimento das principais qualidades do *camming* são resposta às hierarquias valorativas que promovem e assentam um estigma com as *camgirls* e seu trabalho, gerando uma série de feridas morais e de rompimento de laços sociais. Em meio a um contexto de desvalorização e julgamentos acirrados, minhas entrevistadas buscam, por meio de suas táticas, reestabelecerem a estima social de si e de seu ofício, se baseando em uma busca por reconhecimento pautada em tentativas de reinscrever elas mesmas e seu trabalho no campo sensível das valorizações sociais (normatividades). A autoestima tem papel primordial nesse processo, porque é tanto uma afirmação do valor e da importância do trabalho em si, quanto uma contraposição aos discursos que situam o *camming* e as *camgirls* aquém ao campo de distribuição de status social. É interessante assinalar que ainda que nesse caso não se trata precisamente de uma luta por reconhecimento no sentido honnethiano, existe um aspecto de enfrentamento que tem como objetivo último reestabelecer e afirmar relações

de reconhecimento recíprocas, relações essas que continuam pautadas por hierarquias sociais que apenas passariam a incluir as modelos virtuais no campo dos possíveis. Ainda que não se trate de processos deliberados ou calculados, eles têm uma direção e uma finalidade que se apresenta mediante uma atenção à formação do universo do *webcamming* no Brasil e aos discursos e às narrativas que minhas entrevistadas buscaram tão cuidadosamente construir. Ao meu ver, os mercados do sexo e erotismos são campos de batalha simbólicas tão profundas, engendrados por uma série de mecanismos discursivos e práticos muitas vezes pouco perceptíveis e sutis, que não basta descrevê-los e detalhá-los, mas necessita-se sim olhá-los criticamente, considerando-os também como espaço de ordenamento sociocultural.

6. Considerações finais

Ao final da reflexão apresentada ao longo desta tese considero dispensável retomar pormenorizadamente cada aspecto do *webcamming* erótico comercial brasileiro analisado. É fundamental, no entanto, pontuar os caminhos investigativos adotados, informando porque privilegiei partir do elemento conjuntural e seguir em direção aos aspectos cotidianos, práticos, simbólicos e subjetivos dessa atividade. A explicação mais simples para essa escolha é a necessidade de contextualização do fenômeno em pauta, que por seu caráter recente precisa ser situado e localizado no tempo e espaço e também nos âmbitos sociocultural e interacional. Porém, tal como em meu campo de estudo, minha opção foi estratégia, buscando evidenciar com o texto os diversos níveis, camadas e estratos de problemáticas e controvérsias que envolvem o *camming* nacional, revelando a complexidade desse universo à medida em que nos dirigíamos dos seus elementos mais gerais para os mais particulares.

Iniciei esta tese comentando brevemente o processo que acredito estar na base da expansão e diversificação dos mercados de sexo e erotismo indiretos¹⁰⁸, e também na crescente adoção de recursos comunicativos e interacionais das mídias, principalmente da internet, em serviços erótico-sexuais diretos. Trata-se da midiaticização, um fenômeno considerado tentativo, cambiante e provisório em que os meios de comunicação atuam direcionando e condicionando as práticas sociais, que cada vez mais aderem aos recursos midiáticos para se constituírem e se solidificarem (HEPP, 2014). A discussão que proponho nesse início do meu trabalho não é novidade, tratando-se propriamente de uma continuidade e expansão das considerações de McNair (2002) e Attwood (2006) sobre os impactos das mídias no terreno da pornografia, pensando esses mesmos impactos para o conjunto do comércio sexual e erótico.

A midiaticização assume duas funções principais em minha reflexão. Primeiro, ela nomeia a conjuntura sociocultural e tecnológica que possibilita e condiciona o surgimento e a expansão do *webcamming*, bem como demonstra as conexões e continuidades desse serviço com outros afins, pensando nos mercados de sexo e erotismo integralmente, considerando o complexo conjunto de atividades que eles congregam. A partir desse viés foi possível evidenciar e demonstrar as semelhanças e equivalências entre as estratégias empregadas pelas *camgirls* para gestarem sua

¹⁰⁸ Essas noções de serviços diretos e indiretos vêm dos trabalhos de Sanders et al. (2018) e Weitzer (2010). Para esses autores, atividades do comércio de sexo que são realizadas com mediação das tecnologias são consideradas indiretas e aquelas realizadas em copresença física são tidas como diretas.

autoimagem e a imagem de seu trabalho e as táticas acionadas em outros ramos eróticos sexuais, sejam eles indiretos (como a pornografia e o disque-sexo) ou diretos (como a prostituição). Segundo, esse processo aponta para a interconexão entre os diversos meios de comunicação, colocando a internet em face a outras tecnologias com as quais ela convive e compartilha mecanismos interacionais. Inclusive colabora para que pensemos como o ecossistema midiático atua na edificação do gênero e da sexualidade, constituindo infraestruturas morais para as interlocuções (ampliando aqui o argumento de Almeida (2003) para a televisão e de Monteiro (2000) para o mercado editorial). Minha intenção foi pensar o online como uma continuidade de outras mídias, sem tomá-lo como um fenômeno novidadeiro e incomum (MONTEIRO, 2013). Isso evita, em grande medida, encararmos as práticas desenvolvidas na web como à parte de outras práticas realizadas em meios analógicos. Ademais, como bem pontua Paasonen (2018), essa compreensão abrangente e contextual das tecnologias previne distinções estéticas e morais entre os mercados erótico-sexuais próprios ao digital e seus antecessores (como ocorreu com a dicotomia hoje muito contestada entre *alt porn* e *porn on the net*).

Meu primeiro capítulo de análise privilegiou contextualizar o *webcamming*, retomando, inicialmente, a prática que o antecedeu: o *homecamming*, um estilo de transmissão em tempo real pela webcam surgido no início dos anos de 1990, em que jovens e adolescentes retratavam seu cotidiano pelas câmeras conectadas à web (SENFT, 2008). Como pudemos perceber, muitas das características do *homecamming* migraram para o *camming* atual: predominância de mulheres, sobretudo as mais novas; estilo de filmagem confessional, seguindo a estética herdada dos *reality shows* da televisão; apelo a um público cativo e ao status de celebridade; difusão ao vivo da intimidade; instituição de um polo de voyeurismo e outro de exibicionismo. Na sequência, procurei localizar temporalmente o aparecimento do WEC em território brasileiro, retomando brevemente suas configurações iniciais – tomando como base minha experiência em campo e o trabalho de W. Silva (2014). Por fim, construí um perfil (provisório) do *webcamming* nacional, pensando em seis de seus principais elementos: as plataformas para exibição online; as modelos virtuais; o público espectador; os shows de exibicionismo; os aspectos negativos e positivos da atividade; e a atuação das redes sociais. Esse perfil me ajudou a definir e precisar os contornos do universo que analisei, conseguindo apreender suas idiossincrasias e especificidades em face de outros ramos dos mercados de sexo e erotismo.

O segundo capítulo analítico foi dedicado à principal controvérsia que percebi no *webcamming* durante minha permanência em campo: uma disputa pelo posicionamento dessa atividade no interior do comércio erótico-sexual, a partir da qual as *camgirls* buscavam estabelecer fronteiras simbólicas entre suas práticas e a prostituição. Ponderei sobre como as modelos mobilizavam discursos e condutas para se afastarem das prostitutas, consideradas em suas falas como pessoas marcadas por uma mácula moral que as situam no terreno das abjeções. Apontei para três estratégias principais acionadas pelas mulheres que se exibem para promoverem essa diferenciação e dessemelhança: primeiro, elas acionam um léxico específico para nomear os sujeitos e suas ações no *camming*. Elas se autodenominam como “*camgirls*”, “modelos”, “exibicionistas” ou “performers”; nomeiam sua atuação na webcam como “performances”, “shows”, “exibições” ou “apresentações”; chamam os indivíduos que pagam por seus serviços de “usuários”, “visitantes”, “espectadores” e “público”. Segundo, elas instituem uma segmentação entre experiência erótica virtual e sexo, afirmando comercializar fantasia e imaginação que se realizam apenas no virtual, em oposição aos programas que ocorreriam, em sua visão, no presencial. Terceiro, elas chamam a atenção para as virtudes do WEC, tentando posicioná-lo como um trabalho que proporciona segurança, autonomia e emancipação para as trabalhadoras, além de permitir vastos ganhos financeiros e boas doses de prazer. Tudo isso em contraposição à prostituição, interpretada como perigosa e marginal, com baixa lucratividade e que não proporciona o gozo.

As três estratégias pontuadas acima compõem a economia moral do *webcamming* nacional, que se assenta em normas de gênero e sexualidade restritivas, promovendo uma distinção entre condutas saudáveis e sancionadas socialmente e comportamentos imorais e interditados. Nesse universo, a prostituição atua como polo negativo, sendo interpretada pelas *camgirls* como uma prática perigosa e arriscada, que compromete as mulheres tanto no nível sociocultural, devido ao estigma da “puta”, quando em sentido individual, por causa da corrupção da autoimagem. A prostituta, nomeada ora como “garota de programa”, ora como “acompanhante”, é vista pelas modelos virtuais como um contraexemplo a partir do qual elas podem gestar uma imagem positiva de si mesmas e do *camming*. Nesse campo contencioso, em que os limites dos mercados erótico-sexuais se interseccionam com as moralidades em torno de gênero e sexualidade, as *camgirls* precisam, ao mesmo, tempo reposicionar a atividade que exercem, colocando-a próximo a outras consideradas menos degradantes, e se

reposicionarem no interior das convenções de gênero e sexualidade. Durante esse processo, elas terão que lidar diretamente com o “exterior constitutivo” desses dois marcadores de diferença, correndo o risco de se associar a eles. Por isso mesmo, como demonstrei analiticamente, a busca das modelos é por encontrar formas de flexibilizar essas mesmas convenções, permitindo que elas adentrem no terreno do reconhecimento e da estima social.

Por fim, o último capítulo da análise foi dedicado a interpretar as motivações e aspirações das modelos virtuais por trás dos insistentes e contínuos investimentos em estratégias discursivas e práticas para posicionar a si mesmas e o seu trabalho no interior dos mercados erótico-sexuais e nas normatividades de gênero e sexualidade. Muitas inferências seriam possíveis a esse respeito. Contudo, optei por interpretar essa problemática pelo viés do reconhecimento, tomando-o tanto como um processo sociocultural quanto subjetivo. Em ambas as esferas que as *camgirls* buscam flexibilizar as fronteiras o que está em jogo, no fim das contas, é a possibilidade de auferir reconhecimento (na forma de estima), inserindo-se no terreno da inteligibilidade cultural (BUTLER, 2004) – ou, posto de outro modo, afastar-se do campo das abjeções. A fim de demonstrar como minhas interlocutoras expressam essas questões, iniciei apresentando suas principais queixas sobre os estigmas que recaem sobre o *webcamming*, responsáveis por romperem uma série de laços e relações das mulheres que atuam na webcam. Algumas das entrevistadas afirmaram precisar esconder sua atividade profissional de amigos e familiares, inclusive de novos parceiros amorosos, por medo de que essas pessoas se afastem delas. Suas narrativas exprimem um sofrimento, causado pela interpretação corrente de que os shows de exibicionismo se assemelham aos programas das prostitutas – interpretação essa que elas consideram equivocada e injusta. Elas sabem que seu investimento estratégico é sua ferramenta para atingir uma audiência que possa vir a interpretar o WEC por um viés mais positivo. Essa equação apreende, por um lado, a dependência do reconhecimento intersubjetivo (somente na relação com os outros construo minha própria posição social) e, por outro lado, a necessidade de obtenção de estima, conseguindo uma valorização de si e de seu trabalho (ou a diminuição dos prejuízos que vêm sofrendo). Em suma, o reconhecimento seria a resposta buscada para o acionamento estratégico e tático de fronteiras e limites.

Dentro do campo das motivações e aspirações acompanhamos também tentativas de gestão do estigma, que se materializaram nos discursos sobre aumento da

autoconfiança e autoestima no *webcamming*. Buscando se contrapor aos prejuízos causados pelos preconceitos, as modelos acionam enunciados que demonstram as vastas possibilidades de autodesenvolvimento no *camming*, afirmando que essa atividade oferece os recursos necessários para que elas produzam uma autorrelação positiva. Vale assinalar que esse suposto aperfeiçoamento pessoal se volta aos atributos de gênero percebidos como valorizados em sociedade. Nos relatos de minhas entrevistadas, as mudanças positivas se relacionam à obtenção de uma sensualidade mais destacada, de um enaltecimento do corpo feminino e da feminilidade, do desenvolvimento de uma postura mais feminina e sexy, do aprendizado de como ser uma mulher atraente e desejável. Todos esses elementos dialogam com um olhar masculino imaginado que está pressuposto nos discursos. A gestão dos estigmas, tal como realizada por minhas interlocutoras, continua na esfera do reconhecimento intersubjetivo, mas atuando pelo viés da autorrelação pessoal. Isto quer dizer que esse processo diz de como as mulheres veem a si mesmas e encaram sua posição nas escalas de distribuição de valor social. Essa auto interpretação interfere diretamente na validade de suas estratégias, podendo contribuir para corroborar ou contrariar suas pretensões de reconhecimento e estima. Por isso mesmo, nas narrativas de minhas entrevistadas as questões sobre os prejuízos dos estigmas aparecem atreladas às suas contraposições, que são propriamente o aprimoramento pessoal e íntimo após entrar para o WEC.

Minha análise sobre o campo contencioso do *webcamming* se divide em duas frentes teórico-explicativas principais. Primeiro, trato do impacto das normas e convenções acerca de gênero e sexualidade, pensando em como elas atuam na divisão desigual dos sujeitos no campo das precariedades (BUTLER, 2004). Essas normatividades interferem diretamente no posicionamento dos indivíduos nas escalas socioculturais de valor e nas possibilidades de auferir estima. Segundo, discuto a dimensão do reconhecimento intersubjetivo, responsável por edificar e conservar o próprio domínio da inteligibilidade cultural (BUTLER, 2010), distribuindo diferencialmente as feridas e sofrimentos morais (HONNETH, 2003). Vale pontuar que a discussão sobre o reconhecimento se dá tanto no nível social, que inclui a interlocução com os outros, quanto no nível pessoal, que abriga a relação consigo mesmo. Colocando essas duas perspectivas teórico-analíticas lado-a-lado conseguimos perceber que eu li o universo do *webcamming* brasileiro a partir de sua inserção (ou exclusão) da comunidade moral, interpretada como a baliza para o posicionamento das *camgirls* e sua atividade profissional no terreno da estima ou da abjeção. Trata-se de como essas

mulheres lidam com os termos instituídos em um mundo comum que nem sempre as inclui como pares e semelhantes, mas que é a referência para a interpretação moral de si mesmas, do seu grupo e de seu trabalho. Diz também de como as normatividades pressionam e coagem, se colocando como a única fonte de reconhecimento sociocultural.

Em termos empíricos, meu esforço se direcionou a reconstruir o meu campo de pesquisa, reunindo minhas experiências com as de minhas interlocutoras, minha voz com os discursos de minhas entrevistadas. Procurei reestabelecer discursivamente as tensões e complexidades próprias ao universo que analisei, evidenciando como as problemáticas se colocam em camadas que vão se sobrepondo. Intencionei mostrar como o *webcamming*, ainda que próximo a outros serviços erótico-sexuais, precisa ser interpretado como um novo ramo dos mercados de sexo e erotismo, com suas próprias dinâmicas e idiossincrasias. Continuando fiel à minha linha de trabalho, acredito que essas considerações finais não estariam completas se eu não trouxesse as atuais mudanças no *camming*, que transformaram qualitativamente seus contornos. Na sequência assinalo algumas tendências gerais.

Venho insistindo em olhar para o *webcamming* como um universo cambiante e em rápida transformação, totalmente dependente dos atores sociais, que ora permanecem e ora abandonam suas carreiras como *camgirls* e *camboys*. Essa instabilidade, embora não seja uma marca exclusiva do *camming* enquanto um serviço erótico-sexual, se sobressai em seu interior. Em primeiro lugar, destaco uma ampliação do número de modelos homens e mulheres nos quatro anos desta pesquisa: tanto nos sites especializados quanto nas redes sociais, acompanho frequentemente o aparecimento de novos rostos, ainda com predominância de rostos femininos. Me parece que a projeção de Carolina, de que com o tempo esse mercado está se tornando cada vez mais inflado e competitivo, confirma-se. É verdade também que os trânsitos entre o WEC e a pornografia têm se acirrado: muitas modelos que acompanhei desde o início do estudo passaram a atuar no pornô, principalmente no alternativo e amador. Há casos, inclusive, de mulheres que ingressaram no pornô mainstream, conseguindo ampla visibilidade. Ao lado da expansão que venho relatando, temos de prestar atenção igualmente para um processo de retração: muitas *camgirls* como quem dialoguei estão pouco ativas, entrando raramente para fazer seus shows¹⁰⁹ e acessando de modo

¹⁰⁹ Consigo ter essa informação porque nos próprios sites especializados fica o status de acesso das modelos virtuais e qual a última vez que elas estiveram online.

limitado as redes sociais, como Angélica, Anelise e Denise. Algumas abandonaram temporariamente o WEC, como Lúcia. Precisamos considerar, igualmente, que muitas modelos passam a esconder o rosto ou trocam seus nomes, tornando mais difícil localizá-las.

Outro ponto fulcral das transformações é a ampliação paulatina das salas específicas para pessoas transexuais: quando iniciei a pesquisa, tinha apenas uma aba no principal site especializado brasileiro destinados às mulheres transexuais. Recentemente, encontramos nesse mesmo website abas denominadas “transex” e “transboys”, sendo que a primeira fica ao lado das “mulheres” e o segundo dos “homens”. O espaço de “transex” é bem maior do que a de “transboys”, estando quase tão populosa quanto a de mulheres cisgênero. Os modelos masculinos ainda são uma população em crescimento nesse ramo, sejam eles cisgênero ou transgênero. Esse cenário não diz respeito somente às mudanças no próprio *webcamming*, mas aponta igualmente para uma expansão dos mercados erótico-sexuais para pessoas transexuais na internet. Acompanhei ao longo do tempo deste estudo uma ampla diversidade de páginas online para acompanhantes, pornografia amadora e fetichismo, voltadas exclusivamente para performers transexuais. Ainda que eu não possua dados estatísticos e analíticos amplos, percebo esse fenômeno como uma tendência em desenvolvimento, principalmente a partir do fim de 2017 e ao longo de 2018, se ampliando paulatinamente.

Por fim, mais recentemente tenho acompanhado um redirecionamento na disputa por diferenciar e singularizar o *webcamming*, tomando a prostituição como contraexemplo. Por um lado, as modelos cisgênero (grupo que eu acompanhei mais de perto) têm dado cada vez menos importância em especificar em seus perfis que não são “garotas de programa”. Elas têm se concentrado em se afirmarem como “exibicionistas”, utilizando sua descrição para apresentarem sucintamente seu trabalho. Mesmo assim, ainda presencio acirradas discussões no Twitter sobre o estatuto do *camming*, afirmando que ele não se constitui como “programa”. Igualmente, muitas modelos continuam reclamando dos pedidos incessantes dos usuários pelo “real”. Vale notar que atualmente as *camgirls* têm cada vez mais se assumido nas redes sociais como “sex workers”, reconhecendo o WEC dentro do campo do trabalho sexual. Acredito que essas mudanças têm relação direta com a ampliação da quantidade de modelos virtuais e também do público, à medida em que esse serviço está se tornando popular em solo brasileiro (que, por consequência, amplia o conhecimento sobre sua dinâmica de

funcionamento). Por outro lado, precisamos considerar que as pessoas transexuais e os homens cisgênero não endossam a mesma demanda das mulheres em se distanciar do meretrício. Muitos desses profissionais denominam suas encenações de “sexo ao vivo” ou “sexo virtual”, utilizando essas nomenclaturas para atrair mais espectadores. Em minha interpretação, a controvérsia do WEC não deixou de ser inteiramente importante, mas foi deslocada por uma série de fatores contextuais e situacionais, dentre os quais eu aponte para três. Certamente seria necessário investir tempo e esforço para compreender qual a direção e a consequência dessas alterações.

Esse momento de finalização da escrita não coincide para mim com a ocasião de encerrar a pesquisa. Continuo em campo em todas as minhas redes sociais e tenho pouco interesse em deixar de acompanhar as pessoas que sigo nesses espaços. Em minha opinião, ainda há muito a ser dito a respeito do *webcamming* em cenário brasileiro, um universo que carece de investimentos críticos e holísticos que consigam apreender suas diversas facetas, seu diálogo com outros ramos dos mercados de sexo e erotismo e suas configurações morais e simbólicas. Meu anseio é que com este texto eu tenha aberto um caminho para avançar nessas direções. Igualmente espero ter atendido ainda que minimamente as expectativas de minhas interlocutoras, que sempre reforçaram a necessidade de se difundir e ampliar as informações sobre o *camming* no Brasil. Espero que a leitura até aqui tenha deixado bem claro que estamos diante de uma nova face do comércio erótico-sexual nacional.

7. Referências bibliográficas

ABBOTT, S. Motivations for pursuing a career in pornography. In: WEITZER, R. **Sex for sale: prostitution, pornography and sex industry**. New York: Routledge, 2010, p. 47-66.

AGUSTÍN, L. **Trabajar en la industria del sexo**, 2000. Acessado em: http://www.nodo50.org/mujeresred/laura_agustin-1.html.

_____. Alternate ethics or telling lies to researcher. In: **Research for sex work**, n.7, 2004, p. 1-4.

_____. **Sex at the margins: migration, labour markets and the rescue industry**. London: Zed Books, 2007.

_____. The (crying) need for different kinds of research. In: DITMORE, M; LEVY, A; WILLIAMS, A (Ed.). **Sex work matters: exploring money, power and intimacy in the sex industry**. London: Zed Books, 2010a, p. 23-27.

_____. New research directions: the cultural study of commercial sex. In: **Sexualities**, v.8, n.5, 2010b, p. 618-631.

ALMEIDA, H. From shame to visibility: hashtag feminism and sexual violence in Brazil. In: **Sexualidad, salud y sociedad**, n.33, 2019, p.19-41.

_____. Telenovela and gender in Brazil. In: **Global Media Journal**, v.2, n.2, 2003, p.1-14.

ALTMAN, D. The new commercialization of sex: from forced prostitution to cybersex. In: ALTMAN, D. **Global sex**. Chicago: The University of Chicago Press, 2001, p. 106-121.

AMARAL, A. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. In: **Revista USP**, São Paulo, n. 86, 2010, p. 122-135.

ATTWOOD, F. Sexed up: theorizing the sexualization of culture. In: **Sexualities**, v.9, n.1, 2006, p. 77-94.

ASHFORTH, B; KREINER, G. "How can you do it?" Dirty work and the challenge of constructing a positive identity. In: **The Academy of Management Review**, v.24, n.3, 1999, p. 413-434.

ASHFORTH, B; KREINER, G; FUGATE, M. Normalizing dirty work: managerial tactics for countering occupational taint. In: **Academy of Management Journal**, v.50, n.1, 2007, p. 149-174.

BELELI, I. O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais. In: **Cadernos Pagu**, n. 44, 2015, p. 91-114.

BERGER, P; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERNSTEIN, E. What's wrong with prostitution: comparing markets in female sex work. In: **Hastings Women's Law Journal**, v.10, n.1, 1999, p. 91-117.

_____. **Temporarily yours: intimacy, authenticity and commerce of sex**. Chicago: The University of Chicago Press, 2007a.

_____. Sex work for the middle classes. In: **Sexualities**, v.10, n.4, 2007b, 473-488.

- BLEAKLEY, P. "500 tokens to go private": Camgirls, cybersex and feminist entrepreneurship. In: **Sexuality & Culture**, v.8, n.4, 2014, p. 892-910.
- BOELLSTORFF, T. Rethinking digital anthropology. In: HORST, H; MILLER, D (orgs). **Digital Anthropology**. London: Berg, 2012, p. 39-60.
- BRAGA, J. Mídiação como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, A; ARAÚJO, D; BRUNO, F. (orgs). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Porto Alegre: Sulinas, 2007, p. 141-167.
- BUTLER, J. Performative acts and gender constitution: an essay in phenomenology and feminist theory. In: **Theatre Journal**, v.40, n.4, 1988, p. 519-531.
- _____. **Gender trouble. Feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.
- _____. **Bodies that matter. On the discursive limits of "sex"**. New York: Routledge, 1993.
- _____. **Excitable speech: a politics of the Performative**. New York: Routledge, 1997.
- _____. **Mecanismos psíquicos del poder: teorías sobre la sujeción**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.
- _____. **Undoing gender**. New York: Routledge, 2004.
- _____. **Vida precaria: el poder del duelo y la violencia**. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- _____. **Marcos de guerra: las vidas lloradas**. Barcelona: Paidós, 2010.
- BUTLER, J; ATHANASIOU, A. **Dispossession: the performative in the political**. Cambridge: Polity Press, 2013.
- CAMINHAS, L. A mediação dos mercados do sexo e a configuração da experiência erótica mediada. In: **Galáxia**, n.37, 2018, p. 162-174.
- CARRARA, S. Moralidades, racionalidades e políticas sexuais no Brasil contemporâneo. In: **Mana**, v.21, n.2, 2015, p. 323-345.
- CASTLE, T; LEE, J. Ordering sex in cyberspace: a content analysis of escort websites. In: **International Journal of Cultural Studies**, v.11, n.1, 2008, p. 107-121.
- CRAMER, F; HOME, S. Pornographic code. In: JACOBS, K; JANSSEN, M; PASQUINELLI, M. **C'lick me: a netporn studies reader**. Amsterdam: Institute of Network Cultures, 2007, p. 159-170.
- CUNNINGHAM, S; KENDALL, T. Prostitution 2.0: the changing face of sex work. In: **Journal of Urban Economics**, v.69, 2011, p. 273-287.
- DA SILVA, A; BLANCHETTE, T. "Nossa senhora da Help": sexo, turismo e deslocamentos transnacionais em Copacabana". In: **Cadernos Pagu**, n. 25, 2005, p. 249-280.
- _____. Amor um real por minuto: a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano. In: CORREA, S; PARKER, R (Org.). **Sexualidade e política na América Latina: histórias, intersecções e paradoxos**. Rio de Janeiro: SPW, 2009, p. 192-233.
- DÍAZ-BENÍTEZ, M. **Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro**. Tese (Doutorado). Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009, 290p.

_____. Sexo que vende: economía de la producción de películas porno. In: CORRÊA, S.; PARKER, R. (Org.). **Sexualidade e política na América Latina: histórias, interseções e paradoxos**. Rio de Janeiro: ABIA, 2011, p. 259-275.

_____. El quehacer porno en la construcción de imágenes de espectacularidad. In: **Memoria y sociedad**, v.17, n.34, 2013, p. 92-109.

_____. O espetáculo da humilhação, fissuras e limites da sexualidade. In: **Mana**, v.21, n.1, 2016, p. 65-90.

DE RIDDER, S. Mediatization and sexuality: an invitation to a deep conversation on values, communicative sexualities, politics and media. In: **Media@LSE Working Paper Series**, London School of Economics, n.42, 2017, p. 1-22.

DEWEY, J. **El arte como experiencia**. Barcelona: Paidós, 2008.

DOBSON, A. Femininities as commodities: camgirl culture. In: HARRIS, A (Ed.). **Next wave cultures: feminism, subcultures, activism**. New York: Routledge, 2007, p. 125-150.

ESCOBAR, A. Welcome to Cyberia: notes on anthropology of cyberculture. In: **Current Anthropology**, v.35, n.3, 1994, p. 211-231.

HEEP, A. As configurações comunicativas de mundos midiaticizados. In: **Matrizes**, v.8, n.1, 2014, p.45-64.

HINE, C. **Virtual ethnography**. London: Sage, 2000.

_____. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday**. London: Bloomsbury Publishing, 2015.

FONSECA, C. A dupla carreira da mulher prostituta. In: **Estudos Feministas**, v.4, n.1, 1996, p. 7-33.

_____. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia “em casa”. In: SCHUCH, P; VIEIRA, M; PETERS, M (orgs). **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2010, p. 205-227.

FLOWERS, A. **The fantasy factory: an insider's view of the phone sex industry**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1998.

FRAGOSO, S; RECUERO, R; AMARAL, A (orgs.). **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

FRANÇA, M. Dentro e fora do programa: interações afetivo-sexuais de prostitutas na zona boêmia de Belo Horizonte. In: **Anais do 35º Encontro Anual da Anpocs**, Caxambu, 2011, p. 1-27.

_____. Quando a intimidade sobe e desce as escadas da zona boêmia de Belo Horizonte. In: **Cadernos Pagu**, n.43, 2014, p.321-346.

GAGNON, J. **An interpretation of desire: essays in the study of sexuality**. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M; GASKELL, G (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012, p. 64-89.

GASPAR, M. **Garotas de programa: prostituição e identidade social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

GREGORI, M. **Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade**. Tese (Livre Docência). Departamento de Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, 2010, 222p.

_____. Mercado erótico: notas conceituais e etnográficas. In: PISCITELLI, A.; ASSIS, G.; OLIVAR, J. (Org.). **Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. Campinas: UNICAMP/PAGU, 2011, p. 461-490.

_____. Erotismo, mercados e gênero: uma etnografia dos *sex shops* de São Paulo, In: **Cadernos Pagu**, n.38, 2012, p.53-97.

GUIDROZ, K. RICH, G. Commercial telephone sex: fantasy and reality. In: WEITZER, R. **Sex for sale: prostitution, pornography and sex industry**. New York: Routledge, 2010, p.139-161.

GUIMARÃES, C; LEAL, B. Experiência estética e experiência mediada. In: **Intexto**, v.2, n.19, 2008, p. 1-14.

HAMILTON, D. Sex work in cyberspace: geographies of desire in digital frontiers of the United States. In: **Senior Capstone Projects**, Paper 507, 2015, p. 1-79.

HARCOURT, C; DONOVAN, B. The many faces of sex work. In: **Sex Transm Infect**, n.81, 2005, p. 201-206.

HIRATA, H; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. In: **Cadernos de pesquisa**, v.37, n.132, 2007, p. 595-609.

HOCHSCHILD, A. **The managed heart: commercialization of human feelings**. Berkley: University of California Press, 2003a.

_____. **The commercialization of intimate life: notes from home and work**. Berkley: University of California Press, 2003b.

HONNETH, A. Reconocimiento y obligaciones morales. In: **Revista Internacional de Filosofía Política**, n.8, 1996, p.5-17.

_____. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. El reconocimiento como ideología. In: **ISEGORÍA**, n.35, 2006, p. 129-150.

HUGHES, E. **Men and their work**. New York: Free Press, 1958.

_____. Good people and dirty work. In: **Social Problems**, v.10, n.1, 1962, p.3-11.

_____. The humble and the proud: the comparative study of occupations. In: **The Sociological Quarterly**, v.11, n.2, 1970, p. 147-156.

JONES, A. For black models scroll down: webcam modeling and the racialization of erotic labor. In: **Sexuality & Culture**, v.19, n.4, 2015, p. 1-24.

_____. “I get paid to have orgasms”: adult webcam models’ negotiations of pleasure and danger. In: **Sings: Journal of Women in Culture and Society**, v.42, n.1, 2016, p. 227-256.

JULIANO, D. El trabajo sexual en la mira: polémicas y estereotipos. In: **Cadernos Pagu**, n.25, 2005, p.79-106.

- KELAN, E. Gender logic and (un)doing gender at work. In: **Gender, work and organization**, v. 17, n.2, 2010.
- KEMPADOO, K. Slavery or work: reconceptualizing third world prostitution. In: **Positions**, v.7, n.1, 1999, p.225-237.
- KENDRICK, W. **El museo secreto: la pornografía en la cultura moderna**. Colombia: Tercer Mundo, 1995.
- KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: EMÍLIO, M et al. (org.). **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003, p. 55-65.
- KIBBY, M; COSTELLO, B. Between the image and the act: interactive sex entertainment on the internet. In: **Sexualities**, v.4, n.3, 2001, p. 353-369.
- KINNICK, K. Pushing the envelop: the role of the mass media in the mainstreaming of the pornography. In: HALL, A; BISHOP, M (Ed). **Pop porn: pornography in american culture**. Connecticut: Praeger, 2007, p. 7-26.
- KNIGHT, B. Watch Me! Webcams and the Public Exposure of Private Lives. In: **Art Journal**, v.4, n.59, 2014, p. 21-25.
- LAVINAS, L et al. Assimetrias de gênero no mercado de trabalho no Brasil: rumos da formalização. In: ABREU, A. et al. (org.). **Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- LEITE Jr., J. A pornografia “bizarra” em três variações: a escatologia, o sexo com cigarros e o “abuso facial”. In: DÍAZ-BENÍTEZ, M; FÍGARI, C. (Orgs.). **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 509-536.
- LEVER, J; DOLNICK, D. Call girls and street prostitutes: selling sex and intimacy. In: WEITZER, R. **Sex for sale: prostitution, pornography and sex industry**. New York: Routledge, 2010, p. 187-204.
- LOPES, M. Pornografia amadora em tempo real: observações preliminares sobre o cam4. In: **SIMSOCIAL – Simpósio em tecnologias digitais e sociabilidade**, Salvador, 2013, p. 1-14.
- LYNN, R. Sex drive: where sex and tech come together. In: JACOBS, K; JANSSEN, M; PASQUINELLI, M. **C’lick me: a netporn studies reader**. Amsterdam: Institute of Network Cultures, 2007, p. 7-17.
- MATHEWS, P. Cam Models, Sex Work and Job Immobility in the Philippines. In: **Feminist Economics**, v.23, n.3, 2017, p. 1-25.
- MCNAIR B. **Striptease culture: Sex, media and the democratization of desire**. London: Routledge, 2002.
- _____. **Porno? Chic! How pornography changed the world and made it a better place**. New York: Routledge, 2013.
- MILLER, D. Social networking sites. In: HORST, H; MILLER, D (orgs). **Digital Anthropology**. London: Berg, 2012, p. 146-164.
- MILLER, D; HORST, H. The digital and the human: a prospectus for digital anthropology. In: HORST, H; MILLER, D (orgs). **Digital Anthropology**. London: Berg, 2012, p. 3-38.

MILLER, D; SLATER, D. **The internet: an ethnographic approach**. Oxford: Berg, 2000.

MIRANDA, T. Pornografia online amadora: como lidar? Desafios metodológicos da pesquisa diante de uma temática controversa. In: **Investigación Cualitativa en Ciencias Sociales**, n.3, 2014, p. 307-312.

MISKOLCI, R.; SIMÕES, J. Apresentação: Dossiê Sexualidades Disparatadas. In: **Cadernos Pagu**, n.28, 2007, p.9-18.

MONTEIRO, M. **Masculinidade em revista: um estudo da VIP Exame, Sui Generis e Homens**. Dissertação (Mestrado). Mestrado em Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, 2000, 196p.

_____. Novas mídias, interatividade e a prática científica. In: **Ensino Superior Unicamp**, v.19, 2013, p.61-69.

MURRAY, L. Um reflexão histórica, teórica e etnográfica sobre o ativismo de prostitutas no Brasil. In: **Anais da 30ª RBA**, 2016, p. 1-14.

NAYAR, K. Working it: the professionalization of amateurism in digital adult entertainment. In: **Feminist Media Studies**, v.23, n.3, 2017, p. 1-16.

ORGAD, S. The internet as a moral space: the legacy of Roger Silverstone. In: **New media and society**, v. 9, n. 1, 2007, p. 33-41.

PAASONEN, S. Labors of love: netporn, web 2.0 and the meanings of amateurism. In: **New media and society**, v.12, n.8, 2010, p. 1297-1312.

_____. Online porn. In: BRUGGER, N. et al. **The sage handbook of web history**. London: Sage, 2018, p. 551-563.

PADOVANI, N. É possível fazer Ciências Sociais sem uma análise crítica das categorias de diferenciação? In: **Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**, v.7, n.12, 2017, p. 6-30.

PERLONGHER, N. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PETRO, M. Selling sex: women's participation in the sex industry. In: DITMORE, M; LEVY, A; WILLIAMS, A (Ed.). **Sex work matters: exploring money, power and intimacy in the sex industry**. London: Zed Books, 2010, p. 155-170.

PISCITELLI, A. Shifting boundaries: sex and Money in the northeast of Brazil. In: **Sexualities**, v.10, n.4, 2007, p.489-500.

_____. Feminismo e prostituição no Brasil: uma leitura a partir da antropologia feminista. In: **Cuadernos de Antropología Social**, n.36, 2012, p.11-31.

_____. Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas: novas questões conceituais. In: **Cadernos Pagu**, n. 47, 2016, p. 1-31.

PISCITELLI, A.; ASSIS, G.; OLIVAR, J. Introdução: transitando através de fronteiras. In: PISCITELLI, A.; ASSIS, G.; OLIVAR, J. (Org.). **Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. Campinas: UNICAMP/PAGU, 2011, p. 5-30.

QUINN, J; FORSYTH, C. Describing sexual behaviour in the era of the internet: a typology for empirical research. In: **Deviant Behaviour**, v.26, 2005, p. 191-207.

- RAY, A. Sex on the open markets: sex works harness the power of the internet. In: JACOBS, K; JANSSEN, M; PASQUINELLI, M. **C’lick me: a netporn studies reader**. Amsterdam: Institute of Network Cultures, 2007, p. 45-68.
- RIBEIRO, J; MIRANDA, T. Sites de vídeos pornográficos amadores: encenação, midiaticização e exibicionismo do anonimato. In: **XXI Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Juiz de Fora, 2012, p. 1-12.
- ROBINS, K. Cyberspace and the world we live in. In: **Body and Society**, v.1, n.3-4, 1995, p.135-155.
- RODRIGUES, M. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? In: **Katálisis**, v.12, n.1, 2009, p. 68-76.
- RUBIN, G. Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade. In: **Cadernos Pagu**, n.21, 2003, p.1-88.
- ____; BUTLER, J. Tráfico sexual – entrevista. In: **Cadernos Pagu**, n.21, 2003, p. 157-209.
- SALDANHA, R. **Você só precisa clicar: sexo virtual e masculinidades refletidas pelas webcams**. Tese (Doutorado). Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2017, 300p.
- SANDERS, T. “It’s just acting”: Sex workers’ strategies for capitalizing on sexuality. In: **Gender, work and organization**, v.12, n.4, 2005, p. 319-342.
- SANDERS, T; SCOLAR, J; CAMPBELL, R; PITCHER, J; CUNNINGHAM, S. **Internet sex work: beyond the gaze**. United Kingdom: Palgrave MacMillan, 2018.
- SELMÍ, G. Dirty talk and gender cleanliness: an account of identity management practices in phone sex work. In: SIMPSON, R. *et al.* **Dirty work: concepts and identity**. England: Palgrave MacMillan, 2012, p. 113-125.
- SENFT, T. **Camgirls: celebrity and community in the age of social network**. New York: Peter Lang Publishing, 2008.
- SILVA, A. **Janela indiscreta: um estudo sobre sexo virtual, desejo e consumo no site Câmera Privê**. Dissertação (Mestrado). Mestrado em Estudos de Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2017, 105p.
- SILVA, C. **Altporn, corpos, categorias, espaços e redes: um estudo etnográfico sobre pornografia online**. Tese (Doutorado). Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 2015, 267p.
- SILVA, W. **O sexo incorporado na web: cenas e práticas de mulheres strippers**. Tese (Doutorado). Doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2014, 305p.
- ____. Corpos e erotismo: encenação de strip-tease na internet. In: **XI Reunión de Antropología del Mercosul**, Montevideo, 2015, p. 1-21.
- ____. Corpos e simulacros: encenação de strip-tease na internet. In: **Astrolabio**, n.16, 2016, p. 93-121.
- SILVA, W; JAYME, J. Strip-tease virtual: representações e práticas ou “isso” é sexo? In: **Contemporânea**, v.13, n.2, 2015a, 311-328.
- ____. Close na web: incorporando femininos desejáveis. In: **Mediações**, v.20, n.1, 2015b, p. 194-216.

- SILVA, M; SILVA, A. Sexualidade e virtualização em Câmera Privê: sociabilidade, desejo e consumo através de webcam. In: **Bagoas**, n.5, 2016, p. 153-175.
- SILVERSTONE, R. Proper distance: towards an ethics for cyberspace. In: LIESTOL, G; MORRISON, A; RASMUSEEN, T (Eds.). **Digital media revisited: theoretical and conceptual innovations in digital domains**. Cambridge: MIT Press, 2003, p. 469-490.
- SIMÕES, J. O Brasil é um paraíso sexual – para quem? In: **Cadernos Pagu**, n.47, 2016, p.1-23.
- SOUSA, S. Desejos proibidos: práticas da prostituição feminina. In: DÍAZ-BENÍTEZ, M; FÍGARI, C. (Orgs.). **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 289-308.
- STRATHERN, M. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- TAYLOR, T. L. Life in virtual worlds: plural existence, multimodalities, and other online research challenges. In: **American Behavioral Scientist**, v.43, n.3, 1999, p.436-449.
- TEIXEIRA, M. Desigualdades salariais entre homens e mulheres a partir de uma abordagem de economistas feministas. In: **Gênero**, v.9, n.1, 2008, p. 31-45.
- THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade. Uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes: 2009.
- VANCE, C. Pleasure and danger: toward a politics of sexuality. In: VANCE, C. (Ed.). **Pleasure and danger: exploring female sexuality**. Boston: Routledge & Kegan Paul, 1984, p. 1-28.
- WEITZER, R. Sex work: paradigms and policies. In: WEITZER, R (Ed.). **Sex for sale: prostitution, pornography and sex industry**. New York: Routledge, 2010.

8. Anexos

8.1. Anexo I: Primeiras versões dos questionários

8.1.1. Questionário 1 – Camgirls

Tópico 1: Entrada na atividade de camgirl

- a) em que ano você começou a atuar como camgirl?
- b) qual idade você tinha?
- c) como você conheceu a atividade?
- d) por meio de quais plataformas você se apresentava nessa época (sites, comunicadores instantâneos, outros)?
- e) quais foram suas motivações para ingressar na atividade?
- f) quais as vantagens você percebeu na atividade?
- g) você divulgava suas apresentações? Através de quais meios?
- h) você enfrentou alguma dificuldade em suas primeiras exhibições? Quais?
- i) qual o público majoritário de seus primeiros shows?
- j) no período de seu ingresso, como você compreendia a atividade?
- k) você procurou manter o sigilo de sua identidade? Porque?

Tópico 2: Consolidação da carreira

- a) quais são suas motivações para permanecer na carreira de camgirl?
- b) em quais plataformas você se apresenta atualmente?
- c) você divulga suas apresentações? Como?
- d) você tem outra fonte de renda?
- e) quais as principais práticas eróticas apresentadas em seus shows?
- f) quais são os critérios que você utiliza para definir como serão suas exhibições nos diferentes chats e shows?
- h) qual o perfil (gênero, idade, estado civil) do público dos seus shows atualmente?
- i) porque você passou a revelar seu rosto? (Somente para as que revelam a face)
- j) em quais horários você costuma se apresentar? Você possui rotina fixa?

Tópico 3: Os sites

- a) quais as vantagens e/ou desvantagens de trabalhar através dos sites especializados?
- b) como você encontrou o site no qual trabalha atualmente?
- c) você já trabalhou em outro site? Qual?
- d) você já trabalhou em sites estrangeiros? Qual?
- e) qual é a dinâmica de seu trabalho no site (cadastro, shows, pagamento)?
- f) como uma camgirl passa a ser exclusiva do site?
- g) como funciona a seleção de modelos para o gold show?
- h) quais são os tipos de shows mais satisfatórios para você (rentabilidade, tempo de duração, práticas, etc.)?

Tópico 4: Os usuários

- a) quais são as práticas eróticas mais solicitadas nos seus shows?
- b) o que seu público deseja quando procura por você? Que tipo de serviço eles/elas buscam?
- c) como é o processo de negociação anterior aos seus shows?
- d) você já teve algum problema com um usuário do site/Skype? Qual?
- e) os usuários costumam ligar a câmera para que você os veja?
- f) você possui um público fixo?

Tópico 5: Compreensão da atividade

- a) como você define a atividade de camgirl (sexo virtual, strip-tease, pornografia, prostituição online, outras)? Porque?
- b) você considera sua profissão como um serviço erótico? De que tipo?
- c) qual a especificidade da atividade de camgirl? Porque ela é procurada?

- d) o que é cibersexo ou sexo virtual na sua concepção?
- e) quais as principais distinções entre camgirls e garotas de programa?
- f) você acha que as camgirls são alvo de preconceitos? Quais? Porque?
- g) você já sofreu algum tipo de assédio (seja dos moderadores do site, de outras camgirls ou de usuários)? Qual?
- h) considera difícil conciliar a carreira com sua vida pessoal? Porque?
- i) em algum momento de sua carreira você se sentiu coagida a realizar alguma prática erótica? Porque?

8.1.2. Questionário 2 – Ex-camgirls

Tópico 1: Entrada e permanência na atividade de camgirl

- a) em que ano você começou a atuar como camgirl?
- b) qual idade você tinha?
- c) como você conheceu a atividade?
- d) por meio de quais plataformas você se apresentava nessa época (sites, comunicadores instantâneos, outros)?
- e) quais foram suas motivações para ingressar na atividade?
- f) quais as vantagens você percebeu na atividade?
- g) você divulgava suas apresentações? Através de quais meios?
- h) você enfrentou alguma dificuldade em suas primeiras exhibições? Quais?
- i) qual o público majoritário de seus primeiros shows?
- j) no período de seu ingresso, como você compreendia a atividade?
- k) você procurou manter o sigilo de sua identidade? Porque?
- l) você tinha um público fixo nos seus shows?
- m) você já trabalhou em sites internacionais? Quais suas vantagens?

Tópico 2: Transição

- a) como você define sua atual profissão?
- b) você ainda atua como camgirl? Porque?
- c) quando a atividade de camgirl deixou de ser sua (principal) profissão?
- d) porque você mudou de ramo profissional?
- e) como foi o processo de transição?

Tópico 3: Compreensão da atividade

- a) como você define a atividade de camgirl (sexo virtual, strip-tease, pornografia, prostituição online, outras)? Porque?
- b) você considera sua profissão como um serviço erótico? De que tipo?
- c) qual a especificidade da atividade de camgirl? Porque ela é procurada?
- d) o que é cibersexo ou sexo virtual na sua concepção?
- e) quais as principais distinções entre camgirls e garotas de programa?
- f) você acha que as camgirls são alvo de preconceitos? Quais? Porque?
- g) você já sofreu algum tipo de assédio (seja dos moderadores do site, de outras camgirls ou de usuários)? Qual?
- h) considera difícil conciliar a carreira com sua vida profissional? Porque?
- i) em algum momento de sua carreira você se sentiu coagida a realizar alguma prática erótica? Porque?

8.1.3. Questionário 3 – Camgirls em outros ramos dos mercados eróticos

Tópico 1: Entrada na atividade de camgirl

- a) em que ano você começou a atuar como camgirl?
- b) qual idade você tinha?
- c) como você conheceu a atividade?

- d) por meio de quais plataformas você se apresentava nessa época (sites, comunicadores instantâneos, outros)?
- e) quais foram suas motivações para ingressar na atividade?
- f) quais as vantagens você percebeu na atividade?
- g) você divulgava suas apresentações? Através de quais meios?
- h) você enfrentou alguma dificuldade em suas primeiras exhibições? Quais?
- i) qual o público majoritário de seus primeiros shows?
- j) no período de seu ingresso, como você compreendia a atividade?
- k) você procurou manter o sigilo de sua identidade? Porque?

Tópico 2: Consolidação da carreira

- a) quais são suas motivações para permanecer na carreira de camgirl?
- b) em quais plataformas você se apresenta atualmente?
- c) você divulga suas apresentações? Como?
- d) você tem outra fonte de renda?
- e) quais as principais práticas eróticas apresentadas em seus shows?
- f) quais são os critérios que você utiliza para definir como serão suas exhibições nos diferentes chats e shows?
- h) qual o perfil (gênero, idade, estado civil) do público dos seus shows atualmente?
- i) porque você passou a revelar seu rosto? (Somente para as que revelam a face)
- j) em quais horários você costuma se apresentar? Você possui rotina fixa?

Tópico 3: Os sites

- a) quais as vantagens e/ou desvantagens de trabalhar através dos sites especializados?
- b) como você encontrou o site no qual trabalha atualmente?
- c) você já trabalhou em outro site? Qual?
- d) você já trabalhou em sites estrangeiros? Qual?
- e) qual é a dinâmica de seu trabalho no site (cadastro, shows, pagamento)?
- f) como uma camgirl passa a ser exclusiva do site?
- g) como funciona a seleção de modelos para o gold show?
- h) quais são os tipos de shows mais satisfatórios para você (rentabilidade, tempo de duração, práticas, etc.)?

Tópico 4: Os usuários

- a) quais são as práticas eróticas mais solicitadas nos seus shows?
- b) o que seu público deseja quando procura por você? Que tipo de serviço eles/elas buscam?
- c) como é o processo de negociação anterior aos seus shows?
- d) você já teve algum problema com um usuário do site/Skype? Qual?
- e) os usuários costumam ligar a câmera para que você os veja?
- f) você possui um público fixo?

Tópico 5: Compreensão da atividade

- a) como você define a atividade de camgirl (sexo virtual, strip-tease, pornografia, prostituição online, outras)? Porque?
- b) você considera sua profissão como um serviço erótico? De que tipo?
- c) qual a especificidade da atividade de camgirl? Porque ela é procurada?
- d) o que é cibersexo ou sexo virtual na sua concepção?
- e) quais as principais distinções entre camgirls e garotas de programa?
- f) você acha que as camgirls são alvo de preconceitos? Quais? Porque?
- g) você já sofreu algum tipo de assédio (seja dos moderadores do site, de outras camgirls ou de usuários)? Qual?
- h) considera difícil conciliar a carreira com sua vida profissional? Porque?
- i) em algum momento de sua carreira você se sentiu coagida a realizar alguma prática erótica? Porque?

Tópico 6: Outra atuação profissional

- a) em qual das duas atividades você atuou primeiro?
- b) como você descobriu o outro ramo?
- c) porque você se manteve nas duas profissões?
- d) qual a diferença entre a atividade de camgirl e sua outra profissão?

8.1.4. Questionário 4 – Sites

- a) quando surgiu o site? Como foi o processo de seu estabelecimento?
- b) quais são os principais elementos de software e hardware necessários para a implementação de um site de camming?
- c) quantos departamentos existem para gerenciar o site? Quais são eles?
- d) qual o principal público do site (gênero, idade)?
- e) qual o perfil dos/das modelos no site (idade, estado civil)?
- f) quantos/as modelos o site abriga atualmente (divisão por gênero)?
- g) quais são as estratégias desenvolvidas para divulgar o site? Em quais mídias?
- h) o site produz material adicional sobre a atividade de camming (programas, blog, artigos, etc.)? Quais?
- i) quais são as principais regiões do país em que os/as modelos do site estão localizados/as?
- j) qual o percentual de entradas e saídas de modelos do site?
- k) como são realizadas as transações financeiras através do site?
- l) através de quais meios são realizados diálogos entre o site e os/as modelos?
- m) qual o número total de usuários cadastrados?
- n) qual o número total de acessos do site (dia, mês e/ou ano)?
- o) vocês possuem estatística de desenvolvimento e ascensão do site (métricas de cliques)? Quais?
- p) vocês possuem estatística sobre o ano em que o site obteve mais cadastro de usuários e de modelos? Quais?

8.2. Anexo II: Versões finais dos questionários

8.2.1. Questionário 1 – Camgirls

Tópico 1: Entrada na atividade de camgirl

- a) quando e com qual idade você começou a atuar como camgirl?
- b) como você conheceu a atividade?
- c) por meio de quais plataformas você se apresentava nessa época (sites, comunicadores instantâneos, outros)?
- d) você divulgava suas apresentações? Através de quais meios?
- e) você enfrentou alguma dificuldade em suas primeiras exibições? Quais?
- f) você procurou manter o sigilo de sua identidade? Porque?

Tópico 2: Consolidação da carreira

- a) porque você permaneceu na carreira de camgirl?
- b) em quais plataformas você se apresenta atualmente?
- c) você divulga suas apresentações? Como?
- d) quais as principais práticas eróticas apresentadas em seus shows? Como você as definiu?
- e) qual o perfil (gênero, idade, estado civil) do público dos seus shows?
- f) qual sua rotina de apresentação?
- g) quais as vantagens e/ou desvantagens de trabalhar através dos sites especializados?
- h) como você encontrou o site no qual trabalha atualmente?

Tópico 3: Compreensão da atividade

- a) o que seu público deseja quando procura por você? Que tipo de serviço eles/elas buscam?
- b) você já teve algum problema com um usuário do site/Skype? Qual?

- c) os usuários costumam ligar a câmera para que você os veja?
- d) você possui um público fixo?
- e) você acha que as camgirls são alvo de preconceitos? Quais? Porque?
- f) você já sofreu algum tipo de assédio (seja dos moderadores do site, de outras camgirls ou de usuários)? Qual?
- g) considera difícil conciliar a carreira com sua vida profissional? Porque?
- h) em algum momento de sua carreira você se sentiu coagida a realizar alguma prática erótica? Porque?

8.2.2. Questionário – Sites

- a) Em que ano surgiu o site? Como foi o processo de sua criação?
- b) qual o principal público do site?
- c) quantos/as modelos o site abriga atualmente?
- d) o site produz material adicional sobre a atividade de camming (programas, blog, artigos, etc.)? Quais?
- e) quais são as principais regiões do país em que os/as modelos do site estão localizados/as?
- f) em que ano o site obteve mais cadastro de usuários? E de modelos?

8.3. Anexo III: Carta-convite para entrevista

8.3.1. Convite para participação em pesquisa sobre o camming brasileiro enviado às camgirls

Prezada _____,

Meu nome é Lorena Rúbia P. Caminhas e sou pesquisadora vinculada ao departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas. Atualmente desenvolvo uma tese sobre a organização e estruturação da atividade de camgirl no Brasil. Entro em contato para convidá-la a participar da etapa de entrevistas da pesquisa. Ela é baseada em sua trajetória como camgirl e sua compreensão sobre a profissão. Seu sigilo é totalmente garantido e você pode solicitar ser tratada por meio de pseudônimo. Caso seja de seu interesse, posso fornecer mais informações sobre o processo. Aproveito para lhe passar alguns de meus contatos em redes sociais e meu currículo de pesquisadora, para que você possa me conhecer melhor:

Facebook: <https://www.facebook.com/lorena.caminhas>

Twitter (você pode me encontrar entre os seus seguidores nessa rede social): <https://twitter.com/Lorenacaminhas>

Currículo: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4432301U6>

Na confiança de poder contar com sua contribuição, antecipadamente agradeço pela atenção e gentileza.

Cordialmente,

Lorena Rúbia Pereira Caminhas

Universidade Estadual de Campinas

lorenarubiapereira@gmail.com

WhatsApp: (31) 99756-4807

8.3.2. Convite para participação em pesquisa sobre o camming brasileiro enviado aos sites especializados

Prezados/as,

Meu nome é Lorena Rúbia P. Caminhas e sou pesquisadora vinculada ao departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas. Atualmente desenvolvo uma tese sobre a organização e estruturação da atividade de camgirl no Brasil. Entro em contato para convidar os/as representantes do site _____ a participarem da etapa de entrevista da

pesquisa. Ela consiste em um questionário que visa apreender a trajetória de concepção e estabelecimento da empresa, buscando mapear a consolidação da profissão de camgirl em sites especializados. Caso haja interesse em conhecer melhor a pesquisa, me disponho a encaminhar informações detalhadas sobre ela e também o questionário para a entrevista.

Na confiança de poder contar com a contribuição do _____, antecipadamente agradeço pela atenção e gentileza.

Cordialmente,

Lorena Rúbia Pereira Caminhas

Universidade Estadual de Campinas

Currículo: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4432301U6>

8.4. Anexo IV: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gênero e sexualidade nas práticas de sexo pago por webcam

Pesquisadora: Lorena Rúbia Pereira Caminhas

Orientador: Prof. Dr. Marko Synésio Alves Monteiro

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Objetivos:

Objetivo geral: O projeto de pesquisa possui como objetivo principal compreender a participação das mulheres que oferecem sexo pago através de webcam nos mercados do sexo, apreendendo como suas práticas envolvem uma negociação com normatividades de gênero e sexualidade em um contexto de mediação dessas atividades.

Objetivos específicos:

- a) apreender como as *camgirls* compreendem a atividade que exercem, atentando-se para as significações e justificativas que vão ser formuladas para construir seu espaço de atuação;
- b) analisar os modos através dos quais as *camgirls* formulam e significam sua posição nos mercados do sexo, buscando compreender como elas se aproximam e se distanciam de outras atividades similares (como a prostituição e o strip-tease, por exemplo), e compreender quais as motivações para entrada e permanência no ramo de sexo por webcam.

Procedimentos:

Você está sendo convidado a participar de entrevistas semiestruturadas, que podem ser realizadas pessoalmente ou por meio de comunicadores instantâneos (Skype, Messenger) e de etnografia, que consiste no acompanhamento pela pesquisadora das rotinas diárias das participantes. Os dias para a realização da etnografia serão acordados durante as entrevistas semiestruturadas (de acordo com sua disponibilidade).

Observações:

- A primeira etapa da pesquisa na qual você irá participar é a entrevista. Em seguida, será realizada a etnografia (caso seja de seu interesse colaborar também com essa etapa da pesquisa). Você pode recusar a participar de qualquer uma das etapas.
- Será realizada apenas uma entrevista, com duração média de uma hora;
- As entrevistas serão gravadas. As gravações ficarão armazenadas no computador pessoal da pesquisadora, em pasta criptografada e com senha. Somente a pesquisadora terá acesso a elas. As entrevistas serão descartadas após quatro anos contados a partir da entrega da defesa da tese.
- Você terá acesso às transcrições das entrevistas, e pode retirar e/ou incluir informações nesse documento;
- Os dias e a quantidade de dias em que ocorrerá a etnografia será acordado com você, respeitando sua disponibilidade;
- A participante não terá que se deslocar para contribuir com a pesquisa (os lugares para realização da entrevista e etnografia serão escolhidos por você, para que não haja necessidade de seu deslocamento);

Desconfortos e riscos:

Você **não** deve participar deste estudo se for menor de dezoito anos. A pesquisa proporciona moderado impacto: o principal risco para você é a revelação de sua identidade. Para minimizar esse risco, é permitido que você escolha um pseudônimo que será usado durante todos os nossos contatos, inclusive no momento da entrevista e da etnografia. Na redação final da tese, o pseudônimo escolhido por você será utilizado, evitando a divulgação de seu nome. Além disso, não será necessário, em nenhuma etapa do estudo, ter acesso ao seu nome de nascimento, idade, local de nascimento, ou quaisquer outras informações pessoais.

Benefícios:

Não há benefícios diretos às participantes. Os possíveis benefícios da pesquisa são indiretos: ela colaborará para expandir os conhecimentos sobre o mercado que abriga as *camgirls*, bem como sobre as principais características dos sujeitos envolvidos nele – compreendendo suas dinâmicas, condições de atuação, as vantagens e limitações da atividade.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Você será identificado por meio de pseudônimo durante toda a pesquisa e também na divulgação dos resultados desse estudo. Em nenhuma hipótese seu nome de nascimento será citado.

Ressarcimento das despesas e indenização

Todas as despesas da pesquisa são de responsabilidade da pesquisadora, que irá até o local determinado por você para realizar a entrevista e a etnografia. Caso haja despesas decorrentes de sua participação na pesquisa, você será ressarcida. O ressarcimento será efetuado por meio da verba para realização da pesquisa. Você terá garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores Lorena Rúbia Pereira Caminhas, (19) 98451-0602 e Marko Synésio Alves Monteiro, Rua João Pandiá Calógeras, 51, Cidade Universitária, Campinas, (19) 982425542.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP das 08:30hs às 11:30hs e das 13:00hs às 17:00hs na Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936 ou (19) 3521-7187; e-mail: cep@fcm.unicamp.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome da participante: _____

Contato telefônico (opcional): _____

E-mail (opcional): _____

Data: ____/____/____.

(Assinatura do participante)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

(Assinatura do pesquisador)

Data: ____/____/____.